



J. S. MONROE

EN CON TRA -ME

ANTES QUE ELES
ME ENCONTREM

HarperCollins



EN CON TRA -ME

J. S. MONROE



Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.

Núñez de Balboa, 56

28001 Madrid

Encontra-me

Título original: Find Me

© 2017, J.S. Monroe

© 2017, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.

Tradutor: Ana Filipa Velosa

www.harpercollinsiberica.com

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização de HarperCollins Ibérica, S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: CalderónStudio

ISBN: 978-84-9139-125-8

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

Página de título

Créditos

Sumário

Dedicatória

Cita

Primeira Parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Segunda Parte

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Agradecimientos

Para a Hilary

Embora esteja cansado de deambular
Por territórios de grutas e de colinas
Descobrirei para onde ela foi
E beijarei os seus lábios e agarrarei as suas
mãos

– W. B. YEATS,
de «A canção do Aengus Errante»

Encontrei-a há uns minutos, a um canto, com as asas verticais juntas como mãos em oração. Terá ela simplesmente olhado para a minha vida e escolhido ocultar a sua beleza? Não posso culpá-la por isso.

O Pai ensinou-me a adorar borboletas. Se uma borboleta estivesse presa em casa, ele largava o que estivesse a fazer para a libertar. Ontem, quando andávamos de barco, encontrou uma (a boloria eupyrosyne ou laranja-das-montanhas, disse ele) a descansar num saco de velejador ao sol. Chamou-me, mas ela voou quando me aproximei. Observámo-la em silêncio, enquanto rodopiava para longe, despreocupada, corajosa, demasiado longe de terra para sobreviver.

Não tenho a certeza de que tipo de borboleta é esta. Quero escanear-lhe as asas, trazer alguma cor à minha vida desbotada, mas isso seria uma violação. E já houve demasiadas situações dessas.

— Está só a descansar — diz o Pai. Não o vi chegar, mas a sua voz nunca me sobressalta. Tem estado muito por aqui nas últimas semanas, partindo tão discretamente como chega. — As marcas debaixo das asas ajudam-na a passar despercebida.

Tentarei passar despercebida, guardar qualquer beleza que ainda possa ter para o Jar. E um dia, com a ajuda do Pai, voltarei a abrir as

minhas asas ao sol.

PRIMEIRA PARTE

Passaram cinco anos desde o funeral, mas Jar reconhece o seu rosto imediatamente. Ela está a subir as escadas rolantes, ele está a descer, novamente atrasado para o trabalho depois de mais uma noite de farra no lado errado da cidade. Ambas as escadas estão apinhadas, mas ele sente que têm o metro só para eles, passando um pelo outro como se fossem as últimas duas pessoas à face da terra.

O primeiro impulso de Jar é chamar Rosa, ouvir o seu nome sobrepondo-se ao estrépito da hora de ponta. Mas fica imóvel, incapaz de dizer ou fazer o que quer que seja, fitando como flutua em direção à superfície de Londres. Para onde é que vai? Onde é que tem estado?

Recupera o batimento cardíaco, com a palma da mão suada contra o corrimão preto de borracha. Tenta chamá-la novamente, mas o nome fica preso na garganta. Parece distraída, ansiosa, maldisposta. O cabelo de passageira clandestina desapareceu, substituído por uma cabeça rapada que contradiz a recordação que tem dela. E a postura é menos direita do que ele recorda, abatida pelo peso de uma mochila velha, na qual está pendurado um saco de tenda de um padrão floral. As roupas (calças largas à Ali Babá, camisola de lã) também são desleixadas, sem critério, mas ele reconheceria a sua sombra até num arbusto de tojos. Os olhos de um azul-esverdeado a dançar debaixo de umas sobancelhas sérias. E aqueles lábios travessos, aper-

tados. Ela olha de relance para o fundo das escadas rolantes, talvez à procura de alguém, e integra-se na corrente de transeuntes de passagem. Jar examina as pessoas que estão em baixo, enquanto uma folha de jornal passa por ele numa rajada de vento cálido, rodopiando e dobrando-se sobre si própria. Dois homens avançam por entre a multidão, afastando as pessoas para o lado com a confiança serena da autoridade. Atrás deles, uma fila de anúncios digitais gira como um baralho de cartas.

Frustrado, Jar olha para ambos os lados de uma amálgama turistas que lhe bloqueiam o caminho, como se de alguma forma isso pudessem dispersá-los. Será que os guias de Londres não lhes explicam que devem permanecer do lado direito? Recrimina-se por pensar isso, recordando os seus próprios primeiros dias hesitantes na cidade, acabado de sair do avião vindo de Dublin. E então está finalmente livre, deslizando como uma criança no fundo das escadas, antes de se encaminhar novamente para cima, optando pela escadaria central, dois degraus de cada vez.

— Rosa — chama, aproximando-se das barreiras. — Rosa! — Mas não há qualquer convicção na sua voz, não há crença suficiente para que alguém se vire para trás. Cinco anos é demasiado tempo para manter a fé. Examina o lotado átrio das bilheteiras e deduz que ela virou à esquerda para o pátio principal de Paddington.

Alguns minutos antes, mais falido do que deveria estar a uma semana de receber o salário, passara sorrateiramente pelas barreiras atrás de um transeunte inocente. Agora, tem de voltar a fazer o mesmo, à boleia de um idoso. Não retira disso qualquer satisfação, qual-

quer prazer pela facilidade com que evita ser detetado enquanto mostra ao homem onde colocar o bilhete e atravessa a barreira com ele. Engano mascarado de gentileza da juventude.

Corre até estar no centro do pátio, onde se detém para recuperar o fôlego, de mãos nos joelhos, sob o vão arqueado da estação austera de Brunel. Onde é que ela está?

E, então, vê-a novamente, encaminhando-se para a Plataforma 1, de onde o comboio para Penzance se prepara para partir. Zigueza-gueia entre a multidão, praguejando, pedindo desculpa, procurando não perder de vista a mochila dela.

Ao contornar uma barraca de postais, vê-a à sua frente, junto às carruagens de primeira classe do comboio, olhando de soslaio por cima do ombro. (Costumavam enfiar sorrateiramente postais de lojas como esta debaixo das portas dos quartos da faculdade um do outro, tentando impressionar-se mutuamente com ironia estudantil,) Instintivamente, vira-se também. Os dois homens estão a caminhar na direção deles, um deles com um dedo no ouvido.

Jar olha novamente para a plataforma. Uma guarda apita, ordenando a Rosa que se afaste. Rosa ignora o estridente aviso, balança a pesada porta para a abrir e fecha-a atrás de si com uma determinação que ressoa por toda a estação.

Agora é a vez de ele se aproximar do comboio.

— Afaste-se — grita novamente a segurança, enquanto a carruagem começa a circular.

Corre para a porta, mas ela já está a caminhar pelo corredor, à procura de um lugar, pedindo desculpa quando choca contra o lugar de

alguém. Mantendo-se paralelo ao comboio em aceleração, observa-a a colocar a mochila na bagageira superior e a sentar-se à janela. Pela primeira vez, ela parece aperceber-se de alguém do outro lado do vidro, mas ignora-o enquanto se instala, pegando num jornal abandonado, olhando de relance para a parte de cima do compartimento dedicada à bagagem.

O movimento do comboio é demasiado rápido para ele, mas enquanto corre, Jar bate com a mão na janela. Ela levanta o olhar, com os olhos arregalados de susto. Será Rosa? Já não tem tanta certeza. Não há qualquer lampejo de reconhecimento, nenhuma confirmação de que o conhece, de que foram em tempos idos o amor da vida um do outro. Ele cambaleia, começa a abrandar até parar, observando o comboio a afastar-se enquanto ela lhe devolve o olhar fixo: de um estranho para outro.

Cambridge, trimestre de verão, 2012

Sei que não é suposto estar a escrever isto (não devia haver nenhum registo, nenhum sinal de fumo no céu de Fenland, como diria a minha terapeuta), mas tive um diário a vida toda e preciso de falar com alguém.

Saí novamente com a malta do teatro. Parece que consegui o papel de Gina Ekdal, se o quiser. Estou sempre a dizer a mim própria que estou a fazer isto tudo pelo Pai.

Bom, não exatamente tudo. Tomei uma pastilha quando chegámos ao *pub*. As velas nas mesas ardiam como crucifixos (belos, talvez proféticos), mas não foi o que esperava. Acho que beijei o Sam, o encenador, e possivelmente a Beth, que faz de Mrs. Sørby. Teria beijado o elenco todo, se a Ellie não tivesse intervindo.

Não vou voltar a experimentar, mas estou determinada a aproveitar cada pitada do tempo que me resta aqui. Sei que esta malta, esta vida, não sou eu, mas é uma melhoria relativamente aos dois primeiros trimestres («Festa de S. Miguel» e «Quaresma», como o Pai insistia em chamar-lhes; eu vou continuar a usar as estações.) É tão fácil cair no cenário errado, mais difícil é libertar-se sem ofender ninguém nem aparentar ter a mania da superioridade.

Depois do *pub* fomos comer qualquer coisa, embora eu não estivesse com fome. Não sei onde foi, um sítio qualquer lá em baixo, junto ao rio. Ainda estava bastante bêbada, até chegar a hora de pagar.

E foi aí que o conheci. Porquê agora, com tão pouco tempo restante? Porque não no primeiro trimestre?

Ele estava a contornar a mesa e a receber o pagamento de cada um de nós. Uma conta, dividida de forma desigual por catorze, dá para acreditar? Mas o tipo nunca se queixou, nem sequer quando chegou a minha vez de pagar e o cartão não funcionou.

— A máquina está com problemas — disse ele, tão suavemente que mal o consegui ouvir. — Não apanha rede aqui. É melhor vir até à caixa.

— Desculpe? — disse eu, olhando para cima. Não sou baixa, mas o tipo era alto, um homem grande como um urso, com um queixo barbeado e um suave sotaque irlandês.

Inclinou-se para baixo, assegurando-se de que mais ninguém conseguia ouvir. Tinha um hálito quente e cheirava a limpo. A sândalo, talvez.

— É que precisamos de passar novamente o seu cartão, mais perto da caixa.

Houve qualquer coisa no olhar que me lançou, no sorriso paternal e tranquilizador, que fez com que me levantasse da mesa e o seguisse até à caixa. E gostei das suas mãos grandes e arrançadas, com um anel discreto no polegar. Mas não era, de todo, o meu tipo. A linha larga do maxilar juntava-se de uma forma demasiado afiada no queixo, os lábios finos.

Só quando estávamos suficientemente longe para que mais ninguém nos ouvisse se virou para mim e disse, numa voz mais alta, que o meu cartão tinha sido recusado.

— Fui aconselhado a tirar-te o cartão e cortá-lo. — Fez um sorriso largo. O seu rosto grande iluminou-se e ganhou melhores proporções quando o fez: o queixo suavizou-se e as maçãs do rosto ergueram-se.

— O que é que fazemos agora? — perguntei, satisfeita pelo facto de parecer que estávamos nisto juntos. Não tinha um tostão desde o dia em que tinha chegado.

Olhou para baixo, na minha direção, apercebendo-se, pela primeira vez penso eu, de como eu estava realmente bêbada. E, depois, olhou de soslaio para a mesa.

— O elenco? — disse ele.

— Como é que adivinhaste?

— Não há gorjetas.

— Talvez deixem alguma coisa em dinheiro — disse eu, subitamente numa atitude defensiva face aos meus novos amigos.

— Seria a primeira vez.

— Não és um ator, então — disse eu.

— Não. Não sou um a-tor.

Fez-me sentir vergonha da palavra, rimando a segunda sílaba com «clamor».

— Então, o que é que fazes quando não estás a ser mal-educado em relação aos meus amigos? — perguntei.

— Sou estudante.

— Aqui? Em Cambridge?

Foi uma pergunta estúpida e condescendente e ele poupou-me a uma resposta.

— Também escrevo umas coisas.

— Ótimo. — Mas não o estava a ouvir. A minha mente já estava outra vez focada na minha parte da conta e no facto de não ter forma de a pagar. Não quero que ninguém do elenco saiba que não tenho um tostão, mesmo que isso combine com a profissão. E não lhes posso contar que as minhas preocupações financeiras (todas as minhas preocupações) em breve terminarão. Não posso contar a ninguém.

— Há dinheiro suficiente na caixa das gorjetas, de outros jantares, para cobrir o que falta — disse ele.

Por um momento, fiquei sem palavras.

— E por que motivo farias uma coisa dessas?

— Porque acho que é a primeira vez que saís com estas pessoas e estás a tentar impressioná-las. Não poder pagar pode custar-te o papel. E eu já estou ansioso por ir ver a peça. Ibsen é bastante bom, sabes.

Olhámos um para o outro em silêncio. Ele agarrou-me pelo cotovelo, pois eu estava a baloiçar demasiado. Estava a começar a sentir-me enjoada.

— Estás bem? — perguntou.

— Podes levar-me a casa? — O tom da minha voz, arrastado, suplicante, soou mal, como se estivesse a ouvir outra pessoa a falar.

— Só saio daqui a uma hora. — Estava a olhar para a Ellie, que se tinha aproximado. — Acho que a sua amiga precisa de apanhar ar — disse-lhe.

— A Rosa já pagou? — perguntou a Ellie.

— Está tudo tratado. — Devolveu-me o cartão.

E não consigo lembrar-me de mais nada. Nem sequer fiquei a saber o nome dele. Restam-me apenas as primeiras impressões: um homem sem pressa, que vive a vida a um ritmo muito próprio e calculado; tempo eficiente, como o Pai costumava dizer. E debaixo daquele exterior calmo, haverá uma impetuosidade controlada, paixão contida? Ou isso será simplesmente um desejo meu?

Agora, sinto-me envergonhada. Nenhum de nós tinha dinheiro, mas ali estava ele, um escritor irlandês num restaurante, sem queixas, a servir estudantes avarentos para pagar as contas, e eu sem conseguir pagar, com o limite do cartão de crédito ultrapassado.

Parte de mim (uma grande parte) espera voltar a vê-lo, mas não quero que se envolva no que está para vir. Ainda tenho medo de ter tomado a decisão errada, mas não consigo ver outra saída.

Jar está sentado à secretária a ler as desculpas dos colegas que, tal como ele, não conseguiram estar presentes na conferência diária às 9h30 da manhã. Todos os dias, fica espantado com o desprazo das explicações das outras pessoas. Ontem, Tamsin enviou um *e-mail* ao grupo para dizer que chegaria atrasada, depois de os bombeiros terem tido de a resgatar da sua casa de banho. Foi uma deixa para inúmeras piadas sobre as manobras de transporte e elevação dos bombeiros, quando ela finalmente chegou, de rosto corado e blusa mal abotoada.

Os pretextos de hoje são mais prosaicos. A máquina de lavar de Ben inundou o chão da cozinha; Clive culpa uma vaca na linha pelo atraso do comboio proveniente de Hertfordshire; e isto de Jasmine: «Saí de casa sem carteira, fui buscá-la agora, chego atrasada». Maria, a *grande dame* do departamento, está em melhor forma: «O marido comeu a marmita do almoço das crianças, tenho de preparar outra». Nada mau, pensa Jar, mas nada que rivalize com a desculpa inigualável de Carl no último verão: «Estou a recuperar depois do Glastonbury. Talvez chegue uns dias atrasado».

Carl é o único verdadeiro aliado de Jar no escritório, disponível para uma cerveja depois do trabalho, continuamente alegre, sempre com os auscultadores à volta do pescoço. (Se estiver a fazer a ronda

do chá, dá a volta ao escritório sinalizando um enorme C com as mãos.) É um MC de *jungle* quando não está a gerir o canal de música do *website* dedicado às artes para o qual ambos trabalham, dizendo a toda a gente que o quiser ouvir que o *jungle* não é retro, nunca passou de moda e é mais popular do que nunca. Também tem um conhecimento doentio sobre computadores, esquecendo-se frequentemente que Jar não tem qualquer interesse pelo desenvolvimento de aplicações ou paradigmas de programação.

Em Paddington, Jar ponderara enviar um *e-mail* para o escritório para explicar o atraso, mas não sabia bem como reagiriam: «Acabei de ver a minha namorada da faculdade que se suicidou há cinco anos. Toda a gente me diz que estou a imaginar coisas, que tenho de andar para a frente, mas sei que ela está viva, de alguma forma, nalgum lugar, e nunca vou parar de procurar até a encontrar. Ela não estava preparada para morrer».

Contou tudo a Carl, mas não aos outros. Sabe o que eles pensam. O que faz um jovem escritor irlandês premiado (a sua coleção inaugural de contos foi um sucesso entre a crítica, embora não comercial) no sétimo círculo do inferno de escritórios em Angel, tentando alcançar números de tráfego *web* através da escrita de *clickbaits* sobre Miley Cyrus? Foi lamentável que a primeira peça que lhe tivessem pedido para escrever tivesse sido sobre o bloqueio de escritor: dez autores que tinham perdido o seu talento. Por vezes, interroga-se se alguma vez o teve.

Nos últimos meses, viu Rosa cada vez com mais frequência: ao volante de carros que passavam, no *pub*, no autocarro Número 24 (nos

lugares da frente, onde se sentavam sempre que estavam em Londres, a ir para Camden). As aparições têm um nome específico, de acordo com o seu médico de família em Galway: «alucinações de luto».

O seu pai tem outras ideias, falando excitadamente da *spéirbhean*, a mulher celestial que costumava aparecer em poemas visionários irlandeses. A mãe repreende-o, acusando-o de ser um insensível num momento como aquele, mas Jar não se importa. Sente uma forte ligação ao pai.

Passou muito tempo em casa, em Galway City, logo após a morte de Rosa, tentando compreender o que acontecera. O pai é proprietário de um bar no Bairro Latino. Ficavam acordados até tarde, falavam dos avistamentos, particularmente de um, na costa de Connemara. (Só ele falava, o pai ouvia.) Sabe que alguns deles são falsos alarmes, mas outros, os que não consegue pôr à prova...

— Parece que estás às portas da morte, mano — diz Carl, afundando-se na cadeira, que assobia. — Acabaste de ver um fantasma?

Jar não diz nada enquanto liga e acede ao seu computador.

— Meu Deus, desculpa, amigo — diz Carl, remexendo nalguns CD promocionais na sua secretária. — Pensei...

— Comprei-te um café — interrompe Jar, passando-lhe um café com leite. Não quer prolongar o embaraço do amigo. Carl tem um pouco de excesso de peso, cara de bebé, cabelo desgrenhado, com rastas, e um sorriso de querubim, e tem o hábito irritante de abreviar as palavras nos seus *e-mails* («infelzm» para infelizmente) e de dizer

coisas como «o ai-jesus», «bem-haja» e «está tudo», mas tem menos malícia do que qualquer outra pessoa que Jar conheça.

— Obrigado. — Há uma pausa incómoda. — Onde é que aconteceu? — pergunta Carl.

— Vou fazer o *doodle* de hoje — diz Jar, ignorando-o.

— Tens a certeza?

— É Ibsen. É um velho amigo meu.

Revezam-se para escrever histórias sobre o *doodle* do dia do Google. É suposto entrarem na página do Google na Austrália na noite anterior, conseguindo uma vantagem de onze horas sobre o mundo adormecido, mas muitas vezes esquecem-se. As histórias são enteradas no *website*, onde ninguém as pode ver, mas dão um enorme impulso aos números de tráfego, pois as pessoas clicam indolentemente no adornado logotipo do dia do motor de busca.

Meia hora mais tarde, depois de ter escrito muito mais do que era necessário sobre Ibsen, principalmente acerca da personagem de Gina Ekdal em *O pato selvagem* e o extraordinário desempenho de uma estudante em Cambridge cinco anos antes, está na rua abaixo do escritório, com Carl, a abrigar-se da chuva num beco junto à entrada que cheira à cerveja da noite anterior e a bem pior do que isso.

— Um dia tipicamente irlandês^[1] — diz Jar, preenchendo o silêncio. Consegue aperceber-se de que Carl se está a preparar para puxar um assunto incómodo e olha em redor em busca de uma distração. — Devorador de *pizza*, às quatro horas.

— Onde? — pergunta Carl.

Jar aponta com a cabeça para o outro lado da estrada, na direção de um homem que caminha sozinho pelo passeio, falando para uma extremidade do telemóvel, que segura horizontalmente à frente da boca, como uma fatia de *pizza*. Carl e Jar observam-no, a sorrir. Ambos gostam de reparar nas pessoas que falam ao telefone de formas engraçadas: a pessoa que telefona furtivamente, sussurrando atrás de uma mão em concha; a pessoa que move o telefone para trás e para a frente entre o ouvido e a boca. Contudo, o devorador de *pizza* é um dos seus preferidos.

— Sei que não é da minha conta — diz Carl, pegando num cigarro enquanto o homem desaparece na multidão. Segura o cigarro entre o polegar roliço e o indicador, como uma criança a escrever com giz. — Mas talvez devesse pensar em consultar alguém, sabes, sobre a Rosa.

Jar olha em frente, com as mãos profundamente enfiadas no casaco de camurça, observando o tráfego a avançar pela rua, por entre a chuva e a neblina. Gostava de também ter um cigarro, mas está a tentar deixar de fumar. Mais uma vez. Rosa nunca fumou. Foi para baixo para fazer companhia a Carl, para lhe dar a entender que não havia qualquer desconforto pelo que tinha acontecido antes. E para se esquivar à conferência das 11h.

— Acho que encontrei alguém que te podia ajudar — continua Carl. — É uma terapeuta especializada no luto.

— Tens andado com agentes funerárias outra vez? — pergunta Jar, recordando a recente e malfadada experiência de Carl com «encontros amorosos em funerais». Baseado no princípio de que as feromo-

nas tendem a andar à solta nos funerais («há muita dor na luxúria e muita luxúria na dor»), Carl penetrara furtivamente nalguns velórios na esperança de encontrar o amor, não necessariamente com a viúva, mas com uma mulher atraente e confusa, vestida de preto.

— Ela gostou de mim e fez-me um *swipe* para a direita.

Jar olhou para o amigo surpreendido.

— Pronto, não fez nada. Está a ajudar-me com uma história.

— Sobre o Tinder?

— Pensou que eu pudesse estar interessado numa nova investigação que estão a fazer sobre os efeitos benéficos da música nas salas de espera dos psiquiatras. Passando um pouco de *jungle* antigo, as pessoas abrem-se mais.

— Atiram-se pela janela, diz antes assim. — Jar faz uma pausa. — Depois da cena desta manhã estou mais convencido do que nunca de que a Rosa está viva — diz ele, tirando o cigarro a Carl e inalando profundamente.

— Mas não era ela, pois não?

— Podia ser, é essa a questão.

Estão de pé em silêncio, a observar a chuva. A esperança é uma coisa frágil e privada, pensa Jar, facilmente extinguível por outros. Inala novamente o cigarro de Carl e devolve-lho. Não pode culpá-lo por estar cético. Estão prestes a encaminhar-se de volta para o escritório quando o olhar de Jar é atraído por um movimento, um homem alto a sentar-se junto à janela do Starbucks, do outro lado da rua. Casaco *North Face* preto, colarinho para cima, cabelo castanho vulgar,

traços indistintos. Sem rosto e olvidável, salvo por ser a terceira vez que Jar o via nos últimos dois dias.

— Reconheces aquele homem? — indaga Jar, apontando com a cabeça na direção do Starbucks.

— Não posso dizer que reconheça.

— Ia jurar que estava no *pub* ontem à noite. E no autocarro ontem.

— Andam a seguir-te outra vez?

Jar faz um gesto afirmativo com a cabeça, esperando a troça do amigo. Já tinha mencionado anteriormente a Carl aquela sensação de estar a ser observado.

— Sabias que uma de cada três pessoas sofre de paranoia? — diz Carl.

— Só uma?

— As outras duas estão a observá-la.

Jar quer dar uma gargalhada simbólica, para mostrar que está bem, que são tudo coisas da sua imaginação, mas não consegue.

— O que eu senti quando a vi nas escadas rolantes... — Faz uma pausa, permitindo-se olhar de relance para o homem mais uma vez. — A Rosa anda por aí algures, Carl, de certeza que anda. À procura de uma forma de voltar.

[1] «*Soft old days*» no original, uma expressão utilizada na Irlanda, principalmente pelas gerações mais velhas, para se referir ao tempo típico na Irlanda, com chuva suave a cair. (N.T.)

Cambridge, trimestre de outono, 2011

Passaram duas semanas desde que aqui cheguei e sinto a falta do Pai mais do que nunca. Pensei que a mudança de ares, um começo novo, romperia o ciclo, mas não o fez. Nem sequer a confusão da Semana do Caloiro consegue mascarar o enorme arcaboço da minha dor. Éramos um dueto, sal e pimenta, Morecambe e Wise (o programa favorito dele), mais unidos do que qualquer dos meus amigos parece ser com os pais. O destino juntou-nos, sem que tivéssemos voto na matéria, as coisas eram simplesmente assim.

Fiquei tão zangada ontem à noite no The Pickerel quando as pessoas começaram a dizer mal dos pais. Depois, a rapariga do quarto ao lado do meu, que também estuda Inglês, a Josie lerda de Jersey, perguntou como era comigo. Claro que o ambiente mudou quando expliquei, foi quase como se houvesse uma pausa no zumbido ébrio do *pub*, ninguém tinha a certeza do que dizer, para onde olhar. Por um momento, vi-me a partir de cima, interroguei-me se será assim que o Pai vê as coisas atualmente.

Há cinco minutos, quando acordei com a luz do sol a fluir através destas cortinas de faculdade baratas, ele ainda estava vivo e íamos almoçar fora ao Grantchester. Estava a planear contar-lhe como ti-

nham sido as minhas primeiras semanas em Cambridge, os clubes a que me juntei, as pessoas que conheci. E então lembrei-me.

O Pai costumava falar constantemente sobre este lugar. Só viemos aqui juntos uma vez, no verão, uma semana antes de ele morrer (ainda parece tão estranho escrever isto). Nesse dia, estava a portar-se da forma irrequieta habitual. O Pai tinha um entusiasmo incrível pela vida, uma inteligência enérgica. Se tivéssemos tido essa oportunidade, ter-me-ia mostrado Cambridge na sua bicicleta desdobrável (a que utilizava para ir para o trabalho), ou teríamos corrido (ele tinha o físico definido de um corredor de montanha). Em vez disso, caminhámos, de forma rítmica, eu com dificuldade para o acompanhar.

Começou a mostrar-me a faculdade que continuava a chamar sua, e que no tempo dele era só para homens. Dá para imaginar? É reconfortante saber que estive aqui antes de mim, que percorreu os mesmos caminhos, que atravessou os mesmos pátios sagrados. Depois, levou-me a dar um passeio de barco, disse que tinha de se fazer isso aqui. Pelo menos não tinha um chapéu de palha de barqueiro.

Invulgarmente, houve momentos de calma nesse dia e explicou que as coisas estavam difíceis no trabalho. Nunca falava muito sobre isso e normalmente eu não perguntava. Sabia apenas que o trabalho dele nos tinha levado a várias embaixadas em todo o mundo, principalmente no sul da Ásia, e que trabalhava na Unidade Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros, enviando relatórios para Londres que, gracejava ele, ninguém lia.

Nos dois últimos anos tinha trabalhado em Londres. Não tenho a certeza de ter sido uma promoção, mas, mesmo assim, continuava a

viajar ocasionalmente. Eu já tinha idade suficiente para tomar conta de mim quando ele estava fora. E idade suficiente para o acompanhar a eventos de trabalho quando regressava, incluindo uma recepção nos jardins do Palácio de Buckingham no ano passado. Vestiu o mesmo *blazer* que tinha vestido naquele dia no Rio Cam.

— Tenho de ir à Índia — disse ele, agachando-se desnecessariamente quando passámos debaixo da ponte Clare.

— Sorte a tua.

Arrependi-me do tom. Sabia que ele não gostava de estar ausente durante períodos longos.

— Ladakh — acrescentou, a sorrir.

Ele esperava que, de alguma forma, isso suavizasse o golpe. Fomos muito felizes quando viajámos para lá uma vez. Estivemos em Leh, onde frequentámos os cafés *hippies* na Changspa Road, observando jovens israelitas a entrar na cidade montados em motas *Enfield Bullets*, enquanto tentavam encontrar alguma consolação nas montanhas depois do serviço militar. É, possivelmente, o meu sítio preferido no mundo inteiro. Um dia, quero ter um trabalho que me permita viajar como o Pai.

Observei-o a acenar com a cabeça para um barco que passava por nós na outra direção. Dois pais orgulhosos sentados à frente, com o filho pródigo a conduzi-los no passeio por Backs. Tenho a certeza de que a carreira do meu pai foi prejudicada pela sua insistência em estar presente na vida da sua única filha. Basicamente criou-me sozinho, com a ajuda de uma ou duas amas indianas pelo caminho.

— Promete-me que vais experimentar tudo quando cá estiveres — disse ele.

Lembro-me de não ter gostado do tom dele, da sugestão de que talvez ainda estivesse ausente quando eu fosse «para cima» para Cambridge, como ele insistia em dizer, mas talvez a visão em retrospectiva esteja a distorcer a minha recordação. Porém, naquela tarde solarenga, ele não estava nele; estava mais reservado, dizia menos piadas.

— Inscreve-te em todos os clubes e sociedades — continuou, com uma falsa frivolidade na voz. — Dá uma oportunidade a tudo, durante toda a maldita vida aqui. Lembro-me de me ter inscrito nos Trabalhistas, no SDP e nos Conservadores, tudo na mesma noite.

— É por isso que és tão bom nisto? Porque te juntaste a um clube de remo?

— Aprendi a andar de barco para impressionar a tua mãe. A primeira vez que a levei a sair, o remo ficou preso na lama, o que é fácil de acontecer. Simplesmente não me devia ter agarrado a ele quando o barco se começou a afastar.

— Pai! — exclamei eu com exasperação fingida. Conseguia ver que a recordação o deixava feliz e não triste, com um sorriso a enrugá-lhe o canto da boca, o lado que usava sempre para sussurrar coisas patetas quando era suposto estarmos sérios. «Pronuncia-se “Alteza”, como em “bicheza”, e lembra-te de fazer uma vénia», tinha dito momentos antes de eu me baloiçar à frente da Rainha com uns saltos altos que se afundavam no relvado do Palácio de Buckingham.

Custa-me imaginar ser capaz de fazer isso: sorrir ao pensar nele. Neste momento, só tenho vontade de me enroscar nesta cama estreita da faculdade e morrer.

Jar sabe que alguma coisa está errada assim que sai do elevador. A porta do apartamento está aberta, com um triângulo aguçado de luz a cortar a escuridão do patamar. Sente falta de ar.

— Espera aqui — diz a Yolande, que estava a beijar no elevador segundos antes. Tinham-se conhecido num *pub* no topo da Brick Lane, onde ele para muitas vezes depois do trabalho. Nos últimos meses, tem desenvolvido um padrão. Depois de uma «alucinação de luto», como agora sabe que deve chamar ao seu avistamento de Rosa dessa manhã, procura o conforto de uma estranha. Uma tentativa insensata de seguir em frente com a sua vida: de alguma forma, as estranhas fazem-no sentir-se menos infiel à memória dela.

Empurra a porta para a abrir totalmente, mas esta emperra contra alguma coisa. Forçando-a, entra, com o sangue a palpitar nas têmporas. O apartamento (uma divisão grande, com uma *kitchenette* na extremidade mais afastada, uma cama na outra) fora totalmente revirado, o chão coberto de livros tirados das prateleiras que se alinham ao longo de cada centímetro das paredes. Algumas das prateleiras foram puxadas e inclinam-se flacidamente para a frente como árvores arrancadas por uma tempestade. Fecha os olhos, tentando racionalizar o que aconteceu.

Os assaltos não são invulgares na sua torre de apartamentos, sendo a mais recente série de invasões domésticas atribuída aos viciados em *crack* a norte da Hackney Road. Na semana anterior, roubaram o computador a Nic Farah, um fotógrafo que vive no andar de baixo. E uma televisão e aparelhagem foram furtadas de um apartamento no décimo sexto, quatro andares abaixo do dele, alguns dias antes. Por precaução, mas sem grande convicção, Jar tinha escondido a sua guitarra de doze cordas debaixo da cama.

Começa a caminhar entre a enchente de livros no chão, agarrando no exemplar do pai de *More Than a Game (Mais do que um jogo)* de Con Houlihan. Instintivamente, sabe que não falta nenhum livro. Não era disso que eles andavam à procura, quem quer que «eles» fossem. Dobra-se junto à cama. O estojo da guitarra continua ali. Está prestes a levantar-se, mas decide puxar para fora o estojo danificado. Qualquer coisa para se distrair, parar os pensamentos que se sucedem uns aos outros na sua cabeça. Sossegado pelo peso do estojo, abre-o em cima da cama. A guitarra está a salvo, intacta, mais uma prova irrefutável de que não se trata de um assalto normal. Guitarras boas como a sua são bastante fáceis de vender.

— Calculo que normalmente não seja assim — diz Yolande, de pé à entrada da porta. A voz é refinada. Jar fica chocado pela facilidade com que se esqueceu dela. — Chamo a polícia?

Devia ter-se desculpado no bar e ido embora, não a ter trazido até aqui. Tecnicamente, ela nem sequer é uma estranha. Despertara a sua atenção da última vez que fora visitar o editor, ao passar por ele com uma caixa de livros para serem assinados por um autor mais em

voga do que ele alguma vez estaria. E depois, lá estava ela no bar esta noite. Teria sido má educação não se aproximar e falar com ela.

— Não — diz Jar. Dedilha um acorde impaciente na guitarra antes de a arrumar. — Não levaram nada.

— Como é que sabes?

— Porque não há nada *para* levar. — Jar fecha o estojo da guitarra com um estalido e deambula pela sala.

— Tantos livros — diz ela, observando-o.

E mais dois chegam amanhã, pensa Jar: *Young Skins* (*Peles jovens*), de Colin Barrett, para compensar a história desta semana sobre Jennifer Lawrence e *The Green Road* (*A estrada verde*) de Anne Enright por causa de um questionário sobre os One Direction. Tentativas fúteis de manter algum tipo de equilíbrio cultural na sua vida. Está a ficar sem espaço.

— Deixa-me ajudar-te a arrumar — diz Yolande, agora ao seu lado, pousando-lhe uma mão no ombro.

Jar encolhe-se perante o contacto. Ela é demasiado boa para estar envolvida na sua vida. Enquanto a observa a pegar num livro, algo lhe desperta a atenção no meio da confusão. É uma fotografia de Rosa. E não devia estar ali. Ele não guarda nada no apartamento que o recorde dela, absolutamente nenhum vestígio. É uma regra dele. Alguém teria deixado a fotografia ali, como cartão-de-visita? Então, lembra-se de que usava a fotografia como marcador de livros quando estava em Cambridge. Devia ter caído de um livro.

Inclina-se para pegar nela, fitando o seu rosto. Rosa sempre soube como captar a sua atenção. Adora o ar estudioso que tem na fotografia: à secretária, sem olhar para a máquina, a roer uma caneta. Viu tantas imagens nos últimos cinco anos que o preocupa não conseguir recordar-se de como ela realmente era, com a memória moldada por fotografias.

— É melhor ir para casa — diz Yolande, olhando-o por cima do ombro. A voz sobressalta-o. Há quanto tempo estará a fitar a fotografia?

Sabe que lhe deve um pedido de desculpas, pelo menos uma explicação, mas não sabe por onde começar.

— Está bem — diz, desviando-se do olhar acusador de Rosa: mais um encontro casual que trataste miseravelmente.

Jar olha para Yolande durante um instante. Numa noite diferente, noutra vida, estariam nesta altura a fazer amor lânguido e ébrio, tendo caído na cama depois de ele a ter impressionado com uma balada irlandesa à guitarra, uma das músicas que tantas vezes costumava ouvir no seu antigo quarto, com a voz do pai a flutuar para cima através das tábuas do soalho, vinda do bar familiar em Galway.

— Desculpa. Desço contigo, chamo um táxi?

— Não é preciso — diz ela. — A sério.

Mas ele insiste e descem juntos no elevador, em silêncio.

— Amava-la muito, não era? — diz ela, enquanto o elevador abana e se detém no rés-do-chão. — Ela teve sorte em ter sabido disso.

Já na rua, é ela que chama o táxi, mas Jar espera até ela entrar e dirigir-se para a noite (para Mile End, acha que disse) antes de cami-

nhar de volta ao seu bloco de apartamentos com uma nova determinação, ou será medo? O que aconteceu nessa noite no seu apartamento significa que alguém (quem, ainda não tem a certeza) está a começar a levá-lo a sério. Alguém que quer saber quanto descobriu sobre Rosa. E, possivelmente, quer também tentar travá-lo. A porta de uma carrinha fecha-se à distância. Prime o botão para o vigésimo andar e volta a sair do elevador enquanto as portas deslizam para se fecharem. Sem esperar que o elevador vazio suba ruidosamente na noite, dirige-se para a saída das traseiras do bloco de apartamentos e corta por outra propriedade para uma fileira de arrecadações.

Aprendeu ao longo dos anos que a paranoia é uma doença corrosiva, devorando qual ácido as extremidades da sua mente racional, mas permite-se ter uma certeza nessa noite: o seu apartamento não foi visitado por assaltantes. O caos era demasiado coreografado, demasiado metódico para viciados em *crack*. Nos últimos dias, tem tido a sensação de estar a ser vigiado, seguido do trabalho até casa, observado em cafés, uma sensação que até ao momento tem conseguido ignorar. Nessa noite tudo muda.

Destranca a porta lateral da arrecadação e entra, acendendo a faixa de luz fluorescente. Agora, sente que as suas ações são mais válidas. Não está à espera que esse sítio também tenha sido assaltado, mas, ainda assim, é um alívio encontrá-lo exatamente como o deixou ontem. Senta-se ao computador, acendendo-o, enquanto percorre com o olhar o espaço pequeno e frio. Sente sempre que ali Rosa está mais perto.

Três cartas náuticas da costa norte de Norfolk, coladas umas às outras, dominam uma parede de tijolos de cimento. Nos mapas, foram desenhadas setas a marcador vermelho, indicando a direção das correntes; praias tão ocidentais como Burnham Deepdale e Hunstanton estavam assinaladas com um círculo. Perto das cartas, há um mapa de Cromer da Ordnance Survey. Linhas verdes escritas a caneta conduzem a fotografias e imagens fixas retiradas de gravações de câmeras de vigilância que estão penduradas num painel adjacente.

A parede atrás da mesa do computador é uma composição de fotografias. Do lado esquerdo, há imagens de Rosa da universidade. À direita, estão os avistamentos não confirmados desde a sua morte, alguns deles excluídos com uma cruz. Em Paddington, não tirou uma fotografia da mulher que pensou ser Rosa. Em vez disso, prende na parede uma fotografia da estação, desenha, ao lado, um ponto de interrogação com um marcador vermelho e acrescenta a data.

Guarda tudo o que tem a ver com ela ali, num esforço para preservar algum tipo de normalidade no resto da sua vida. Os intermináveis pedidos de cumprimento da Lei de Liberdade de Informação enviados para St. Matthew's (a faculdade dela), para a polícia, para o hospital, bem como a correspondência com o médico legista (que não está submetido a essa lei). Há também as coisas mais pessoais: uma camisa de noite Margaret Howell (comprada pela tia quando entrara em Cambridge), o seu perfume preferido (um aroma que encontrara num mercado de especiarias em Istambul), um dos postais engraçados que ela enfiara sorrateiramente debaixo da sua porta na faculdade.

Quando as pessoas visitam o apartamento, acham que ele prosseguiu com a sua vida. Gosta disso, quer que as pessoas acreditem que a esqueceu. Ninguém precisa de saber que é ali, numa arrecadação cheia de correntes de ar, que ele se sente mais vivo, rodeado de imagens da mulher que amou mais do que achava ser possível amar outro ser humano. Se alguém ali entrasse agora, confundi-lo-iam com um acoissador. Em certa medida é isso que é, salvo por a mulher que persegue ter morrido há cinco anos, saltando para a morte numa noite tempestuosa em Cromer, a 210 km de distância, na costa norte de Norfolk.

Examina os seus *e-mails* pessoais. O pai enviou-lhe algumas linhas sobre *hurling*^[2] no fim de semana e um *link* para a crónica de um jogo no *Connacht Tribune*. O primo de Jar jogou. «O Conor esteve a léguas de marcar. Vem visitar-nos em breve, Pai». Jar sorri, enquanto se prepara para passar para a conta de *e-mail* do trabalho, mas outra mensagem entre o lixo eletrónico capta a sua atenção.

É de Amy, a tia de Rosa, uma restauradora de quadros que vive em Cromer. Amy e Rosa sempre tinham sido próximas, mas o vínculo entre elas tornou-se ainda mais forte depois da morte do pai de Rosa. A sobrinha subia frequentemente até à cidade costeira para passar o fim de semana, agradecendo a oportunidade de se afastar do caldeirão que era a vida em Cambridge.

Jar também era convidado para ir com ela, mas nem sempre era fácil aceitar. Amy ostenta uma dolorosa semelhança física com a sobrinha. Também passara grande parte da vida medicada, a entrar e sair da depressão numa verdadeira montanha russa. No entanto, a dispo-

sição de Amy pareciam melhorar sempre que Rosa estava com ela. Sentavam-se calmamente à luz do sol filtrada da sala de estar, onde Amy pintava, com hena, padrões intrincados nos braços e mãos de Rosa, enquanto conversavam sobre o seu pai.

Jar não a culpa pelo que aconteceu depois e manteve o contacto com ela desde essa altura, e a relação entre eles, tal como a de Amy e Rosa, acabou por desabrochar no luto mútuo. Amy é uma aliada, igualmente paranoica, a única pessoa que Jar conhece que não acredita que Rosa está morta. Ela não tem qualquer explicação ou teoria, apenas um «sexto sentido», como ela lhe chama, o que torna o tom otimista do seu *e-mail* dessa noite ainda mais intrigante:

Jar, tenho tentado ligar-te, mas não consegui falar contigo. Encontrámos uma coisa no computador que te pode interessar. Tem a ver com a Rosa. Estou por aqui a semana toda se quiseres vir visitar-me. Liga-me.

Jar olha de relance para o relógio e pondera ligar a Amy; é tarde, mas sabe que ela nunca dorme bem. Então, lembra-se que o seu telefone está a carregar no apartamento. Decide ligar-lhe logo de manhã, do comboio para Norfolk. Depois do assalto dessa noite, pode estar a ficar sem tempo.

[2] Desporto nacional irlandês, semelhante ao hóquei. (N.T.)

Cambridge, trimestre de verão, 2012

Passou uma semana desde que O vi no restaurante. Se me tivessem perguntado nessa altura como imaginava que nos voltaríamos a encontrar, não sei se teria dito tão nua como no dia em que nasci nas margens do Rio Cam. Mas foi precisamente isso que aconteceu ontem à noite e ainda não sei bem como.

Pelo menos agora sei o nome dele. Chama-se Jarlath Costello, «Jar» para os amigos, e é de Galway. O pai tem um bar na cidade, a mãe é enfermeira psiquiátrica em Ballinasloe. O Jar está a fazer uma Pós-Graduação Avançada em Inglês Moderno e Contemporâneo, depois de ter estudado Literatura Irlandesa na Trinity College, em Dublin. Tal como pensei, é dois anos mais velho do que eu. E dez vezes mais sensível.

Depois de termos terminado o ensaio, todo o elenco foi beber qualquer coisa ao The Eagle, onde o Watson e o Crick fizeram o número do ADN. Mais tarde, quando a noite começou a acalmar, três de nós (a Beth, o encenador Sam e eu) fomos dar uma volta por Backs. Era uma noite quente de junho e a lua estava quase cheia, suficientemente clara para projetar sombras.

— Alguém tem vontade de dar um mergulho? — perguntou o Sam, a olhar para mim. Anda a namoriscar bastante comigo nos últimos dias e não posso dizer que a atenção me incomode, embora me preocupem os meus motivos. Já se criou uma aura à volta dele como encenador, um consenso não expresso de que, dentro de alguns anos, será qualquer coisa grande no mundo real.

A Beth hesitou, observando a minha reação. Sabia que ela também gostava do Sam, mas tinha estado a tentar pôr isso de lado, convencida de que essa situação não atrapalharia aquilo que eu esperava que fosse a nossa cada vez melhor relação. Ainda estou a tentar provar a mim própria que consigo fazer o que é suposto os estudantes fazerem: embebedar-me, nadar nua, forjar amizades para toda a vida, ter muito sexo enérgico, talvez até aprender qualquer coisa.

Devo ter feito uma pausa demasiado longa, pois no momento seguinte a Beth estava a despir-se e a correr pela relva, com o corpo escandalosamente branco (e demasiado desejável) sob o luar cristalino.

— Vamos lá então — gritou, tanto para si própria como para nós. Tinha-se apoderado da iniciativa, lançado um desafio e eu ia fazer-lhe frente até ao fim.

Sem pensar, também tirei a roupa e corri para a beira-rio na esperança de que pudesse parecer um ato menos flagrante quando combinado com outra ação qualquer. Não olhei para trás para ver se o Sam nos seguia. Queria apenas juntar-me à Beth na água o mais rapidamente possível.

Só senti vergonha quando as minhas cuecas se prenderam no dedão do pé e tive de ir aos saltos na reta final antes de me atirar para a água. Não consegui evitar notar que salpiquei mais água do que a Beth, o que me irritou. E depois fiquei irritada por ter reparado nisso.

O rio estava muito mais frio do que esperava, mas nadei até junto da Beth, que estava à tona da água debaixo da ponte Clare, a olhar para trás, para o Sam.

— Ele vem? — perguntei, da forma mais indiferente que consegui. Queria virar-me para trás, mas isso teria sugerido que estava tão interessada como ela em ver o Sam nu.

— Como é que está? — gritou o Sam. Ainda estava totalmente vestido.

— Não vens ter connosco? — perguntou a Beth.

— Isto vai ficar molhado na relva — disse ele, reunindo ambos os nossos montes de roupa. Estranhamente, senti-me mais inibida pelo facto de o Sam mexer nas minhas cuecas do que por me ver nua, mas ele embrulhou-as no monte rapidamente, como uma mãe a apanhar roupa do chão do quarto de um adolescente, e caminhou até um banco recuado em relação à margem.

A Beth virou-se para mim. Consegui ver que estava a pensar o mesmo do que eu. O Sam nunca tinha tido qualquer intenção de nadar.

— És um medricas, Sam — gritou a Beth. — Um enorme cagarolas!

— Podia tê-las deixado onde estavam — disse eu.

— Está a fazer-nos uma audição — disse a Beth, nadando de volta para a costa. Mantive-me à tona da água, observando a Beth enquanto levantava o rabo branco e a pingar do rio e se pavoneava pelo relvado na direção do Sam, agora sentado no banco com as nossas roupas empilhadas junto dele. Não fez qualquer esforço para caminhar rapidamente ou para se cobrir. Subitamente, aquilo já não era divertido. Não queria que me pusessem à prova, não me queria submeter ao escrutínio do Sam.

— Vais ficar aí a noite toda? — perguntou ele.

Se for preciso, pensei. Uma amiga melhor do que a Beth teria trazido as minhas roupas até à margem. Sairia vitoriosa do jogo e poderia, pelo menos, ter sido magnânima na vitória, mas ela já tinha agarrado nas suas roupas e estava sentada ao lado do Sam, que lhe colocou o braço à volta dos ombros para a manter quente.

E então vi-os enquanto se levantavam e se afastavam, de braço dado.

— Vemo-nos na faculdade — disse a Beth, gritando por cima do ombro. — Apanha-nos.

Sim, pois claro. Tentando ignorar o frio crescente, olhei em redor, para a lendária zona de Backs banhada pelo luar, com a Capela da King's College a erguer-se numa silhueta majestosa. Devia estar a desfrutar de Cambridge, pensei, do meu tempo aqui, mas não estou. Lembrar-me disso fez-me sentir em paz com a decisão que tomei. Sinto tanta falta do Pai que até dói.

Havia um Baile de Maio mais abaixo, continuando a descer o Cam, na Queen's College. O ruído distante de música e de exuberância es-

tudantil era transportado rio acima. Gostava de ir ao baile da nossa faculdade, pelo menos acho que gostava, para provar que posso gostar de coisas como essa, mas o bilhete é demasiado caro. Três pessoas convidaram-me para ir, e ofereceram-se para pagar, mas sinto que isso é como um contrato para ter sexo.

Pensei no dia em que o Pai me trouxe de barco até aqui, foi a última vez que o vi vivo. Teria aprovado o nadar nua, mas não o comportamento do Sam, muito menos o da Beth. Só me podia culpar a mim própria pela situação.

De repente, senti-me vulnerável, com as minhas roupas demasiado longe da margem. À distância, um grupo de estudantes encaminhava-se na minha direção. E então vi-O, a caminhar sobre a ponte Clare Bridge acima de mim.

Não havia dúvidas de que era o Jar, com o volume da sua grande estrutura em contraluz ao luar. E havia qualquer coisa na sua passada larga: resoluto, ia para algum lado com a sua vida, não estava à tona da água como eu (à espera de um final para o qual não vejo a hora). Pelo menos, estava sozinho, com as mãos profundamente enfiadas nos bolsos do casaco.

Será que devo afundar-me mais na água, indaguei, e esperar que ele não me veja, ou revelar-me e chamá-lo, pedir-lhe que me traga as roupas?

— Olá — disse eu, apercebendo-me pela primeira vez do frio que sentia. Precisava de sair dali.

Durante um momento não reagiu, mas depois parou, como se estivesse a processar a voz, convocando-a de alguma cave profunda do

seu cérebro de escritor.

— Aqui em baixo. A rapariga que não pôde pagar o jantar. — Era um cartão-de-visita miserável, mas não me consegui lembrar de nada melhor para dizer.

O Jar estava agora a espreitar sobre a extremidade do muro, com os braços à volta de uma das grandes bolas de pedra alinhadas de cada lado da ponte.

— Deixa-me adivinhar — disse ele, aparentemente sem se surpreender por me ver a nadar nua no rio à meia-noite. — Método de interpretação? Alguma audição esquisita?

— Mais ou menos. Só que acho que não quero o papel.

— Pareces gelada.

— Podes dar-me as minhas roupas? — O seu comentário tinha-me feito sentir muito mais frio, um frio perigosamente cortante. — Estão ali, no banco.

— Tens sorte de ninguém ter fugido com elas.

Comecei a nadar para a margem, observando enquanto o Jar caminhava através da ponte até ao banco, onde agarrou nas roupas. Chegámos à margem ao mesmo tempo.

— Deixo-as aqui — disse ele, fazendo um esforço consciente para não olhar na minha direção enquanto mas entregava e se virava de costas.

Por um momento, perguntei-me se estaria com demasiado frio para sair da água. Os braços doíam-me e voltei a afundar-me depois da primeira tentativa.

— Estás bem? — perguntou o Jar, virando a cabeça para o lado, como se se estivesse a dirigir a alguém que não conseguia distinguir bem no escuro.

Quis pedir-lhe ajuda, mas teria sido demasiado embaraçoso. Em vez disso, convoquei toda a minha força e saí da água.

— Estou ótima.

Ambos calculámos o tempo de chegada do grupo de estudantes bêbados que se aproximava, caminhando agora na nossa direção no caminho paralelo ao rio. Cavalheirescamente, o Jar tinha-se colocado entre eles e eu. Vesti-me tão rapidamente quanto consegui, não me incomodando com o sutiã e tentando ignorar os assobios.

— Por um triz. Estás bem?

— Gelada, merda.

— Toma — disse, dando-me o seu casaco. — Vá lá — acrescentou quando hesitei.

Embrulhei-me no grande casaco de camurça, apercebendo-me novamente do aroma a sândalo, tal como no restaurante, e caminhámos juntos na direção da King's College, afastando-nos dos estudantes que já tinham perdido o interesse por mim.

Não tínhamos discutido onde íamos. Queria apenas caminhar para me manter quente e ele parecia sentir-se bem com isso. Rapidamente, tínhamos virado para cima pela King's College e entrado na cidade, conversando sobre a sua casa em Galway, o tempo que tinha passado na Trinity College e a mudança para a Grã-Bretanha. Enquanto falávamos, pesei subconscientemente o facto de ter frio contra

a necessidade de tomar uma decisão sobre o que íamos fazer, para onde íamos, para a sua casa, para a minha ou cada um para seu lado, e concluí que ainda não estava preparada para decidir. Contou-me que tinha começado a trabalhar num romance, para além de estar a fazer a Pós-Graduação em Filosofia, e tinha saído para caminhar na tentativa de pensar no final.

— Alguém me disse uma vez que escrever um romance é como contar uma piada — disse ele, enquanto subíamos a Hobson Street.
— Sabes qual é a conclusão, mas há muitas maneiras de lá chegar.

— Mas tu não sabes qual é a conclusão...

— O meu pai adorava a série *The Two Ronnies*^[3] (*Os dois Ronnies*), punha-a sempre a passar no *pub*, quando não estava a ver o *Dave Allen*^[4]. A parte preferida dele era quando aquele tipo pequenino se sentava numa grande cadeira e contava aquelas histórias longas com finais absurdos. A piada em si não era importante, era a forma como a contava. Pensei que o final não ia importar.

— Conseguieste arranjar um final esta noite?

— Ainda é cedo — disse ele. — As minhas duas personagens principais acabaram de se conhecer.

^[3] Série de comédia da BBC dos anos setenta e oitenta. (N.T.)

^[4] Comediante irlandês que protagonizou o programa da BBC *The Dave Allen Show* nos anos setenta e oitenta. (N.T.)

Jar respondeu ao *e-mail* de Amy, dizendo-lhe que queria ir vê-la pessoalmente em vez de falar ao telefone e que estava agora no autocarro Coasthopper de King's Lynn para Cromer. Tinha apanhado um dos primeiros comboios que saíam de King's Cross, usando todo o dinheiro que tinha no fundo de emergência (que guardava num velho bule persa amolgado que tinha no apartamento, outro item que os «assaltantes» tinham deixado intacto).

Sente uma subida da adrenalina quando avista o cais de Cromer. É sempre assim. Há cinco anos, Rosa foi vista nas gravações das câmaras de vigilância da cidade, à uma da manhã, a aproximar-se da estrutura vitoriana, enquanto um mar bravio maltratava os seus pilares de ferro. Um homem que nunca conseguiram localizar telefonou à polícia pouco tempo depois para dizer que acabara de ver uma figura a saltar da ponta do cais. Os serviços de emergência foram chamados e o barco salva-vidas da cidade foi lançado ao mar. Debaixo do cais, circula uma contracorrente terrível e naquela noite a corrente movia-se de este para oeste, o que teria levado qualquer pessoa que estivesse na água para o Mar do Norte às voltas pelo estuário The Wash. As câmaras de vigilância do cais e arredores, algumas das quais se descobriu estarem defeituosas, não tinham qualquer registo de uma pessoa a abandonar a zona.

Desde então, Jar visitara Cromer inúmeras vezes nos anos volvidos, para ver Amy e para ficar ali, de pé, bem alto sobre as águas turbulentas, a tentar imaginar o que poderia ter acontecido: se a mulher que amou, e que pensou que o amava, teria escolhido acabar com a vida ali. O serviço fúnebre foi adiado até depois da investigação do médico legista. Todos esperavam que o seu corpo desse à costa numa das praias da costa norte de Norfolk, mas ela nunca foi encontrada.

Perante a investigação adiada, o bilhete de suicídio dirigido a Amy, em casa de quem ficara na noite em que morreu, a chamada para os serviços de emergência, o relatório da polícia e a avaliação de personalidade do seu reitor universitário, que falou demoradamente no desgosto de Rosa pela morte do pai, foram suficientes para que a declarassem presumivelmente morta. Era fraca consolação que a sua morte tivesse sido registada como acidente em vez de suicídio.

Escrevera ainda uma carta a Jar, que também fez parte da investigação. Era um *e-mail* da sua pasta de rascunhos (o de Amy também fora deixado lá) e não era longo. Sabia as palavras de cor:

Jar, desculpa. Obrigada pela felicidade tardia que trouxeste à minha vida e pelo amor que partilhámos. Espero que encontres a paz que eu não tive neste mundo. Afinal, a perda do Pai mostrou ser mais do que eu consigo aguentar, mas já me sinto mais próxima dele ao saber o que me espera.

Queria apenas não ter de te deixar para trás, bebé, o primeiro e último amor verdadeiro da minha vida.

Jar tinha-se interrogado várias vezes se ela escolhera deliberadamente uma noite tempestuosa para se dirigir ao cais. Nas suas últimas semanas na faculdade, ajudara-a com a redação de um ensaio sobre a falácia patética. A sua mente estava mais perturbada do que ele se apercebera na altura (aceita isso, agora), mas tudo aquilo continua a não fazer sentido.

Depois de sair do autocarro, dirige-se diretamente para o hotel onde combinou encontrar-se com Amy: o Hotel de Paris, um edifício eduardiano parado no tempo, muito popular entre os turistas das excursões. Chega mais cedo do que o combinado, e tinha planeado dar uma volta primeiro até ao cais, mas a escolha do local (porque não encontrarem-se em casa dela?) deixou-o nervoso. Ou talvez o que o perturba seja o facto de estar numa cidade costeira injustamente fora de moda: a quietude das ruas vazias e lojas trancadas, como se estivesse a amanhecer, a sensação de que a festa de ontem à noite seguiu para outras paragens.

Dentro do hotel, que tem vista para o cais, placas de madeira indicam «Toucador das Senhoras» e «Sala de Jogos». Há uma espécie de tribuna de trovadores sobre a receção principal, um tapete com um padrão vertiginoso, candelabros e retratos com pesadas molduras douradas nas paredes. Jar encaminha-se para o bar, em baixo, passando por um cartaz que anuncia as bebidas duplas da casa e o Baccardi com cola e por um armário de vidro que exhibe garrafas de *Prosecco* e *Pinot Grigio*.

Amy também chegou mais cedo e está sentada no canto mais afastado do bar principal deserto a bebericar uma chávena de café. Jar engole em seco, com os ecos ensurdecedores de Rosa ameaçando derrubá-lo ainda antes de ter falado com Amy: as mesmas sobrancelhas altas e cabelo comprido e escuro, um casaco de veludo roxo extemporâneo e botas boémias até ao joelho. Mas não tem nenhuma da vivacidade de Rosa. Em vez disso, paira sobre ela um peso, algo que Jar viu uma vez na sua *mamó*^[5] pouco antes de ela falecer: olhos gastos por anos de dor. Está a ter um dos seus dias maus, pensa ele.

— Estou atrasado? — pergunta, fechando os olhos enquanto lhe beija o rosto.

— Não tenho pressa — diz ela. Jar recorda-se de como o tempo parece abrandar em redor de Amy quando ela está assim. — Café?

Uma entediada empregada de mesa de avental surge por uma porta de vaivém que se fecha atrás dela com um estrondo de desaprovação. Jar estremece, mas Amy parece não ouvir. Ele pede um café duplo, observando a divisão vazia de tetos altos: o verniz escuro do bar, as cornijas ornamentadas, um esboço de um barco salva-vidas. Sente uma súbita angústia provocada pelas saudades de casa, do bar da família em Galway, do pai.

«A paródia acabou», é o que o pai gosta de gritar na hora de fecho, de pé numa cadeira entre o aglomerado de locais e turistas. «Ou, nas palavras imortais de William Shakespeare, nenhum de vocês malditos idiotas tem uma casa para onde ir^[6]?» (O pai consegue praguejar como se não houvesse amanhã.) Por vezes, parece que toda a infância de Jar foi desperdiçada num banco de bar, a mergulhar o dedo no

rasto de cerveja vertida, enquanto ouvia o pai a conversar com os clientes, contando aos turistas americanos acerca das catorze tribos de Galway, tecendo o seu feitiço de bonomia gaélica. Se a mãe não tivesse feito questão de o mandar para a cama todas as noites, teria ficado acordado até de madrugada. «Então, como é que o pequenote vai aprender sobre o mundo?», queixava-se o pai, desgrenhando-lhe o cabelo.

— Estás com bom aspeto — mente Amy. Jar sabe que não está em boa forma. Uma escuridão à volta dos olhos, um excesso por cima do cinto.

— Tu também — mente ele de volta. Hoje ela parece mais velha do que os seus quarenta e poucos anos, com o cabelo mais claramente pintalgado de cinzento. E parece subitamente ansiosa, percorrendo com o olhar a sala vazia. Jar também se vira para trás, à espera de ver alguém, mas estão sozinhos.

— Tiveste sorte em arranjar mesa — diz ele.

Amy faz-lhe a vontade com um meio-sorriso afetado. Está mais maquilhada do que é habitual, mas não consegue esconder a sua própria escuridão sob os olhos. Rosa nunca se maquilhava, diz para si próprio.

— Trouxe-te um presente — continua Jar, retirando um exemplar de *Where Heaven and Mountains Meet: Zanskar and the Himalayas* (*Onde o céu e as montanhas se encontram: Zanskar e os Himalaias*) de um saco de algodão.

Ela pega no livro e folheia-o, parando numa fotografia de um peregrino de pés descalços que caminha precariamente pela margem ge-

lada do Rio Zanskar.

— Não era preciso — diz ela. Outro meio-sorriso, mais sentido desta vez.

— Era um dos preferidos da Rosa — acrescenta.

— Obrigada, Jar — diz ela. — Como vai a escrita?

— A Katy Perry mantém-me ocupado.

Jar soa mais defensivo do que pretendia. Está acostumado a que as pessoas lhe perguntem sobre a sua escrita, mas não ganha nada em explicar que não escreveu uma palavra de ficção desde que Rosa morreu.

— Como é que está o Martin? — pergunta ele. O marido de Amy costumava trabalhar como farmacologista numa empresa de investigação, supervisionava ensaios pré-clínicos para várias farmacêuticas, mas tinha deixado o trabalho há algum tempo.

— Tem trabalhado mais como *freelancer*, continua a candidatar-se a empregos. Pratica mais ciclismo do que nunca. E está determinado a acabar o seu romance. Sabes como é.

Jar faz um gesto afirmativo com a cabeça. Não via Martin há algum tempo, mas não por escolha própria. Tinham criado um laço logo no primeiro encontro, depois de Martin ter anunciado que gostara da coleção de contos de Jar e que ele próprio era um aspirante a escritor. À partida, tratava-se de uma aliança improvável, visto que Jar nada sabia da outra paixão absolutamente absorvente de Martin, o ciclismo, ou da indústria farmacêutica, mas Martin revelou-se um polímato. Fora-lhe oferecida uma vaga para ensinar Inglês em Cambridge, depois

de ter impressionado o painel de entrevistadores com as suas teorias sobre «a medicação da identidade» na Geração Beat, mas acabara por preferir o mundo mais prático da farmacologia e especializara-se, mais tarde, em psicofarmacologia.

Martin também partilha das reservas de Jar sobre a terapia. Amy quer que Jar procure ajuda para as alucinações de luto, pois conhece alguns bons terapeutas, mas ele não está para aí virado.

Jar está prestes a perguntar sobre o emprego de Amy, que voltou a trabalhar dois dias por semana como restauradora de quadros no Museu Fitzwilliam, em Cambridge, quando ela o interrompe.

— Eu sei que estou um bocado paranoica, mas... — Hesita.

— Bem-vinda ao clube.

— Alguém te tem andado a seguir recentemente?

Ele sorri, fixando o olhar no dela. Por vezes pensa que deviam realmente fundar um clube juntos, só os dois, cujo lema seria: «Até os paranoicos têm inimigos».

— Sinto-me observado todos os dias — diz ele. — Por vezes pela Rosa, normalmente por outras pessoas, mais recentemente por um homem sentado na janela de um café Starbucks. E ontem à noite, o meu apartamento foi assaltado.

— Jar, já me devias ter dito isso. Lamento muito.

— Não levaram nada.

Amy olha para ele em busca de uma explicação, mas nenhuma se avizinha. Jar é cauteloso com a revelação da sua mais recente teoria da conspiração, segundo a qual quem quer que o tenha assaltado es-

tava a tentar apurar quanto é que ele tinha descoberto sobre a morte de Rosa. Amy é frágil mesmo nas melhores épocas, e não quer assustá-la.

Observa-a a brincar com o único biscoito embalado que veio com o café. Tem as unhas roídas, maltratadas. Uma vez, quando acompanhara Rosa até Cromer, Amy sentara-se com eles e pintara as unhas de Jar de prateado.

— E tu? — diz Jar, repousando a mão no braço de Amy. Dói-lhe vê-la assim. — Também te tens sentido observada?

— Sempre fomos cuidadosos, quando o Martin ainda trabalhava — diz ela, olhando pela janela, recordando um passado distante. — Mantínhamo-nos alerta, reparávamos nas coisas.

Jar sabia que o trabalho de Martin tinha chamado a atenção de ativistas dos direitos dos animais. A sua carreira no setor farmacêutico era a principal razão pela qual o pai de Rosa se tinha desentendido com ele pouco tempo depois de terem casado e pela qual Rosa também não gostava assim tanto dele. Isso e a velocidade a que Martin medicou Amy para a depressão e a ansiedade.

— A polícia costumava dizer-nos para prestarmos atenção na rua, perto de casa — continua Amy.

— O Martin ainda é um alvo?

— Já passou algum tempo. Mantemo-nos alerta.

— E?

Amy ergue-se um pouco na cadeira, como se se tivesse recordado subitamente do motivo para estar ali, e fala mais animadamente.

— Simplesmente tenho tido a sensação, nos últimos dias, de que a nossa casa está a ser observada, é só isso.

— O que é que o Martin acha?

— Diz que é normal: a paranoia é um efeito secundário comum da abstinência. Estou novamente a tentar reduzir a medicação.

— Isso é bom — diz Jar.

— Tenho andado a consultar um terapeuta. O Martin não está propriamente extasiado com isso, como podes imaginar. Tentei fazê-lo quando ele deixou o trabalho, quando pensei que estávamos novamente a começar a viver, mas depois... — A sua voz vacila. — O desaparecimento da Rosa voltou a deitar-me um pouco abaixo.

— Claro. — Jar faz uma pausa. Por vezes, devido à medicação, Amy fala com ele como se fosse um estranho, esquecendo-se das horas que passaram a falar de Rosa. — Deitou-nos abaixo a todos. Porque é que achas que estão a ser observados?

— Temos muitas câmaras de vigilância e alarmes por toda a casa, mas são mais por minha causa. Sou eu quem se preocupa. O Martin acha que a vida é demasiado curta.

As suas palavras pairam incomodamente no ar. Ambos o sabem.

— Falaste da Rosa no teu *e-mail* — diz Jar, desviando novamente o assunto da conversa.

Amy passa os olhos pela sala e depois vira-se para ele, novamente focada.

— Há dois dias, levei o meu computador portátil a um senhor aqui da cidade que arranja computadores. Ando a tentar ser mais indepen-

dente ultimamente. O portátil tinha morrido e queria ver se conseguia salvar alguma coisa do que lá tinha. Liguei ao Martin quando ele estava a andar de bicicleta para explicar o que ia fazer. Ele é muito exigente no que diz respeito aos nossos computadores e sabia que ia querer saber. Afinal, o disco rígido estava corrompido. O senhor conseguiu recuperar a maioria dos ficheiros, mas havia uma pasta à qual não foi possível aceder.

Amy pega num saco de plástico aos seus pés e passa-lho por debaixo da mesa, com o comportamento furtivo de um traficante de droga.

— É o disco rígido. O que resta dele. O senhor transferiu tudo o que conseguiu para o meu novo computador.

Jar segura o saco nas mãos, resistindo à tentação de espreitar para o interior.

— Fica com ele — diz ela.

— Não percebo.

— O Martin veio direto para casa do passeio de bicicleta quando lhe liguei. Levou o disco para o barracão dele e também não conseguiu abrir a pasta, mas conseguiu decifrar o nome.

— E?

— Chama-se «Diário da Rosa».

Durante um momento, Jar sente como se estivesse a agarrar a mão de Rosa debaixo da mesa em vez de um saco de plástico. Ela está com ele no hotel, a falar sobre Ladakh, sobre o desejo de um dia visitar a região no inverno, caminhar no gélido Zanskar.

— Deve tê-lo gravado no meu computador quando ficou aqui naquela última noite — disse Amy. — Provavelmente não é nada, mas... — A voz apaga-se a meio da frase.

Jar sente pena dela, do mundo distorcido em que habitam, onde não há coincidências, apenas ligações. Ambos conseguem ver como é estranho Rosa gravar o diário no computador deles.

— Pensámos que pudesses conhecer alguém que conseguisse abri-lo — continua, agora com mais confiança. — Talvez um dos teus colegas de trabalho informáticos. Aquele Carl de que estás sempre a falar. Sei que o Martin nem sempre se deu bem com a Rosa... — Força um sorriso. — Mas no dia seguinte, depois de ter dado uma volta de bicicleta particularmente longa (ele diz que faz todas as reflexões quando anda de bicicleta), voltou bastante animado, começou a falar dela de forma afetuosa. Também disse que eras o único que realmente compreendia a Rosa.

Jar desvia o olhar.

— Talvez se tenha sentido culpado. Mais tarde, nessa noite, anunciou que devíamos entregar-te o diário. Era a coisa certa e adequada a fazer, disse ele, visto que vocês tinham uma relação. Pediu-me que to desse. — Faz uma pausa, girando a sua aliança de casamento. — Acho que a Rosa queria que um dia o encontrássemos, Jar. Talvez contenha algumas respostas.

[5] Avó em gaélico. (N.T.)

[6] No original «*haven't any of you feckin' eejits got homes to go to*».
(*N.T.*)

Cambridge, trimestre de verão, 2012 (continuação)

Era tarde quando chegámos à residência do Jar. Tínhamos caminhado pelas ruas de Cambridge durante mais de uma hora, parando na All Saints Passage para comer um *kebab*, que partilhámos e do qual ambos nos arrependemos, e depois, finalmente, ele perguntou o que é que eu queria fazer. Ainda me sentia gelada por dentro, do mergulho no Cam, mas não queria que a nossa noite acabasse. É um bom ouvinte, ou talvez simplesmente não tivesse conseguido dizer uma palavra entre a minha tagarelice. Há qualquer coisa na sua forma de ser que me fez desabafar, dizer-lhe mais do que alguma vez tinha dito a quem quer que fosse desde que cheguei a Cambridge. Quem me dera poder falar-lhe da coisa que paira cada vez mais ameaçadora sobre a minha vida, ensombrando ou iluminando o horizonte, já não tenho a certeza.

— Podes mostrar-me as tuas gravuras? — perguntei, entrelaçando o braço no dele pela primeira vez. Ele olhou para mim e depois sorriu, enquanto um grupo de estudantes bêbados nos empurrava para passar por nós na King's Parade

— Não devia ter sido eu a perguntar isso?

— Está bem, então.

— Queres subir para tomar um... — Outro estudante deu-lhe um encontrão no ombro, sacudindo a sua larga estrutura para o lado, mas ele não reagiu.

— Para tomar um quê? — disse eu, sorrindo abertamente.

— Um café — disse o Jar.

— É melhor um uísque.

As divisões dele eram espaçosas, comparadas com as minhas, bastante mais arrumadas também. Grandes janelas com vista para a King's Parade, um quarto ao lado de uma sala de estar de tamanho razoável; o tipo de alojamento de *Brideshead* que as pessoas talvez imaginem quando pensam em Cambridge. Deambulei pelo espaço, passando a mão pelo sofá de couro cor de vinho gasto e pela poltrona. Tinha até uma lareira. As paredes estavam repletas de livros (Yeats, Synge, Heaney) e o portátil repousava fechado numa secretária a um canto, com um candeeiro desdobrável a pender envergonhadamente sobre ele. Garrafas de uísque irlandês enfileiravam-se sobre o parapeito da janela, com um CD de Villagers encostado a uma delas.

Continuava a não fazer ideia do que a noite nos reservava, mas sentia-me confortável na companhia do Jar, o suficiente para lhe perguntar se podia tirar as minhas roupas encharcadas enquanto secavam.

— Eu preparava-te um banho, mas a banheira fica a uns quantos quilómetros, no final do corredor — disse, enquanto me passava o roupão estampado pendurado atrás da porta. — Não queremos que os vizinhos comentem. Podes trocar de roupa ali — acrescentou, apontando com a cabeça para a casa de banho.

— Aqui está ótimo — disse eu. Estávamos de pé na sala de estar, junto ao sofá. — De qualquer forma, já viste tudo lá em baixo, no Cam.

— Não estava a olhar. Queres um uísque?

— Nem uma espreitadela?

Ficou calado enquanto tirava uma garrafa e um copo do parapeito da janela e servia uma quantidade generosa.

— Toma, isto vai aquecer-te — disse ele, passando-me o copo. — *Redbreast* de doze anos: uísque irlandês de um único alambique. Casco de xerez, barris de *bourbon* usados pela primeira vez. Muita fruta e especiarias com variações de carvalho.

— Como é que posso resistir? — sussurrei. Agora, estávamos de pé, próximos, frente a frente.

— Pelo menos, é o que o meu pai diz. Dá-me uma garrafa destas cada Ano Novo, juntamente com notas de prova detalhadas.

— Onde é que está o teu copo? — perguntei.

— Oh, já bebi a minha dose para a vida toda.

— Isso não é justo.

— Não me posso queixar.

— Para mim, quero dizer.

— Para além disso, escrevo melhor quando estou sóbrio.

— Não sabia que estavas a planear escrever esta noite. — Agora estávamos tão próximos que os nossos rostos estavam quase a tocar-se.

— Parece que a escrita nunca para. Deixa-me ajudar-te — disse ele, desapertando a minha camisa. Os seus dedos grandes (limpos, com as unhas arranjadas) eram firmes, não tremiam. Interroguei-me se se surpreendeu por eu não ter nada vestido por baixo, se já me consideraria uma feminista que se libertou do sutiã.

Dei um trago de uísque, senti-o arder na boca e mantive-o aí. Enquanto me tirava suavemente a camisa, olhando para mim, para os meus lábios, inclinei-me para o beijar, fechando os olhos (pela primeira vez desde que cheguei a Cambridge, com uma verdadeira alegria estudantil delirante) e partilhei o uísque. Ele deixou-o entrar na boca e engoliu.

— Não houve grande resistência — sussurrei.

Puxou-me gentilmente para ele, beijou-me o pescoço e depois novamente a boca. Parámos enquanto lhe tirava o casaco e a camisa. Eu não tinha pressa, saboreava o ritmo comedido que, contudo, acelerou quando voltámos a beijar-nos e senti a sua pele nua contra a minha. Deslizei a mão para dentro das suas calças de ganga, agarrando firmemente enquanto os dedos dele desciam pela parte da frente das minhas cuecas. Encaminhámo-nos para a cama aos tropeções, rindo da nossa dança estranha e crescentemente urgente. Por um momento, deteve-se em cima de mim, e quis contar-lhe tudo, mas sabia que isso seria injusto: o fardo do caminho que escolhi deve repousar apenas e unicamente sobre mim.

Depois disso, bebemos mais uísque na cama, pedi desculpa por tê-lo feito descarrilar. Não me tinha parecido um alcoólico, regenerado ou de qualquer outro tipo. Quis falar mais com ele sobre o seu passa-

do em Dublin, sobre a vida de excessos que não parecia combinar nada com o seu comportamento tranquilo.

— Não é nada complicado — disse, como se estivesse a ler-me os pensamentos. — O meu pai é proprietário de um bar em Galway, logo, bebi a vida toda. Depois fui para a universidade em Dublin, onde bebi mais, normalmente no The Pav, o bar desportivo do *campus*, mas às vezes fora do *campus*, no John Kehoe's, que serve a melhor pinta de *Guinness* em Dublin.

— E agora?

Olhou para o uísque no copo.

— É a primeira gota que bebo desde que cheguei.

Dei-lhe uma cotovelada nas costelas, apontando com a cabeça para a fila de garrafas no parapeito da janela.

— Puramente medicinal. Agora a minha vida é melhor, mais ordenada.

— Até esta noite.

— É diferente. Não estou sozinho.

Pôs um braço à minha volta e ficámos ali deitados num silêncio satisfeito, com a minha perna enlaçada na dele, debaixo dos lençóis, até que ele se virou e fixou os olhos em mim.

— Há qualquer coisa que não me estás a dizer — disse ele, sem qualquer acusação. Consegui sentir o meu estômago a apertar-se.

— Disse-te mais do que disse a qualquer outra pessoa em muito tempo.

— És feliz?

— Esta noite sou. — Mais feliz do que ele algum dia irá saber, mas as suas palavras tinham puxado o tapete mágico de debaixo de nós.

— E normalmente dormes com alguém tão pouco tempo depois de se conhecerem? — perguntou, a sorrir. Não estava a ouvir. O que é que eu tinha feito? — Rosa?

— Nunca — respondi, mas ele sabia que alguma coisa tinha mudado. A intimidade daquela noite tinha-se evaporado.

— Eu também não.

Ficámos deitados em silêncio.

— Posso escrever uma coisa? — disse ele, como se estivesse a pedir para apagar a luz. — Acho sempre que me vou lembrar depois, mas nunca me lembro.

— Que horas são?

— Tarde. Fica aqui esta noite. Por favor.

Observei-o a levantar-se da cama, a vestir o roupão que eu tinha usado antes e a caminhar até à secretária, onde abriu o portátil e começou a escrever imediatamente. Eu não era grande adepta de ser espectadora, mas deitei-me para trás, indagando-me sobre o que estaria a escrever.

— Está quase — disse ele, por cima do ombro.

Talvez esteja a lisonjear-me, mas não consegui evitar pensar que era sobre nós, o *frisson* do nosso primeiro encontro. Os meus olhos começaram a encher-se de lágrimas e pressionei os lábios um contra o outro até doerem. Sabia que não era justo para ele. Tinha prometi-

do não me aproximar de ninguém, muito menos de alguém como o Jar.

Saí da cama e atravessei o quarto, colocando os braços à volta dos seus ombros enquanto beijava o alto da sua cabeça.

— Tenho de ir — consegui dizer, com os olhos a arder das lágrimas.

Jar abandona o hotel dez minutos depois de Amy, que insiste para que saiam separadamente. A sua ansiedade é inquietante ao invés de tranquilizadora, um espelho da sua própria paranoia. Encaminha-se para a praia, dizendo a si próprio que quer encher os pulmões de ar, ouvir *a explosão de murmúrios*. Mas o cais puxa-o de imediato com uma força à qual é incapaz de resistir.

Não devia ter qualquer importância (Rosa não morreu ali, diz a si próprio), mas enquanto passa pelo Teatro Pavilion e se põe de pé na ponta mais afastada, ao lado do posto do barco salva-vidas, os soluços começam a chegar, fazendo os seus joelhos tremerem. Há já algum tempo que não chora e deixa que as lágrimas fluam. Os acontecimentos dos últimos dias conduziram-no a um ponto sem retorno, fizeram-no aceitar o que sempre soubera. Será impossível prosseguir com a sua vida até descobrir o que aconteceu a Rosa.

As mãos apertam as grades enquanto olha para os pilares debaixo de si, onde uma grande quantidade de velhas linhas de pesca cortadas sopra ao vento como teias de aranha. É uma grande queda até à água, pelo menos doze metros. Jar tenta não pensar em quanto tempo levaria um corpo a embater na superfície. Ao seu lado há uma boia salva-vidas e uma placa que diz «Proibido Mergulhar»; mais à frente, um telefone de emergência. Terá Rosa ponderado usá-lo?

Olha para o mar, onde as formas distantes das turbinas eólicas interrompem o horizonte, depois vira-se e caminha na direção de um grupo de pescadores locais e alguns turistas que se juntaram em redor. Alguns estão a apanhar caranguejos, usando baldes transparentes e um isco cor de laranja-claro; outros giram canas de pesca. Um homem está a fazer uma pausa junto a um banco que mais parece uma paragem de autocarro. Tem uma cavala sem cabeça e uma pequena faca de cabo negro aos pés e um copo de *Guinness* semivazio na mão. Ao lado, há um iPad, sem dúvida para registar qualquer captura, e uma garrafa vazia de *Lucozade*.

Jar ouve um telefone a tocar e, passado um momento, apercebe-se de que é o seu.

— Jar, é a Amy. Onde é que estás?

— No cais — diz, protegendo o telefone do vento.

— Afasta-te daí, afasta-te de Cromer.

Jar olha em redor, olhando de relance para o grupo de pescadores encapuçados. Um deles capta a sua atenção.

— Está tudo bem? — pergunta, com o estômago a apertar-se.

— A polícia está aqui.

— Onde? — Jar percorre a costa com o olhar, em busca de luzes azuis a piscar. — O que é que se passa?

— Levaram o meu computador. E perguntaram pelo disco rígido antigo. Estão à procura do diário da Rosa, Jar. Sei que estão.

— Disseste-lhes alguma coisa? — A sua mente corre aceleradamente: cálculos, consequências.

— O Martin acha que o senhor do computador deve tê-los alertado.

— Sobre a Rosa? Porquê?

— Talvez tenha pensado que o diário pudesse ser uma prova, não sei. Ele perguntou pela Rosa, sabia da morte dela. — A chamada cai antes de ele poder responder. Jar sente-se subitamente muito exposto no cais. «Estão à procura do diário da Rosa, Jar. Sei que estão.» Eles (as pessoas que lhe assaltaram o apartamento, o homem no café à frente do trabalho) não querem que saiba o que aconteceu a Rosa naquela noite, não querem que leia a versão dela dos acontecimentos. Tê-lo-ão seguido desde Londres no comboio? Terão vigiado o seu encontro com Amy no hotel? Decide descer para o outro lado do cais, para longe dos pescadores, com os pensamentos agitados como o mar debaixo dele.

— Jar! Onde é que vais?

Jar detém-se e vira-se. Uma mulher, uns dez metros atrás dele, próxima do local onde tinha estado de pé, subiu para as grades inferiores, com o rosto obscurecido e braços bem levantados sobre a cabeça.

— Não adoras quando o vento chicoteia assim as ondas para cima? — grita ela.

— Rosa — diz Jar, caminhando na sua direção. — Desce daí por favor?

— Faz-me lembrar a Cornualha, quando o mar rebenta por cima da parede do porto.

— Agora estás a assustar-me — diz Jar, começando a correr enquanto Rosa sobe outro nível das grades, inclinando-se na direção do mar para se equilibrar.

— Não vou cantar a canção, se é isso que te preocupa. — Rosa vira-se para ele a sorrir, agora com os braços esticados para ambos os lados, como se estivesse prestes a cantar. — Estou a brincar. — Jar agarra-a à volta da cintura e segura-a ali, encostando a cabeça nas costas dela. Então, ela vira-se para o encarar, desce suavemente das grades e abraça-o, enterrando o rosto no pescoço dele.

— Você está bem? — diz uma voz. Jar vira-se para um homem de pé ao seu lado, o pescador que tinha captado a sua atenção.

— Ótimo — diz Jar. — Estou ótimo. — Jar solta as grades. Não há mais ninguém ali.

Na estação dos correios, a caminho da paragem de autocarro, Jar compra um envelope acolchoado e telefona a Carl, segurando o telefone debaixo do queixo enquanto agarra numa caneta.

— É o Jar. Preciso da tua morada de casa.

O disco rígido mal cabe, com os cantos a forçarem o envelope, mas vai ter de servir.

— Está tudo bem? O teu *e-mail* para o grupo dizia que tinhas ido às urgências por teres magoado a língua com uma mola da roupa.

— Estou ótimo — diz Jar, com esperança de que a sua última desculpa tenha espalhado um pouco de felicidade pelo escritório. — Só preciso da morada. Gibson Street, não é?

— Número nove — diz Carl, dando-lhe também um código postal de Greenwich — Vais-me mandar flores? Bem-haja.

Cambridge, trimestre de primavera, 2012

Aqui, mesmo quando pensas que conheces alguém, apercebes-te de que não conheces. Pensei que a Phoebe e eu éramos amigas, a primeira amizade verdadeira que fiz na faculdade, mas as coisas mudaram entre nós no Formal Hall[7] desta noite, de uma forma que eu não esperava.

A Phoebe e eu demo-nos bem desde que nos conhecemos na Semana do Caloiro: ela partilha os meus receios sobre a malta do clube da bebida, sobre os rapazes das brincadeirinhas e sobre os seus rituais de iniciação. Gosta de uma bebida ou duas, mas sem necessidade de aderir a um clube de jantares estudantil do século dezoito, e não a incomoda o seu peso ou o cabelo descuidado, que é rapado atrás, mas com um amontoado de silvas em cima, apanhado por uma fita clara.

Também se interessa por política estudantil radical, o que penso que vai ser bom para mim, e alega que os serviços secretos já têm um processo sobre as suas atividades antissistema. («É uma medalha de honra», disse ela, quando lhe perguntei se estava preocupada. «E pelo menos ficas a saber por que motivo acabei no fundo do Cam».)

Também é uma das pessoas mais gentis que conheço, uma boa ouvinte (comigo é preciso sê-lo). Uma noite, quando me estava a sentir particularmente em baixo por causa do Pai, bateu-me à porta, a perguntar se tinha um carregador para lhe emprestar e obviamente viu que eu tinha estado a chorar. Deu-me um abraço e depois foi preparar-me um saco de água quente (é o que a mãe dela faz, sempre que está chateada).

Acabámos por conversar toda a noite sobre o Pai, a morte, sobre como queremos que o mundo mostre algum respeito e pare de girar, pelo menos durante alguns minutos, quando alguém morre, mas a vida continua. Conte-ihe que ligaram lá para casa da parte de um fornecedor de banda-larga na noite em que o Pai morreu. «O Sr. Sandhoe está?», perguntou a voz. Não era culpa do vendedor. Toda a gente tem de ganhar a vida. Quis berrar e gritar, dizer-lhe que o Pai tinha acabado de morrer, mas em vez disso pousei o telefone sem dizer uma palavra e soluzei.

«Foi muito nobre da tua parte», disse a Phoebe já ao romper da aurora. «Eu ter-lhe-ia dito para ir para o diabo e desaparecer». Estava em cima da minha secretária, a abraçar os joelhos e a beber *Drambuie* de uma garrafa em miniatura que tinha encontrado (foi o desespero).

De qualquer forma, esta noite, durante o jantar do Formal Hall, dei por mim à frente do Nick, um rapaz do segundo ano que se tinha sentado ali com o único propósito de me engatar. Era suposto ter ido jantar com outras pessoas, mas elas não apareceram e ele viu-me sozinha.

A reputação do Nick de levar caloiras para a cama é bem conhecida (o número preferido dele envolve pedir às raparigas que tomem banho com ele, desvalorizando a questão, como se estivesse a sugerir um inocente jogo de *Scrabble*). Estava determinada a não mostrar qualquer interesse, mas depois ele começou a dar-me a volta. Talvez fosse o cenário. O jantar formal é uma experiência estranha, medieval, mas penso que era o tipo de experiência que o Pai tinha em mente quando me incentivou a experimentar tudo. Não há iluminação elétrica, só umas velas colocadas em candelabros de prata (nas mesas, não a pairar, ao estilo *Harry Potter*) e temos de usar os nossos trajes académicos. Empregados de mesa com luvas brancas aparecem das sombras com comida; pedimos vinho que nos é trazido das adegas e os pratos têm o brasão da faculdade gravado. Quanto à oração de graças, pode demorar um bom minuto, recitada por um dos membros do conselho universitário, em latim, claro.

Portanto, ali estava eu, a dar por mim (contrariando o bom senso) cada vez mais encantada por este rapaz, a ouvi-lo a fazer-se de entendido em Ladakh e no seu panteão de deuses pré-budistas, embora nunca tivesse estado lá na vida. Parecia conhecer também Neemu, a aldeia onde o Pai e eu nos tínhamos acostumado à altitude depois de termos voado para Leh de Deli. E falou com confiança do Vale de Nubra, do conflito de Kargil de 1999 e de como gostaria de visitar uma aldeia fronteiriça minúscula sobre a qual lera chamada Turtuk: precisamente a mesma aldeia minúscula que o Pai e eu tínhamos visitado em tempos.

— Dizem que os alperces de Turtuk são os mais doces.

Só consegui assentir com a cabeça. Patético, no mínimo. Apercebo-me agora de que simplesmente tinha visto a minha página de Facebook e lido sobre aquilo na Wikipédia. Mas estava fascinada, e por esse motivo não vi a Phoebe aproximar-se da nossa mesa.

Consegui sentir que ela ficou momentaneamente confusa, enquanto o Nick arranjava espaço para ela se sentar ao lado dele. Ainda na semana passada, eu desdenhava da alegada ambição do Nick de comer todas as caloiras de St. Matthew's. Mas então, aconteceu uma coisa. Enquanto ela se sentava, eles beijaram-se nos lábios.

Virei-me e olhei para a Phoebe, que estava a sorrir para mim. As suas bochechas roliças estavam coradas como maçãs maduras e o hálito dela tresandava a álcool. Olhei para ela à procura de uma explicação, mas nenhuma parecia avizinhar-se. O vinho ruborizava-lhe as pálpebras e ela parecia mais vulnerável do que triunfante.

— Na semana passada — disse ela. — Começámos a andar na semana passada.

— Isso é ótimo — disse eu, passando um guardanapo pelos lábios. Seria difícil imaginar um casal mais improvável, mas talvez algo me esteja a escapar no Nick. Na Semana do Caloiro, aparentemente, persuadiu a Genevieve, uma estudante de Clássicas do primeiro ano, a deitar-se nua com ele no chão da residência dele, rodeada por mais de cem velas. Não fizeram sexo: ele simplesmente apreciou a cena.

E agora, esta noite, tenho a cabeça cheia de pensamentos mesquinhos, irracionais. Porque é que a Phoebe não me contou que estavam juntos? Devia estar contente por eles. O Nick não faz o meu género; eu só estava a fazer conversa educada no Formal Hall. Mas sei

que, pelo menos durante uns minutos, enquanto nos sentámos juntos à luz das velas a conversar sobre a Índia, me esqueci de que o Pai tinha morrido.

[7] Jantar formal que se realiza em algumas das universidades mais antigas do Reino Unido. (*N.T.*)

— Conheci-a ontem à noite — diz Carl, mostrando um cartão-de-visita. — Aquela terapeuta especializada no luto de que te estava a falar.

— A que põe *jungle* a tocar na sala de espera? — diz Jar, pegando no cartão. Lê o nome: «Kirsten Thomas». Estão sentados debaixo do Westway, a observar um grupo de crianças a ter uma aula de *skate*. Para lá da cerca de arame, no lado mais afastado do parque para *skates*, os comboios de Hammersmith e City estão prestes a entrar em Paddington, recebidos por paredes cobertas de grafítis.

— A Kirsten é uma mulher mais velha e acontece que é muito atraente — continua Carl.

— Não é propriamente isso que é importante na terapia — diz Jar.

— Torna mais interessante o momento em que ela te pede para te deitares no divã.

— Isso era Freud.

— Ele não teria dito que não.

— A quê?

— A engraçar com a terapeuta. «Posso chamar-te mãe?»

Jar sabe que se devia rir com o amigo, particularmente quando ele está a fazer tudo o que é possível para o ajudar, mas não tem vanta-

de.

— De qualquer forma, esta Kirsten — continua Carl saboreando o seu nome — especializou-se na dor. Alucinações de luto. E é americana. Já tinha dito? Uma americana que é uma brasa, como uma *pizza* acabada de sair do forno. Tens fome?

Jar dá um trago no seu café com leite. Carl tem sempre fome.

— E, para que conste, ela não descartou a minha teoria sobre encontros amorosos em funerais. Disse que era de mau gosto, desrespeitadora e incorreta, mas a ciência subjacente é válida.

Jar espera que Carl encontre o amor um dia, para bem das enlutadas de todo o mundo.

Estão sentados há trinta minutos, tentando abrigar-se do vento gélido que entra furtivamente pelo parque para *skates*, como um carteirista. Carl prometeu que a espera valeria a pena.

Jar voltou de Cromer na quinta-feira, satisfeito por ninguém o ter seguido no autocarro para King's Lynn, ou no comboio de volta para Londres. Não foi trabalhar na sexta-feira, preferindo manter-se discreta e serenamente no seu apartamento. Agora é sábado de manhã e é a primeira vez que sai de casa.

Apesar das suas formidáveis habilidades informáticas, Carl não foi capaz abrir o diário de Rosa, mas está intrigado com o desafio e conhece um homem que o consegue fazer. E é esse o motivo pelo qual estão incongruentemente à espera com todos os pais da zona ocidental de Londres, tentando não parecer um par de pedófilos.

Anton, com o gorro de rastafári a erguer-se saliente atrás de si, levanta uma mão, cinco dedos esticados, enquanto passa no *skate*, com um par de auscultadores volumosos empoleirados na cabeça. Jar olha de relance para o relógio. Atrás de Anton, um grupo de crianças pequenas (não podem ter mais de seis anos, pensa Jar) segue-o como uma fila de patinhos, empurrando-se sobre *skates* minúsculos, com os capacetes demasiado grandes a baloiçar.

Os pais estão sentados nas bancadas com Jar e Carl: banqueiros de Notting Hill, deduz Jar, que usam bonés de beisebol ao contrário e casacos de fim de semana acolchoados nos cotovelos e nos ombros. Algumas das mães estão sentadas nos seus jipes, estacionados em cima do passeio no exterior, preferindo experienciar o lado mais realista do bairro a partir do conforto dos carros.

Quase no fim da aula, uma criança mais velha escorrega do *skate*, que dispara em direção às bancadas, vindo repousar aos pés de Carl. Carl dobra-se para o apanhar, mas parece pensar duas vezes sobre devolver o *skate*. Olhando para cima, vê o rapaz, incólume, a levantar-se do chão e caminhar na sua direção.

— Posso? — pergunta Carl ao rapaz.

O rapaz faz um sorriso amarelo, mas não protesta.

— Achas que isso é boa ideia? — questiona Jar.

— Costumava mandar *pop shove-it* com os melhores — diz Carl, subindo para o *skate* e empurrando-o para a frente com surpreendente suavidade.

— Há dez anos, quando tinhas *quinze* — grita Jar atrás dele. Mas é demasiado tarde. Radiante de confiança, Carl tenta girar o *skate* no ar

e cai pesadamente. O rapaz que lhe emprestou o *skate* aproxima-se para o ajudar.

— Estou bem — diz Carl. — Orgulho ferido, mais nada.

Cinco minutos depois, estão de pé num contentor de 12 metros enferrujado, nas traseiras do parque, onde se fazem as reparações. Terminada a aula, Anton vai à frente a indicar o caminho, passando por uma mesa de trabalho coberta de tábuas, eixos e rodas, até chegar a uma secretária na extremidade, onde há uma fila de três computadores, ferramentas por todo o lado e o disco rígido que Amy deu a Jar.

Anton senta-se no banco, movendo energicamente uma perna enquanto rodopia para trás e para a frente entre os ecrãs como um inquieto passador da City.

— O ficheiro não tá corrompido — diz com um forte sotaque jamaicano. Jar demora um momento a perceber. — Tá encriptado.

— O que é que queres dizer com isso? — diz Jar, olhando de relance para Carl, que parece menos surpreendido. — Quer dizer, eu sei o que significa encriptação, mas...

— Alguém o fez parecer um ficheiro corrompido — diz Carl.

Nos cinco minutos seguintes, Carl faz de tradutor, não da gíria rasta-fári de Anton, mas do jargão técnico. Por qualquer razão que Rosa conheceria, cada uma das entradas do diário foi encriptada separadamente. Após ter trabalhado toda a noite, Anton conseguiu extrair um par delas, sem qualquer ordem particular.

— Não vai ser barato — segreda Carl. Anton tem os auscultadores novamente postos, música a tocar, a cabeça a balouçar. (Os auscultadores

dores de Carl estão pendurados à volta do pescoço.)

Jar deteta uma certa excitação na voz do amigo. Anton entrega-lhe uma *pen* com as duas entradas do diário. Então, escreve uma direção do Hotmail e uma palavra-passe num pedaço de papel. Depois de Anton extrair cada uma das entradas do diário, explica, irá colocá-las na pasta dos rascunhos da conta do Hotmail, onde Jar pode aceder a elas. Desta forma, as entradas do diário nunca serão transmitidas pela Internet.

Jar interroga-se se estará a ser ridicularizado (Carl diz que o sistema da pasta de rascunhos é utilizado regularmente por células terroristas que procuram evitar a deteção dos serviços secretos), mas ambos os homens parecem estar a levá-lo a sério.

Depois de acordarem um pagamento (Carl adiantou o dinheiro), deixam o parque para *skates* e descem novamente na direção de Ladbroke Grove, parando para ver alguns vinhos numa banca, no local onde a Westway passa sobre Portobello Road.

— Pensei que ia ser mais — diz Jar.

— Ele gosta do desafio. Não é todos os dias que uma pessoa se depara com encriptação como aquela. A não ser que trabalhe para o GCHQ[8]. Eles tentaram recrutá-lo uma vez, sabias?

— A quem? Ao Anton?

— Ele recusou. Não queria delatar pessoas. — Jar não quer parecer ingrato, mas a *pen* estava a queimar-lhe o bolso. Cada vez que a circunda com os dedos, está a tocar na mão de Rosa, tal como quando estava em Cromer e Amy lhe passou o disco rígido por debaixo da mesa.

— Eu devia fazer qualquer coisa — diz ele, tão despreocupadamente quanto consegue. — Consigo arranjar-te o dinheiro na próxima semana. No dia em que receber o salário.

Carl continua a percorrer velhos discos de *jungle* com os dedos: DJ Dextrous, Remarc, Ragga Twins.

— Tenho de te perguntar, Jar. A Rosa interessava-se por algoritmos geradores de chaves na universidade?

— Que eu saiba, não. — É uma questão que também perturba Jar. Como é que Rosa sabia como encriptar ficheiros? Não se lembra de ela alguma vez ter mostrado o mínimo interesse por computadores.

— E porquê guardar o diário no computador de outra pessoa?

— Não tinha intenção de que o encontrassem. Não imediatamente.

— Ou de que o lessem. Eu sei que é a Rosa e que vocês os dois tinham uma relação e tudo isso mas, mesmo assim, é bisbilhotar no diário de outra pessoa, não é?

— Não penses que não fiz a mesma pergunta a mim próprio.

— Hei, Rebel MC — diz Carl, erguendo um velho álbum. — Ras Tafari. — Jar sorri para ele e vira-se para o outro lado. Noutra vida, Carl regressará como rastafariano, sem dúvida. Carl volta a colocar o disco no sítio e debruça-se contra a banca.

— Isto vai fazer com que muitas coisas venham à tona — diz ele. — Ler o diário.

— Talvez tenha uma explicação.

— É isso que esperas encontrar?

— Um porquê seria bom, se não um como.

— Liga à Kirsten. Por favor.

Jar não consegue dizer que sim, mas, enquanto se afasta, olha para Carl sugerindo que talvez o faça.

Ao virar para Ladbroke Grove, o telefone toca. É Amy. Jar tentou ligar-lhe várias vezes desde que se encontraram em Cromer, mas ela tem tido o telefone desligado. Por um momento, pensa que a chamada caiu, mas então ela fala.

— Estão a tentar incriminá-lo, Jar. Ele não é assim.

— Assim como? Mal te consigo ouvir.

Jar para do lado oposto à estação de metro, olhando de relance para cima e para baixo da Ladbroke Grove enquanto verifica a rede do telefone. Amy soa como se estivesse bêbada.

— É por causa do disco rígido antigo? — pergunta ele.

Ao longo dos minutos seguintes, Jar consegue perceber o que aconteceu. Martin foi preso por suspeitas de possuir imagens indecentes. É uma alegação ridícula, diz Amy, uma cilada, mas é o suficiente para ela voltar a tomar comprimidos. Há também uma complicação adicional.

— O Martin não lhes falou do disco rígido antigo — diz ela.

— Onde é que a polícia pensa que está?

— No lixo.

Isso é bom, pensa Jar. Muito bom.

— E onde é que o Martin está agora?

— Em Norwich. Ainda estão a interrogá-lo. O que é que achas que devemos fazer, Jar? Isto não tem nada a ver com umas fotografias. Eles andam atrás do diário e acham que ele o está a esconder. Vai ter de lhes dizer, mais cedo ou mais tarde, e explicar que te demos o disco rígido.

— Preciso de mais tempo, Amy. Mais uns dias.

— ConseguiSTE abrir o diário?

— Uma parte. Demora algum tempo aceder aos ficheiros. Eles não podem acusar o Martin se ele não fez nada de mal.

Há um silêncio antes de Amy falar, com o «se» de Jar a retumbar.

— Eu ligo-te — diz ela.

Enquanto se dirige para a plataforma do metro, na mente de Jar surge o pensamento de que Martin talvez tenha simplesmente imagens indecentes no computador. Uma pessoa sem filhos, aquelas duas cadelas de busca e salvamento esquisitas que costumava ter («*beagles* fumadoras», costumava chamar-lhes Rosa). Mas não é credível. Martin não é assim. O foco das autoridades é Rosa, não o tio; e também os esforços de Jar para provar que está viva. E estão a observá-lo agora, desesperados por pôr as mãos no diário, cientes de que há algo que Rosa tem estado à espera para lhe dizer.

[8] Government Communications Headquarters, Serviço de Informações britânico. (N.T.)

Cambridge, trimestre de primavera, 2012

Não vim para Cambridge estudar jogos de bebida. E o rãguebi não me interessa minimamente (embora o Pai adorasse). Então, porque é que terei passado a última noite com um grupo de jogadores universitários e *groupies* da escola pública cuja ideia de uma boa saída à noite é ficarem totalmente bêbados no The Pickerel e depois incendiarem os pelos púbicos com *Sambuca*?

Não quero chatear ninguém, é esse o meu problema. E quando toda a gente no meu bloco se está a preparar para sair à noite, parece indelicado dizer que não, ser a desmancha-prazeres, dizer que tenho trabalho para fazer. Ninguém gosta de ser deixado sozinho, não no primeiro ano. E pensei que seria bom para mim. Sair do quarto. Tenho passado demasiado tempo aqui, ultimamente, de luzes apagadas, cortinas fechadas, a escrever este diário, na esperança de que pudesse ajudar a levantar a escuridão que rodeia a minha vida de forma cada vez mais apertada.

Pelo menos, consegui vir-me embora cedo ontem à noite. Esguei-rei-me quando toda a gente estava a usar os copos de cerveja como binóculos e serpentei pela King's Parade, tentando imaginar como a

Mãe e o Pai se tinham conhecido aqui. Quem me dera ter perguntado ao Pai mais coisas sobre o tempo deles de estudantes.

Naquele dia, quando me levou a passear de barco, fomos também tomar chá ao Kettle Pot, do lado oposto à King's. Pôs-me o braço em redor dos ombros enquanto me conduzia até uma mesa na grande janela panorâmica virada para a famosa capela. Insistiu muito para que nos sentássemos ali, disse que foi onde saiu com a Mãe pela primeira vez.

— O teu reitor é um bom homem — disse ele, besuntando demasiada compota sobre o seu bolinho quente e amanteigado.

— Conhece-lo? — Dr. Lance: com barba, sério, uma autoridade mundial em Goethe.

— Estudámos juntos — disse o Pai. — Quando toda a gente se foi embora, ele ficou, abraçou a vida académica.

— Gostei dele na entrevista.

Na verdade, não me causou grande impressão e tinha dificuldade em lembrar-me da cara dele. Esperava que fizesse algo estranho quando me entrevistou (incendiar o jornal que estava a ler, dar um salto mortal pela janela a meio da conversa), mas foi uma interação muito simples, bastante diferente do mito da entrevista de Oxbridge[9].

— Algumas das melhores pessoas no Ministério dos Negócios Estrangeiros foram recrutadas por recomendação dele.

— Vou ter isso em conta quando precisar de um emprego.

— Pedi-lhe para ir vendo como estás.

— Pai — suspirei, mas ele tinha razão. Tinham-me expulsado de alguns lugares anteriormente, incluindo da minha última escola, mas foi depois dos exames e o sítio era uma espelunca.

— De uma forma positiva. A maioria dos estudantes só consegue ver o reitor quando fez qualquer coisa errada. Ele vai estar atento a ti. Vai estar disponível se alguma vez precisares de ajuda.

— Posso fazer-te uma pergunta, sobre nós? — disse eu, enfartada depois do nosso festim de bolinhos.

— Claro que sim.

Fiz uma pausa, sentindo-me culpada por tocar no assunto da morte da Mãe. Ela acabou com a própria vida um ano depois de eu ter nascido. O médico de família disse que não era culpa de ninguém (psicose pós-parto), mas o Pai nunca se perdoou.

— Se a mãe não tivesse morrido, terias tido mais sucesso na carreira?

Ele riu-se, a cabeça reclinada para trás como na fotografia que tenho do casamento, quando o padrinho estava a fazer um discurso. O riso era quase contagioso, espontâneo.

— Sabes alguma coisa que eu não sei?

— O que quero dizer é que muitas pessoas na tua situação teriam arranjado mais ajuda.

— A tua mãe e eu jurámos ser nós próprios a educar-te. Se me estás a perguntar se o meu trabalho poderia ter seguido um rumo diferente... — Fez uma pausa. — Não consigo responder a isso.

— Bom, desculpa se impedi que progredisses.

— Não sejas ridícula. Só se pode jogar com as cartas que se tem. Se a Mãe não tivesse morrido, talvez tivéssemos tido mais filhos, menos dinheiro. Quem sabe? Podia até ter aceitado um emprego completamente diferente, fora do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

— Deve ter sido muito duro. Nos primeiros meses.

— Esta é uma conversa muito alegre.

— Preciso de saber.

— Claro. Novo capítulo, já não és a minha pequena...

Interrompi-o com uma cara de desaprovação do estilo «não te atrevas». Outra pausa. Sempre estivemos à vontade na companhia um do outro, não havia necessidade de falar se não quiséssemos.

— Alguma vez pensaste em acabar com tudo também? — disse eu finalmente.

Olhou para mim antes de responder, com o rosto subitamente sério. Nunca lhe tinha perguntado isso antes e não sei porque decidi perguntar-lho então. Era uma pergunta cruel, egoísta. Eu sabia que ele tinha sofrido ao longo dos anos, que tinha tido dias em que vinha para casa e não dizia uma palavra, que tinha ficado acordado até tarde no escritório, que se tinha levantado com os olhos vermelhos na manhã seguinte, com uma garrafa de uísque vazia no caixote da reciclagem.

— Às vezes parecia o mais fácil de fazer. Mas ela teria ficado furiosa! — Riu-se novamente, de forma menos efusiva desta vez. — E eu não conseguia suportar a ideia de tu nos perderes aos dois.

Pousei a minha mão na dele. Tinha os olhos lacrimejantes.

— Obrigada.

— A única coisa que peço em troca é que cuides de mim quando for velho e baboso.

O Dr. Lance quer ver-me amanhã. Encontrámo-nos umas quantas vezes durante o trimestre (claramente, sente-se ainda mais responsável por mim desde que o Pai morreu), mas desta vez pressinto que vai ser diferente. Escreveu-me um bilhete muito querido, disse que lhe chamaram a atenção para o facto de eu não estar feliz (sublinhado). É o eufemismo do ano.

Tenho pensado muito nas palavras do Pai nos últimos dias, no que o impediu de seguir a Mãe e acabar com a própria vida. «Às vezes parecia o mais fácil de fazer». Será que o Pai ficaria «furioso» comigo? E será que alguma vez teria ficado furioso com a Mãe? Não sabia que era possível estar tão em baixo, sentir tanto a falta de alguém, que a vida parecesse tanto uma desilusão. Talvez seja porque tenho consciência do quanto me devia estar a divertir aqui.

A nova terapeuta da faculdade também vai lá estar amanhã, juntamente com o Dr. Lance. Nem sequer sabia que tínhamos uma terapeuta até que ouvi que todos os rapazes estavam a fingir tendências suicidas simplesmente para poderem passar tempo com ela. É impressionante, aparentemente. Uma brasa, como diria o Pai.

[9] Termo usado para referir as Universidades de Oxford e Cambridge juntas. (N.T.)

Jar sempre questionou o gosto de Carl para as mulheres, mas tinha razão relativamente a Kirsten Thomas. É segunda-feira de manhã e está sentado numa divisão de tetos altos numa moradia georgiana na Harley Street, permitindo que os seus olhos se demorem nos dela durante mais tempo do que devia enquanto ela enumera as suas condições.

— A minha primeira sessão nunca tem hora de fim definida — diz ela descontraidamente. Nova Inglaterra, adivinha Jar. Talvez Boston. — Mas, no seu caso, gostaria de lhe fazer uma proposta.

Eu também, pensa ele, devolvendo-lhe o sorriso, depois recrimina-se: meu Deus, estás a portar-te como o Carl. Olha à volta, interrogando-se se todos os consultórios da Harley Street serão como este. Ela está sentada num dos lados de uma secretária de carvalho, ele está empoleirado numa cadeira no meio da divisão clara e arejada. Um lustre pende do teto alto, o chão é de tábuas de pinho recuperadas.

Não há divã (faz uma nota mental para dizer a Carl), mas há um sofá e uma poltrona por baixo da janela alta. Uma persiana veneziana de madeira escuda-os da vida de Londres no exterior. No canto, há um lavatório e vê uma caixa de lenços no chão, junto da poltrona. Pensa em todas as pessoas que se devem ter sentado nesta divisão,

desembrulhando os seus problemas durante uma hora para depois os guardarem novamente e voltarem a sair para a rua.

— Estou a escrever um artigo com o qual espero que me possa ajudar. Chama-se «Luto entre os imaginativos: reações de dor, alucinações de luto e qualidade de vida».

— É um título apelativo.

— Já escrevi sobre esta patologia anteriormente, mas agora estou mais interessada em estudar como afeta os artistas. Os romancistas.

— Acha que imaginamos estas coisas? Que inventamos tudo? — Jar não pretende parecer agressivo, mas ressentir-se com a sugestão de criatividade.

— Não, de todo. Precisamente o contrário, na verdade. Talvez a patologia se manifeste melhor no artístico.

— Então o que está a propor?

— Seis sessões grátis de uma hora, a começar amanhã. Antes de ver o meu primeiro paciente. É uma pessoa matutina?

Jar não responde. Em vez disso, olha novamente para o seu cabelo louro aparado e para os olhos azuis, tentando adivinhar-lhe a idade: quarentas? O seu rosto, mais do que invulgar, é atraente como o de uma modelo de revista: maçãs do rosto altas e definidas, boca larga, nariz arrebitado. Não há nada de misterioso ou exótico nela, mas, pelo lado positivo, não está interessada em enfatizar os seus inquestionáveis trunfos. A maquilhagem é leve (talvez um brilho transparente nos lábios carnudos) e as roupas são tudo menos reveladoras: blusa

creme abotoada até cima, por baixo de um casaco castanho, saia pelo joelho. Sem saltos altos.

— Não tenho a certeza do motivo pelo qual estou aqui, para ser sincero — começa Jar.

— Tudo bem.

— O meu amigo...

— O Carl, ele disse-lhe para cá vir. Fico contente. Ele disse que o faria.

— Estava à espera de ouvir música — diz Jar, apontando com a cabeça na direção da porta. — *Therapy*, dos All Time Low, esse tipo de coisas.

— Humor britânico, hã? — diz ela, conseguindo sorrir.

— Irlandês, na verdade. Temos tendência para encontrar comédia na maioria das coisas, até mesmo na morte.

A referência à morte imobiliza a conversa como azeite e água, que é a intenção de Jar. Olha na direção da janela, é uma deixa para prosseguirem, para chegarem à parte essencial do encontro. É então que se apercebe de uma peculiaridade na respiração dela: uma repentina inspiração ocasional, como se estivesse assustada com alguma coisa.

— Se estiver de acordo com a minha proposta — diz ela —, gostava simplesmente que aparecesse aqui e falasse.

— De onde eu venho, falar é um modo de vida.

O que é que ele está a dizer? A enfatizar as raízes irlandesas para impressionar a americana loura?

— Suponho que de Dublin? — diz ela.

— Galway City. — Sabe que devia parar por ali, mas não consegue evitar prosseguir. — O «coração cultural» da Irlanda — acrescenta. — Terra natal do falecido e grande Peter O'Toole.

Ela retribui o olhar de Jar, depois desvia o próprio olhar e inspira novamente mesmo antes de falar, fazendo novamente aquele som curioso.

— Sou psicanalista de formação, Jar. Confio num método chamado associação livre, desenvolvido por Sigmund Freud. Diga o primeiro que lhe vier à cabeça e eu procuro fatores inconscientes que possam explicar o seu comportamento.

Afinal Carl não estava assim tão errado, pensa ele.

— Preciso que me diga tudo sobre o seu luto e os avistamentos subsequentes — continua ela. — Isso vai ajudar-me e estou confiante de que o vai ajudar a si.

— Quanto é que o Carl lhe explicou?

— Podemos assumir que nada?

— Se for mais fácil. Mas suponho que ele disse que a minha namorada, Rosa Sandhoe, morreu há cinco anos, que tivemos uma relação breve na universidade e que bebi para esquecer, numa tentativa insensata de superar a perda. A verdade é menos simples. Nos poucos meses em que estivemos juntos, amámo-nos com uma paixão, com uma intensidade, que eu nunca experienciei, antes ou depois. Agora, bebo ligeiramente menos, mas ainda sinto a falta dela todos os dias. Mais do que isso, acho que ela está viva. A Rosa era uma pessoa fe-

liz quando a conheci, apesar da perda do pai; o suicídio não combinava com a personalidade dela, e esta crença foi reforçada pelos avistamentos, que se tornaram mais reais nos últimos meses.

Terá dito demasiado, sido demasiado franco? Antes de chegar, Jar decidiu que haveria limites. Não mencionará o diário de Rosa, não especificamente, embora a sua descoberta (e o efeito que poderá ter em si) tenha sido o que o trouxe aqui. Sente-se suficientemente culpado por estar a lê-lo (o Anton já lhe passou seis entradas descriptadas: como se conheceram no restaurante, a noite em que nadou nua no Cam, a primeira noite que passaram juntos) e não pretende trair mais ainda a confiança de Rosa partilhando os conteúdos com mais alguém. Também está perturbado com a versão dela dos acontecimentos.

— Acordo fechado? — pergunta Kirsten, sorrindo para ele.

Uma hora mais tarde, Jar está sentado ao computador na arrecadação, prestes a ler pela terceira vez a mais recente entrada do diário, quando o telefone toca. É Amy, que parece mais coerente do que da última vez que falaram. Falam sobre Martin (a polícia libertou-o sem acusações) e depois sobre o disco rígido. Passaram quatro dias desde que ela lho entregou em Cromer.

— Ele teve de lhes dizer que to deu — diz ela. — Desculpa. Eles andam atrás do diário da Rosa, Jar.

— Quanto é que ele lhes disse?

— O teu nome e morada. Não teve outra alternativa. Já conseguiste ler alguma coisa?

Jar consegue sentir o tempo a esgotar-se enquanto falam. Conta-lhe sobre Anton, sobre como ele está a descriptar as entradas uma a uma e a colocá-las numa pasta de rascunhos.

— Pede a esse Anton que copie todos os ficheiros — sugere Amy, enquanto Jar entra na pasta de rascunhos do *e-mail*. — É a isso que querem deitar as mãos. E, Jar? — Há uma pausa. — O diário dela vai fazer com que certas coisas venham à tona. Eu sei que antes não te agradava a ideia, mas devias mesmo pensar em procurar ajuda. Fala com um terapeuta. Posso recomendar-te alguns.

— Já estou a falar, tive a primeira sessão hoje.

— Isso é ótimo. Com quem?

— Uma americana na Harley Street. — Até Jar fica impressionado com a forma como soa o que acaba de dizer.

— Foi útil?

— Ainda é cedo, depois eu digo-te.

Após uns minutos de conversa, Amy diz que vem a Londres mais tarde nessa semana e que seria bom que se encontrassem. Jar concorda e desligam.

As entradas do diário nunca chegam à pasta dos rascunhos em nenhuma ordem particular. A que está agora no ecrã é do segundo trimestre de Rosa em Cambridge. Jar odeia-se por isso, mas não consegue evitar passar sempre os olhos pelo texto primeiro, para ver se

ela mencionou o seu nome, se lhe deixou uma mensagem, uma migalha de conforto.

Quando leu a entrada pela primeira vez, foi com uma pontada de desilusão que se apercebeu de que a escrevera no trimestre de primavera, antes de se terem conhecido. E antes de uma reunião importante com o reitor da faculdade, o Dr. Lance, um homem a quem Jar escreveu muitas vezes ao longo dos últimos cinco anos. Um sargento recrutador de Oxbridge para o Serviço de Informações, a acreditar nos rumores: o velho número «palmada no ombro a beber xerez». Jar sabe apenas que o Dr. Lance nunca respondeu às suas cartas, *e-mails* ou chamadas e recusa-se a vê-lo quando ele aparece pessoalmente.

Volta ao início do documento e começa a ler, novamente chocado por quanta tristeza Rosa conseguiu ocultar-lhe, quão pouco a conhecia realmente.

Estaria ela a fingir naquele dia quente de verão quando foram de bicicleta até Grantchester Meadows com uma garrafa de espumante barato? Tinha-a desiludido ao perguntar se precisavam de levar copos; o seu pai tinha uma fixação com os copos no *pub*, costumava fazer Jar poli-los todas as manhãs antes da escola («Nunca se sabe quando é que o Papa pode vir visitar-nos»).

— És tão antiquado — tinha troçado ela, dando um trago da garrafa enquanto se deitava para trás, ao sol, junto ao rio. Nunca se sentira mais feliz do que naquele dia, deitado com ela na relva alta e planeando o futuro a dois. Teria tido algum significado para ela? Tem a cer-

teza de que ela também estava feliz, o que torna a desconexão entre a sua memória e a dela ainda mais inquietante.

Cambridge, trimestre de verão, 2012

Que coisa estranha, os Bailes de Maio. Realizam-se em junho e não em maio e custam mais do que a maioria dos estudantes pode pagar. Nunca tinha visto uma fonte de champanhe antes, nem mesmo nas festas diplomáticas a que o Pai me levava, mas vi uma ontem à noite; observei pessoas cujas cabeças foram metidas debaixo dela até se engasgarem (tortura da água chique).

Parecia que toda a gente do meu ano ia ao nosso baile da faculdade, e, bem, que diabo, pensei: o Pai ficaria horrorizado se eu não fosse. Para além disso, tinha três convites, todos com oferta do bilhete.

No final, fui com o Tim jeitoso, tendo-lhe dito previamente que tinha um namorado na minha terra. Ele pareceu não se importar, de uma forma que até me fez sentir mal. Mas disse a mim própria que estava a mentir para ser mais verdadeira: para refrear quaisquer expectativas sexuais (as minhas, bem como as dele).

Para ser sincera, também decidi ir porque pensei que seria bom para mim. Não via o Jar desde o nosso encontro na noite em que nadei nua, mas não conseguia tirá-lo da cabeça. Tinha de estar sempre a lembrar-me de que agora não era o momento para me apaixonar. Que se o Jar estivesse a pensar em mim durante apenas uma fração

do tempo em que ele preenchia os meus pensamentos, seria imperdoavelmente cruel para ele. (Também tinha de estar sempre a lembrar-me de que ele bem se podia estar nas tintas para mim, claro.)

O Tim insistiu para que tomássemos uns coquetéis no quarto dele com alguns amigos próximos antes de atravessarmos a estrada para nos juntarmos ao baile. Já tinha estado naquele quarto algumas vezes antes. É um sítio razoável, mas nada que se compare com o do Jar. Já havia uma festa superlotada no fundo do corredor, quando cheguei com um vestido de baile creme, de tafetá, que encontrei numa loja de beneficência na Bene't Street. Por momentos, interroguei-me se eu não seria a única a quem ele tinha comprado bilhete. O Tim é um dos estudantes mais sociáveis da faculdade, em parte graças ao Bar do Tim, uma taberna de final de noite que monta no quarto todas as sextas-feiras, em que serve coquetéis a tudo e a todos. O pai é comerciante de vinho na City, pelo que a aquisição de quantidades industriais de álcool não é um problema. O dinheiro também não. Também é muito desportista, gosta mais de críquete do que de rãguebi, e bem-parecido ao estilo de um deus grego, mas não teria pensado duas vezes nele quando o conheci, se não fosse o facto de ser também surdo profundo.

— Pensei que um *tête à tête* tranquilo te pudesse assustar — disse ele, beijando-me ambas as bochechas quando o encontrei a um canto, a misturar coquetéis. Tal como todos os homens presentes, envergava um fraque preto com laço branco.

O seu discurso, na generalidade, é bom (algumas palavras denunciadoras são um pouco nasais), mas confia na leitura dos lábios e na

audição mínima no ouvido esquerdo para perceber o que as outras pessoas estão a dizer. Quando o conheci, senti-me lisonjeada pela atenção, pelo envolvimento próximo face a face, até que percebi que ele faz isso com toda a gente. Precisa de ter uma visão desobstruída dos lábios.

— *Moscow mules*[\[10\]](#) — disse, gesticulando para um conjunto de copos cheios dispostos na mesa — Tira um para ti enquanto podes. — Então, dirigindo-se ao quarto, e para meu embaraço, colocou-me um braço à volta dos ombros e gritou: — Malta, esta é a Rosa, o meu par desta noite.

Ouviu-se um viva ruidoso e ergueram-se copos enquanto eu sentia a pele a picar. Só havia um remédio. Engoli rapidamente o conteúdo do meu copo e agarrei noutro.

— Então, tu é que és a Rosa Sandhoe — disse alguém num vestido bem mais caro do que o meu. Tinha-se aproximado da mesa para encher o copo e parecia uma remadora: ombros largos, queixo forte, pele rosada. — Sortuda. — Pressenti que o Tim era um partido melhor do que eu pensara. Então, o seu sorriso endureceu-se. — Não te esqueças de mexer os lábios quando guinchares.

Dez minutos depois estávamos a fazer fila na guarita do porteiro para entrar. À nossa frente, conseguíamos ouvir o ruído da folia embriagada e da música: cítara e tabla e, ao fundo, o pulsar de música eletrónica.

O Primeiro Pátio deixou-me sem fôlego. Tinha sido transformado num luxuoso palácio do Rajastão, cortinas trabalhadas com espelhos a reluzir sob os holofotes, incenso a arder, imagens enormes de ele-

fantes, com cadeirinhas ornamentadas de joias, projetadas nos edifícios cobertos de hera.

Os músicos da cítara e da tabla tocavam, sentados de pernas cruzadas em almofadas de veludo num canto, enquanto empregados de mesa abriam garrafas de champanhe: filas e filas delas alinhadas numa mesa como um exército de marionetas. No entanto, no centro das atenções estava uma magnífica fonte de champanhe, a borbulhar sobre três patamares. Os empregados mergulhavam os copos nela e entregavam-nos aos convidados à medida que estes chegavam, enquanto outros reabasteciam a fonte despejando garrafas no topo de forma teatral.

— Espero que não te importes que não haja uma grande atuação — disse o Tim enquanto pegávamos nos nossos copos e caminhávamos para o Segundo Pátio. — A Trinity gastou vinte mil na Pixie Lott. Pessoalmente, prefiro beber champanhe decente toda a noite.

— Pensei que os Villagers iam tocar — disse eu.

— Não são exatamente os U2, pois não?

Era um lembrete oportuno das nossas diferenças. O Jar apresentou-me a banda nova de Dublin no quarto dele naquela noite e eu não tenho ouvido mais nada desde então. Esperava que o concerto deles fosse o ponto alto da minha noite.

Decidimos dar uma volta para ver o que havia antes de nos encontrarmos com os amigos dele no Pomar dos Eruditos para um assado de porco. A temática exótica continuava no Segundo Pátio, que parecia mais marroquino. Nos cantos tenuemente iluminados, alguns estu-

dantes estavam deitados em almofadas a fumar cachimbos de água, enquanto observavam bailarinas do ventre a bambolear o corpo.

A Phoebe estava lá com o Nick, sentado ao lado dela no tapete. Não tinha um vestido de baile; era demasiado burguês para ela. Tínhamo-nos visto algumas vezes desde aquele jantar do Formal Hall, mas não tinha sido a mesma coisa. Já não havia confidências trocadas. Que ela ainda andasse com o Nick melhorou a minha opinião sobre ele. Podia ter ido com qualquer pessoa em St. Matthew's, mas tinha escolhido a Phoebe, não pelo físico, mas por quem ela era: uma política combativa. Fiz-lhe um sorriso amigável enquanto passávamos. Parecia estar completamente bêbada, de olhos vidrados enquanto fumava um cachimbo de água, e não pareceu reparar em mim. O Nick levantou uma mão, como um chefe indiano cansado, com o rosto envolto em fumo.

Encontrámos cuspidores de fogo e mágicos enquanto deambulávamos pelo Jardim dos Membros do Conselho. Um dos lados do jardim estende-se junto ao Cam. Redes, lanternas marroquinas e luzinhas, brilhando suavemente como pirilampos, tinham sido amarradas às árvores e braseiros a carvão ardiam nas sombras. Havia uma feira de diversões junto ao rio, e um casino flutuante, que o Tim disse que queria visitar mais tarde. Também queria ir à tenda da comédia. E ao cartomante. Eu gostava da ideia da discoteca silenciosa. Talvez da área de *spa* também.

— O sinal de que está a ser um bom Baile de Maio é a brevidade das filas — disse o Tim enquanto passávamos por uma barraca de crepes. (Foi a três bailes no ano passado e vai a dois este ano.) Vi-

mos bancas a oferecerem cachorros-quentes, gofres, hambúrgueres, ostras e algodão-doce. Mais tarde, ao amanhecer, haveria salmão fumado e ovos mexidos, pequeno-almoço inglês completo, arenques e *kedgeree*. Sem filas, sem necessidade de dinheiro. Era tudo grátis (mais ou menos).

— Obrigada — disse eu, entrelaçando o meu braço no do Tim enquanto nos encaminhávamos de volta para o Pomar dos Eruditos. Tomei a decisão certa ao vir aqui, pensei. Afinal, a vida de Cambridge era exatamente isto, não era? Pelo menos conheci-a, embora de forma breve.

A primeira pessoa que encontrámos foi a rapariga com ombros de remadora que tinha vindo ter comigo ao quarto do Tim. Estava bêbada e conseguiu afastar-me do Tim enquanto ele falava com o par dela.

— O que é que estás a achar dele? — perguntou, com o braço firmemente unido ao meu.

— Do Tim? — disse, tentando ficar perto dele, mas ela era forte e afastou-me abruptamente, descendo o pomar. Eu não quis criar confusão.

— Só para te avisar — disse ela. — Ele fica de olhos abertos quando está a foder, gosta de observar a boca para ouvir gemer. A primeira vez pode ser desconcertante.

— Acho que devia voltar — disse eu, olhando de relance por cima do ombro para o Tim, que ainda estava a falar com o par dela.

— Este é o teu primeiro baile, não é? — perguntou, pressionando o braço com mais força contra o meu.

— Estás a aleijar-me.

— Desculpa — disse ela, relaxando um pouco o aperto. — Há sempre um período de calma nestas coisas. Depois do jantar e antes de a banda principal começar a tocar. É aí que ele espera um retorno do seu investimento.

— As coisas não são assim — disse eu. Só preciso de me afastar dela, pensei, mas ela era muito mais forte do que eu.

— E ele gosta das coisas brutas, de muito barulho. Há um lugar sossegado na ponta mais afastada do Jardim dos Membros do Conselho onde ele vai sempre. Para lá do casino flutuante. Assegura-te de que estás preparada. Talvez doa menos. E lembra-te de mexeres os lábios quando guinchares. — Exagerou os movimentos da boca enquanto dizia estas últimas palavras, lambendo os dentes de cima com a língua enquanto as pronunciava.

— Está tudo bem? — perguntou o Tim quando voltámos a juntar-nos a ele. Colocou um braço suavemente sobre os meus ombros. — A Hannah está a desencaminhar-te?

Sorri frouxamente enquanto ele trocava olhares com a remadora que acabara de me ter presa pelo braço.

Depois de partilharmos um robalo selvagem à luz das velas no pavilhão de jantar, com a cabeça a rodopiar dos coquetéis precoces, da escolha de vinhos do Tim e das palavras da Hannah, ele sugeriu uma caminhada até ao casino flutuante. O meu estômago revolveu-se. A Hannah, sentada diagonalmente oposta a nós, ergueu as sobrancelhas enquanto dava um trago no vinho.

Na minha mente, tinha imaginado um beijo inocente na pista de dança ao amanhecer se estivesse suficientemente bêbada, mais nada. O Tim tinha sido um perfeito cavalheiro até esse momento e não teria quaisquer razões para suspeitar que ele quisesse algo mais de mim se não fosse a Hannah.

Enquanto caminhávamos pelo Jardim dos Membros do Conselho, o braço do Tim deslizou dos meus ombros para o fundo das minhas costas. Disse a mim própria que era porque estava menos equilibrada e ele não queria que escorregasse.

À nossa volta, enquanto entrávamos no jardim, vários casais estavam deitados em tapetes debaixo das árvores, alguns acordados, alguns desmaiados. A Hannah e o seu homem tinham ficado para trás, dizendo que iam dar uma volta de barco ao luar.

— Rosa, preciso de limpar a cabeça um bocadinho antes de jogar a minha herança familiar na roleta — disse ele. — Vamos dar uma volta? Junto ao rio?

Pensei que ia vomitar. Estou só a ser uma pedante, disse a mim própria. E a Hannah é uma fantasista, tem os seus próprios interesses ciumentos. Olhei de relance para o Tim jeitoso, com o laço branco ainda imaculado debaixo do colarinho italiano, as luzes nas árvores, o reflexo da lua no rio, a *jeunesse dorée* de Cambridge em todo o nosso esplendor privilegiado.

O Pai teria adorado aquilo tudo, pela sua efemeridade: um momento no tempo, cheio de promessa juvenil e ambição ingénua, antes de sairmos para o mundo e descobrirmos que nada disto é real.

Porque é que eu não consigo simplesmente desfrutar de Cambridge como toda a gente? Em vez disso, escolhi virar costas a tudo. Espero que o Pai compreendesse porquê.

— Fica aqui — disse eu. — Já volto.

[10] Coquetel de vodca, cerveja de gengibre e lima. (*N.T.*)

Jar procura novamente «Kirsten Thomas» no Google depois de ter terminado de ler, para verificar se não lhe escapou nada quando a investigou mais cedo, antes da reunião introdutória com ela dessa manhã.

É uma psiquiatra freudiana plenamente qualificada, certificada pelo Conselho Americano de Psiquiatria e Neurologia depois de ter feito o internato de quatro anos na Universidade de Medicina da Carolina do Sul. A julgar pelos testemunhos no seu *website*, os consultórios na Harley Street onde ela exerce servem principalmente americanos que vivem em Londres. Chegou ao Reino Unido há um ano.

Jar põe-se de pé para se espreguiçar, com os braços quase a tocarem nas paredes da arrecadação, e interroga-se indolentemente se a terapeuta de Rosa ainda trabalhará na sua antiga faculdade. Rosa nunca referiu que estava à procura de ajuda de ninguém (foi esse o problema). Ou que o Dr. Lance estava, de alguma forma, preocupado com a sua felicidade. Isso faz-lhe sentir menos hostilidade relativamente a St. Matthew's, que sempre acusara de insensibilidade, de negligência.

No *website* da faculdade não aparece nenhum terapeuta. Em vez disso, os estudantes são encorajados a falar com o tutor, ou com o capelão, com a enfermeira ou com os serviços sociais da faculdade,

mas Rosa mencionou especificamente uma terapeuta da faculdade. Uma distinção menor, mas Jar não consegue evitar sentir que é uma distinção importante.

Depois de fechar o computador e trancar a porta atrás de si, Jar caminha de volta para o apartamento, olhando de relance para ambos os lados da rua antes de apanhar o elevador. A sensação de estar a ser observado aumentou nos dias após o regresso de Cromer, mas está confiante de que ninguém descobriu a arrecadação. Faz com que o assalto ao seu apartamento seja algo com que é mais fácil lidar: vieram à procura de provas relacionadas com Rosa, com os seus esforços para a encontrar, e não encontraram nada, mas sabe que não de voltar, pois desejam deitar as mãos ao disco rígido.

Também sabe que devia aparecer no escritório, não sendo a menor das razões o facto de ter esgotado as desculpas decentes e de em breve o irem despedir. Normalmente, numa segunda-feira de manhã, gosta de ficar pelo apartamento, a desempacotar as encomendas de livros, a fazer as palavras-cruzadas crípticas, a verificar a sua classificação na Amazon, mas desde o assalto já não lhe parece seguro, não sente que seja um sítio onde permanecer.

Carl fica satisfeito ao vê-lo quando finalmente aparece antes do almoço. (Está tão atrasado que as escadas rolantes ascendentes estão em modo de hibernação.) Fica ainda mais satisfeito quando lhe conta sobre a sua visita a Kirsten logo de manhã.

— Não tem divã — diz Jar, retomando uma história sobre uma *shortlist* para mais um prémio literário. (As histórias sobre listas lon-

gas são as piores de escrever, pensa: todos aqueles títulos com hiperligações.)

— Aposto que ainda assim a deslumbraste — diz Carl. — Ligaste o modo bajulador.

— Foi um encontro de mentes.

— Claro que foi. Espero que ela te ajude.

— Obrigado, sinceramente — diz Jar, com dificuldade para pôr o computador a funcionar. — Tiveste problemas em conectar-te hoje?

— Não estava mais lento do que é habitual.

Jar está acostumado a que os computadores do escritório deem problemas, mas nunca tinha visto esta mensagem antes «Esta conta já está a ser utilizada». Lê-a para si, mas suficientemente alto para que Carl ouça. Carl sabe dessas coisas. Inclina-se para o lado para dar uma olhadela.

— Conectaste-te remotamente a partir de casa e esqueceste-te de te desconectares? — pergunta.

— Nunca me conecto fora do horário de trabalho, Carl. É uma questão de princípio. Nem sequer tenho a certeza de saber fazer isso.

Carl levanta-se e põe-se de pé em frente do teclado de Jar, com os dedos a moverem-se rapidamente. Desconecta-se do sistema de rede e conecta-se utilizando o nome de utilizador *standard* para experiências de trabalho no escritório.

— Definitivamente é um problema com o teu utilizador — diz. — O computador está a funcionar bem. — Carl desconecta-se novamente. — Experimenta agora — diz.

Jar introduz o nome de utilizador e palavra-passe, mas a mesma mensagem surge no ecrã.

— Tens a certeza de que...

— Tenho a certeza.

— Então sugiro que liguês para o apoio técnico. Porque alguém está neste momento a utilizar a tua conta.

— Estás a falar a sério?

— Provavelmente não é nada. Mas por outro lado, pode ser um diretor a ler os teus *e-mails*. Já aconteceu antes.

Keith, do apoio técnico, está mais interessado em esmagar rebuçados do que em resolver o problema de Jar mas, depois de o ouvir (enquanto ainda jogava no computador), diz-lhe que tente conectar-se com a conta de experiências de trabalho do escritório.

— Já fiz isso — diz Jar, espreitando para baixo, na direção de Keith. — Estou sentado ao lado do Carl.

A referência a Carl muda as coisas. Carl sabe mais sobre informática do que o departamento de informática.

— Qual é o teu nome de utilizador? — pergunta Keith, minimizando o Candy Crush e abrindo a janela de registo da empresa.

— JarlathC.

— Palavra-passe?

— Isso é normal? Simplesmente dá-la assim?

— Queres que resolva isto ou não?

— Rosa081192 — diz calmamente.

Keith endireita-se na cadeira, expressando interesse pelo caso de Jar pela primeira vez. Ainda a olhar para o ecrã, estica-se para agarrar no telefone e marca uma extensão.

— Acho que os sírios voltaram — diz.

Keith pede a Jar que o siga até uma parte do escritório que ele nem sequer sabia que existia: em baixo, nas entranhas labirínticas e mal iluminadas do edifício, ao lado do serviço de correios, um lugar abafado e sem janelas. Portanto é ali que os pedidos de toda a gente por ajuda técnica são ignorados, pensa Jar, olhando para a fila de terminais e para os rostos inchados atrás deles.

Jar observa enquanto Keith e dois outros se reúnem em redor de um terminal.

— JarlathC — diz Keith ao homem que tem o teclado. Depois, para Jar: — Palavra-passe novamente?

Jar sente-se ainda menos à vontade por partilhá-la.

— Eu escrevo — diz.

O pessoal de informática afasta-se relutantemente enquanto ele se inclina para a frente e introduz «Rosa081192». Sabe que toda a gente está a ver que teclas prime, mas a sua ação parece-lhe provocadora, embora em pequena escala.

— Quem é a «Rosa» quando está em casa? — pergunta Keith.

— Não te esqueças dos anos dela — diz mais alguém.

Jar ignora-os, olhando para o ecrã. Surge a mesma mensagem: «Esta conta já está a ser utilizada».

— E de certeza que não estás conectado noutro sítio? — pergunta Keith.

Jar está prestes a responder quando outra pessoa, noutro ecrã à sua esquerda, se intromete.

— Não está. O endereço de IP diz EUA.

— Os sírios são bons nestas fraudes — diz Keith para Jar. E então, virando-se para um dos colegas, acrescenta: — Lá se vai a nossa nova filtragem de pacotes, Raj.

Jar queria que Carl estivesse ali para traduzir. Ainda na semana passada, o amigo estava a falar-lhe de um grupo de *hackers* chamado Exército Eletrónico Sírio, apoiante de Bashar al-Assad, que tinha feito dos sistemas informáticos de várias organizações de meios de comunicação social do Reino Unido um alvo. Contudo, isto parece ser pessoal. O que acontece depois deixa-lhe a boca seca.

— Essa é a minha caixa de entrada — diz Jar, olhando para o ecrã, que agora mostra a sua conta de *e-mail* do trabalho. — Como é que conseguiram entrar?

— Não conseguimos — diz Keith. — Conseguimos ver o que eles estão a fazer, mas não conseguimos desconectá-los. A não ser que desliguemos a conta de *e-mail* de toda a empresa.

— O que é que eles estão a fazer?

— A aceder remotamente à tua conta de *e-mail* para examinar as tuas mensagens, aparentemente.

— Isso é legal?

Sopros por todo o lado. Talvez seja assim que passam os dias, pensa Jar: a observar os funcionários a enviarem *e-mails* uns aos outros a falar mal dos superiores. Tem de se lembrar de ser mais indelicado com o departamento informático.

— Enviamos um alerta para toda a empresa? — diz Keith.

— Isto não são os sírios — diz Raj.

Jar observa o ecrã enquanto este muda para os seus *e-mails* enviados: mensagens de trabalho para Carl, para o seu editor, para outros colegas e colaboradores *freelancers* misturados com centenas de *e-mails* para o Dr. Lance, para Amy, para o Escritório do Comissário de Informação, para a RNLI, para a guarda-costeira de Cromer, para a Agência de Pessoas Desaparecidas do Reino Unido, para o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Interroga-se se alguém na sala repara nestas mensagens, se se importam. A maioria das pessoas usa o *e-mail* para assuntos que não estão relacionados com trabalho, não é? O cursor começa a deslizar para baixo pela lista antes de se mover rapidamente para o canto superior direito, desconectar-se do *e-mail* e sair da conta de Jar.

— Quando são bons apercebem-se de que estamos a observá-los — diz Keith, como se tivesse, sozinho, a afugentar o inimigo.

— Sabemos quem era? — pergunta Jar.

— Agência de Segurança Nacional? — sugere Keith, numa enenação para agradar a multidão. — Sugiro que arranjes uma nova namorada.

Cambridge, trimestre de verão, 2012 (continuação)

O meu plano era dirigir-me diretamente para a guarita do porteiro, fazer o registo de saída do baile e caminhar até à residência do Jar. Sabia que não era a coisa certa para se fazer (nem pelo Tim, cujas intenções, tanto quanto sabia, eram inteiramente honradas, nem pelo Jar, que não precisava de que eu voltasse a entrar na sua vida às duas da manhã), mas tenho tentado viver de forma verdadeira enquanto posso, independentemente de quanto tempo me resta.

O civismo de antes tinha desaparecido do Primeiro Pátio, onde uma estudante bebia da fonte de champanhe, com o corpo apoiado de cada um dos lados por dois rapazes enquanto arqueava a cabeça para trás debaixo do patamar superior, com os seios a saltarem para fora do vestido enquanto se engasgava com o champanhe.

Quando estava a chegar à guarita do porteiro, encontrei o Nick, que da última vez que tinha visto estava com a Phoebe, a fumar um cachimbo de água. Estava consternado, com os olhos arregalados de medo.

— Rosa, é a Phoebe. Não consigo encontrá-la em lado nenhum.

Nunca o tinha visto tão agitado, nem sabia que gostava assim tanto dela.

— Onde é que a viste pela última vez? — perguntei, olhando de relance para a guarita do porteiro.

— No Segundo Pátio. Ela queria ir dar um passeio pelo Jardim dos Membros do Conselho. Disse-lhe que esperasse enquanto enchia os nossos copos. Quando voltei, tinha desaparecido. Isto foi há meia hora.

— Ela parecia um bocadinho...

— Ela não está em si esta noite, Rosa. Perdeu o charme. Na verdade, é bastante assustador. Muitos comentários estranhos. Ajudas-me a procurá-la?

Não queria voltar ao Jardim dos Membros do Conselho, deparar-me com o Tim, mas não podia simplesmente ir-me embora.

— Está bem — disse eu, e dei por mim a caminhar novamente através do Primeiro e Segundo Pátios.

Assim que entrámos no Jardim dos Membros do Conselho, ambos soubemos que alguma coisa não estava bem. Havia uma agitação no canto mais distante, do lado oposto ao Cam, e dois seguranças com *walkie-talkies* passaram por nós a correr.

Seguimo-los, juntamente com um grupo de outros estudantes curiosos. É estranho como se sabe que aconteceu algo horrível antes de qualquer prova empírica. É qualquer coisa no ar, talvez, um sabor metálico na boca. As luzinhas nos ramos sobre nós já não pareciam tão suaves e convidativas, os braseiros subitamente ardiam de forma mais agressiva.

Uma multidão tinha-se reunido perto do muro no fundo do jardim, onde não havia luzes. A relva estava desgastada ali e tinha sido delimitada como zona proibida durante toda a noite por uma cerca de madeira e corda. Enquanto nos aproximávamos, as pessoas estavam a afastar-se, com as mãos sobre a boca. Não havia pânico, apenas uma quietude entorpecedora que se espalhava pelo jardim como um nevoeiro pesado. Instintivamente, aproximei-me do Nick e entrelacei o meu braço no dele.

— Oh meu Deus, oh meu Deus — murmurava ele. Não conseguia ver nada a partir do sítio onde estávamos, mas ele largou-me o braço e abriu caminho por entre a multidão. Um segurança já estava a afastar as pessoas.

— Todos para trás. Por favor, cheguem-se todos *para trás*.

E então vi-a, numa árvore à nossa esquerda, com a cabeça flácida, o corpo pendurado num ramo baixo. Estava a mover-se, mas apenas porque um dos seguranças lhe tinha agarrado as pernas, à volta dos joelhos, e estava a tentar suportar o seu peso, retirar a tensão da corda à volta do pescoço.

Não consegui ver mais. O Nick tinha-se aproximado e estava a ajudar o segurança a segurar no corpo.

— Alguém chame uma ambulância, por favor — ouvi-o dizer, mas já era demasiado tarde. Toda a gente à exceção do Nick parecia saber disso.

Fiz uma oração e caí de joelhos, olhando em redor: silêncio, descrença, lágrimas. Então é isto que sente quem fica para trás, pensei.

Não quero que a minha morte seja assim, destruindo a vida de outras pessoas, mas esgotei as minhas opções.

— É reconfortante para si ver a Rosa? — pergunta Kirsten, sentada à secretária.

— É frustrante.

Jar está no sofá junto da janela no consultório de Kirsten na Harley Street, e não está a achar fácil esta primeira sessão formal logo de manhã. Depois do incidente inquietante com a conta de *e-mail* do escritório no dia anterior, foi sair com Carl e, desvairado, bebeu demasiado para uma segunda-feira à noite. A luz do dia estava a torturar-lhe os olhos.

— Fala com ela? — pergunta.

— Quando a vejo?

— Não é invulgar que as pessoas se aproximem de um ente querido quando experienciam uma alucinação, que tentem envolvê-lo numa conversa.

— Ocasionalmente, sim.

— Pode falar-me sobre isso?

Jar permanece em silêncio, ouve a rua no exterior: um ciclomotor a passar, uma sirene da polícia a desvanecer-se. Não teve tempo de processar o que aconteceu no cais, quando Rosa estava de pé nas

grades. Fecha os olhos doridos, pensa noutra vez que a viu à beira-mar.

— Estava a passar uns dias com um amigo da família em Cleggan, na costa de Connemara. Tinha acabado de amanhecer e fui dar uma volta, queria subir até Cleggan Head para apreciar a vista da baía e das ilhas, espalhadas como lírios gigantes no mar. Lembro-me que, a partir de certo ponto, o caminho se tornou lamacento debaixo dos meus pés. Foi nesse momento que a vi. Estava no meu raio de visão periférico, à esquerda, a caminhar ao meu lado. Não me queria virar e olhar para ela para que não desaparecesse. Foi reconfortante, claro, tê-la comigo. O serviço fúnebre tinha sido algumas semanas antes e ainda estava tudo muito fresco.

— O que é que lhe disse?

— Ela falou primeiro, tinha a ver com uma coisa de que falámos pouco depois de nos termos conhecido em Cambridge, quando lhe disse que era um «*bogger*»: alguém que não vive em Dublin, que habita em terra de ninguém. Um campónio. Ela riu-se, disse que nunca tinha ouvido a expressão antes.

— O que é que ela disse exatamente?

— Foi depois de o meu pé ter escorregado na lama. Disse a brincar: «Seu *bogger* trapalhão. Devias ter ficado em Dublin.». Eu respondi: «Nunca te teria conhecido». Ela não disse mais nada depois disso. No entanto, continuei a falar, perguntei-lhe o que achava da música que tínhamos escolhido para o serviço fúnebre. Deixámos a igreja ao som do *What a Wonderful World*.

Há uma pausa. Consegue ouvir o som da caneta de Kirsten a escrever no papel e depois a estranha inspiração novamente. Pergunta-se se ela emitirá um som semelhante, talvez mais alto, mais como um gemido, quando faz amor. Tenta apagar a imagem, ignorar essa linha de pensamento e concentrar-se nas perguntas.

— Porque é que sente que é frustrante quando a vê? — Outro silêncio. Sente que está a ser encurralado, como uma testemunha de defesa. — Porque sabe que está a ter uma alucinação?

Jar faz um gesto afirmativo com a cabeça, involuntariamente. A atmosfera na sala muda impercetivelmente, com o silêncio que se segue a já não parecer estranho, mas mais um convite para refletir. É esse o trabalho dela, pensa ele: conduzir as pessoas até um ponto em que elas se querem abrir. Esperta, manipuladora. Daí a caixa de lenços aos seus pés. Ouve novamente a sua respiração, mesmo antes de falar.

— Porque é que veio cá hoje, Jar?

Sente as pálpebras a latejar. Deve dizer-lhe que a sua vida está a ser destruída pela crença de que Rosa está viva? Que o amor que tinham um pelo outro era mais forte do que a atração do mar de Norfolk e que o aparente suicídio não combinava com a sua personalidade? Que continua a beber demasiado e suspeita que está a ser seguido para todo o lado? Que se tornou um ser humano cínico e exausto, desgastado por um trabalho de que não gosta e pela extinção de um talento outrora promissor para unir frases?

Ou confessa que lhe agrada a perspetiva de passar uma hora por semana a falar sobre Rosa? (Mesmo sendo com uma mulher mais

velha de quem, ele sabe, Rosa não gostaria: tinha qualquer coisa contra louras falsas.) Carl ouviu-o nos primeiros tempos, mas Jar apercebe-se de que tudo aquilo agora o aborrece. Não o recrimina por isso. Amy ainda o ouve. Tal como o Pai, mas Jar sente-se culpado sempre que toca no assunto de Rosa; os pais estão demasiado velhos para se preocuparem com o filho já crescido. O trabalho de Kirsten é ouvir.

— Falar sobre ela mantem as memórias vivas — diz finalmente.

— E a esperança de ela estar viva também?

Não responde.

— Tenho de ser franca consigo, Jar — diz ela. — Ninguém com quem falei sobre alucinações de luto acredita que os seus entes queridos estão vivos. Veem as alucinações mais como um vestígio etéreo, um rasto de condensação deixado no céu.

Onde é que ele já ouviu aquela expressão antes?

— Quer dizer uma aparição? Isto não é uma história de fantasmas.

Ouve o arrastar da caneta de tinta permanente, calculando que a sua caligrafia seja arredondada, bem formada, enquanto dá voltas à cabeça.

— Vou fazer-lhe uma pergunta muito direta. Não pretendo ser insensível. Preciso que responda com uma única palavra, a primeira que lhe vier à cabeça.

— Força. — Aí vem o Sigmund, pensa.

— Como se teria sentido se o corpo da Rosa tivesse aparecido? — Jar faz uma pausa. Apesar do aviso, a pergunta perturba-o.

— Desconfiado — diz, em voz baixa, mas firme. Olham um para o outro em silêncio. Kirsten empurra a cadeira para trás e vem sentar-se junto dele no sofá.

— Desculpe — diz ela, colocando uma mão brevemente no seu antebraço. Não é um gesto de sedução, mas ele não está preparado para a inevitável intimidade que se segue, o rosto dela agora perto do seu, o aroma cítrico. Ela pousa o bloco de notas no colo e puxa a bainha da saia (mais curta do que ontem) para cima dos joelhos. — Para que estas sessões resultem para ambos, preciso de entender o seu estado mental atual, ocasionalmente fazer perguntas incómodas, analisar as respostas. Faz parte do método de livre associação que referi ontem. Depois podemos falar de forma mais profunda sobre as alucinações. Concorda que façamos isto?

Jar faz um gesto afirmativo com a cabeça, vira-se para o outro lado e depois olha para ela. Continua com o olhar cravado nele.

— Porquê «desconfiado»? — pergunta.

Ele repara que o segundo botão da blusa dela está desapertado. Deve ter-se aberto quando se moveu da secretária para o sofá. Não pode tê-lo feito deliberadamente (tudo no seu comportamento é profissional, neutro, desprovido de qualquer sexualidade), mas o lampejo de carne está a distraí-lo, o suficiente para que baixe a guarda, para que lhe confidencie mais do que pretende.

— Porque acho que a morte dela foi simulada.

— Simulada por quem?

— Se soubesse isso, não estaria aqui agora.

Olha de relance para o relógio, subitamente ressentido com o encontro, com ela, com a insistência de Carl para ali vir, com a facilidade com que se distraiu.

— Não é a minha área, mas simular uma morte não é uma coisa bastante difícil de fazer? — persiste ela.

— Nunca tentei. — Mas investigou a questão, com mais profundidade do que ela algum dia saberá, estudando cada variante e praticante, de um homem em Milão chamado Umberto Gallini que consegue fazer as pessoas desaparecerem (por um valor de fazer vir as lágrimas aos olhos) ao «homem da canoa», John Darwin. Perdido no mar é um método tão bom como qualquer outro.

— É uma pessoa naturalmente desconfiada? — pergunta.

— Não costumava ser.

— O que mais o faz ser cauteloso?

O guarda de trânsito do outro lado da rua que o viu a tocar no intercomunicador da porta de entrada dela hoje, pensa ele. Os homens das mudanças que se demoraram nas escadas no exterior do apartamento nessa manhã.

— Todas estas perguntas — diz, engolindo em seco.

Agora lembrou-se. A primeira entrada do diário que Anton lhe enviou: *Não devia haver nenhum registo, nenhum rasto de condensação no céu de Fenland.*

— Não é o que esperava? — pergunta ela, levantando-se do sofá e movendo-se novamente para a secretária. As suas ancas têm um balançar subtil.

— Não sei o que é que esperava — diz, conseguindo sorrir, com os pensamentos a tropeçarem uns nos outros. *Nenhum rasto de condenação no céu de Fenland.* — Desculpe, não quero parecer ingrato. É bom, claro, falar sobre tudo desta forma. Sempre achei que falar era útil.

Mas é tudo menos bom e ela sabe-o.

— É mesmo? — pergunta.

— Apercebo-me de que ajuda — mente. Precisa de se afastar dela.

— Isso é ótimo. Aprecio a sua honestidade. Posso fazer uma última pergunta: a Rosa escreveu-lhe uma carta de despedida, algum tipo de explicação?

— Um bilhete de suicídio, é isso que quer dizer?

— Não lhe queria chamar isso.

— Escreveu.

Onde é que ela queria chegar com aquilo? *Queria apenas não ter de te deixar para trás, bebé, o primeiro e último amor verdadeiro da minha vida.* Jurou nunca partilhar a última carta de Rosa com ninguém.

— Foi útil?

— Ambíguo.

— Mas ela era uma pessoa que gostava de escrever?

— O que é que quer dizer com isso? Estava sempre a adiar os trabalhos. — Jar não prevê a questão seguinte.

— E um diário? Alguma vez escreveu um diário?

As palavras ressoam no ar frio e imóvel. *Alguma vez escreveu um diário?*

— Lê-lo por vezes pode ser útil para os que ficam para trás — acrescenta ela. Ele olha para cima, devolve o seu olhar intenso. Quanto é que esta mulher sabe? Quanto é que Carl lhe disse?

— Um diário? — diz ele, pensando nas últimas entradas que leu na noite anterior sobre Phoebe e o baile da faculdade, com esperança de que haja mais à sua espera na pasta dos rascunhos. — Não, nunca escreveu um diário.

Cambridge, trimestre de verão, 2012 (continuação)

Não fui a única a sair mais cedo. O comitê do Baile de Maio, seguindo a recomendação da polícia, decidiu cancelar o resto da noite.

Não voltei a ver o Nick, nem o Tim. Podia tê-lo procurado, usado a desculpa da Phoebe para explicar porque não tinha regressado ao casino flutuante, onde o tinha deixado, mas só me queria afastar da faculdade o mais depressa possível.

Caminhei pela ponte e desci na direção da King's Parade, na esperança de que o Jar não se importasse de ser acordado àquela hora. Havia outras pessoas do baile a deambular pelas ruas nos seus melhores fatos: a diáspora privilegiada de Cambridge. Uma rapariga em lágrimas, a ser confortada pelo par. Um casal na parede junto da guarita do porteiro da King's College a conversar calmamente, com uma garrafa de champanhe aos pés.

Tive de tocar algumas vezes à campainha antes de o Jar vir à porta de roupão. Eu estava a chorar de vestido de baile e eram duas da manhã, mas ele deixou-me entrar sem dizer palavra. Assim que a porta se fechou, caí nos seus braços, a soluçar. Ele abraçou-me com firmeza até as lágrimas pararem e depois levou-me com gentileza pa-

ra o andar de cima e para o sofá de couro na sala de estar, empurrando para o lado algumas almofadas e um cobertor.

Enquanto bebia um uísque, contei-lhe como tinha sido a noite, primeiro sobre a Phoebe, depois falámos sobre o Tim. As minhas preocupações com ele subitamente pareceram tão insignificantes comparadas com a tragédia que ocorreu no Jardim dos Membros do Conselho.

— Se encontraram a Phoebe rapidamente, talvez ainda tenha hipóteses — disse Jar.

— Não encontraram. Estava morta, Jar, tenho a certeza. A ambulância foi-se embora com as sirenes desligadas.

— Não há trânsito a esta hora da noite.

— A cabeça dela pendia de forma tão pesada. — Não conseguia tirar da cabeça a imagem dela na árvore. O Jar serviu-me outro uísque.

— Não te podes culpar, Rosa.

— Podia ter sido uma melhor amiga para ela. E o Nick. Nunca vai recuperar daquilo. A cara dele quando a viu...

O Jar deu-me um abraço mais apertado do que nunca enquanto eu chorava novamente, sentindo-me segura no seu abraço cálido. Nunca devia ter ido ao baile, pensei, ou abandonado o Jar naquela noite.

Enquanto estava ali sentada a agarrá-lo com força, a pensar que não havia nenhum outro lugar no mundo onde preferisse estar, ouvi um ruído no quarto do Jar atrás de nós. Engoli em seco, afastando-me dele.

— Está aqui mais alguém? — consegui sussurrar, interrogando-me se era possível que a minha noite ainda pudesse ficar pior. Não podia recriminá-lo se tivesse uma rapariga a passar a noite com ele.

— A Niamh, a minha prima — disse ele, limpando-me uma lágrima do olho. Não tive a certeza se vi um sorriso sábio a brincar de forma quase impercetível nos seus lábios. — Veio de Dublin passar alguns dias.

Comecei a chorar novamente.

— Agarra-me com força, Jar — disse. — E nunca me deixes. Não devia ter deixado ali o Tim esta noite, ter-me vindo embora assim — disse eu, recuperando a compostura. — Tanto quanto sei, ele queria apenas fazer umas apostas no casino.

— E essa Hannah, presumivelmente é a ex do Tim?

— Provavelmente.

— Nesse caso, eu não acreditaria numa palavra do que a galdéria disse.

A campainha lá em baixo estava a tocar.

— Que noite movimentada — disse o Jar, levantando-se do sofá enquanto a prima aparecia à porta do quarto. — Niamh, esta é a Rosa. Rosa, a Niamh.

A Niamh aproximou-se e sentou-se ao pé de mim.

— Então, está tudo bem? — perguntou, com uma mão no meu braço. Meu Deus, era assim tão óbvio? Devia parecer destroçada. — Vou fazer um chá, queres um? Já que estamos todos acordados.

— Pode ser — disse eu. A Niamh tinha olhos gentis, como os do Jar, e o seu sotaque irlandês era mais acentuado, mas era baixa e com ar frágil, sem nenhuma da robustez do primo. Lembrei-me de ele dizer qualquer coisa sobre ela ser artista.

Enquanto ela ia buscar uma chaleira ao quarto, indaguei-me se teria ouvido a nossa conversa. Não tinha energia emocional para lhe contar sobre a Phoebe.

Espero que a Phoebe sobreviva. Há uma hipótese, como disse o Jar. Ela não pode ter estado ali muito tempo.

— Quem é que está à porta? — perguntou a Niamh.

Ambas ficámos a ouvir. Consequia ouvir a voz do Jar, mas não a da outra pessoa. Então, a porta fechou-se e o Jar voltou a subir as escadas. Levantei o olhar e vi-o no corredor, com o Tim ao seu lado, com o laço branco desapertado, olhos vermelhos, o cabelo uma desgraça.

— Queria só ver se estavas bem — disse ele timidamente. Olhei de relance para o Tim e depois para o Jar, interrogando-me como é que o Tim me tinha encontrado, por que motivo o Jar o tinha deixado entrar.

— Queres um uísque irlandês? — disse-lhe o Jar e depois sorriu na minha direção, como quem diz que estava tudo sob controlo.

— Ou um chá? — disse a Niamh.

O Tim olhou para mim e depois para o Jar.

— Um uísque grande.

Durante um momento, interroguei-me se o Jar e o Tim se conheciam, se toda a noite tinha sido outra armação, mas afinal o Jar queria

apenas dar uma hipótese ao Tim para se explicar. Um pouco de solidariedade masculina, o que me irritou, mas o Jar também sabia como eu me sentia mal por tê-lo deixado lá. Mais do que tudo, acho que simplesmente teve pena do Tim, de mim, de toda a gente que tinha estado no baile e, enquanto bebíamos uma nova garrafa de *Yellow Spot* doze anos («cevada torrada, feno recém-cortado, uma pitada de uva»), encorajou-nos a falar sobre a Phoebe.

Enquanto amanhecia, o Jar preparou-nos ovos mexidos e *bacon*, o nosso pequeno-almoço do Baile de Maio alternativo, que os quatro devorámos como se não comêssemos há dias. Também pôs a tocar os Villagers, que não cheguei a ver no baile.

Num momento mais tranquilo no sofá, o Tim pediu-me desculpa pela Hannah, esperando que ela não me tivesse perturbado. O Jar tinha razão, claro. Tinham andado e ela nunca o tinha perdoado por acabar com ela. Ele não sabia que eu me estava a preparar para abandonar a nossa noite, tinha simplesmente calculado que tinha sido arrastada pelos horríveis acontecimentos no Jardim dos Membros do Conselho, e eu deixei-o continuar a pensar isso.

— Como é que sabias onde eu estava? — perguntei.

— Perguntei a algumas pessoas na rua se tinham visto uma rapariga bonita num vestido de baile a deambular por aí sozinha. — Fez uma pausa, olhando de relance para o Jar e para a Niamh, que se estavam a arranjar. — O Jar é o escolhido, então?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça, sentindo-me culpada por ter julgado mal o Tim e agradecida ao Jar por me ter permitido ter alguma conclusão na minha noite, como diria a minha terapeuta.

Pergunto-me se o Dr. Lance alguma vez chamou a Phoebe para falar com ele, se ela alguma vez conheceu a psiquiatra sexy da faculdade. A Phoebe sempre teve uma relação complicada com a autoridade. Apercebo-me mais do que nunca de como sou sortuda. Podia ser eu a balançar numa árvore.

A mente de Jar limpa-se assim que sai para a Harley Street e para um dia normal. O céu está azul elétrico e as pessoas vão a caminho do trabalho, com os seus cafés *takeaway* na mão, a falar ao telefone, com malas a tiracolo aos ombros. Algumas pessoas correm, com mochilas leves às costas. Na esquina, uma mulher com um bronzeado cor de laranja (casaco de pele e sem cuecas, pensa Jar) chama um táxi.

Ele também precisava de um café, pensa, enquanto olha de relance para as placas de metal junto às portas das casas georgianas pelas quais passa, um instantâneo de vaidade e hipocondria prósperas: implantes dentários, hidroterapia do cólon, cirurgia estética, hipnoterapia da consciência, remoção das veias finas à superfície, terapia com sanguessugas, branqueamento de dentes a laser. Ele foi relativamente poupado, em comparação.

Porém, a sessão com Kirsten foi angustiante. As suas questões eram estranhas, mesmo tendo em consideração Freud: perguntar se Rosa escrevia um diário. E aquela referência a *rastos de condensação deixados no céu*. Sente-se mais inquieto por ter confiado nela, por ter caído brevemente sob o seu feitiço.

É ao chegar à esquina da Harley Street com a New Cavendish Street que vê o carro parar ao seu lado. No momento seguinte, a por-

ta abre-se e dois homens estão de pé no passeio, a bloquear-lhe o caminho.

— Jarlath Costello? — pergunta um deles.

Jar faz um gesto afirmativo com a cabeça.

— Polícia — diz o homem, mostrando-lhe um distintivo. Jar pensa ver as palavras «Polícia Metropolitana», mas não consegue ter a certeza. — Por favor, entre no carro.

— O que é que se passa? — pergunta Jar, com o coração a bater desenfreadamente. Mas, antes que alguém responda, outro homem, aproximando-se por trás, agarra-lhe nos braços e algema-lhe os pulsos atrás das costas. — Meu Deus, isto é absurdo — diz enquanto é atirado para o carro pela porta lateral traseira, com a cabeça empurrada para baixo.

— Jarlath Costello, está detido por suspeita de cometer ofensas que violam a Lei de Ofensas Sexuais e a Lei de Publicações Obscenas — diz o homem ao seu lado no banco de trás. — Não é obrigado a dizer nada, mas poderá prejudicar a sua defesa se não referir, quando questionado, algo a que mais tarde recorra em tribunal. Tudo o que disser poderá ser admitido como prova. Está a compreender?

— Não estou a compreender, não — diz Jar, mas sabe exatamente o que está a acontecer. A polícia está a seguir o rasto do disco rígido, aquele que Amy lhe deu. É a única explicação. Inclina-se para trás contra o encosto da cabeça, tentando permanecer calmo enquanto a sua mente processa as implicações. Finalmente, depois de cinco anos, as autoridades estão a levar as suas investigações sobre Rosa a sério.

Sente-se estranhamente eufórico enquanto aceleram pelo trânsito de West End. Em Oxford Circus, o condutor liga a sirene. Parece que vem de outro carro, de outro mundo.

Jar nunca teve muito tempo para a polícia, menos ainda quando eles não investigaram devidamente o desaparecimento de Rosa. Mais uma razão pela qual sentiu relutância em fazer queixa do assalto ao seu apartamento.

A sirene silencia-se. Devia pedir um advogado, pensa. É o que as pessoas fazem nesse tipo de situações. Mas não precisa de um. Precisa apenas de os ouvir despejar a verdade (*estamos atrás do diário da Rosa porque talvez nele ela explique o que aconteceu, como ainda está viva*) e ficará feliz.

Quando o carro chega à esquadra da polícia na Savile Row, Jar é levado com violência para o vestíbulo, onde lhe tiram e revistam a carteira e o telefone. Depois, é conduzido até uma cela vazia, onde se senta no chão de cimento, de costas contra a parede.

Pelo menos, o tempo sozinho permite-lhe pensar em todos os cenários e há um que não desaparece da sua cabeça. Foi preso por violar a Lei de Ofensas Sexuais e a Lei de Publicações Obscenas, o que sugere que têm um caso forte contra Martin, o marido de Amy. Se o senhor do computador encontrou realmente imagens indecentes no disco rígido, para além do diário de Rosa, as coisas não se afiguram famosas para ele. Ou para Anton. Ou para Carl. Jar não quer envolver mais ninguém nisto.

Duas horas depois da detenção, é libertado da cela e conduzido a uma pequena sala de interrogatórios com uma mesa, um gravador e

duas cadeiras de madeira. Um homem alto e angular sentado na cadeira mais afastada põe-se de pé quando Jar entra.

— Miles Cato — diz, com um sotaque escocês. Limites, pensa Jar, tentando não ficar desconcertado com a receção educada: a mão esticada, um homem que se apresenta como Miles, com modos refinados e fato escuro às riscas brancas. Não se parece com nenhum polícia que Jar tenha conhecido antes e é estranhamente amigável para um britânico.

Sentam-se à mesa. Miles inclina-se na direção do gravador, de braços cruzados, dizendo o seu nome e a data e hora do interrogatório. Jar olha de relance para a máquina inerte. Não tem luzes, nada que sugira que foi ligada.

— Acho que não está a funcionar — diz Jar.

— Nunca funcionam, na minha experiência.

Jar encolhe-se perante o seu sorriso de lábios finos. É por isso que as pessoas insistem em ter um advogado presente.

— Peço desculpa pelo que aconteceu antes — continua Miles, passando uma mão pelo cabelo louro escuro cada vez menos abundante enquanto empurra a cadeira para trás, raspando com as pernas de madeira no chão de cimento, o que cria um som que transporta Jar para uma sala de aulas fria em Galway. — Quanto mais cedo conseguirmos tirá-lo deste sítio melhor. Posso tratá-lo por Jar?

Foi tratado por Jarlath desde que foi detido. Como é que ele sabe que deve tratá-lo por Jar?

— Porque é que estou aqui? — pergunta Jar.

— Precisamos da sua ajuda.

— Precisamos, quem?

Jar vê Miles como alguém formado em Oxbridge, de quarenta e poucos anos, com o bronzado caro de um banqueiro, mais do que de um polícia. As meias carmim e os sapatos tipo *brogues* castanhos também não parecem ter andado em serviço de rua. Não responde à pergunta de Jar. Não diretamente, pelo menos.

— Acho que conhece o Martin, possivelmente conhece melhor a Amy. Ele foi detido recentemente por suspeita de possuir imagens indecentes. Está familiarizado com tais coisas?

A pergunta é-lhe colocada de forma prosaica, como se lhe estivesse a perguntar se bebe chá com açúcar.

— Que diabo, é claro que não.

— Achamos que são de nível quatro, um nível abaixo do pior. Não são agradáveis.

— Vou confiar na sua palavra. A Amy disse-me que foi libertado.

— A Amy foi muito prestável. Explicou que se encontrou consigo em Cromer na passada quinta-feira e lhe entregou o disco rígido do antigo computador. No que me diz respeito, não era necessário terem-no detido hoje. O diário da faculdade da falecida sobrinha dela foi encontrado no disco rígido (corrompido, segundo sei) e ela pensou que você talvez gostasse de o ler, uma vez que mantiveram uma relação na universidade. É comovedor.

Miles faz-lhe um sorriso pequeno e efeminado. Jar não gosta dele, do seu nariz aquilino, do rumo da conversa. Rosa não é o assunto

principal aqui, quase não é sequer um assunto secundário.

— O que nenhum de vocês poderia saber é que temos o Martin debaixo de olho há já algum tempo e achamos que o disco rígido pode ter contido, em tempos, uma pasta de imagens que contradiz a Lei de Publicações Obscenas. O senhor que estava a tentar consertar o computador da Amy encontrou alguns... — Hesita. — Alguns vestígios de ficheiros invulgares num disco rígido externo e, depois, descobriu uma referência de catálogo para alguns ficheiros de imagens encriptados noutra disco rígido, possivelmente aquele que lhe deram. Ele ligou-nos a avisar.

Ou terá ligado a alguém a contar sobre o diário, interroga-se Jar, com a chamada a fazer soar o alarme algures em Whitehall e a despertar a atenção de Miles Cato, quem quer que seja.

— Não foi a primeira vez que nos alertou. É incrível o que se descobre quando se consertam os computadores das pessoas. — Miles faz uma pausa. — Preciso apenas que devolva o disco rígido, Jar. Não temos qualquer interesse no diário da Rosa.

Está a fazer *bluff*, dado que é demasiado tarde para o impedir de o ler. *Não temos qualquer interesse no diário da Rosa*. Jar tenta calar as palavras, apagá-las da sua mente. Miles necessita de determinar quanto é que ele sabe, se Rosa abriu a boca quanto ao seu desaparecimento.

— Não têm já o suficiente para acusar o Martin? — pergunta Jar.

— Ainda não. Ele é bom com computadores, esconde o rasto. Mas achamos que escorregou quando copiou algumas imagens encriptadas para o computador da mulher. Calculo que levou o disco a al-

guém que sabe como recuperar ficheiros corrompidos. Queremo-lo de volta, Jar. Intacto. Trata-se de uma prova policial potencialmente importante.

Prova de que ela está viva, pensa Jar.

— Incluindo o diário?

Jar crava o olhar em Miles, em busca de uma pista de que está certo, de que tudo aquilo está, na verdade, relacionado com Rosa. Mas o rosto de Cato permanece inexpressivo, inescrutável.

— Exatamente como estava quando a Amy Iho entregou — diz friamente. — Tem até às nove horas desta noite.

— E se não conseguir fazer isso?

— Tornamos tudo público hoje. Receio que uma detenção por Publicações Obscenas nunca pareça bem, particularmente quando combinada com o desrespeito pela Lei de Ofensas Sexuais.

Cambridge, trimestre de primavera, 2012

Consegui finalmente encontrar-me com o Dr. Lance hoje, depois de a nossa reunião ter sido adiada várias vezes. A terapeuta da faculdade, uma mulher americana chamada Karen, apareceu no final para uma conversa rápida, mas já falo mais sobre ela daqui a um minuto.

Ainda estou a tentar perceber qual o verdadeiro motivo pelo qual o Dr. Lance me queria ver. Foi diferente das nossas conversas incómodas normais, em que nos sentamos a comer os biscoitos caseiros da mulher e a beber chá verde enquanto ele pergunta se estou bem, se preciso de falar com alguém sobre a morte do Pai.

Para sua crescente preocupação, quando cheguei, recusei todas as ofertas da universidade para realizar terapia para o luto, bem como as do nosso médico de clínica geral, no último verão, imediatamente depois da morte do Pai. O momento não era o melhor, suponho. O Pai tinha morrido um mês antes do início do meu primeiro trimestre e tinha de tomar uma decisão: ou adiava a minha ida para Cambridge durante um ano enquanto me mentalizava do que tinha acontecido (demasiada introspeção) ou atirava-me de cabeça, esperando que a excitação de começar a universidade me fizesse esquecer tudo (problemas mais adiante).

Optei pela última e de alguma forma pareceu contraproducente inscrever-me na terapia enquanto estava a tentar adormecer a dor com a Semana do Caloiro. Não funcionou, claro. Os meus primeiros dois trimestres em Cambridge foram um desastre completo: demasiada pressão para me divertir, com a realidade a não corresponder às minhas expectativas elevadas. Uma sensação constante de que as pessoas alcançavam coisas noutro lado.

Devia ter adiado a universidade até ter aceitado a morte do Pai. Agora tenho consciência disso. Um ano, dois anos, o que fosse preciso. Em vez disso, tenho estado em negação, deixando a sua morte ulcerar em segundo plano, lançando sombras cada vez mais extensas sobre a minha vida aqui.

Desta vez, o Dr. Lance não se retraiu. Não houve silêncios constrangedores enquanto esperávamos que a sua chaleira infinitamente lenta fervesse. Tinha ouvido dizer que eu estava infeliz e parecia pensar que falar sobre o Pai (sobre o tempo que passaram juntos na faculdade, sobre a natureza única do seu trabalho no Ministério dos Negócios Estrangeiros e por aí fora) me animaria.

Comecei a chorar imediatamente, o que talvez fosse a sua verdadeira intenção. Queria expulsar o meu sofrimento e funcionou: meses de dor reprimida, ninguém com quem falar. (Falava sempre com o Pai sobre tudo o que me inquietava, mesmo durante os «anos do terror» como ele lhes chamava, quando a puberdade me transformou num monstro adolescente.)

O Dr. Lance não parece um homem acostumado a ter emoção na sua vida, mas não podia ter sido mais querido, ou menos envergo-

nhado, ao oferecer-me um lenço axadrezado (limpo), pousando uma mão no meu ombro enquanto eu me recompunha. Talvez seja o seu adorado Goethe que o faz estar tão à vontade na presença da dor.

— Desculpe — disse eu, assoando o nariz.

— Não há problema. Desculpa por não ter percebido antes que algo estava errado. Parecias tão equilibrada. E independente, até recentemente. Toda a gente ficou muito preocupada depois da tua última supervisão.

Provavelmente porque não tinha terminado o meu trabalho sobre *Hero e Leandro* de Marlowe, mas não lhe disse isso. O Dr. Lance colocou os dedos em triângulo debaixo da barba aparada, ruiva com laivos prateados.

— Acho que está realmente na hora de falares com alguém, Rosa. Temos uma excelente terapeuta em St. Matthew's, pode ser mais fácil do que passar pelos serviços sociais da universidade.

— Sinto a falta dele todos os dias — disse eu. O meu rosto estava vermelho, o rímel esborratado.

— Claro. Todos nós sentimos.

— E sinto-me tão culpada quando não me estou a divertir aqui, a fazer as coisas que sei que ele queria que fizesse.

— Há muita pressão para estes três anos serem os melhores da tua vida. Invariavelmente não são. Os meus não foram. O que, em parte, foi o motivo pelo qual fiquei aqui.

— Às vezes parece um eclipse, uma escuridão a varrer os campos, o sol a apagar-se a meio do dia, nos momentos em que é suposto es-

tar mais feliz.

— Tiveste pensamentos suicidas?

Fiz uma pausa, surpreendida pela sua mudança de tática.

— Tragicamente, perdemos demasiados jovens nesta etapa frágil das vossas vidas — acrescentou. Interroguei-me se estaria prestes a falar da morte da Mãe, embora ela tivesse morrido alguns anos depois da universidade. Eles os três formavam um grupinho unido em Cambridge, aparentemente.

— O Pai teve, nos seus piores momentos. Falámos sobre isso uma vez. Estaria a mentir se dissesse que não pensei nisso também.

— A Karen é uma terapeuta especializada no luto. Pedi-lhe que aparecesse hoje. Posso chamá-la agora?

Fiz um gesto afirmativo com a cabeça enquanto ele pegava no telefone e lhe ligava.

Dois minutos mais tarde, estava a apertar a mão da Karen e estávamos a ser conduzidas pelo Dr. Lance até ao sofá diante da sua lareira.

— Vou deixar-te nas mãos capazes da Karen — disse ele, com os dedos a tocarem no meu ombro novamente antes de sair da sala.

Tinha sido apanhada um pouco desprevenida, consciente do meu aspeto depois de tanto choro, mas a Karen devia estar habituada a ver rostos de estudantes lavados em lágrimas.

Foi imediatamente óbvio o motivo pelo qual todos os rapazes da faculdade fingem depressões para terem sessões com ela. A Karen tem cabelo louro pelo ombro, maçãs do rosto invejavelmente altas e olhos

azuis-claros. Bonita, de uma forma óbvia. Não há nada de errado nisso, suponho. Nem no facto de ser americana. Não consegui identificar de onde era o seu sotaque exactamente (Costa Leste?), mas tinha uma forma de se comportar que era imediatamente tranquilizadora sem ser condescendente.

— O Dr. Lance falou-me de si — disse ela. — E da sua mãe e do seu maravilhoso pai. Acho que a posso ajudar, se estiver disposta a deixar-me.

— Eu gostava — disse eu.

— Existem muitas opções em aberto para nós — acrescentou. — Diferentes formas de melhorar a sua vida.

Havia apenas uma coisa irritante na Karen: fazia uma breve inspiração mesmo antes de falar. Era como se se tivesse lembrado subitamente de respirar. Quanto mais falava (sobre as sessões em que queria que eu participasse, a sua experiência a trabalhar com jovens, o seu interesse em alucinações de luto), menos conseguia evitar reparar nisso, até que na minha mente se tornou num arfar ensurdecedor.

O Pai teria achado engraçado.

Jar procura um telefone público assim que é libertado da esquadra da polícia. Depois de procurar durante dez minutos, encontra uma cabine na New Bond Street e telefona a Carl para o escritório. Não se quer arriscar a ligar-lhe para o telemóvel.

— Comé que é? — pergunta Carl, com a sua voz de imitar um *gangster*. — O chefe está danado contigo. Tenho estado a ligar-te para o telemóvel toda a manhã.

— Fui preso.

— Preso? Pela polícia? — Por quem é que havia de ser, pensa Jar. Pelo Exército de Salvação? — Porquê?

Jar conta-lhe sobre o marido de Amy, sobre o caso contra ele, ouve a excitação desvanecer-se da voz do amigo, o medo a instalar-se.

— Mas é uma data de palermices, Carl. Andam mas é atrás do diário.

— Claro que andam. Eu entendo isso. — Carl faz uma pausa. — Mas, sabes, supondo que há imagens duvidosas no disco rígido... Podemos estar em sarilhos por termos mexido nelas?

— Não há imagens nenhuma, confia em mim.

— Mesmo assim, preciso de ligar ao Anton para o avisar.

— Eles querem o disco rígido às 21h. Consegues que ele te dê antes disso? Ia eu próprio, mas... — Jar olha para o exterior da cabine, examina a rua.

Carl concorda, relutantemente, em ir buscar o disco rígido, diz que irá a Ladbroke Grove depois do trabalho, encontrar-se-á com Jar na esquadra da polícia de Savile Row às 20h30.

— Não gosto disto, Jar. O Anton também não vai gostar. Vou simplesmente pedir-lhe o disco rígido de volta, poupar-lhe os pormenores.

— Preciso também que copie o diário antes de o entregarmos. Ele pode fazer isso?

— Posso pedir-lhe. Vens agora para o escritório?

— Diz ao chefe que tenho lascas de madeira em ambas as córneas e que a última vez que fui visto estava a entrar num trânsito intenso à procura de um médico dos olhos.

— Uau. De quantos dias livres estás à procura?

Jar adora o amigo, mas não tem tempo para discutir estratégias para ficar de baixa médica. E o seu trabalho parece-lhe mais irrelevante do que nunca nesse momento. Precisa de regressar ao apartamento, verificar se recebeu mais entradas do diário. Talvez sejam as últimas que lê, se Anton não conseguir copiar os ficheiros. Também tem um plano para impedir que Miles Cato leia o diário. Ou pelo menos para o atrasar.

Cambridge, trimestre de outono, 2011

Hoje, um homem veio ver-me, um antigo colega de trabalho do Pai. O Dr. Lance apresentou-mo nos seus aposentos. Chama-se Simon qualquer coisa (não me deu um cartão).

Enquanto bebíamos um xerez doce (sim, alguns velhos ainda bebem isso) diante da lareira do Dr. Lance, cujas brasas refulgiam, perguntou se conhecia a natureza exata do trabalho do Pai no Ministério dos Negócios Estrangeiros, o que ele tinha feito pelo país. Disse-lhe o que o Pai sempre me tinha dito: que trabalhava para a Unidade Política, a escrever relatórios aborrecidos sobre países remotos que ninguém se dava ao trabalho de ler.

— Não é bem assim — disse o Simon, olhando de relance para o Dr. Lance. Tinha um rosto gentil, quase atrevido, que não combinava com a sua meia-idade. Se não fosse pelo fato escuro, poderia ter sido confundido com um artista de variedades para crianças. Ou talvez um veterinário, alguém que é paciente com cachorrinhos.

Estava a ser petulante, a minha defesa habitual quando me sinto sensível (conhece-se como «melancolia da semana cinco», aparentemente). Qualquer conversa sobre o Pai tem uma grande probabilidade de me fazer explodir, particularmente quando alguém está a elo-

giá-lo. Estava também um pouco ressentida por ter sido chamada de Sidgwick Site de novo para a faculdade, por uma mensagem do Dr. Lance, precisamente quando estava finalmente a começar o meu trabalho sobre Coleridge.

— Decidiu-se homenagear o teu pai postumamente nomeando-o para a Ordem de São Miguel e São Jorge — disse o Simon, fazendo o xerez rodopiar no copo.

— Parece importante. — Ordem de São Miguel e São Jorge. Ele teria gostado.

— Foi nomeado Cavaleiro Comendador, um KCMG.

— De certeza que ficaria muito orgulhoso. Encantado.

Não era a palavra certa (era o xerez a falar), mas não estava preparada para aquela conversa sobre cavaleiros e comendadores. O Simon fez-me a vontade, com um sorriso breve.

— Estávamos a perguntar-nos se aceitarias a honra em nome do teu pai — continuou. — Na próxima semana.

— Onde?

— Na Catedral de St. Paul. É uma capela privada, uma cerimónia pequena.

— Parece que ele fazia mais do que me deu a entender — disse eu.

Sempre soube que o Pai não estava a ser completamente honesto comigo quando falávamos do trabalho, mas parecíamos ter chegado a um entendimento tácito de que eu não faria demasiadas perguntas e ele não daria mais pormenores.

Julgo que não era um espião (costumava fazer muitos comentários depreciativos sobre os «fantasmas» na Alta Comissão em Islama-bad), mas acho que pensei simplesmente que o seu trabalho era importante e que, se não me queria dizer mais nada sobre isso, provavelmente havia uma boa razão para tal. Sei apenas que o trabalho dele nos levou a alguns lugares incríveis ao longo dos anos: Índia, Paquistão, China, Hong Kong.

— Fez muito trabalho com jovens — disse o Dr. Lance, olhando para o Simon para obter o seu acordo. Ou seria a sua aprovação? — Salvou muitas vidas.

— A sério? — disse eu, surpreendida. O Pai nunca tinha mencionado que trabalhava com jovens, embora tivesse dito uma vez que gostava de ter sido professor.

— Um trabalho extraordinário. A sua morte deixou um grande vazio em muitas vidas — disse o Simon.

Desviei o olhar da lareira, com os olhos marejados. Passaram pouco mais de dois meses desde que o Pai morreu e estaria em negação se dissesse que estava sequer a começar a aceitar o facto de ele não estar aqui, de não estar disponível do outro lado do telefone. Ele atendia sempre as minhas chamadas, mesmo quando estava em reuniões importantes. Acho que foi uma promessa que fez a si próprio.

— Sentir-me-ia honrada em aceitar o prémio em nome do Pai — consegui dizer, por fim. — Obrigada.

— Excelente. No entanto, há mais uma coisa — continuou o Simon. — Chamaram-me a atenção para o facto de alguns jornalistas estarem a fazer perguntas sobre o teu pai, sobre as circunstâncias exatas

da sua morte. Agradecia que me dissesse se algum deles te tentar contactar diretamente.

— O que é que andam a perguntar?

— As coisas sensacionalistas habituais, se era um espião. Nós não vamos comentar e tu também não o devias fazer.

Ainda tenho o cartão de um jornalista que me abordou no funeral do Pai. Devia tê-lo deitado fora. Não tenho a certeza do motivo por que o guardei, ou porque não o referi nesse momento. Talvez porque também há uma sombra de dúvida na minha cabeça sobre a morte do Pai, não que tenha sido suspeita nem nada disso, mas porque não sei a história completa da sua vida.

Não tenho a força mental neste momento para fazer perguntas. Tudo o que sei é que o Ministério dos Negócios Estrangeiros fez a sua própria investigação interna, em que concluiu que o Pai morreu num acidente: um acidente de carro nos Himalaias, à saída de Leh, em Ladakh (um dos meus sítios preferidos no mundo, apesar das estradas traiçoeiras). Estava a tentar determinar a natureza da ameaça chinesa ao longo da fronteira da Índia com o Tibete. Pelo menos, foi isso que me disse explicitamente quando me ligou de Heathrow. «Manda os meus cumprimentos ao Dalai Lama», tinha gracejado eu. Acho que foram as últimas palavras que lhe disse.

— Não era um espião, ou era? — perguntei, enquanto o Simon se virava para o Dr. Lance, indicando que a nossa reunião tinha terminado. Não esperava que respondesse.

— Não — disse ele. — Era muito mais importante do que isso.

— É simplesmente uma coincidência Jar — diz Carl, dando um trago numa cerveja fresca.

— Dizes isso — responde Jar, mais bêbado do que deveria estar numa terça-feira à noite —, mas quantas terapeutas especializadas no luto conheces que são a) americanas, b) louras absolutamente deslumbrantes e c) fazem uma inspiração pequena mas estranhamente audível mesmo antes de falar? Responde-me.

— Então a Kirsten agora é uma brasa, é? Mudaste de tom.

— Eu não lhe diria que não se a apanhasse na minha cama. Tu sabes disso, eu sei disso. É apenas uma constatação de factos. *Beleza é verdade, verdade é beleza: isto é tudo o que conheceis sobre a Terra, e é tudo o que precisais conhecer.*

Jar só se permite citar poetas, particularmente os britânicos, quando está bêbado.

— Não acreditas em mim, pois não? — continua. — Ora, diz-me que não achas estranho.

— Não, não acho, Jar. Não acho nada estranho. É pura casualidade. Serendipidade.

Jar está demasiado bêbado para voltar a expor os seus argumentos, ou para gozar com Carl por arriscar usar uma palavra como «se-

rendipidade», mas tenta.

— Sei que tens boas intenções, Carl, mas fora da tua cabeça há muita coisa que faz sentido — diz. — Fui detido pela polícia esta manhã assim que saí do consultório da Kirsten na Harley Street. Literalmente, uns metros abaixo do edifício dela. Ela agarrou no telefone e ligou-lhes assim que eu saí.

— Porque é que ela faria isso?

— Porque menti sobre o diário. Ela perguntou-me se a Rosa escrevia um diário e eu disse que não. Foi a última pergunta da sessão, para a qual toda a sessão se tinha encaminhado.

Carl lança-lhe um olhar carregado. Jar sabe como deve soar (paranoico, alucinado), mas já não se importa.

— Porque é que disseste que não tinha? — pergunta Carl.

Jar olha de relance para o amigo enquanto dá outro trago na sua cerveja *Gat*. Por um segundo, passa-lhe pela cabeça que Carl também esteja metido naquilo. Já aconteceu antes (suspeitas passageiras, irracionais, a ameaçar envenenar o poço da sua amizade), mas aprendeu a rejeitá-las assim que aparecem. Dessa vez, é mais difícil. Foi Carl que o apresentou a Kirsten, que lhe disse que a deixasse ajudá-lo. Ele e Carl têm uma longa história juntos, tranquiliza-se: cinco anos. Conheceram-se pouco depois de se ter mudado para Londres. Pouco depois da morte de Rosa...

— Responde-me a isto — diz Jar, tentando prosseguir. — Ela usou uma determinada expressão. Disse que a maioria das pessoas acha que a alucinação de luto é como *um rasto de condensação deixado no céu*. A Rosa escreveu uma coisa quase idêntica no diário: *Nenhum*

rasto de condensação no céu de Fenland. Disse que era o tipo de coisa que a sua terapeuta diria.

— E? — Carl ergue as sobrancelhas.

— Não achas que é estranho? Uma expressão estranha para que ambas a usem?

— Não, não acho.

— Procurei no Google: só há setecentas ocorrências dessa frase em toda a Internet.

— Tenho de ser honesto, mano. Isto não é só uma pequena fantasia obsessivo-compulsiva estranha que estás a desenvolver com base em coincidências, é um problema sério. Foste levado para a choldra pela bófia.

— Nem me digas nada. E ainda houve aquilo de entrarem no meu *e-mail*.

— Eu também podia ter sido preso — diz, ignorando os anteriores problemas informáticos de Jar. — E o Anton.

— Não há nenhuma imagens duvidosas naquele disco rígido.

— Isso é o que tu dizes. Mas como é que sabes?

— Porque toda a história sobre imagens indecentes é simplesmente um disfarce. Andam atrás do diário da Rosa, Carl.

Há uma pausa enquanto ambos os homens bebem lentamente as suas cervejas, observando o *barman* misturar *Bacardi* e *Red Bull* para duas jovens estudantes asiáticas. Normalmente, nenhum deles frequentaria um *pub* em Piccadilly (território de turistas), mas ambos precisam de uma bebida depois de Carl, a arfar como um cão, ter entre-

gado o disco rígido a Jar às 20h55, à porta da esquadra da polícia de Savile Row. Esperara na rua, para recuperar o fôlego, enquanto Jar fora lá dentro e entregara o disco ao agente de serviço, que parecia estar à espera dele. Miles Cato não estava lá.

Tinham cumprido o prazo, mas por pouco. Anton tinha protestado quanto a copiar o disco, perguntando por que motivo Carl o queria subitamente de volta. Protestou ainda mais quando Carl lhe pediu que acrescentasse outra camada de encriptação à pasta original. Jar esperava que isso atrasasse Miles Cato (conseguindo ganhar alguns dias, até mesmo algumas horas), mas duvidava.

— Obrigado por teres ido buscar o disco rígido — diz Jar, numa espécie de pedido de tréguas.

— O Anton não ficou contente.

— Mas codificou-o, não codificou?

— Desapareceu durante uma hora.

— Quanto é que te devo?

— Uma provisão de haxixe bolha para a vida toda.

— Foi isso que lhe prometeste?

— Se não é bolha, não merece a escolha — diz Carl, olhando de relance para o relógio enquanto põe o braço bêbado em redor de Jar.
— Ela deve estar mesmo a chegar.

— Quem? — Jar olha à sua volta para o *pub* apinhado, mas não reconhece ninguém.

— A Kirsten absolutamente deslumbrante, claro.

— Carl? — Não consegue acreditar no que o amigo acabou de dizer.

— Tem calma. Não vem em trabalho. Prometeu não falar desta manhã.

— Mas...

— Não vou dizer uma palavra sobre a dupla dela em Cambridge. Ou sobre rastos de condensação. Ou sobre respirações estranhas. Prometo. Descontraí.

Mais uma vez, Jar rejeita tocar com o seu punho no punho esticado do amigo. Em vez disso, procura nos seus olhos familiares provas de traição. Que raio lhe passou pela cabeça para convidar Kirsten para se juntar a eles? E por que motivo Jar lhe fez tantas confidências?

— Não me sinto à vontade com isto. Sou paciente dela. Pelo menos, era. Não tenho a certeza se algum dia vou querer voltar lá.

— Mais uma razão para desfrutar da companhia dela esta noite.

— Podias ter-me avisado.

— Pensava que tinha acabado de o fazer.

— Quando ela está prestes a chegar.

— Terias fugido se te tivesse dito antes. Ela gosta de ti. E é uma brasa.

— É toda tua.

— Sou um homem comprometido.

— Desde quando?

— Desde ontem à noite. Se te tivesses dado ao trabalho de vir ao escritório esta manhã em vez de teres sido preso, tinha-te falado da Tatiana de Odessa.

— Estou no ir. — Jar é dominado por uma súbita necessidade de deixar o *pub*, de estar sozinho, desanuviar a cabeça.

— Jar... — A mão de Carl está agora no seu braço, a agarrá-lo. — Fica um bocadinho. Vai ser bom para ti. Diverte-te. Desfruta da *craic*[\[11\]](#).

— Não percebes — diz Jar, ignorando o apelo tosco de Carl ao seu coração irlandês. Não vai cair nessa. — Eu menti-lhe hoje, saí de lá o mais depressa possível.

— Bom, mente outra vez. Ela não te vai perguntar nada sobre esta manhã.

— Ligaste-lhe?

— Ela ligou-me. Por causa do artigo que estou a escrever sobre música e psiquiatras. Depois perguntou se estavas bem.

— Quando? — Carl é o seu melhor amigo, pensa Jar. Calma.

— Esta noite. Quando estava na casa do Anton. Disse-lhe que uma bebida ia animar-te, mas concordámos que isso não parecia ser muito profissional. Ela prometeu evitar qualquer conversa profissional. Para além disso, não lhe estás a pagar, não é uma verdadeira relação paciente-terapeuta, pois não?

— Foi isso que ela disse?

— É a minha leitura imparcial da situação.

— Meu senhor. *Jaysus*[\[12\]](#), Carl.

— Vá lá, Jar. Tens de ultrapassar isto tudo. Prosseguir com a tua vida

— Vocês têm a certeza de que não me estou a intrometer?

Jar rodopia para ver Kirsten de pé ao seu lado, a sorrir de uma maneira que lhe revolve o estômago. Tem um vestido curto vermelho-cereja e saltos altos e irradia calor e charme (como uma sereia, pensa Jar).

— Estávamos mesmo a falar de ti — diz Carl, piscando o olho a Jar. — O que é que o Jar te pode oferecer para beber?

[11] Palavra irlandesa que significa «animação» (N.T.)

[12] Expressão irlandesa para Jesus (N.T.)

Cornualha, verão, 2011

Não tenho a certeza se consigo escrever muito esta noite. Sinto-me dormente, estranha, fraturada, como se estivesse a viver num mundo paralelo à vida que vivia antes de o Pai morrer. Um mundo idêntico ao meu em todos os aspetos exceto num.

O Pai foi enterrado esta manhã, junto da minha mãe, no cemitério em Paul, bem alto sobre Mousehole: o único sítio constante na vida itinerante da nossa família. A minha mãe cresceu nesta aldeia da Cornualha de onde agora estou a escrever. A mãe dela viveu aqui durante sessenta anos, mas os locais ainda a consideravam uma estrangeira (ou trazida pelo vento, como eles dizem).

A Mãe herdou uma barraquinha de pescador e vinha cá com o Pai sempre que voltavam ao Reino Unido. Costumavam andar pelo caminho costeiro até Lamorna, conduzir pela charneca até St. Ives para comprar um quadro que levavam para as monótonas instalações do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Pequim, Islamabad ou Deli. O Pai contou-me uma vez como tinha tido de devolver um quadro à galeria no dia seguinte a tê-lo comprado. Era uma pintura de uma praia, três faixas de cor, amarelo, verde e azul, e, já tarde nessa noite, quando apreciavam a sua simplicidade abstrata enquanto tomavam

uma garrafa de vinho, o Pai pensou subitamente que conseguia vislumbrar o perfil de uma gigantesca figura nua com peitos enormes reclinada nas dunas. Não era intencional, apenas uma forma ambígua, mas depois de a terem visto, o quadro estava arruinado.

— A Mãe ficou bastante zangada, disse que eu tinha uma mente imunda — afirmou o Pai.

Trouxe-me aqui muitas vezes nos meses e anos que se seguiram à morte da Mãe. Lembro-me de cuidar da sua campa, de cortar a erva com uma tesoura de plástico vermelha de criança, de olhar para o texto ordenado na lápide de ardósia, de perguntar ao Pai por que motivo havia um grande espaço por baixo do nome da Mãe. Só quando cresci é que ele me explicou que o espaço estava reservado para ele.

— Dois por um, promoção da agência funerária — gracejou.

Hoje não houve piadas. Talvez até mesmo o Pai tivesse tido dificuldade em ver o lado cómico da sua morte, com quarenta e seis anos, no auge da vida e da carreira, morto nos Himalaias, um sítio que adorava, por um condutor de um camião que adormeceu ao volante. Estou a forçar-me a escrever estas palavras, na esperança de que torne o que aconteceu mais real. *Morto nos Himalaias, um sítio que adorava, por um condutor de camião que adormeceu ao volante.* Neste momento, o meu cérebro recusa-se a processar a realidade da sua morte. O Pai morreu. Desapareceu. Nunca mais vou voltar a vê-lo. Nunca mais vou ouvir a sua voz. Entrelaçar o meu braço no dele.

Amanhã vou visitar o sítio onde o Pai me disse para ir em caso de emergência, se o mundo alguma vez saísse dos eixos. Nunca lá estive antes, mas ele deu-me instruções, uma vez. Funcionou para ele

em certos momentos da vida (passou vários dias lá depois de perder a Mãe, disse ele, a caminhar, a acampar) e espero que possa proporcionar-me algum consolo agora. Preciso de alguma coisa.

A Amy (tão triste hoje, fortemente sedada) disse que haveria uma cerimónia fúnebre em Londres daqui a alguns meses, depois de toda a gente ter ultrapassado o choque. Haverá mais piadas nessa altura, espero, histórias partilhadas, risos lembrados. A Amy também disse que posso visitá-la todos os fins-de-semana na sua casa de Cromer, se precisar de me afastar da faculdade. Ela sente terrivelmente a falta do Pai, mas está a tentar ser forte por mim. Sei que eles os dois não se viam tantas vezes quanto gostariam, por causa do Martin. Ela prometeu que isso não aconteceria comigo no futuro.

Consegui fazer a minha leitura na cerimónia: «O que é o sucesso», um dos poemas favoritos do Pai (*Rir muito e muitas vezes... encontrar o melhor nos outros... isto é ter sido bem-sucedido*), em relação ao qual gostava de assinalar que era erradamente atribuído a Ralph Waldo Emerson. Não tenho a certeza do que toda a gente achou do poema. A Amy tentou convencer-me a não ler nada em público, mas eu senti que devia isso ao Pai.

Chorei antes de me levantar, quando trouxeram o caixão pela primeira vez, e chorei depois, quando cantámos *Dear Lord and Father of Mankind* (*Querido Senhor e Pai da Humanidade*), mas não durante a minha leitura. Senti-me forte nessa altura. Imaginei o Pai no fundo da igreja, de braços cruzados, a assentir com a cabeça em sinal de encorajamento, como o tinha visto fazer uma vez à porta do teatro da escola, quando apareceu vindo de Londres mesmo a tempo de me

ver cantar *Oh, Look at Me!* (*Oh, olha para mim!*) em *Salad Days* (*Verdes anos*).

Era uma coleção estranha de pessoas que estava reunida na robusta igreja castigada pelo tempo. Estavam lá muitos dos seus colegas do Ministério dos Negócios Estrangeiros, muitos dos quais tinham viajado de comboio de Paddington até Penzance, embora eu tivesse reparado que uma ou duas pessoas com aspeto importante se foram embora depois em carros oficiais discretos.

O Dr. Lance, que me tinha entrevistado em Cambridge, apareceu para uma conversa no King's Arms, o *pub* do outro lado da estrada, onde a Amy tinha organizado um velório (sandes de caranguejo, vinho branco, flores silvestres que tínhamos apanhado juntas nas sebes nessa manhã). Foi muito querido, disse como aguardava com expectativa poder receber-me em St. Matthew's em outubro, embora percebesse perfeitamente se eu quisesse adiar o meu curso universitário. O meu lugar ficaria reservado.

Alguns barcos de pesca estão agora a voltar, passando por Mount's Bay no caminho de regresso a Newlyn, com as luzes de navegação quase invisíveis no crepúsculo às riscas da chuva. Estou sentada na mesma janela onde o Pai se costumava empoleirar com os binóculos, apontando para os barcos no horizonte. Gostava de ter prestado mais atenção. O calorífero a carvão está a fumar muito (o Pai costumava sempre amaldiçoar o facto de puxar pouco o fumo; eu nunca soube como funcionava) e está frio nesta casa velha com paredes de madeira, mas estou contente por ter alguns dias para mim. Foi esgotante hoje, ter de fazer uma cara corajosa perante as coisas quando na ver-

dade só queria fugir pela charneca e atacar os deuses que me levaram o Pai.

Algumas coisas que nunca vou esquecer sobre o Pai:

- A voz pateta que fazia como Once-Ler quando me lia O *Lorax*.
- Encontrá-lo no escritório uma noite, a chorar por causa de fotografias de família da Mãe, dele e de mim em bebé, de férias em Sevilha. Ela tinha morrido há quinze anos.
- O som do seu riso a erguer-se a partir da sala de estar quando estava a ver mais uma repetição do *Dad's Army* (*Exército do pai*).
- Quando chamuscou as sobrelanceiras frondosas ao acender uma fogueira húmida com petróleo.
- Quando foi à noite dos pais na escola com uma mola para andar de bicicleta ainda presa às calças.
- Quando se pôs de pé junta às linhas laterais durante um jogo de *netball* à chuva, a incentivar-me como se se tratasse de um jogo internacional de râguebi (de certeza que desejava que assim fosse, mas nunca se queixou).

Um homem abordou-me no King's Arms mesmo quando estávamos a sair do velório, disse que gostava de falar comigo quando me sentisse mais forte.

— Estava a tentar entrevistar o seu pai para uma história na qual estou a trabalhar — disse ele, de pé no bar com uma cerveja na mão (suspeitei de que não era a primeira do dia). Tinha pouco mais de cinquenta anos, com uns doze quilos a mais, e podia ter sido bem-parecido em tempos, antes de a cerveja ter começado a ruborizar-lhe a cara e a inchar-lhe a barriga.

— Não sei se este é o momento ou o lugar — disse eu. Os únicos jornalistas que conheci são os correspondentes estrangeiros que costumavam aparecer na Alta Comissão no Paquistão para bebidas grátis. Era uma malta divertida e também não me senti ameaçada pelo homem que estava à minha frente. Olhou de relance em redor do bar, o que me fez olhar também. — Esteve na cerimónia? — perguntei.

— Isso não seria apropriado. Nem sequer devia estar aqui, a falar consigo. Pode ligar-me daqui a um ou dois meses? Um ano? Quando sentir que consegue. Gostava de ter uma conversa consigo. Max Eadie, jornalista *freelancer*. — Entregou-me um cartão e afastou-se, ao mesmo tempo que uma das colegas do Pai se aproximava.

— Está tudo bem? — disse a mulher.

— Sim — respondi, segurando firmemente o cartão atrás das costas.

Jar empurra a cadeira para trás, passando uma mão pelo cabelo. Está diante do computador na arrecadação, sóbrio depois de um banho frio, incapaz de dormir. A sua noite no *pub* em Piccadilly continua um borrão. Espera ter-se comportado, não ter revelado o que sabe ser verdade: «Kirsten» é a mesma mulher do que «Karen», a terapeuta da faculdade apresentada a Rosa pelo Dr. Lance há cinco anos. Tem a certeza disso. Foi Kirsten quem se aproximou dele através de Carl; Kirsten quem lhe perguntou sobre o diário de Rosa. E Kirsten quem ligou à polícia quando lhe mentiu. Jar queria apenas saber por que motivo ela se aproximou dele, para quem trabalha.

Olha de relance para o computador. São três da manhã e talvez não tenha muito tempo. Se a polícia o prendeu uma vez, pode fazê-lo novamente. Miles Cato quererá ter outra conversa quando a sua equipa se deparar com as habilidades de encriptação de Anton.

Max Eadie, pensa Jar, dando voltas ao nome na cabeça. Poderia ser o mesmo jornalista? Nos primeiros meses depois de Rosa morrer, um jornalista fizera perguntas sobre ela por Cambridge, mas Jar nunca conseguiu localizá-lo.

Foi a faculdade de Rosa que deixou escapar a informação. Um porteiro atipicamente indiscreto. Jar viajara até Cambridge em agosto, um mês depois da morte de Rosa, determinado a falar com o Dr. Lan-

ce. O reitor não respondia a *e-mails*, nem atendia as suas chamadas, pelo que Jar pensou surpreendê-lo à porta. Não foi bem-sucedido.

— Quem devo anunciar? — perguntou o homem de fato preto na guarita do porteiro. Era o que a sua mãe chamaria de um *gay* bem-parecido, pensou Jar.

— Jarlath Costello.

O porteiro observou-o enquanto pegava no telefone e marcava uma extensão.

— Não é mais um jornalista, pois não?

— Não sou jornalista. Sou estudante. Na King's. — Tecnicamente, era mentira. Jar não voltaria a Cambridge em outubro como planeado para a pós-graduação, não conseguia enfrentar a faculdade depois do que acontecera. E acabara de conseguir o primeiro emprego num *website* dedicado às artes. — Porque é que pergunta?

— Um jornalista qualquer de Londres andou a bisbilhotar há pouco. A fazer perguntas.

— Sobre o quê?

— O Dr. Lance não atende. — O porteiro voltou a marcar o número.

— Estava a fazer perguntas sobre o quê? — continuou Jar, surpreendido com a sua própria persistência. — O jornalista.

— A morte que não ousa dizer o seu nome. Suicídios de estudantes. O Dr. Lance não atende.

— Consegue lembrar-se de como se chamava?

— É melhor marcar uma reunião.

E foi tudo. Um jornalista londrino «a bisbilhotar». Poderia estar interessado em Phoebe, claro, cujo suicídio horripilante no Baile de Maio saíra em todos os jornais no verão. Seguiu-se a morte de Rosa algumas semanas depois. Teve a cobertura da imprensa local simplesmente como mais um infeliz suicídio estudantil. Não se falou do pai, tendo-se simplesmente relatado que trabalhava para o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Jar sabe que Rosa e o pai eram próximos. Gostava de poder ter conhecido Jim Sandhoe, depois de ter ouvido tantas histórias felizes de Rosa sobre ele. Nos primeiros tempos, utilizando habilidades jornalísticas básicas que adquiriu enquanto trabalhava no *website* dedicado às artes, Jar tentou descobrir mais coisas, mas não teve sorte nenhuma. Não havia quase nada sobre o pai de Rosa *online*, exceto alguns relatórios de acesso aberto sobre a economia no sudeste asiático que ele coescrevera. Não havia qualquer indicação que sugerisse que trabalhara para mais alguém além da Unidade Política do Ministério dos Negócios Estrangeiros, embora Jar se tivesse apercebido rapidamente que se tratava de um departamento utilizado regularmente por agências de informações como disfarce oficial. Mas agora, aparentemente, o seu trabalho era «mais importante» do que o de um espião. Nunca se deparou com nada sobre uma nomeação póstuma como KCMG.

Jar pesquisa por Max Eadie, agradecido pelo facto de o seu nome ser relativamente bom para procurar no Google. Não há jornalistas, apenas um Max Eadie que gere a sua própria empresa de relações públicas em Londres. Abre o *website*, clica em «Sobre Nós» e olha

para uma fotografia de um homem de papada com uns cinquenta anos. A sua biografia faz referência a uma carreira inicial como jornalista de investigação, um trabalho que o levou a «entender as complexidades da gestão de crise em RP de ambos os lados da barricada». Os clientes incluem um conjunto de bancos impopulares. Há um número de contacto «de crise» debaixo da biografia de cada membro da equipa, incluindo um número de telemóvel para Max Eadie.

Jar examina a rua antes de deixar a arrecadação e caminha de volta ao apartamento, evitando os feixes de luz cor de laranja da rua. Há uma carrinha estacionada no final da estrada que não estava ali antes. E um dos carros do lado oposto ao seu bloco desapareceu. Vai telefonar a Max Eadie logo de manhã.

Retiro silencioso, Herefordshire, trimestre de primavera, 2012

A vista do meu quarto é linda: o sol brilha na cordilheira alta acima de nós, uma quietude primaveril estende-se pelo vale em baixo. Estou aqui para «apaziguar a minha mente», estar em contacto com a minha «calma interior». Pelo menos é isso que o Maggs, o homenzinho simpático lá em baixo, disse quando nos reunimos todos para a conversa de acolhimento. Tinha calças de ganga e uma camisa de algodão branco sem colarinho (sem túnicas esvoaçantes). Havia uma serenidade invejável nele e a sua conversa foi sobre concentração e foco, sobre viver o momento e libertar-se do que nos preocupa: pensamentos, emoções. Aparentemente, era um vagabundo do esquí antes de se encontrar em Bali.

Não houve tretas místicas, embora não me incomodasse se tivesse havido. Sou bastante aberta a esse tipo de coisas, depois de ter estado nos Himalaias. O Pai costumava meditar todas as manhãs quando estávamos no Paquistão e estávamos a começar a discutir as maiores questões da sua vida quando morreu. Sinto-me estranhamente próxima dele aqui.

O único senão é ser um retiro silencioso, o que pode vir a revelar-se um desafio para mim. Podíamos colocar questões durante a con-

versa de acolhimento, mas de agora em diante temos de ficar calados.

Entregámos os telefones quando chegámos e fomos proibidos de ler ou conversar.

Espero que este diário me ajude a superar isso. É estranho, pensar no quanto dependemos de falar. Quando me encontrei com as pessoas lá em baixo, quis dizer olá, perguntar de onde era toda a gente. Uma rapariga tinha uma enorme constipação, tinha um aspeto horrível, mas não pude perguntar se estava bem.

Partilho um quarto com outra rapariga. Depois de termos vindo para cima para deixar as nossas malas, cumprimentámo-nos com um aceno de cabeça e um sorriso. Tive de morder o lábio. Queria saber tudo sobre ela, trocar opiniões sobre o Maggs (está bem, cartas em cima da mesa, está em boa forma, o que pode vir a ser uma distração quando estivermos a tentar meditar; tenho de manter os olhos fechados), perguntar onde é que comprou as pulseiras lindíssimas, que parecem indianas.

Foi ideia da Karen vir para cá. Depois da minha reunião com ela nos aposentos do Dr. Lance, marcou a minha primeira «sessão» no seu escritório, ao lado do Segundo Pátio. Deixou que me encarregasse da maior parte da conversa: falei do Pai, de como tentei (e falhei) submergir-me na vida universitária em vez de chafurdar na dor, da perspetiva bem real de desistir da faculdade no verão, talvez de viajar para a Índia, de visitar o lugar onde o Pai morreu. Também lhe falei dos meus momentos mais negros, das noites em que não conseguia dormir, dos meus pensamentos de terminar com tudo.

— Acho que não se deve subestimar o efeito de perder um pai — disse ela. — Ambos os pais, no seu caso. Se precisar de fazer uma pausa na vida universitária, de viajar durante um ano, tenho a certeza de que o Dr. Lance entenderia.

— Acha que sim?

— Já falámos sobre isso. E todos achamos que seria uma boa ideia tirar algum tempo para si. O primeiro ano é suficientemente *stressante* sem a complicação adicional de fazer o luto por um pai.

— E os estudos?

— Podem esperar.

— A faculdade aceitar-me-ia de volta?

— Claro. Acho que visitar a Índia pode ajudá-la a sarar. — Neste ponto, fez uma pausa, e foi a primeira vez que senti que havia outro objetivo para o nosso encontro. Houve algo no seu comportamento que me fez sentir que ela estava à espera do momento adequado, a aguardar para levar a conversa noutra direção. Não fiquei completamente surpreendida pelo que disse a seguir: — Ou.... — Levantou-se da secretária e veio sentar-se ao pé de mim no sofá. Os seus olhos eram de um azul extraordinário e tinha um leve aroma: limões. Estival. — Pode decidir que a universidade não é para si, ir embora no final do próximo trimestre e fazer algo completamente diferente com o resto da sua vida.

— Não percebo.

— Há certas pessoas que simplesmente não estão talhadas para a universidade, particularmente num sítio como Cambridge, onde as ex-

pectativas por vezes são tão altas. Pela minha experiência de trabalho aqui e em Oxford, os estudantes mais infelizes são frequentemente os mais dotados: em línguas, em ciências, em filosofia. Por aquilo que o Dr. Lance me disse, a Rosa é uma estudante extraordinária: aluna de quadro de honra em duas áreas.

— Não tenho a certeza disso — disse eu, sentindo-me a corar. Era estranho, mas a mera sugestão de que poderia não passar mais dois anos naquele lugar já me tinha levantado o ânimo.

— Contudo, a perspetiva de desistir da faculdade pode, em si mesma, ser muito *stressante*. Pode haver uma sensação de falhanço pessoal e desistir também não fica bem num currículo. O Dr. Lance está demasiado consciente disto. Quer que toda a gente que sai daqui alcance o melhor na vida. Falámos muito sobre si, sobre como foi corajosa ao vir para cá tão pouco tempo depois da morte do seu pai.

— Não sei se não foi demasiado cedo — disse eu. As lágrimas estavam a chegar.

— Nunca saberemos. Pessoalmente, acho que fez bem em tentar. E faz bem em reconhecer, agora, que isso pode não ter corrido da melhor forma. O Dr. Lance quer ajudá-la. Foi por isso que me chamou. Gostava muito do seu pai e transtorna-o vê-la tão infeliz. Quero que saia daqui durante alguns dias, que tire algum tempo para pensar na vida, para onde quer ir. Acalme um pouco as coisas nesse seu cérebro ocupado e brilhante. Quando voltar, podemos falar mais sobre as opções disponíveis, sobre o que é melhor para si, o seu bem-estar a longo-prazo.

Foi isto que ela disse. E aqui estou eu agora, sentada numa casa de campo remota em Herefordshire, prestes a ir lá abaixo para a nossa primeira verdadeira sessão de meditação. Amanhã vou acordar às seis, para começar às seis e meia, ao que se seguirá mais meditação depois do almoço (toda a comida é vegetariana). *Tai chi* ou *yoga* no final de cada sessão, duas horas livres no meio para caminhar. Cama às nove.

A faculdade pagou o meu transporte (um comboio para Londres, depois outro, uma viagem de três horas, para Hereford) e há apenas uma condição para a minha visita: não devo mencioná-la a ninguém. Não tenho a certeza do motivo. Talvez o Dr. Lance não queira uma debandada de estudantes a correrem para Herefordshire para descontraírem durante alguns dias.

A minha companheira de quarto veio para cima enquanto estava a escrever isto e tem estado sentada na cama, também a escrever. Uma carta, acho eu. Não consegui evitar e rabisquei o meu nome num pedaço de papel e dei-lho, juntamente com um pedaço de chocolate negro. Não era suposto termos trazido comida connosco, mas consegui meter cá dentro chocolate com 85% de cacau, supondo que se tratava de um produto para a saúde, alimento para a alma.

Escreveu o nome no papel (chama-se Sejal) e devolveu-mo, acrescentando um obrigada pelo chocolate. Foi enquanto me passava o papel que vi o que as pulseiras ocultavam: cicatrizes de lacerações profundas no pulso, agora a sarar, mas bastante recentes. Surpreende-me como sobreviveu.

Viu que eu reparava nelas e fizemos uma pausa durante um momento, reconhecendo-nos verdadeiramente uma à outra pela primeira vez. Então, agarrei na minha caneta e escrevi no papel: «Em que universidade estudas?». Hesitou, antes de escrever a resposta: «Oxford». Peguei no papel e escrevi novamente: «A Karen mandou-te para cá?».

Olhou para mim surpreendida e assentiu com a cabeça.

— Obrigada por ter arranjado tempo para me receber — diz Jar.

— Fiquei intrigado com a sua mensagem.

Jar observa o escritório arejado de Max Eadie, a vista para Greenwich através das Docklands. Passou muitas horas na varanda do seu apartamento a fitar este edifício, a observar a luz noturna a cintilar no seu vértice, a iluminar as nuvens baixas como relâmpagos preguiçosos.

É a primeira vez que entra realmente no One Canada Square e, durante alguns momentos tensos no andar de baixo, pensou que não o conseguiria fazer.

— Identificação? — perguntara o segurança no torniquete. Jar retirou a carta de condução, interrogando-se se os seus dados dariam algum sinal de alarme. Será que estava prestes a ser novamente detido? Despachado numa carrinha da polícia para ser interrogado por Miles Cato? Mas deixaram-no prosseguir, observado pelos seguranças enquanto caminhava até à rampa dos elevadores e esperava por um que o levasse até ao vigésimo andar.

Meia hora antes, sentira que estava a ser observado quando deixara o seu bloco de apartamentos, aquela mesma sensação de desconforto que tivera em Cromer. A sensação persistira no Docklands Light Railway, quando um homem entrara na sua carruagem no último mo-

mento. Sabe que está a ser paranoico, mas a viagem para cá deixou-o tenso.

— Café? Chá? — oferece Max.

— Estou bem assim — diz Jar. Gosta de dar a si mesmo trinta segundos quando conhece alguém novo para absorver as primeiras impressões, avaliar a sua própria resposta visceral a outro ser humano. Max tem excesso de peso (Jar ajusta a sua própria camisa) e as maçãs do rosto estão mais rosadas do que deveriam, sugerindo *joie de vivre* ou um hábito de bebida induzido pelo *stress*. Um pouco de ambos, talvez.

Tem uns óculos de ler pendurados à volta do pescoço e há um conjunto de tacos de golfe apoiado no canto. Um conjunto antigo, nada vistoso. Acima deles uma estante de livros, uma fileira de pastas e um exemplar de *An Indian Summer* (*Um verão indiano*) de James Cameron. O fato de linho é largo e está enrugado e há uma nódoa de comida no meio da gravata floral.

— Não estou aqui para contratar os seus serviços, sabe disso? — começa Jar.

— Calculei — responde Max, limpando os óculos na gravata. — Merda — diz, reparando na nódoa. Cospe na gravata e esfrega-a com os dedos. — Tem filhos?

— Que eu saiba não.

— Nunca deixe que o abracem se estiver de fato quando há *ket-chup* na ementa. Na nossa casa, há sempre.

— Vou tentar lembrar-me disso.

— Sei o que está a pensar. Um velho como eu, filhos pequenos.

— Não, de todo.

— Não é uma segunda mulher, nada disso.

Jar levanta a mão em sinal de protesto fingido, como se dissesse «longe de mim julgar».

— Na verdade é a terceira — Max sorri. — Ofereci-lhe uma bebida?

— Não quero, obrigado.

Jar interroga-se como Max chegou a ser um gestor de conflitos dada a sua própria vida aparentemente caótica.

— Acho que em tempos escreveu um artigo sobre o Jim Sandhoe — diz, procurando focar-se no que veio aqui fazer.

— Nunca o publiquei, infelizmente. Em nenhum jornal impresso, pelo menos.

— Ainda está disponível para leitura?

— Foi há muito tempo. Noutra vida. — Olha de relance em redor do dispendioso escritório, como quem relembra a Jar das suas atuais circunstâncias.

— Eu tive uma relação com a Rosa Sandhoe, a filha do Jim, na universidade. No trimestre de verão antes de ela morrer.

O rosto de Max muda com a referência ao nome de Rosa, com o lábio inferior a franzir-se como se fosse o bico de um jarro de leite.

— Acho que se encontrou com ela uma vez — continua Jar. — No funeral do pai.

Max estremece.

— Lembro-me da cara dela: era uma rapariga bonita.

— Qual era o tema do artigo?

Max encosta-se para trás, mordiscando um molar. Passam vários segundos até ele falar.

— Tenho uma imaginação fértil, Jar. Hoje em dia, utilizo-a para sonhar com os piores cenários, tentar prever onde as coisas se podem descontrolar, quão má uma história se pode tornar. Os meus clientes confiam em mim porque acham que sou autêntico: a minha aparência é igual à que eles acham que os escritores da Fleet Street[13] devem ter.

Abana uma perna no ar, puxando as calças para cima.

— Solas desgastadas daqueles trabalhos que exigem andar a bater às portas, esse tipo de coisa. *Déshabillé*. Não lhes digo que o jornalismo hoje em dia é todo iPads e nativos digitais de vinte e poucos anos. Quando era jornalista, o meu editor de notícias lidava com factos. Uma vez tropecei numa história sobre o pai da Rosa, mas não consegui sustentá-la. Não havia provas.

— De quê?

Max faz uma pausa.

— Lamento o que aconteceu à Rosa. Verdadeiramente. Nunca quis aparecer-lhe à porta no funeral do pai, mas... Conhecia-o bem?

— Nunca nos conhecemos. Ele morreu um mês antes de a Rosa entrar em Cambridge. Mas acho que trabalhava no Ministério dos Negócios Estrangeiros, na Unidade Política.

Jar consegue fazer um sorriso conhecedor, agora de jornalista para jornalista. Max não retribui o sorriso, mas semicerra os olhos, como se estivesse a levar Jar a sério pela primeira vez.

— O pai dela era espião? — pergunta Jar. — Ou mais importante do que isso?

Observa Max a absorver as suas palavras, procura um lampejo de reconhecimento. Alguma vez lhe teriam dito a mesma coisa? Em caso afirmativo, não estava a revelá-lo.

— Vou dar-lhe a resposta curta. A versão longa talvez ainda esteja na *dark web*, mas duvido. O *site* que publicou a minha história provavelmente já foi encerrado.

— Por quem?

Max ergue as sobrancelhas, como se fosse uma questão demasiado óbvia para responder.

— Andei numa universidade nova, Warwick. Oxbridge não era para mim. Tanto quanto me consegui aperceber, não era para muitas das pessoas lá inscritas. Alguma vez olhou para as estatísticas dos suicídios em Oxbridge?

— Não posso dizer que sim.

Max agita um dedo no interior do ouvido, vigorosamente.

— Onde quero chegar é que muitos dos estudantes mais brilhantes do país são também os mais infelizes. — Rosa usou exatamente essas palavras no diário, pensa Jar, quando citou Karen. — Vários casos individuais chamaram-me a atenção: aqueles cujos corpos nunca foram encontrados.

Jar gostava de ter procurado Max antes, mas nunca teve um nome para investigar. E nunca se deparou com o seu artigo. A *dark web* sempre foi uma zona proibida durante a sua investigação, um local de torpeza moral e depravação. Devia ter sido mais corajoso.

— Havia certas coincidências, ligações entre os suicídios e o pai da Rosa. Não eram grandes, mas era o suficiente para se poder trabalhar sobre isso. Procurei provas de que esses estudantes infelizes se tinham encontrado com ele nos meses antes de «morrerem». Estava convencido que lhes estava a ser dada uma nova oportunidade na vida, simplesmente não consegui prová-lo. O corpo da Rosa nunca foi encontrado, pois não?

— Não.

— Não consigo dar-lhe nenhum tipo de conclusão, Jar, se foi disso que veio à procura. As minhas teorias da conspiração só vão piorar a questão. Fazer vir à tona coisas que talvez devessem ser deixadas em paz.

— É um risco que estou preparado para correr. Ajuda-me a encontrar a Rosa? — Jar faz uma pausa. — Talvez tenha a prova que procurava.

[13] Rua de Londres onde estão sediados os jornais nacionais britânicos (N.T.)

Retiro silencioso, Herefordshire, trimestre de primavera, 2012

Dia dois do nosso retiro silencioso. Ouvi o Maggs falar sobre consciência plena ao longo da maior parte da manhã, pratiquei uma hora de *tai chi*, meditei (acordada pelo gongo tibetano no final), fiz uma caminhada de duas horas sozinha pela serra de Hatterall e, hã, assinei a Lei de Segredos Oficiais...

Ainda não tenho a certeza se fiz a coisa certa. Nem sequer devia estar a escrever sobre isto, mas como ninguém vai ler isto nunca, penso que não há problema. (E em breve vão ensinar-me habilidades de encriptação, o que tornará este diário ainda mais privado.)

A Karen disse que tudo se esclareceria em breve. E suponho que assim foi. Resumindo, o próximo trimestre será o meu último em Cambridge. (Sabe *tão* bem escrever isto). Em vez disso, tenho uma oportunidade para trabalhar no estrangeiro durante algum tempo, com tempo suficiente para fazer o luto. Então, verei como me sinto: acerca do trabalho que me ofereceram, da universidade, do Pai.

Foi depois da sessão de meditação que a Karen foi ter comigo, disse que queria ter uma conversa. Levou-me para uma pequena divisão perto das cozinhas, com vista para o que foi em tempos um jardim amuralhado, fechou a porta de carvalho pesada e sentámo-nos.

Puxou de um conjunto de papéis (a Lei de Segredos Oficiais) e colocou-o na mesa redonda entre nós.

No exterior, um pombo-torcaz cantava. O Pai adorava pássaros, ia para todo o lado para os observar. *Sabes o que o pombo-torcaz está a dizer?*, perguntou-me uma vez, enquanto nos deitávamos no relvado recém-cortado. *Diz*, disse eu. *O meu pé dói, Betty. O meu pé dói, Betty.*

— Não se assuste — começou a Karen, vendo-me a olhar pela janela e para o papel formal, com o símbolo da coroa. — Surgiu uma oportunidade muito especial — disse ela.

— Que tipo de oportunidade?

— Tenho de lhe pedir que assine isto antes de continuarmos.

— Está a falar a sério? — virei a folha ao contrário para poder lê-la.

— É uma indicação do quanto eles a valorizam.

— Quem são eles?

A Karen não disse nada.

— Isso significa que não me pode dizer? — ri-me, na esperança de que um sorriso irrompesse no rosto de Karen, que ela me explicasse que era tudo uma piada, algum tipo de tratamento novo (terapia de espionagem), mas ela manteve-se em silêncio, com os traços do rosto rígidos. Devolvi o olhar, imobilizada pela sua seriedade, olhei novamente de relance para baixo, para a folha, e li o primeiro parágrafo.

Uma pessoa que é ou foi membro dos serviços de informações ou uma pessoa notificada de que está sujeita às cláusulas da presente

subsecção, é culpada de ofensa se, sem legítima autoridade, revelar qualquer informação, documento ou outro artigo relacionado com segurança ou informações que está ou esteve em seu poder em virtude da sua posição como membro de qualquer desses serviços ou no decurso do seu trabalho enquanto a notificação está ou esteve em vigor.

— É apenas uma precaução — disse ela.

Portanto, assinei e ouvi novamente o pombo-torcaz, interrogando-me sobre o que tinha acabado de fazer, sobre o verdadeiro objetivo deste retiro em Herefordshire. Disse a mim própria que o Pai o deve ter assinado centenas de vezes. *O meu pé dói, Betty. O meu pé dói, Betty.* Será que a Shad Sejal, a minha companheira de quarto, também tinha assinado? Será que tinha sido por isso que não nos permitiram falar uma com a outra?

Ao longo dos dez minutos seguintes, a Karen deu-me alguns pormenores básicos sobre a oportunidade, explicando que estaria no estrangeiro, em território americano, e passaria os primeiros seis meses depois do final do verão a ser submetida a testes e em formação. O salário, nas suas palavras, era «competitivo». Era um eufemismo. Não vou voltar a esgotar o limite do meu cartão de crédito.

— Depois de terem sido determinadas e analisadas as suas competências fundamentais, ser-lhe-á dada informação mais detalhada — acrescentou a Karen, soando mais como uma consultora de gestão do que uma terapeuta.

— Trabalharia para os serviços secretos? — perguntei, olhando para a Lei de Segredos Oficiais novamente. A opacidade da informação

que ela me tinha dado era frustrante, tal como a redação da Lei.

A Karen ignorou a minha questão.

— Se estiver satisfeita com o que lhe disse, em breve será levada para outro sítio, não muito longe daqui, onde lhe darão mais informações. Caso contrário, será levada de volta para a faculdade, onde irá explicar que estive de baixa por ocasião do falecimento de um familiar. Nesta fase, o meu trabalho é estabelecer a sua conformidade básica com a proposta que lhe foi feita.

— E relembra-me exatamente que proposta é essa?

A Karen podia ter ficado irritada com o meu tom, mas não se importou de voltar a expor os detalhes, como um empregado de mesa a repetir os pratos do dia.

— Abandonará Cambridge no final do próximo trimestre e passará um ano no estrangeiro, primeiro em formação, e depois, quando embarcar na sua nova vida, a trabalhar numa função que não pode ser discutida com ninguém: nem amigos nem família nem namorados.

Tenho a certeza de que ela sabia do efeito que as suas palavras teriam em mim, da minha satisfação por não ter de regressar à universidade.

— Se aceitar, terá de cortar o contacto com toda a gente — disse ela, como se me lesse os pensamentos. Será que corei? — Está próxima de alguém neste momento?

Fiz uma pausa.

— Não — disse eu. *O meu pé dói, Betty.*

— Jar, são duas da manhã.

— Eu sei. Desculpa. Posso passar aí?

— O quê, agora?

Jar sabe que está a pedir muito a Carl, mas precisa de falar com alguém sobre as entradas mais recentes do diário de Rosa. E, involuntariamente, não consegue afastar o pensamento persistente de que Carl está mais envolvido com Kirsten do que está a revelar. Por que motivo a convidou para se juntar a eles para tomar um copo?

Meia hora depois, está sentado no chão do apartamento de Carl. É um espaço pequeno que os discos que ocupam cada centímetro da casa tornam ainda mais apertado, pois amontoam-se em estantes do Ikea, que se erguem do chão como estalagmites de vinil. Há um leve cheiro a erva.

— Lembras-te de ela alguma vez ter mencionado um retiro em Herefordshire? — pergunta Carl, entregando a Jar uma chávena de chá. Enverga uma camisola de Congo Natty e *boxers*.

— Possivelmente. Lembro-me de ela dizer que uma vez se afastou da faculdade durante uns dias para limpar a cabeça. Acho que era uma espécie qualquer de retiro para a plena consciência. E Here-

fordshire soa-me familiar. Foi antes de nos conhecermos, no segundo trimestre dela.

— Estás surpreendido por ela dizer que está tão deprimida? — Jar olha de relance para Carl. É uma questão que o perturbou ao longo dos últimos cinco anos: como é que lhe podia ter escapado a sua depressão? Como é que a podia ter confundido com desgosto?

— Houve alturas em que não estava nela. O humor dela certamente oscilava.

— Mas nunca pensaste que tinha tendências suicidas?

— Não estava na natureza dela.

— Mas estava na da mãe.

— Ela era mais como o pai.

Jar vira-se para o outro lado, pensando novamente na última entrada do diário. Rosa tinha estado a protegê-los a ambos de outra coisa, um novo começo. Encaixa com o *e-mail* que lhe deixou (*Queria apenas não ter de te deixar para trás, bebé, o primeiro e último amor verdadeiro da minha vida.*) e é uma razão menos dolorosa do que o suicídio. Tinha sido arrastada para alguma coisa da qual não conseguia sair.

— A terapeuta fê-la assinar a Lei de Segredos Oficiais, Carl. Diz-me que isso não é estranho.

— Confidencialidade de paciente.

Jar ergue o olhar para ele, para o seu sorriso infantil, e depois baixa-o, envergonhado por alguma vez ter duvidado do amigo.

— Não sei o que hei de pensar, mano — diz Carl, sentado à mesa. Começa a ler o diário de Rosa no seu portátil. Jar enviou-lhe por *e-mail* as últimas entradas, sobre o retiro em Herefordshire, antes de se dirigir para sua casa.

— Será que isto muda realmente alguma coisa? Ofereceram um emprego à Rosa. Isso normalmente acontece quando se é licenciado, mas neste caso chegou dois anos antes. E não seria a primeira vez que os serviços secretos recrutavam em Oxbridge. Mas a Rosa não desempenhou a função porque morreu, Jar; porque escolheu, tragicamente, acabar com a própria vida. Não muda nada.

Durante um momento, Jar sabe que Carl pode ter razão, mas afasta esse pensamento.

— Hoje conheci uma pessoa que estava a investigar o pai da Rosa antes de ele morrer. Antes era jornalista, agora trabalha como gestor de conflitos.

— E?

— Escreveu uma história que nenhum jornal quis publicar. Era sobre o número de suicídios de estudantes em Oxbridge e outras universidades de topo. O corpo da Rosa não foi o único que nunca foi encontrado. Houve outros.

— E porque é que ninguém publicou a história?

— Não conseguiu prová-la.

— Talvez porque fosse uma treta.

Mais uma vez, Jar sabe que Carl pode ter razão. Entende onde quer chegar e não pode culpá-lo pelo seu ceticismo.

— Ele achava que os suicídios dos estudantes estavam relacionados de alguma forma com o pai da Rosa, que todos se tinham encontrado com ele nos meses anteriores às suas mortes.

— Por que motivo fariam isso?

— Porque lhes estava a ser dada uma oportunidade para recomeçar, partir do zero, novas vidas. Tal como a Rosa diz no diário.

— A história não foi publicada, Jar, porque parece rebuscada. Os serviços secretos fazem muitas coisas duvidosas, mas não andam por aí a fingir suicídios de estudantes e a dar-lhes novas identidades.

— O pai da Rosa trabalhava para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, para a Unidade Política. É um disfarce comum para espões.

— E então?

— O artigo *foi* publicado.

— Pensava que tinhas acabado de dizer que não.

— Na *dark web*. E preciso que me ajudes a encontrá-lo.

— Não é assim que funciona. Não podes pesquisar coisas no Google na *dark web*, Jar. É exatamente esse o objetivo.

— Tem de haver uma forma. Por favor?

— A *dark web* tem tão má fama — continua Carl. — Claro que está cheia de assassinos e negociantes de armas, traficantes de droga e bonecas humanas grotescas, pedófilos e contrabandistas obscuros de Silk Road: estão todos lá. Mas há muitas coisas na *dark web* que não são assim tão más. A Primavera Árabe começou na *dark web*. Os bloguistas em Pequim usam-na para contornar a Grande Muralha Digital da China. O *New Yorker* tem um *site* (o Strong-Box) para denun-

cientes. E se te interessares por Stravinsky, há cinquenta mil páginas dedicadas à «emancipação da dissonância»; escrevi sobre isso na semana passada.

— O jornalista referiu qualquer coisa sobre um *site* escondido com uma direção com sufixo *onion*.

— É um começo.

Jar observa enquanto Carl minimiza a janela do seu *e-mail*, suspira e abre o seu *software* Tor.

— Bem-vindo à terra das cebolas — diz ele, esfregando as mãos na parte lateral dos *boxers* em antecipação.

— Terra das cebolas? — pergunta Jar.

Carl lança-lhe um olhar fulminante.

— Onde todos os domínios terminam em «ponto *onion*»

Jar esperava que o amigo pudesse estar à altura do desafio. Ouvira falar bastante sobre o Tor («O Roteador Cebola»), sobre a forma como esconde endereços de IP e permite às pessoas comunicarem anonimamente na Internet, mas nunca o experimentou. Edward Snowden usou-o para pôr a boca no trombone; irónico, dado que o Tor foi originalmente desenvolvido nos anos noventa com o financiamento da Marinha dos Estados Unidos.

Dois minutos depois, Carl está a mergulhar na *dark web*, à procura em várias páginas *index* dos serviços escondidos do Tor (o Hidden Wiki, TorDir e TorLinks) que listam uma variedade de *websites*. Tanto quanto Jar se consegue aperceber, parece-se com a «web à superfície» com a qual está familiarizado.

— Os serviços secretos odeiam o anonimato do Tor, claro — diz Carl para si próprio, tanto quanto para Jar. — Um dos documentos da NSA que o Snowden revelou, utilizando o Tor, naturalmente, foi uma apresentação de diapositivos intitulada «O Tor tresanda». Mas não é infalível. Claro, pode proteger um *site* da análise de tráfego (análise de padrões na comunicação), mas não pode fazer nada em relação a ataques de correlação, se alguém conseguir ver as duas pontas do canal de comunicações, tu e o *website* de destino.

Mais uma vez, Jar não faz a mínima ideia do que é que o amigo está a dizer, mas não se importa de o deixar prosseguir.

— Se houver um elemento de denúncia para este *site* sobre espionagem, então também se pode aceder a ele com um navegador *standard* utilizando o Tor2Web.

Passam poucos minutos das quatro da manhã quando Carl finalmente encontra o artigo. Jar está a dormir no sofá.

— Sim, rapaz! — grita Carl, batendo na perna. — Apanhei-te. — Jar senta-se direito e fita o ecrã, de olhos congestionados.

— Está num *site* escondido do Tor para viciados em espionagem — continua Carl. — É necessário tornar-se membro, tem acesso restrito. Demorou algum tempo, mas consegui meter-nos lá dentro. Queres que imprima o artigo?

— Quero, obrigado. — Jar está de pé junto a Carl, com os olhos cravados na fotografia do passaporte de Rosa no ecrã. É uma de seis pessoas numa grelha intitulada «Suicídio de Estudantes». Ao seu la-

do, há uma rapariga asiática chamada Sejal Shah: o mesmo nome da companheira de quarto de Rosa em Herefordshire.

Jar nunca viu esta fotografia de Rosa antes e interroga-se onde terá sido tirada. Olha para ela durante mais um momento antes de a virar para ler o texto em baixo:

Um oficial de alta patente do Ministério dos Negócios Estrangeiros britânico tem ligações a um programa de segurança dos EUA suspeito de ter recrutado alguns dos mais brilhantes (e infelizes) estudantes britânicos de Oxbridge com a promessa de lhes dar novas identidades, relata Max Eadie. Os estudantes adequados são identificados pelos terapeutas das faculdades e depois enviados para um «retiro» em Herefordshire, onde se localiza a sede do SAS, antes de os seus suicídios serem encenados e lhes serem arrançadas novas vidas.

Lida assim sem contexto, a notícia é rebuscada («uma treta» de acordo com Carl), parece estar a brincar com o seu público *online* de viciados em espionagem conspiratória. Mas há demasiadas semelhanças com o diário de Rosa para que Jar descarte de imediato a história: a referência a um possível centro de recrutamento numa base militar em Herefordshire, o uso de terapeutas e funcionários dos serviços sociais em universidades de topo para identificar estudantes suicidas que poderão estar preparados para serem recrutados. E os nomes de seis estudantes, incluindo o de Rosa, como possíveis recrutados.

Nunca nenhum dos corpos dos estudantes foi encontrado.

Retiro silencioso, Herefordshire, trimestre da primavera, 2012

As coisas avançaram depressa, depois de ter concordado em assinar a Lei de Segredos Oficiais. A Karen disse-me para preparar a minha mala e saiu da sala levando o documento.

Dez minutos depois, um carro preto foi-me buscar às traseiras da casa de campo, num pátio que, presumivelmente, tinha estado reservado, em tempos, para criados e vendedores. Havia apenas um condutor e a Karen e eu no banco de trás.

Ninguém viu o carro chegar e ninguém, tanto quanto me consegui aperceber, nos viu partir. O resto dos estudantes estava profundamente descontraído (talvez a dormir) numa das sessões de meditação do Maggs na biblioteca principal, que ficava na parte da frente da casa.

— Tirou tudo do seu quarto? — perguntou a Karen. Estava distraída, a olhar pela janela, como que se estivesse a verificar se alguém nos tinha visto sair.

— Está tudo na minha mala — disse eu. Exceto o chocolate, que a Sejal e eu tínhamos acabado ontem à noite. Perguntei-me novamente se ela também teria assinado a Lei de Segredos Oficiais. Tinha-se ido

embora logo de manhã. Não perguntei onde ia e ela não me deu uma explicação.

— Vamos para longe? — perguntei.

— Não. — A Karen já não era ela mesma: distante, nervosa.

Pouco depois, o carro estava à espera que levantassem a barreira à entrada do que parecia ser um quartel militar.

— Onde é que estamos? — Não estava à espera de uma resposta.

— Não se preocupe, não se vai alistar no exército.

A barreira fechou-se e um homem fardado com bigode e uma arma à cintura observou-nos enquanto passávamos no carro. Não estava a sorrir.

Com certeza, era melhor do que assistir a uma conferência, mas continuava a haver um forte ar de ordenação institucional que esperava ter deixado para trás. Não fui feita para ordens, fardas, acrónimos. Havia placas do Ministério da Defesa em todo o lado para onde olhava, exibindo letras e números ininteligíveis.

— Esta é a única altura em que vai estar num ambiente militar — disse a Karen, percebendo a minha ansiedade. Preciso de trabalhar nas minhas capacidades de representação.

Dez minutos depois, estava sentada no que parecia ser uma sala de aula com outros cinco estudantes: a única que reconheci foi a Sejal. Não tenho a certeza se os outros estavam no retiro.

A Karen estava de pé à nossa frente, com um homem que eu tinha a certeza de ter visto antes, mas não conseguia recordar onde. Olhou de relance pela sala, com os olhos a repousarem nos meus durante o

que me pareceu muito tempo. Havia algo nele que me era vagamente familiar. Teria estado na festa de jardim a que o pai me levou no Palácio de Buckingham?

— Quero que todos conheçam o Todd — disse a Karen. — Sei que estes últimos dias foram algo estranhos, mas acho que vão perceber que estão em boas mãos assim que o Todd vo-lo explicar um pouco mais.

O Todd sorriu, fazendo uma pausa antes de falar. Quarenta e muitos, calças de sarja, camisa de colarinho aberto; parecia que nada o podia perturbar. Tempo eficiente, como diria o Pai.

— É um prazer ver-vos a todos — começou. — Verdadeiramente. — Por alguma razão, estava à espera que fosse britânico, mas falou com um sotaque da Costa Leste, à semelhança da Karen — Não me vou alongar, uma vez que haverá muitas coisas para absorverem hoje. Antes de mais, sejam bem-vindos. Bem-vindos ao programa Êutico. É realmente um privilégio estar entre estudantes tão dotados.

Um ligeiro arrastar de pés, mãos pelo cabelo. O que é o Êutico? O meu olhar cruzou-se com o da Sejal. Ela sorriu.

— Diante de vocês está uma oportunidade única, uma segunda oportunidade, algo que muito poucos de nós recebemos na vida. Em breve, terão uma opção: ou abraçar essa oportunidade inteiramente, ou regressar às vossas antigas vidas. É uma decisão muito importante, a mais importante que alguma vez tomarão. Entretanto, afastem-na das vossas mentes. Todos vocês vieram recomendados pela Karen, mas também temos estado a observar-vos ao longo dos últimos meses, a analisar as vossas forças e fraquezas mentais, o vosso

bem-estar espiritual, conduta, personalidade. Acreditem em mim: ninguém chegou até aqui por acaso.

Não olhámos uns para os outros dessa vez. Acho que ficámos todos surpreendidos perante o pensamento de termos sido observados.

O Dr. Lance teve mais intervenção em tudo isto do que eu me tinha apercebido. No entanto, não estou preocupada. O Todd tem uma presença tranquilizadora. E não consigo evitar sentir-me lisonjeada por ter sido escolhida.

— Vamos fazer mais alguns testes nos próximos dias. Estamos confiantes de que temos as pessoas certas, mas existe uma hipótese de que um ou dois de vocês tenham de nos deixar. Seria uma tragédia se alguém considerasse isso uma questão pessoal: vocês saíram-se excepcionalmente bem até agora, confiem em mim.

A Sejal tinha levantado a mão.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro que sim. Haverá muitas perguntas nos próximos dias.

— Vamos estar a trabalhar para o governo americano ou britânico?

— Tens uma preferência? — As maneiras do Todd eram leves e despreocupadas, mas consegui ver que, sob essa capa, ficou irritado com a pergunta da Sejal. — Que eu saiba, somos aliados.

— Estou apenas curiosa — disse a Sejal. Admirei o seu atrevimento.

— Para que conste, irão trabalhar para ambos. Espero que isto responda à questão.

A Sejal olhou de relance para mim. Ambas sabíamos muito bem que não respondia, que haveria mais questões do que respostas no percurso que nos aguardava.

— Pareces cansado — diz Amy, dando um trago num café. Depois de se ter encontrado com Carl, Jar regressara para ver se estava tudo bem com o apartamento e com a arrecadação, preocupado com a possibilidade de ter sido assaltado novamente (não fora), e depois dirigiu-se para a rua para se encontrar com Amy num café em Greenwich Park (Amy escolhera o local). Passou exatamente uma semana desde que se tinham encontrado em Cromer. Uma vez mais, Jar sentiu-se seguido (um homem na extremidade mais afastada da sua carruagem no Docklands Light Railway olhou na sua direção demasiadas vezes), portanto saiu em Mudchute, caminhou pelo túnel sob o Tamisa, para o *Cutty Sark*, e continuou a subir até ao parque a pé.

— Nunca te agradeci por me teres dado o diário da Rosa — diz Jar, sentando-se à mesa. Olha de relance em redor do café enquanto Amy lhe serve um café de uma cafeteira. Tem a mão a tremer.

Por um momento, Jar pensa que um homem a quem estão a servir um bule de chá ao balcão é a mesma pessoa que entrou no seu comboio em Canary Wharf.

— Continuas a consultar a terapeuta americana? — pergunta Amy, não retomando a menção de Jar ao diário.

— Tive um par de sessões no sofá dela — diz ele, olhando uma vez mais para o homem ao balcão antes de se concentrar em Amy. Não

sabe se lhe deveria contar sobre Kirsten, sobre a sua teoria de que é a mesma mulher que Rosa consultou em Cambridge.

— Então e tu?

— Tenho esperança de que a terapia esteja a funcionar. Estou lentamente a fazer o desmame da medicação.

— Isso é bom. E o Martin?

— A polícia libertou-o assim que recebeu o que queria — diz ela. — Foi uma palermice e eles sabem-no.

— Ele agora está bem?

Amy olha para baixo. Jar repara na cutícula puxada no seu dedo indicador. Rosa falou apenas uma vez do casamento da tia, sugerindo um desequilíbrio que não é saudável.

— Continua furioso comigo por ter arranjado alguém para ver o computador — diz. — Por ter feito com que fosse preso. Está sempre a dizer que lhe devia ter pedido que o arranjasse. Mas está sempre demasiado ocupado.

— No barracão?

Amy assente, com a cabeça virada para ele, e depois vira-se para o outro lado. Jar lembra-se do quadro doméstico deles quando visitava Cromer: a grande casa vitoriana no limite da cidade, o «barracão» de Martin no fundo do jardim, um escritório que não poupa a despesas onde ele parecia viver dia a noite, a trabalhar no seu grande romance, quando não saía para andar de bicicleta.

— A polícia também me deteve, depois de uma sessão com a minha terapeuta na Harley Street. É uma coisa arriscada, a terapia. Um

tipo chamado Miles Cato interrogou-me sobre o disco rígido na esquadra da polícia de Savile Row. Alguma vez ouviste falar dele?

Amy abana a cabeça. Não parece surpreendida por Jar ter sido detido, o que Jar acha desconcertante.

— Perguntou alguma coisa sobre o Martin?

— Suspeita que ele possua imagens indecentes, nível quatro.

Amy encosta-se para trás na cadeira.

— Então porque é que não o acusam?

Jar não consegue evitar interrogar-se se ela também não tem a certeza.

— Aham que as provas incriminatórias estão no disco rígido. Calculo que ainda não tenham conseguido aceder a elas.

Amy senta-se direita, depois inclina-se na direção de Jar, parecendo pela primeira vez animada, como Rosa costumava parecer.

— Tens consciência de que isto não tem nada a ver com imagens obscenas, não tens, Jar? A detenção do Martin, a tua detenção, o Miles Cato. Isto tem a ver com o diário da Rosa, com a morte dela — continua. — Devia haver alguma coisa no diário dela.

Está a colocar uma questão tendenciosa, desesperada por saber mais, mas Jar não sabe por onde começar. Antes de as entradas terem começado a chegar, ainda havia uma hipótese de que ele estivesse iludido, de que o interesse das autoridades pelo disco rígido não tivesse nada a ver com Rosa. Mas o conteúdo do diário alterara tudo.

Começa por contar a Amy sobre a preocupação inicial do Dr. Lance com Rosa, depois sobre o encontro dela com Karen, a terapeuta da faculdade, mas não refere a semelhança com Kirsten, a sua terapeuta americana. Ainda não. As palavras de Carl (*é simplesmente uma coincidência, Jar*) ainda ressoam nos seus ouvidos e não tem qualquer desejo de sabotar a sua exposição. Amy está a ouvir, inclinada para a frente.

Fala sobre a viagem de Rosa até ao retiro em Herefordshire, da assinatura da Lei dos Segredos Oficiais, da oferta de uma segunda oportunidade na vida. E então fala-lhe da história de Max Eadie na *dark web*, nas incríveis semelhanças com o diário de Rosa.

— Procurei na Internet — diz Jar. — A Sejal, a companheira de quarto dela em Herefordshire, «morreu» algumas semanas depois da Rosa, o corpo nunca foi encontrado.

— Tem cuidado, Jar — diz Amy, pousando uma mão no seu braço. Jar desvia o olhar, olhando de relance em redor do café, e então vira-se para ela, devolvendo o seu olhar fixo.

— Posso perguntar-te uma coisa? — diz ele.

— O que se passa?

— A Rosa alguma vez falou de nós, enquanto casal?

— Claro. Porquê?

— Isto vai soar bastante fútil — começa Jar, antes de pensar melhor sobre o que vai dizer. — Ela não escreve muito sobre nós, é só isso. No diário. Claro que há lá coisas sobre como nos conhecemos, mas ela nunca...

— Jar, ela amava-te — diz Amy, agarrando-lhe nas mãos. — De todo o coração.

— Obrigada por dizeres isso, mas...

— Lembro-me de ela me dizer uma vez, antes de entrar em Cambridge, que esperava encontrar alguém com quem partilhar o resto da vida. Tal como o Jim encontrara a mãe dela quando estudavam juntos. Durante algum tempo, não aconteceu (ela ainda sentia demasiada falta do Jim) mas depois, um dia, no trimestre de verão, quando veio a Cromer sozinha, chamou-me à parte, ofegante com a excitação, e disse-me que tinha encontrado essa pessoa. Abraçámo-nos durante muito tempo, chorámos um pouco e rimo-nos. Insisti para que trouxesse esse sortudo com ela da próxima vez que nos visitasse. E foi assim que tu e eu nos conhecemos.

Cromer, trimestre de verão, 2012

Esta noite, sinto-me em baixo. Tinha a esperança de que sair de Cambridge com o Jar e estar na casa da minha tia pudesse ajudar, mas os meus momentos maus estão a tornar-se mais obscuros e, cada vez que me sinto assim, interrogo-me sempre se alguma vez conseguirei voltar à tona. É como escorregar de um penhasco para uma vastidão de material negro sem limites e que me envolve enquanto caio, mantendo a luz afastada até já não poder ver nada a não ser escuridão e já não existir ar suficiente para respirar. Sei que tomei a decisão certa, ainda que isso signifique deixar o Jar para trás e que não traga o Pai de volta.

O Jar está a dormir ao meu lado; bebeu demasiado uísque com o Martin depois do jantar. Eles dão-se bem, falam muito sobre escrever. Talvez me tenha escapado algo sobre o Martin, talvez tenha valorizado demasiado a desconfiança do Pai acerca dele. Uma parte de mim quer partilhar com o Jar como me sinto tão em baixo por causa do Pai, mas sinto-me tão culpada por causa da nossa relação, sabendo o que nos espera. Noutras circunstâncias, noutra vida, ele poderia ter sido parte do meu futuro, mas isso agora não é possível. Não lhe devia ter pedido para vir aqui comigo este fim de semana.

Aconteceu uma coisa estranha quando o Martin nos foi buscar à estação de Norwich hoje (É sempre ele quem conduz porque a Amy não é de confiança com o carro, com aquela medicação toda que toma, embora neste momento esteja a tentar fazer o desmame). Havia um faisão deitado na estrada, não tenho a certeza se estava vivo ou se o vento estava simplesmente a agitar-lhe as penas, mas em vez de o evitar, o Martin virou o volante e conduziu diretamente por cima da ave, virando-se para mim depois do baque repugnante debaixo do carro. Nenhum de nós disse nada. Quando falámos, mais tarde, o Jar achou que dei demasiada importância àquilo, disse que o Martin só tinha acabado com o sofrimento de uma ave ferida, mais nada, e que devia deixá-lo em paz. Talvez tenha razão. O Martin é simplesmente um solitário natural, que se sente mais feliz na sua própria companhia.

Há alguns minutos, enquanto estava aqui deitada, ouvi o Martin e a Amy a discutir. O Jar não se mexeu. (Parece tão calmo quando dorme, acordá-lo é um crime.) O Pai costumava dizer que o surpreendia que eles alguma vez se tivessem casado, mas, por outro lado, o pai era parcial. Ele e a Amy eram muito próximos. O Pai sempre foi o irmão mais velho protetor, principalmente quando ela teve uma quebra emocional qualquer quando tinha quase vinte anos (demasiada festa rija, aparentemente).

Entre o Pai e o Martin, as coisas nunca iriam funcionar. O Pai não gostava da indústria farmacêutica, dizia que tinha visto tantas histórias de terror no mundo em vias de desenvolvimento: ensaios clínicos antiéticos, medicamentos essenciais vendidos a preços excessivos.

Dizia que a Amy também tinha uma aversão natural a tudo aquilo, até as suas neuroses de adolescente se terem tornado num transtorno de ansiedade pleno depois da universidade. O *stress* de restaurar quadros famosos, parece-me: raspar um Brueghel de 10 milhões de libras com um bisturi e um microscópio é suficiente para deixar qualquer pessoa ansiosa. Foi aí que o Martin interveio e a «salvou».

Ela está muito melhor do que já esteve, mas ainda não voltou ao trabalho, o que me entristece.

De qualquer forma, tentei ouvir qual o motivo da discussão entre a Amy e o Martin esta noite, mas a casa é grande («a casa que o Valium construiu», costumava gracejar o pai) e o nosso quarto é do lado oposto à cozinha. Por isso, rastejei pelo patamar das escadas, passei pelas estantes de livros, também ordenados alfabeticamente (com Knausgaard ao lado de Le Carré), e fiquei de pé no topo das escadas, lembrando-me para não pisar uma tábua do soalho específica que range sempre.

— Não a vêes durante anos e agora está cá quase todos os fins de semana — dizia o Martin.

— Eu agora sou a única família dela. Devíamos ter estado com ela mais vezes.

— Senta-se no banco de trás, como se eu fosse o motorista dela, e não diz nada o caminho todo. Não percebo o que é que o Jar vê nela.

— A voz dele estava carregada de ressentimento, ignorando que a Amy não estava a ser totalmente honesta, que ela e eu nos costumávamos encontrar em Londres para sessões secretas de compras, encorajadas pelo Pai, que estava absolutamente consciente da necessi-

dade de uma influência feminina na minha vida. No início da minha adolescência, foram os passeios até à Oxford Street para comprarmos sutiãs juntas. Desde a morte do Pai, tem sido mais beber do que terapia de compras, com a Amy a mostrar-me os sítios de Cambridge que frequentava na sua juventude.

— Mas eles ofereceram-se para apanhar o comboio até Cromer — disse a Amy.

— Seria bom que ela ajudasse cá em casa. Que fosse passear as cadelas. Que cozinhasse uma refeição. Não percebo porque é que te dás a esse trabalho.

— É o que é suposto as famílias fazerem — disse a Amy, aparentemente tentando tirar algo de positivo da conversa. — Tomar conta uns dos outros.

Depois ouve um silêncio durante algum tempo, talvez porque se tinham movido para uma parte diferente da cozinha, antes de recomeçarem.

— Eu sei que estes não são tempos fáceis para ti — disse a Amy.
— Entendo isso. Só estou a dizer que seria bom que te esforçasses um pouco mais com ela.

Uma pausa.

— Se tu prometeres que te esforças mais comigo. Connosco.

Outra pausa, depois a Amy falou:

— Martin, agora não. Temos convidados.

A voz dela parecia divertida, mas depois partiu-se um prato. Esforcei-me em vão por apanhar mais da conversa. Será que devia acor-

dar o Jar, interroguei-me, ir lá abaixo, ver se a Amy está bem? O Martin é alto e forte fisicamente, mas nunca perdeu a cabeça, pelo menos não à minha frente. Pareceu-me ouvir um soluçar abafado, mas talvez tenha imaginado. Caminhei novamente pelo patamar superior das escadas até ao meu quarto, já sem me importar se as tábuas do soalho rangiam.

O Jar pousou uma perna sobre a minha quando me voltei a meter na cama agora mesmo. Tentei contar-lhe o que tinha ouvido, mas ele estava semiadormecido.

— Todos os casais discutem — conseguiu dizer, com um sorriso a despertar os seus lábios pesados do sono. — Exceto nós, claro.

— Devo-lhe um pedido de desculpas. Demasiados.

— Tínhamos todos bebido uns copos.

— Não foi profissional. Nunca devia ter ido convosco.

Kirsten estava sentada atrás da secretária, Jar no sofá. Está novamente como na primeira sessão: abotoada até cima, séria.

— Podemos passar à frente, como se a outra noite não tivesse acontecido?

— Podemos tentar.

— Ótimo. Ainda tenho questões que gostaria de lhe colocar sobre as suas alucinações de luto, para a minha investigação.

Jar não diz nada. Sabe que Kirsten não esperava que aparecesse para o encontro matinal com ela, depois de se terem embriagado juntos três dias antes, e que está numa posição de vantagem desde que tocou no intercomunicador da Harley Street. Ela disfarçou bem, tem de admitir, praticamente sem se sobressaltar enquanto o deixava entrar.

Parece-lhe estranho estar de volta a esta sala georgiana de tetos altos, principalmente porque sabe que está prestes a confrontar Kirsten sobre Rosa, mas está bastante calmo. Tem estado a pensar no encontro de hoje desde que deixou Amy no café no dia anterior. A

única surpresa é por que motivo Kirsten está a persistir na farsa durante tanto tempo.

— Podemos voltar aos mais recente avistamento, quando a viu em Paddington.

— Temos de fazer isso?

— Desculpe?

— Temos de continuar assim? Consigo a agir de forma tão matreira?

— Não o estou a perceber, Jar.

Jar engole em seco. Agora está nervoso.

— Eu sei sobre a Karen.

— Quem é a Karen?

A paciência de Jar esgota-se. Levanta-se do sofá e aproxima-se da secretária de Kirsten. Sabe que a está a assustar. Está a assustar-se a si próprio. Não é um homem violento, nunca é adepto da confrontação, mas houve qualquer coisa que rebentou dentro dele: cinco anos de frustração, a descrença resoluta das outras pessoas.

— Menti. Da última vez que estive aqui. A Rosa tinha um diário. E nele escreveu sobre si. Como o Dr. Lance a apresentou à Rosa, como a levou para um retiro em Herefordshire, a fez assinar a Lei de Segredos Oficiais.

— Jar, não faço ideia do que...

— Já chega — diz Jar, batendo com a palma da mão na secretária. Olham um para o outro durante um momento, enquanto o ruído ecoa no ar em redor deles, depois Kirsten coloca uma caneca que foi der-

rubada direita. Tem a mão a tremer. Terá um alarme, alguma coisa por baixo da secretária, interroga-se Jar, para premir quando um paciente se descontrola? Estarão prestes a aparecer enfermeiros robustos para o arrastar num colete de forças? Ou talvez Miles Cato apareça do nada. Afinal, Jar sabe que ela lhe telefonou da última vez que ali esteve, fez com que um carro da polícia sem identificação o apanhasse na rua à saída.

— Só preciso de encontrar a Rosa e calculo que também esteja à procura dela, caso contrário não me teria procurado, mudado de nome, fingido que tinha sido um acaso conhecer o Carl e tornar-se minha terapeuta. E não teria, depois, tentado tornar-se minha amante.

— Kirsten inspira profundamente, como se se estivesse a acalmar a si própria. É diferente das inspirações curtas denunciadoras que fez antes. Hoje não fez isso, ainda não. Passa algum tempo até ela falar e os olhos estão fechados quando começa.

— Está bem, tem razão. Não o encontrei por acaso.

Jar não consegue evitar uma súbita explosão de satisfação, arrancando um suspiro profundo de dentro de si, mais como uma tosse brusca. As negações veementes dela começavam a mostrar pequenas sementes de dúvida. Caminha até à janela e fica de pé, de costas para Kirsten, olhando para a Harley Street através dos estores, com as mãos profundamente enfiadas nos bolsos.

— Então porquê todo este fingimento? O desperdício de tempo? Preciso de saber o que aconteceu à Rosa. Está aqui porque acha que eu talvez a encontre primeiro? É isso? Que ela talvez tenha ficado desiludida com a nova vida e esteja a tentar recuperar a vida antiga, a

tentar procurar-me? Para quem trabalha Kirsten? Karen? Seja qual for o seu nome... Para quem diabo trabalha?

Vira-se para trás e depois para a janela novamente, sem se deter tempo suficiente a olhar para ela. Supõe que ela continue de olhos fechados enquanto se recompõe.

— Está bem Jar, vou dizer-lhe. «Trabalho», se é assim que lhe quer chamar, para a Amy, a tia da Rosa.

— Para a Amy? — vira-se para ela.

— Somos amigas. Andámos juntas em Cambridge, há vinte anos. Está muito preocupada com o seu bem-estar. Afinal de contas, namorava com a sobrinha dela. Quando ouviu dizer que estava a exercer em Londres e ainda tinha interesse por alucinações de luto, pediu-me que o «procurasse», como o Jar diz. Eu concordei. Uma vez, pediu-me que falasse com a Rosa.

— Com a Rosa? Há quanto tempo?

— Quando ainda estava na América.

— E ela estava em Cambridge?

— Sim.

— Mas nunca teve uma consulta com ela.

— Não. Claro que agora gostava desesperadamente de o ter feito. Suponho que tenha sido por isso que disse que sim à Amy desta vez. Ela sabe que é teimoso, não tem o hábito de aceitar ajuda quando as pessoas lha oferecem, por isso abordei o Carl como uma estranha, inventei uma história qualquer sobre música nas salas de espera dos terapeutas, quando na verdade a Amy me tinha dado o nome dele. Ti-

nha-lhe mencionado o Carl algumas vezes, acho eu... E foi bastante fácil contactá-lo através do vosso local de trabalho. Foi desonesto da minha parte, mas ambas achámos que a única forma de concordar em consultar um terapeuta seria se pensasse que tinha sido uma opção sua, ou pelo menos ter sido recomendação do Carl, a única pessoa neste mundo em quem parece confiar. E quando temi que não voltasse a vir às minhas sessões, fui ter convosco para tomar uma bebida, o que foi uma enorme falta de profissionalismo da minha parte, mas estava preocupada consigo. Exatamente como a Amy, que o adora já agora.

Jar vira-se de novo para a janela. Pelo menos Carl não está envolvido, pensa. Sabe o que vem a seguir e desta vez teme que ela não esteja a mentir.

— Não sei nada sobre nenhuma mulher chamada Karen ou sobre o Dr. Lance ou sobre Herefordshire. — A sua voz está tranquila, mais calma agora, mais confiante. — Não faço a mínima ideia do que está a falar. Honestamente.

— Mas... — Jar sabe quão ridículas irão soar as palavras ainda antes de as dizer. — A Rosa escreveu pormenorizadamente sobre a Karen, a terapeuta dela na faculdade. Era americana, tinha cabelo louro...

— Há muitas americanas louras por aí, sabia?

— E ela... — Faz uma nova pausa. — Por vezes fazia uma inspiração brusca de ar antes de falar, exatamente como a Kirsten.

Os olhos dele estão agora a inundar-se, a sua voz mais entrecortada.

— Isso não é assim tão fora do normal, pois não? — pergunta ela.

Jar recompõe-se, passa as costas das mãos pelos olhos.

— Segundo a Rosa, a Karen usou uma vez uma frase específica: «não devia haver nenhum registo, nenhum rasto de condensação no céu de Fenland». A Kirsten disse uma coisa muito parecida no nosso primeiro encontro.

— Isso provavelmente é porque escrevi um trabalho há alguns anos chamado «Alucinações de luto: rastos de condensação na mente criativa».

Jar permanece em silêncio, tentando processar o que ela está a dizer.

— Quando estava na América. Os meus títulos tornaram-se bastante mais aborrecidos desde essa altura. Mais académicos. — Kirsten dá à volta à secretária e junta-se a ele à janela, olhando para a rua, no exterior. — Quer falar mais sobre o diário dela? Parece ter feito umas quantas coisas virem à tona.

Os velhos medos de Jar voltam a aparecer (porque é que ela quer falar do diário?), mas desta vez ignora-os. Já consegue ouvir a voz do pai: *estás a ser um maldito idiota*. Coincidências mal-interpretadas como indícios. Não muda nada, diz para si próprio. Rosa tinha efetivamente uma terapeuta na faculdade chamada Karen. Simplesmente não era a pessoa que estava de pé ao seu lado nesse momento.

— Ainda não estou a contar o tempo das sessões — acrescenta.

O telefone dele está a tocar no bolso do casaco, a vibrar, no silêncio. Tira-o para ver quem é.

— E desculpe que lhe diga — continua, regressando à secretária —, mas já o vi com melhor aspeto.

Mas Jar não está a ouvir. Não a ouve a ela, nem o barulho das pessoas que passam pela Harley Street, nem um carro a acelerar. Ouve apenas o som do seu próprio coração ensurdecador. Olha novamente para o nome que aparece no telefone, para o caso de estar a imaginar. Mas não está.

É Rosa.

Cromer, trimestre de verão, 2012 (continuação)

Não consegui dormir depois de ter ouvido a Amy e o Martin a discutirem, atormentada pelo som do prato a partir-se. Ainda não sei todos os pormenores que explicam por que motivo o Martin se reformou antecipadamente, mas o Pai tinha as suas teorias: crueldade excessiva para com os animais de laboratório («Beaglesgate», chamava-lhe ele), assédio sexual, motivos de saúde. Basta escolher. A última era a sua preferida (o Pai tinha um sentido de humor negro): achava que o Martin tinha deixado o trabalho porque sofria de depressão crónica, o que seria profundamente irónico, dado que estava a fazer investigação sobre antidepressivos justamente antes de o terem «convidado a sair».

Por volta das duas da manhã, decidi que já chegava. Não ia conseguir dormir. Portanto, vesti umas calças de ganga e um casaco, abri a porta do quarto e esgueirei-me pelas escadas abaixo, com cuidado para não acordar o Jar.

A minha vida seria tão mais simples se não o tivesse conhecido. O Jar complicou as coisas no curto espaço de tempo desde que nos conhecemos, turvou as águas. O caminho para seguir em frente foi, em tempos, muito evidente para mim, mas ele introduziu um elemento de

dúvida, fez-me questionar, por vezes, se tomei a decisão certa. Quando estou com ele, sinto-me mais feliz do que alguma vez julguei ser possível, mas assusto-me com a minha capacidade de me desligar assim que nos separamos. Parece que consigo apagá-lo dos meus pensamentos como se estivesse a apagar um ficheiro. Sei que não posso voltar atrás.

Destranquei a porta das traseiras e caminhei pelo pavimento empedrado atrás da casa. Estava uma noite sem nuvens e havia luar suficiente para distinguir o jardim: um relvado ornamentado (o Martin gosta muito de riscas), depois um pomar comprido e estreito, ladeado por muros de pedra altos. Para lá das macieiras, a mais de quatrocentos e cinquenta metros da casa, conseguia ver o «barracão» do Martin. É um verdadeiro escritório de jardim, com o tamanho aproximado de uma garagem dupla, com janelas viradas para o jardim. O meu plano era descer a Hall Road até à praia (uma caminhada de cerca de vinte minutos) e ver o nascer do sol do cais, mas a curiosidade levou a melhor sobre mim. Em vez de atravessar o portão lateral, saí para o relvado, mantendo-me na sombra da parede, e olhei para trás, para a casa principal. Todas as luzes estavam apagadas.

Continuei a andar, através do pomar, agachando-me sob os ramos rebaixados pelo peso da fruta a amadurecer, até estar de pé num dos lados do barracão do Martin. Havia uma corrente e um cadeado na porta. Os seus computadores foram roubados há alguns anos e obviamente agora não quer correr riscos. Olhei de relance para a casa e depois fui até à janela e espreitei para o interior. Havia um espaço aberto, com algumas cadeiras de jardim empilhadas no interior e, para lá delas, uma parede divisória. Uma luz vermelha pálida escorria

por debaixo de uma porta que dava para o que deveria ser uma segunda divisão. Estava prestes a ir-me embora quando ouvi qualquer coisa: um choramingar, talvez, mais animal do que humano. Agucei o ouvido, procurando o som novamente enquanto os pelos atrás do meu pescoço se arrepiavam, mas não aconteceu nada. Estou a imaginar coisas, pensei.

Voltei a subir o jardim, com menos cuidado para me manter na sombra enquanto aumentava a passada, deslizei o portão lateral para o abrir e encaminhei-me, pela estrada abaixo, para a cidade, tentando libertar-me do medo que se abatera sobre mim como uma névoa. As duas *beagles* ficam na casa, a dormir no quarto da Amy e do Martin à noite. «O Martin não passeia as cadelas, leva-as para dar uma passada», costumava brincar o Pai. Não tinha piada, se se pensasse em cachorrinhos forçados a inalar cigarros. Meu Deus, sinto mais a falta do Pai do que nunca.

Na cidade, dirigi-me diretamente para a praia e avancei cuidadosamente pela areia, próxima da beira da água, passando por cima dos espigões que marcam a costa em intervalos regulares enquanto procurava conchas. Eram quase três da manhã e a lua estava tão forte que projetava sombras.

Não havia ninguém à volta (nem sequer conseguia ver barcos no horizonte), portanto decidi subir até ao Hotel de Paris e caminhar para baixo até ao cais, passar pelo Teatro Pavilion e continuar até à ponta, junto ao posto do barco salva-vidas, onde tinha visto pais a pescarem com os filhos um pouco antes, nessa mesma noite.

Aparentemente, vou saber quando chegar a altura. Este não era esse momento, mas ainda assim senti uma explosão de adrenalina quando me encostei contra as grades e olhei para o mar, saboreando o vento salgado na cara. Agarrei no ferro enferrujado, mas depois subi para a primeira grade e fiquei ali de pé, sem nada que me impedisse de cair no mar lá em baixo. Estava uma noite calma, mas uma corrente forte rodopiava à volta dos pilares do cais, em baixo. Comecei a sentir-me tonta. Durante um segundo, interroguei-me se teria chegado o momento, mas ainda havia muito para fazer. Quero pôr tudo em ordem, não deixar pontas soltas, escrever ao Jar, explicar o que posso explicar, que é muito pouco. Fazer as minhas despedidas.

Desci das grades e dirigi-me novamente pela Hall Road em direção a casa. Tinha as pernas a tremer.

— Quem fala? — diz Jar, olhando para cima e para baixo da Harley Street. Está de pé no passeio, à porta do consultório de Kirsten, a falar ao telefone. — Porque é que está a ligar para este número?

Há apenas silêncio do outro lado da linha. O seu primeiro pensamento é que alguém conseguiu ter acesso ao telefone de Rosa (que nunca foi encontrado), mas, à medida que ouve, a raiva dá lugar à esperança. O silêncio parece feminino.

— Rosa? — pergunta, quase a sussurrar, à espera de que a chamada se desligue a qualquer momento. — És tu? — Ouve, procurando o som da respiração, de qualquer coisa, mas não há ruído. Desliga e encosta-se contra a porta, de olhos fechados.

Quando abre os olhos, vê Kirsten na janela da frente do edifício, a olhar para ele. Afasta-se, descendo na direção de Oxford Circus.

— Espere, Jar — ouve-a a chamá-lo, mas não se vira. Ainda não tem a certeza se Kirsten está a ser honesta com ele. Pouco depois, ela está ao seu lado.

— Quem era, ao telefone? — diz ela, esforçando-se para acompanhar o ritmo de Jar.

— O que é que tem a ver com isso?

— Estou preocupada. É o meu trabalho.

— Da última vez que estive no seu consultório, fui detido pela polícia. Espero que compreenda porque é que o facto de estar aqui agora me está a deixar um bocadinho apreensivo. — Para confirmar o que acaba de dizer, olha para cima e para baixo da Harley Street enquanto continua a caminhar.

— Não tive nada a ver com isso. Era a Rosa ao telefone? — pergunta.

Jar para no passeio e vira-se para ela.

— Era ela? — repete. — A Rosa?

— Por que motivo pensa isso?

— Pela forma como reagiu. Já vi isso antes. Posso ajudá-lo, Jar.

— Acha que eu imaginei a chamada? É isso?

— A dor manifesta-se de muitas formas, Jar. Não duvido que alguém lhe ligou.

— Mas acha que não foi a Rosa. O que é isto, então?

Jar mostra-lhe o telefone, com o nome de Rosa exibido claramente na lista de chamadas recebidas. Kirsten olha para o telefone e depois novamente para Jar.

— Alguém deve ter encontrado o telefone dela e ligaram-me por engano. Uma chamada involuntária. Era o telefone dela (o número ainda está nos meus contactos), mas, tal como toda a gente está constantemente a dizer-me, ela morreu há cinco anos.

Está a dar uma explicação do sucedido a si próprio, tanto como a ela. A sua mente não parou desde que viu o nome dela no ecrã. Claro que não era ela, diz a si próprio, continuando a andar.

Kirsten não desiste e continua a correr ao lado dele.

— Volte amanhã — diz ela. — Vou chegar cedo. Por favor. Posso ajudá-lo.

Jar afasta-se, sentindo que ela está a observá-lo até desaparecer na multidão.

O telefone volta a tocar quando se aproxima da Oxford Street. É Carl.

— Vens trabalhar? — pergunta Carl. — Não posso continuar a inventar desculpas para ti.

— Consegues descobrir a localização de um telefone?

— Eu disse para ativares o teu «Encontrar iPhone».

— Não é o meu, Carl. É o da Rosa.

Carl faz uma pausa antes de falar:

— Onde é que estás?

— Preciso que o peças ao teu amigo da companhia telefónica.

— Já falámos sobre isto, Jar. O telefone dela está desligado.

É verdade. Nos primeiros tempos, Jar pediu a Carl o mesmo favor, depois de ter sido acordado por uma chamada a meio da noite. O número era não identificado, mas Jar, meio a dormir (e possivelmente ainda bêbado) tinha ficado deitado na escuridão do seu apartamento, a ouvir Rosa falar com ele sobre os momentos bons que tinham passado juntos. Quando acordou de manhã, pensou que fora um sonho, mas verificou o telefone e aceitara uma chamada de um número desconhecido às 2h05 da manhã que durara vinte e cinco minutos. Telefonou para Carl, que tinha um antigo colega da faculdade que traba-

lhava no departamento de informática da operadora de telemóvel de Jar, mas não havia qualquer vestígio do aparelho de Rosa nas redes.

— Alguém acabou de me ligar do número dela — diz Jar agora. — O número estava identificado como Rosa, exatamente como costumava dizer quando andávamos juntos em Cambridge.

Há uma pausa do outro lado da linha.

— Disseram alguma coisa? — pergunta Carl. A sua voz está tranquila, mais solidária agora.

— Nada. Calculo que tenha sido encontrado por alguém.

— Cinco anos é muito tempo.

— Talvez tenham posto o cartão SIM num telefone novo. Não sei. Diz-me tu.

— Falamos quando nos virmos. Vens trabalhar, não vens? O chefe está a fazer-me a vida negra, sou pessoalmente responsável pela tua ausência continuada.

— Eu falo com ele. Agora, telefonas ao teu amigo? Por favor?

— Só se prometeres vir ao escritório.

— Claro que sim. E, Carl? Tinhas razão sobre a Kirsten e a Karen, a terapeuta da Rosa na faculdade. Era só uma coincidência.

— Aí está uma surpresa.

— Mas fomos ambos enganados, pela tia da Rosa. A Kirsten não entrou nas nossas vidas por acaso. A Amy planeou tudo, achou que eu precisava de ajuda.

Houve outro longo silêncio antes de Carl falar.

— Quer dizer que ela não põe os pacientes a ouvir Congo Natty?

— Não esta manhã.

— E era uma história tão boa. Vais continuar a encontrar-te com ela, então? Profissionalmente, quero eu dizer?

— Estive agora mesmo deitado no sofá dela.

— Eu depois ligo-te. Para falarmos sobre o telefone. — Jar deteta uma certa cautela na voz do amigo. — Mas vens trabalhar?

— Prometo. E obrigado. Por tudo. — Carl excedeu-se nos últimos dias: investigou a *dark web*, aguentou mais teorias da conspiração do que o habitual, encobriu-o no trabalho. Jar está prestes a desligar quando vê alguém do outro lado da rua. É o homem que estava sentado no café em frente do escritório, desta vez não tem dúvidas de que é ele. — Vou já para aí.

Por favor desculpa-me, Jar. Tentei ligar-te hoje, mas não consegui arranjar coragem para falar. Não depois deste tempo todo. Foi bom ouvir a tua voz. Tão bom. E não te recrimino se seguiste em frente com a tua vida. Mas é importante falarmos. É melhor, acho eu, encontrarmo-nos pessoalmente e depois posso tentar explicar tudo desde o início.

Vem ter comigo onde eu disse que iria se o mundo alguma vez saísse dos eixos. Lembras-te desse lugar? Não posso arriscar escrever o nome aqui. Vou estar à tua espera. Não estás em segurança e eu também não. Cuida de ti, bebé. Sempre.

Jar olha fixamente para o ecrã e depois para trás. A mensagem na caixa de entrada do seu *e-mail* (a sua conta pessoal do Gmail, a que tem há anos) é tão surrealista que se interroga se terá um público a vê-lo e se não estará no escritório, mas antes nalgum *reality show* de mau gosto.

Vem ter comigo onde eu disse que iria se o mundo alguma vez saísse dos eixos. Lembras-te desse lugar? Não posso arriscar escrever o nome aqui.

Jar olha de relance para Carl, que está a escrever algo, batendo no teclado com os dedos indicadores rechonchudos. Quando volta a olhar para o ecrã, espera que a mensagem tenha desaparecido, mas ainda lá está. Lê-a lentamente, desde o início, pronunciando cada palavra, e quando chega ao final lê-a outra vez. E outra vez. É a forma de falar dela (escreveu algo semelhante no diário, depois do funeral do pai) e a sua antiga conta do Gmail, mas será dela?

Pensa, pensa. Levanta-se diante da secretária, passando uma mão no cabelo, percorrendo o escritório com o olhar. Carl olha para cima de relance, na sua direção, e depois volta ao seu ecrã. Algures nos esconderijos profundos da sua mente perturbada, Jar tem uma recordação de uma conversa com Rosa sobre um local onde se reclusa em tempos de crise. *Se o mundo alguma vez saísse dos eixos.*

Ainda de pé, inclina-se para a frente, percorrendo as páginas do diário, lendo aleatoriamente, com instantâneos das suas conversas em Cambridge a cintilarem à sua frente. Depois, olha novamente para o *e-mail*. Significa apenas uma coisa: Rosa está viva. A chamada também foi dela. Está a tentar estabelecer contacto, fazê-lo lembrar-se de um plano louco para um encontro de que uma vez lhe falou. Se pelo menos conseguisse lembrar-se de onde era.

— Estás bem? — pergunta Carl.

— Sim — diz Jar, mas o seu rosto parece estar a ficar sem sangue. Afunda-se na cadeira, sentindo-se enjoado.

— Não te preocupes. Diz-lhe simplesmente a verdade, que não tens estado bem.

Não é por doença que tem estado a faltar, mas Jar não contesta o conselho. Está previsto reunir-se com o editor daí a dez minutos, explicar por que motivo escreveu apenas uma história (os melhores «nus» das celebridades, em oposição às «*selfies*») na semana passada. Tentará ultrapassar a reunião fazendo *bluff*, mas teme o pior. Pelo menos, se ficar sem trabalho terá mais tempo para encontrar Rosa. A sua vida mudou irrevogavelmente, mais nada interessa agora.

E, então, lembra-se. Na noite em que se encontrou com Rosa para tomar uma bebida no The Eagle. Ela tinha estado com os amigos atores, mas eles tinham ido embora em grupo, deixando-a para trás. Rosa tinha-lhe telefonado, sentindo-se abandonada. Estava bêbada quando se encontrou com ela, a falar de uma reportagem nas notícias sobre um meteorito que ia passar perto da terra.

— Sei que se prevê que falhe a terra por algumas centenas de milhares de quilómetros — disse ela, bebericando a cerveja —, mas se, digamos, uma coisa dessas alguma vez acontecer e o mundo apavorar um susto, der um pequeno salto e sair do eixo de rotação, tu e eu precisamos de ter um plano.

— O que é que tens em mente?

— Algum sítio para onde possamos ir, longe deste caos, longe das cidades. Um lugar onde nos pudéssemos abrigar juntos, num mundo pós-apocalíptico.

Fez várias tentativas para dizer apocalíptico («acopalíptico», «alopalíptico») até desistir e enterrar a cabeça no pescoço de Jar, dando risinhos, de olhos fechados.

— Galway tem muita coisa a favor — disse Jar, colocando um braço à sua volta. Os seus amigos atores não se tinham comportado bem, pensou, nunca a deviam ter deixado para trás.

— Galway é demasiado longe — disse ela, agora mais animada, sentando-se direita, com uma mão sobre a perna de Jar. — E não vão existir aviões, vão haver nuvens de pó na atmosfera.

— Pensaste mesmo nisso tudo, não foi?

— Há um sítio na Cornualha onde o Pai costumava ir depois de a Mãe morrer. E eu fui lá depois do funeral dele. Um sítio para nos escondermos (e sararmos). Devíamos encontrar-nos lá.

Virou-se para Jar, olhou para ele com os seus olhos enormes. Nunca mencionara a morte da mãe antes. Estava prestes a perguntar-lhe

sobre isso, quando ela se inclinou para a frente e o beijou, um beijo longo, lento e embriagado.

— O nome deriva do nome de um peixe feio como um porco (o bacamarte), mas é um dos locais mais bonitos do mundo — disse ela, sentando-se agora com os joelhos encostados aos de Jar, agarrando-lhe nas mãos. Inclinou-se para o beijar novamente. — É muito importante que te lembres disto — repreendeu-o, e depois deu um soluço. Jar sorriu, ainda sem ouvir com atenção, pensando, em vez disso, em como ela estava bonita nessa noite, com um toque de Carmen caprichosa. — Estás concentrado? Nunca se sabe quando podemos precisar de um encontro de emergência na vida.

— Eu vou lembrar-me.

Deu um trago na cerveja e continuou:

— Desces até este sítio por um caminho inclinado, depois de teres tomado uma bebida no *pub* que fica em cima. Paredes claras de amarelo-ocre, é impossível não ver. Há uma praia com areia na maré baixa (com umas enseadas escondidas deliciosas), mas é melhor caminhar à volta da baía, para lá das ruínas de uma capela antiga, e subir até Gurnard's Head. Vais ver umas rochas grandes no promontório e um sítio onde te podes agachar, para te abrigares do vento. Encontramo-nos lá? Podemos ver as focas lá em baixo, talvez até golfinhos se tivermos sorte. O ar é tão puro.

— Gurnard's Head — diz Jar.

— O quê? — Carl parou de escrever e está a olhar para ele.

— Tenho de ir.

— Jar, tens uma reunião com o chefe daqui a cinco minutos.

— Vai simplesmente despedir-me. Tenho um comboio para apanhar
— diz ele, começando a correr.

Mas antes de alcançar a saída, um dos funcionários habituais dos serviços postais para-o.

— Podes assinar isto antes de ires, Jar?

Jar pega na embalagem (um livro para avaliar, calcula) e sai a correr do escritório.

Retiro silencioso, Herefordshire, trimestre de primavera, 2012

É o último dia das nossas reuniões informativas aqui em Herefordshire. Hoje, voltamos para as nossas faculdades, começamos a pôr os nossos assuntos em ordem e esperamos.

O Todd contou-nos tudo esta manhã. Fomos chamados novamente à sala de aula onde o conhecemos inicialmente e fez-nos um resumo de todas as etapas do programa. Estava mais descontraído do que antes, acho que porque agora somos menos. Quase metade de nós teve «permissão para voltar» para a faculdade mais cedo, ficando apenas os poucos escolhidos.

Jar consulta novamente o *e-mail* no telemóvel, esperando que possa haver outra mensagem, mas não há nada. Apenas um item na pasta de rascunhos: uma entrada breve do diário, que parece ter sido cortada ao meio.

Olha para cima, para o indicador da plataforma no átrio de Paddington. O próximo comboio para Penzance parte dentro de uma hora, dando-lhe exatamente tempo suficiente para se encontrar com Anton. Demorará vinte minutos a ir até ao parque para *skates* em Ladbroke Grove. Quer agradecer-lhe. E perguntar-lhe pela última entrada, pelo motivo pelo qual não está completa.

Não parece haver ninguém no parque para *skates*, portanto, ao chegar, encaminha-se para o contentor onde esteve com Carl há seis dias. Está ainda mais desarrumado do que antes. Terá sido aqui que Anton descodificou o diário de Rosa? Contudo, os computadores desapareceram, há apenas caixas de rodas de *skates*, eixos, ferramentas, barras de trotinetes, tábuas partidas, espalhadas por todo o lado.

— Posso ajudar?

Jar vira-se para trás. Um homem que reconhece do portão dos bilhetes está a olhar fixamente para ele.

— O Anton está?

— Quem é que quer saber?

— Um amigo... de um amigo. Ele estava a ajudar-me com um problema no computador.

— Agora não está. — O homem apanha uma tábua de *skate* do chão.

— Ele está bem?

— Pergunte à Polícia.

— À Polícia? — repete Jar, com o pavor a aumentar dentro de si.

O homem faz um sorriso afetado.

— Saiu à pressa. Ontem à noite. Levou os computadores todos com ele.

Jar já ouviu o suficiente. Dois minutos depois, está a caminhar por baixo de Westway, em direção à estação de metro de Ladbroke Grove, a falar ao telefone.

— Carl, é o Jar. O Anton desapareceu.

— Às vezes ele faz isso.

— Acho que é por causa do diário, Carl.

Jar desliga e vira-se para entrar no metro. Enquanto o comboio se aproxima de Paddington, lembra-se da embalagem que tem no bolso. Não é um livro. No interior há uma folha de papel A4 com aspeto oficial, coberta de letras. No topo da folha estão as palavras: «ULTRASECRETO, NÍVEL 3, APENAS PARA OLHOS BRITÂNICOS». A folha tinha sido envolvida de forma folgada numa embalagem de cartão, o que explicava que tivesse pensado que era um livro. Examina a carruagem, com o coração acelerado, e começa a ler.

ULTRASSECRETO, NÍVEL 3, APENAS PARA OLHOS BRITÂNICOS

Programa: Êutico (EUA)

DN: 08.11.1992

Universidade: St Matthew's College, Cambridge

DM: 01.07.2012

ESTATUTO ATUAL: Diretores de postos do SIS a nível global informados. Agência de Fronteiras também alertada. Nenhum parente próximo. Irmã do falecido pai em Cromer e antigo namorado em Londres sob vigilância 24h/dia, 7 dias/semana (A4/MI5).

Jar enfia a folha de papel no bolso do casaco e percorre a carruagem com o olhar. Não quer ser visto a ler um documento confidencial, se está sob vigilância. Não há nada de invulgar no homem de pé na extremidade mais afastada, junto à janela aberta da porta, diz para si próprio. Apenas um viajante normal, a apanhar ar, que casualmente está a olhar na sua direção. E a mulher ao telefone, cujo olhar se cruza com o seu e depois se desvia para o outro lado?

Quem, em nome de Deus, lhe enviou aquilo? *Calma*. Devia tê-lo conferido com o serviço postal do escritório. Não há nada no envelope para além do seu nome datilografado. Aquilo poderia ter sido enviado por Rosa? *Respira*. É a sua data de nascimento e morte e refere o nome Êutico, o programa que mencionou no diário, e alude indiretamente a Jar. Se ela faz parte de uma operação encoberta há cinco anos, deve ter tido acesso de alto nível a informações, deve ter-se tornado boa a ler coisas que não era suposto ver.

Parece bastante genuíno, mas nunca esteve muito a par de assuntos relacionados com serviços secretos, leu apenas alguns documentos *online*, cortesia de Edward Snowden. Sai do comboio de Hammersmith e City Line em Paddington. O estômago revolve-se quando o homem e a mulher fazem a mesma coisa. Enquanto desce aceleradamente a rampa para chegar ao átrio principal da estação, sente-se

tão enjoado que está quase com tonturas. Então, o seu telefone toca, irrompendo através das suas vertigens. É Max Eadie. Jar quer dizer-lhe tudo, sobre o memorando, sobre o súbito desaparecimento de Anton, mas Max fala primeiro.

— Jar, precisamos de nos encontrar.

— Está tudo bem? — pergunta Jar, tentando ignorar a tensão na voz de Max.

— Acabei de ler o diário.

Depois de muita ponderação, Jar deu a Max a palavra-passe para a conta de *e-mail* que Anton tem estado a usar. Chegou à conclusão de que não podia esperar que Max o ajudasse a não ser que partilhasse tudo o que sabia com ele, incluindo o diário privado da falecida namorada, que repousava na sua pasta de rascunhos.

— E?

— Temos de nos encontrar. Hoje. Agora.

Jar olha à sua volta novamente. A mulher desapareceu, mas o homem ainda parece estar a segui-lo.

— Estou em Paddington. Prestes a entrar num comboio.

— Não faça isso. Estou aí daqui a quinze minutos.

O tom sério de Max preocupa-o. Jar esperava que o diário pudesse proporcionar a Max provas suficientes para que ressuscitasse o artigo, corrigisse as inconsistências e o voltasse a publicar. Mas, agora mesmo, ao telefone, ele parecia longe de ter confirmado tudo.

Jar guarda o telemóvel e parte em busca de algum sítio para fotocopiar o documento que tem no bolso do casaco, como precaução.

Depois de encontrar uma papelaria em Praed Street, onde tira uma fotocópia, volta à estação.

O átrio principal está apinhado, mesmo para uma sexta-feira à tarde. Algum tipo de acidente atrasou a saída dos comboios da estação e os viajantes vagueiam no interior à espera de informação. Se perder o comboio, terá de apanhar o que faz a viagem durante a noite e procurar Rosa de manhã. (É mais caro, mas esta semana vai receber o salário.) Ela não irá dormir no exterior, à noite, no promontório. Irá ficar no *pub*, onde poderá estar atenta às pessoas que descem até Gurnard's Head.

Olha de relance para o relógio, observa o grupo de fumadores de pé no exterior da estação. Apetecia-lhe um cigarro neste momento. Sente todo o corpo tenso. E, então, ela está ao seu lado.

— Nem penses nisso — diz Rosa, sorrindo. Jar fica ali, atordoadado, com esperança de que, se não se mexer, ela possa ficar. Mas já desapareceu. Pelo menos, parecia bem, com os olhos radiantes como costumava ter na universidade, não como estava quando a viu a correr para apanhar o comboio da última vez que esteve em Paddington. Sabe que foi uma alucinação, mas dá-lhe esperança. Agora, ela não está longe.

Cinco minutos depois, Max Eadie está a caminhar na sua direção num fato de linho amarrotado.

— Podemos falar? — pergunta, com a voz ainda séria, urgente. — Odeio multidões.

— Eu também. — Enquanto passam por grupos de fumadores ao subirem na direção da Praed Street, Jar vira-se para ele. — Acho que

fui seguido até aqui hoje.

— Está a falar a sério?

— Os meus amigos dizem que estou paranoico.

— Quantos? — Max continua a caminhar, abotoando o meio do casaco protuberante, enquanto acelera o passo. — A seguirem-no?

Antes de Jar conseguir responder, Max desatou numa corrida invulgar, saltando para a parte de trás de um autocarro vermelho que está a passar. Jar segue-o e salta para o degrau da entrada no preciso momento em que o veículo de dois andares começa a andar.

— Isto deve dar-nos alguns minutos — diz Max, tentando ocultar a falta de ar. — Vamos subir.

Jar quer perguntar-lhe o que está a fazer, mas Max já está a subir as escadas, dois degraus de cada vez. Ocupam os bancos da frente (os outros únicos passageiros são duas mulheres mais velhas no fundo do autocarro) e olham para baixo, para a Edgware Road, enquanto o autocarro se encaminha para Marble Arch.

— Para conseguirmos verdadeiramente iludir a vigilância — continua Max, sem explicações, ainda a respirar com dificuldade — devemos sair na próxima paragem, atravessar a estrada, apanhar outro autocarro na direção contrária, atravessá-lo rapidamente, voltar a sair pela frente, chamar um táxi e entrar no meio do trânsito. Mas estou demasiado velho para isso.

— Já fez este tipo de coisa antes? — pergunta Jar. Já está preparado para que Max revele que em tempos também trabalhou como espião.

— Sempre achei que a espionagem e o jornalismo andam facilmente de mãos dadas: estão ambas no negócio de fazer com que as pessoas revelem coisas que não deviam. Não me surpreende que esteja a ser seguido. Talvez não tenhamos muito tempo — acrescenta, agora mais sério. — Há uma coisa que precisa de saber sobre o diário da Rosa.

— Ajudou? Com o artigo?

— Não exatamente. Lembra-se de alguma vez a Rosa ter falado de ir para um retiro?

— Uma vez. Foi antes de a ter conhecido.

— Mais alguma coisa?

— Foi um comentário de passagem, mais nada.

— Ela não disse onde era?

— Talvez tenha sido em Herefordshire. Não consigo ter a certeza.

Max faz uma pausa.

— Não me orgulho de dizer isto, mas houve... como é que hei de explicar? Houve elementos da minha história para o *website* que foram... elaborados... adornados... embelezados. — Tosse de forma teatral. — Inventados.

— Como por exemplo? — pergunta Jar. — Muita coisa parecia estar de acordo com o diário da Rosa.

— É isso que me está a preocupar.

— Não o estou a perceber.

— O Jar leu o artigo. Acreditei (e continuo a acreditar) que alguns suicídios de estudantes em Oxford e Cambridge eram suspeitos. Corpos nunca encontrados. E escrevi que esses estudantes tinham sido recrutados pelos serviços secretos através de uma rede de funcionários dos serviços sociais e terapeutas da faculdade.

— Que é o que o diário da Rosa sugere. — E o documento a queimar o bolso do seu casaco, pensa Jar, mas não diz nada sobre isso. Ainda não conhece Max suficientemente bem para lho mostrar, ainda não confia totalmente nele.

Max tem a mão levantada como um polícia de trânsito, enquanto olha de relance para o interior do autocarro, verificando se alguém consegue ouvi-los.

— Escrevi também que esses estudantes eram enviados para um retiro à saída de Hereford...

— Isso também coincide com o diário da Rosa — interrompe Jar.

Max volta a pigarrear, como se estivesse prestes a confessar um crime.

— E que alguns deles foram subsequentemente transferidos para um local seguro na base militar atualmente ocupada pelo Esquadrão Aéreo Especial. — Faz uma pausa. — Essa é a parte que inventei. Trabalho de adivinhação informada; não foi o meu melhor momento. Um habitante local disse-me que o dono do retiro era americano e tinha trabalhado para as Forças Especiais, mais nada. Na altura, surpreendeu-me, não encaixava com um retiro. Mas sabia que se envolvesse o SAS na história, preferencialmente no título, seria fácil de vender. Pelo menos, era essa a minha esperança.

— O que quer dizer com isso, que «inventou»? A Rosa...

— Eu sei. Ela sugeriu em tudo menos no nome que foi levada para o quartel-general do SAS. Não estou orgulhoso disto, Jar, mas não tinha provas que sustentassem essa parte da história. Sabia apenas que alguns estudantes infelizes de Oxbridge tinham sido levados para um retiro espiritual à saída de Hereford uma vez.

— Isso não significa que alguns deles não tenham sido realmente transferidos para a base do SAS.

— Desculpe, Jar, mas acho que não está efetivamente a perceber o que eu estou a dizer. Não faço ideia de quem é que escreveu o diário, mas quem quer que tenha sido leu a minha história e copiou alguns pormenores.

— Mas isso não é possível. Foi a Rosa quem o escreveu.

— O meu artigo foi publicado na *dark web* em julho de 2013, um ano depois de a Rosa ter morrido.

— Lembro-me das coisas que ela descreve no diário, do nosso tempo juntos. Do pequeno-almoço depois do Baile de Maio, da noite em que nadou nua no Cam, de quando nos conhecemos no restaurante. Mais ninguém podia ter escrito aquelas palavras.

Max faz uma pausa antes de responder, enquanto o autocarro permanece parado no trânsito, tão imóvel que Jar se interroga se o motor híbrido se desligou. Mas, então, o autocarro volta a estremecer e começa a andar. Em baixo, um grupo de homens está sentado no exterior de um café, a fumar cachimbos de água, observando os transeuntes com uma mistura de indiferença e desdém.

— Não sei mesmo o que pensar, Jar. Foi tudo há muito tempo e a minha investigação foi, na melhor das hipóteses, superficial. Estava sob muita pressão financeira naquele tempo, desesperado por conseguir que a história fosse publicada em algum lado. Foi uma das razões pelas quais mudei de trabalho. O que sei é que não havia nenhum terapeuta na faculdade da Rosa. Fiz muitas perguntas, chatee bastante os porteiros. O reitor, o Dr. Lance, era um conhecido recrutador para os serviços secretos, mas não consegui encontrar qualquer prova da existência de um terapeuta ou de assistentes sociais em St. Matthew's. O que me pareceu estranho. Escolhi ignorar isso na minha história, foquei-me nas faculdades que tinham terapeutas.

— Mas a Rosa escreve muito sobre a Karen. Não pode ser inventado. — Jar tenta ignorar o facto de Rosa também nunca lhe ter falado de uma terapeuta; de também ele ter tido dificuldade em encontrar provas da existência de uma Karen em St. Matthew's ou de que Kirsten era Karen, como tinha pensado inicialmente. — Isso deve ajudar a sua história; dá-lhe algo novo, uma razão para voltar a publicá-la.

— A única coisa que sei com toda a certeza é que a parte que inventei, sobre o SAS, conseguiu encontrar forma de aparecer, quase palavra por palavra, no diário da Rosa. — Max fica silencioso, antes de voltar a falar. — Também há outra coisa.

— O quê? — pergunta Jar, mas Max nada diz. — Diga-me.

— O nome do americano que era proprietário do retiro. Não quis usar o nome verdadeiro na minha história, por isso inventei um; lembre-se de que eu estava em terreno pantanoso.

— Que nome lhe deu?

Max faz uma pausa.

— Todd.

— O instrutor que a Rosa refere?

— Lamento, Jar. Alguém está a enganá-lo.

Não devia estar a enviar-te um *e-mail* assim, Jar, mas se nos virmos, não vamos ter muito tempo juntos. Eles vão encontrar-me, eu sei que vão.

Não sei por onde começar, como explicar as escolhas que fiz. Devo-te muito mais do que uma desculpa, mas deixa-me pelo menos começar com uma explicação (espero que tenhas recebido o documento que te enviei para o escritório). Sabias que eu estava infeliz na faculdade, mas nunca te disse quão em baixo me sentia, nunca te falei dos dias negros. Quando estava contigo, havia sol e as árvores no Jardim do Membros do Conselho eram brilhantes, como ficavam depois de chover intensamente, mas quando estávamos separados, as nuvens de tempestade voltavam e eu estava preparada para acabar com tudo.

Lembras-te do Dr. Lance? O reitor da faculdade e especialista em Goethe? Era também um bom amigo do Pai. Foi ele que pôs tudo isto em andamento, detetou a minha infelicidade e ofereceu-me a oportunidade de começar de novo. Ele e a Karen, a terapeuta da nossa faculdade, a americana loura de que todos os rapazes gostavam. E eu aproveitei a oportunidade, calei o que tu e eu tínhamos juntos e olhei para o futuro, para o meu pai. Porque a primeira coisa que me disseram foi que o Pai tinha feito parte de um programa para ajudar estu-

dantes infelizes. Acho que não teria aceitado participar se ele não tivesse estado envolvido: senti que me estava a aproximar dele.

O trabalho foi aborrecido, no início. Não posso contar onde estávamos, porque a simples menção do nome do programa neste *e-mail* tornaria as próximas horas ainda mais difíceis do que elas serão (embora esteja a usar «roteamento cebola» para enviar isto (não ias acreditar no que aprendi, Jar). Mas depois de termos terminado a formação, tornou-se interessante.

O único problema foi que nos estavam a treinar para descobrir coisas que não era suposto descobrirmos e, um dia, alguns anos depois, descobri uma coisa sobre o meu pai que mudou tudo. O Pai tinha feito uma descoberta que não devia. Descobriu que pessoas como eu, estudantes britânicos recrutados em Oxbridge, eram, no final, considerados dispensáveis pelos americanos que dirigiam o programa. No que dizia respeito ao mundo exterior, já estávamos mortos, portanto qual era o problema de morrermos outra vez? Éramos descartáveis, adequados, idealmente, para as missões mais perigosas. O Pai estava prestes a pôr a boca no trombone, mas eles impediram-no, fizeram com que parecesse um acidente de carro em Ladakh. Desde que descobri que ando à procura de uma forma de fugir, mas não se pode deixar o programa. Não funciona assim.

Contudo, um dia, surgiu uma oportunidade (eles cometeram um erro) e eu aproveitei-a. Pensei que estava livre quando finalmente cheguei ao Reino Unido, mas agora tenho consciência de que eles estavam simplesmente a observar, à espera para ver o que eu faria. Depois de alguns dias, os americanos levaram-me e fui mantida em iso-

lamento numa base aérea americana (no Reino Unido, acho eu; não me levaram de avião para lado nenhum) durante meses, talvez anos. É difícil saber. Torturaram-me, o corpo e a mente.

Mas então, na semana passada, consegui fugir novamente. Estava no exterior, em fuga. Ainda estou.

Preciso de te ver, bebé, provar-te que ainda estou viva. Se nos conseguirmos encontrar, mesmo que muito brevemente, tens de contar a minha história. Vão levar-me de volta e vou desaparecer, muito provavelmente vou ser morta. Já estou morta, portanto ninguém se importará. Mas, pelo menos, agora sabes e está nas tuas mãos a decisão sobre o que fazer com esta informação. Encontra-me, Jar, vem ter comigo ao sítio de que falámos, onde iríamos se o mundo saísse dos eixos.

As duas pessoas aparecem-lhe de ambos os lados, enquanto chega à via de acesso para a obliteração dos bilhetes para apanhar o comboio da noite para Penzance. Jar reconhece-os imediatamente: o homem e a mulher que suspeitara que o estavam a seguir quando entrou no metro de Ladbroke Grove para Paddington.

— Alguém quer ter outra conversa — diz o homem, prendendo o braço de Jar e desviando-o na direção da praça de táxis ao lado da Plataforma 1. A mulher aproxima-se do outro lado, exatamente ao mesmo tempo que um carro encosta no passeio, e os dois levantam Jar pelo ar enquanto a porta de trás se abre.

Miles Cato consegue esboçar um sorriso tímido a partir do lugar mais afastado.

— Peço desculpa pelo ambiente de policial de espionagem — diz ele, enquanto Jar é enfiado no carro.

Jar olha fixamente em frente enquanto se afastam e entram no tráfego de Londres, chocado, demasiado zangado para dizer o que quer que fosse ou para ter medo, ainda a pensar no *e-mail* que estava a ler no telefone alguns momentos antes. No carro, está apenas o condutor, separado deles por um vidro espesso, e Miles. O homem e a mulher ficaram no passeio, dissolvendo-se na multidão.

— Acho que não tem realmente consciência de com quê e com quem está a lidar — diz Miles, depois de uma pausa. Também ele está a olhar em frente. Jar quer dizer-lhe que tem uma ideia razoável de com quem está a lidar, que sabe que Cato é mais do que um polícia e que tudo aquilo tem a ver com Rosa, mas não diz nada. — É um vício, uma doença. Temos andado a seguir o Martin há já bastante tempo. As pessoas como ele operam em sindicatos. Partilham imagens indecentes na *dark web*, centenas de milhares delas. E fazem tudo para conseguir mais. Isto não é uma fantasia *online* qualquer: há vidas reais em risco.

— Não sei do que está a falar — diz Jar, com a voz a tremer mais do que gostaria.

— Tente vê-lo da minha perspetiva. Recebemos uma denúncia sobre o Martin e os computadores dele. Quando investigamos, acontece que ele, por acaso, lhe deu um dos seus discos rígidos que pode conter provas cruciais. Você entrega-nos o disco relutantemente, mas não antes de o ter encriptado fortemente. Estranho, pelos padrões seja de quem for, não acha? Algumas pessoas diriam que se trata de uma obstrução voluntária. Estou a tentar dar-lhe o benefício da dúvida, Jar. Outros poderão não o fazer.

Jar diz a si próprio para se agarrar ao que sabe. O *e-mail* que acabou de ler de Rosa; o documento confidencial no bolso do casaco; a chamada anónima que recebeu antes; o diário de Rosa; a história de Max...

— Podemos parar com esta charada? — diz Jar, levantando a voz.
— Pare de fingir que o seu interesse no disco rígido não tem nada a

ver com a Rosa e com o diário. Eu sei o que lhe aconteceu, para onde foi.

Há uma pausa enquanto Cato verifica se recebeu uma mensagem no telefone, deixando que as palavras de Jar esmoreçam no ar abafado. É bom neste tipo de coisas, pensa Jar, com uma técnica aperfeiçoada ao longo de muitos anos em salas de entrevista sem janelas.

— Lamento o que aconteceu à Rosa — diz Cato, por fim. — Bem como a sua luta para aceitar a morte dela. De certeza que não é fácil. Mas na verdade, não é por isso que aqui estou. Preciso simplesmente de acesso ao disco rígido. E preciso de saber porque é que pediu ao seu amigo que o encriptasse. Tal como as coisas estão neste momento, temos motivos para os acusar, a si e ao Anton, de obstrução a uma investigação criminosa e possível cumplicidade num crime que viola a Lei de Ofensas Sexuais.

Jar vira-se para o outro lado, tentando afastar da sua mente a possibilidade de Cato estar a dizer a verdade e não ter qualquer interesse em Rosa. Parecem estar a dar uma volta larga em redor de Paddington, subindo a Edgware Road e descendo novamente por trás da estação.

— Ontem à noite fizemos uma visita ao Anton — continua Cato. — Precisamos que ele nos mostre como eliminar a encriptação do disco rígido ou, melhor ainda, que nos entregue a cópia não encriptada que estava a usar. Só que ele parece ter desaparecido, esfumou-se. Faz alguma ideia de onde possa estar?

— Porque é que não prendem simplesmente o Martin? — pergunta Jar, interrogando-se se Cato estará a fazer *bluff*, se Anton já estará a

ser interrogado em relação ao diário.

— Ainda não temos provas suficientes para o acusar. — Cato faz uma pausa. — Perceba isto muito claramente, Jar: tem de entregar uma mensagem ao Anton, diga-lhe para estabelecer contacto. Para bem de ambos. Peço desculpa se perdeu o seu comboio.

Estão agora de regresso a Paddington. As portas de trás do carro abrem automaticamente. Jar sabe que é um erro, mas não se consegue deter, não consegue impedir o seu braço de se dobrar no cotovelo e a sua mão de escorregar para o interior do bolso do casaco. Pensa, por um momento, se Miles julgará que está prestes a apontar-lhe uma arma, mas este não pestaneja, não mostra qualquer reação, mesmo quando Jar retira o memorando confidencial que lhe enviaram. É um passo irreversível, uma decisão precipitada de abrir o jogo, mas Jar não pode deixar a farsa prolongar-se durante mais tempo.

— Você precisa de perceber o que eu sei — diz Jar, entregando o documento a Cato. Está contente por ter feito uma cópia, que está no outro bolso. — Isto não tem a ver com o Martin. É sobre a Rosa, que quer voltar. E se o senhor e os seus colegas continuarem a seguir-me para todo o lado, tentarem impedir-me de a encontrar, há outras pessoas que sabem do programa Êutico, que sabem que a Rosa está viva.

Agora, Jar está a fazer *bluff*. Só Carl sabe, e Max, e nem sequer tem a certeza de poder confiar nele.

— Como é que obtive isto? — diz Cato, pegando no memorando. Jar olha para ele, desesperado por um sinal, algo que lhe diga que tem razão. Cato está quase a sussurrar; será que o ar lhe fugiu dos

pulmões? O rosto juvenil esvaziou-se de cor, a habitual serenidade foi substituída por hesitação. Ou será simplesmente que é Jar que quer que assim seja?

— Não lhe vou dizer. Herefordshire, a Karen, a Sejal: tenho conhecimento de tudo o que continua a negar. Essa é a data de nascimento da Rosa, já agora — acrescenta Jar, agora ofegante, batendo no documento com o dedo. — E aqui está a data da morte.

— Sabe que está a violar a Lei de Segredos Oficiais ao estar na posse disto.

Finalmente Cato está a levá-lo a sério, pensa Jar.

— Portanto agora estou a devolvê-lo a si, a entregá-lo, a ser um bom cidadão. É propriedade perdida, como esses computadores portáteis que o MI5 está sempre a deixar nos comboios.

— Isto é Nível 3, o mais elevado.

— A Rosa fez uma coisa muito grave — diz Jar, tentando controlar a respiração, desesperado para que Cato deixe de fingir e lhe diga a verdade. Mas Cato não diz nada, apanhado de surpresa pelo rumo dos acontecimentos, diz Jar a si próprio, agora que tem a prova irrefutável nas mãos. O que é que ele pode fazer? Detê-lo por violação da Lei de Segredos Oficiais? Isso apenas provaria que Rosa ainda está viva.

— Só uma coisa — diz Jar, abrindo a porta do carro. Precisa de se afastar de Cato, que ainda tem os olhos pousados no documento. Por que diabo não reagiu mais, não fez uma chamada, não lhe disse que tinha razão ao longo dos últimos cinco anos da sua vida? — Se encontrar a Rosa antes de mim, seja gentil com ela. — Afugenta o pen-

samento de que Cato está apenas interessado em Martin. — Ela significa muito para mim. — Agora, está no passeio, inclinado para dentro do carro. — Nunca o perdoarei se não for.

Sê prudente com o MC. Aprendi o suficiente nos últimos cinco anos para saber que será ele a abordar-te, se é que ainda não o fez. Provavelmente usará um disfarce policial, roupas simples. E adora um bom sotaque escocês. Não faço ideia de que história irá contar, mas não acredites numa palavra. Está a tentar encontrar-me, tal como os outros.

Os americanos vão pressionar os serviços de informações britânicos para fazerem os possíveis para me localizarem. Escusado será dizer que o programa acabará se isto alguma vez vier a público, juntamente com as carreiras de todos os envolvidos. Isto supera as revelações do Snowden, não é? E provavelmente ditaria também o fim da Relação Especial.

É importante que nos encontremos, por mais breve que seja o encontro. Vem rápido, tenho medo, Jar, medo de que me levem novamente para o sítio onde me prenderam. Matar-me será um ato de misericórdia.

Jar está de pé junto à porta da carruagem, a inspirar o ar salgado do mar através da janela aberta. O comboio serpenteia à volta de Mount's Bay, subindo em aproximação ao destino final, o fim da linha em Penzance. O Monte de St. Michael fica à sua esquerda, com as muralhas de contos de fadas erguendo-se a partir de uma melancolia azul de névoa marítima. Sobre ele, gaivotas pesarosas voam em círculo.

Rosa costumava falar de chegar a Penzance no comboio da noite com o pai, quando era mais nova. Nesses tempos, o carro também podia ir no comboio. Faziam a estrada costeira na autocaravana VW, conduzindo através de Newlyn para Mousehole, onde ficavam na barracquinha de pescadores que a mãe herdara.

O plano de Jar é apanhar o autocarro na paragem em frente da estação. Terá de ir primeiro a St. Ives e depois mudar para outro autocarro que o levará pela costa norte, para lá de Zennor, até Gurnard's Head.

Em Paddington, depois de ter deixado Cato, fizera os possíveis para despistar quaisquer outros perseguidores, mas não possuía o conhecimento interno de Max sobre como «iludir a vigilância». Afinal, como saberia Max tudo aquilo? Jar embarcara no último comboio com destino a Swansea na Plataforma 5, onde os acessos para validação

dos bilhetes estavam abertos, e ficara ali sentado durante tanto tempo quanto se atrevera. Um minuto antes da hora prevista de partida do seu comboio noturno para Penzance, saltara para fora da carruagem, dera a volta a correr para a Plataforma 1, ignorando os gritos do segurança para que se afastasse, e embarcara.

Ofegante, abrira uma janela e olhara para trás, para a plataforma, à espera de que o comboio comesçasse a andar. Mas houve um atraso qualquer. Era como se o comboio estivesse a fazer troça dele, da sua paranoia. Jar disse a si próprio que essa era uma linha vã de pensamento e afastou-se da janela. Coisas embaraçosas de «policia de espionagem», como dissera Cato. Onde é que tinha a cabeça? Esse não era o seu mundo. Ninguém o estava a seguir. E, depois, olhou novamente pela janela, para o exterior. Um homem alto estava a mostrar o bilhete ao segurança, gesticulando na direção do comboio. Seguiu-se uma discussão. Jar olhou de relance para o relógio. O comboio já estava dois minutos atrasado. Não é nada, pensou, mas então o homem ultrapassou o segurança e correu na direção da sua carruagem. Jar afastou-se bruscamente da janela, como se tivesse visto outro comboio na direção contrária, antes de se desafiar a olhar lá para fora novamente. O comboio estava finalmente em andamento.

Era o homem que vira tantas vezes no café em frente do trabalho, sem dúvida, e estava agora quase ao lado de Jar, da janela aberta. Olharam um para o outro, Jar paralisado, ainda a tentar calcular se haveria alguma forma de o homem, que o seguia há tanto tempo, conseguir embarcar no comboio enquanto este ganhava lentamente velocidade.

Jar puxou a janela para cima. O seu perseguidor era mais jovem do que Jar imaginara, trinta e poucos anos, pele rosada, olhos pequenos penetrantes e o rosto de alguma forma desequilibrado, inchado, contorcido, talvez do esforço de correr, e desprovido de qualquer emoção. À medida que se apercebia da inutilidade da sua ação e ficava cada vez mais para trás, os traços do seu rosto abatiam-se, perfurados pela exaustão e pelo desespero. Foi estranho, mas Jar sentiu que o homem não tinha qualquer animosidade pessoal em relação a ele enquanto observava o comboio a afastar-se, apenas uma sensação de fracasso profissional. Perdera o seu alvo.

Só quando o comboio acelerou através de Reading, vinte e cinco minutos depois, é que Jar finalmente se sentiu suficientemente calmo para se afastar da janela e se sentar. A primeira paragem foi Exeter, que ele já estava a temer, mas o resto da viagem decorreu sem incidentes. Em cada estação, Jar procurava o mesmo homem na plataforma, caso o tivesse conseguido alcançar de alguma forma, mas não havia sinal dele e mais ninguém lhe despertou a atenção. Talvez não fosse o homem do café. Talvez fosse apenas um tipo vulgar a tentar apanhar o comboio para a Cornualha.

Agora, enquanto Jar caminha para o exterior da estação em Penzance numa manhã luminosa de sábado, olha de relance para as pessoas aglomeradas na entrada, à espera da chegada de amigos e familiares para o fim de semana. Se não estivesse tão tenso, teria parado para apreciar a cena: a estação de paredes grossas de granito a marcar o fim da linha, os limites do empreendimento vitoriano. Nenhuma estação está mais a ocidente do que Penzance. Sente um súbito

desejo de estar em casa em Galway. Talvez seja o cheiro do mar, o céu vasto.

No exterior, ao sol, um taxista, de pé à porta do carro, levanta a sobrancelha em sinal de esperança, mas Jar continua até à paragem do autocarro, mais à frente. O próximo autocarro para St. Ives é dentro de vinte minutos, portanto dirige-se ao café, onde pede uma sandes de *bacon*. Mais uma vez, ninguém parece estar a segui-lo.

Bebericando uma chávena de chá preto, olha em redor do café, pensando no homem que tentara embarcar no comboio com ele. Deve trabalhar para Cato, cujo papel em tudo isto é encontrar Rosa e, depois disso, encerrar o caso (silenciando qualquer pessoa que possa saber demasiado). A sua investigação policial a Martin é apenas um disfarce, tal como o último *e-mail* de Rosa confirmou.

Lembra-se da conversa com Max, da sugestão de que alguém o está a enganar. Não parece possível, particularmente desde que recebeu os *e-mails*. Rosa está em fuga dos seus captores, escondida em Gurnard's Head, onde o aguarda. «Se o mundo alguma vez saísse dos eixos». Engole em seco perante o pensamento de a ver passados tantos anos e afasta o ceticismo de Max.

Uma hora mais tarde, Jar vê as paredes claras de amarelo-ocre do *pub* em Gurnard's Head a destacarem-se como um farol de esperança. Ou talvez seja um sinal de alerta, pensa ele. Está com os nervos em franja desde que mudou de autocarro em St. Ives e é agora o único passageiro. Levanta-se.

— Esta é a saída para o *pub* — diz o condutor. Tem um sotaque nortenho, pensa Jar.

— Obrigado.

— Há um lugar onde servem um magnífico lanche inglês mais à frente. Em Rosemergy, a cerca de um quilómetro e meio — continua o condutor. Foi a primeira vez que falaram e Jar interroga-se porque demoraram tanto tempo a fazê-lo. — É o melhor da Cornualha, com natas por cima, claro.

— Talvez vá experimentar.

Jar fica de pé à beira da estrada, observando o autocarro a desaparecer na paisagem da charneca árida. Devia ter falado mais com o condutor, desfrutado da companhia de outro ser humano, mas já não confia em ninguém. Não há ninguém à volta e o *pub* parece fechado. Então, atrás dele, à distância, ouve um carro a aproximar-se vindo de Zennor. Resguarda-se sob as sombras do edifício, num dos lados, perto de um caminho, e observa enquanto o carro, um *Mini* verde-escuro, abranda ao passar pelo *pub*. Jar não consegue ver o condutor, cuja cabeça está virada para o outro lado. Espera até o carro desaparecer no horizonte antes de voltar para a estrada.

Afinal, o *pub* está aberto e, no bar, mete conversa com uma jovem empregada. No início, é sobre lanches ingleses, rumores de *scones* de excelência pelas redondezas. É bom falar. Passou demasiado tempo dentro da sua própria cabeça nas últimas horas. Ela também recomenda o lugar mais à frente na estrada, enquanto deixa os olhos jade demorarem-se nos dele um pouco mais do que era necessário para uma troca de informações sobre chá.

Jar sorri, repara como ela é atraente: bronzeada, cabelo clareado pelo sol apanhado atrás.

— Também estou a tentar encontrar uma amiga — diz ele, girando uma base de cerveja nas mãos. — Uma mulher de vinte e poucos anos, cabelo preto, olhos grandes.

A mulher ergue o olhar, agora com o sorriso mais moderado, profissional em vez de pessoal.

— Estava a perguntar-me se estaria aqui hospedada — continua Jar.

— De momento, só há casais — diz ela, consultando o livro à sua frente. — E uma família, com duas crianças.

Jar assente com a cabeça. Claro que ela não ficaria hospedada num *pub*. Onde é que ele tinha a cabeça?

— Obrigado.

Enquanto gira a maçaneta da porta de saída, ela grita-lhe:

— Mas tivemos alguém assim ontem à noite.

Jar para, com a mão pousada na parte lateral da porta.

— Uma mulher sozinha, tinha estado a caminhar pelo trilho da costa. Acho que está a acampar.

— Que idade?

— Vinte e poucos? Olhos grandes.

Jar consegue fazer um sorriso, que ela retribui. Rosa adorava acampar, costumava fazer campismo nas férias com o pai.

O caminho que desce até ao mar é de cerca de um quilómetro e meio e Jar faz a maioria dele numa corrida constante, sentindo a brisa marítima no rosto. Tenta recordar a descrição que ela fez do lugar, o seu plano de contingência absurdo caso caísse um meteorito. *Jaysus*, como a ama, como tem saudades da sua mente louca.

Há uma praia com areia na maré baixa (com umas enseadas escondidas deliciosas), mas é melhor caminhar à volta da baía, para lá das ruínas de uma capela antiga, e subir até Gurnard's Head. Vais ver umas rochas grandes no promontório e um sítio onde te podes agachar, para te abrigares do vento. Encontramo-nos lá? Podemos ver as focas lá em baixo, talvez até golfinhos se tivermos sorte. O ar é tão puro.

Pode ser puro, mas ainda assim, o ar da Cornualha está a arrasar os pulmões de Jar. Deixara abandalhar a sua forma física nos últimos meses; para ser honesto desde que Rosa morrera. Toda a sua vida descarrilara: nenhum interesse no trabalho, demasiado álcool, uma falta de disciplina. Rosa costumava falar de grandes caminhadas, recorda, por vezes nos Lagos, uma vez em Ladakh.

Para no fundo do caminho, junto das ruínas de um edifício de pedra com vista para o mar. Deve ser a antiga casa de máquinas da mina de cobre que pesquisara no Google quando estava no comboio. À sua direita há uma pequena enseada escarpada e, em frente, um conjunto de rochas. À esquerda há uma grande baía que se estende

numa linha curva até um dramático promontório rochoso: Gurnard's Head.

Depois de olhar de relance para trás, para o topo da encosta, caminha sobre as falésias, reparando nalgumas vigas antigas de ferro inseridas nas rochas. Parecem pedaços de um guindaste ou de uma grua que devem ter sido utilizados para fazer descer o cobre para os barcos em baixo.

Vira-se e dirige-se novamente para a casa de máquinas em ruínas, seguindo por um caminho que o levará a contornar a enseada e até ao promontório. A meio do caminho, depara-se com os vestígios baixos de uma parede: a Capela Jane, calcula, com o contorno já quase invisível entre a erva alta. Faz uma pausa durante um momento, interrogando-se se Rosa esteve naquele preciso local nos últimos dias. Ela gostava de tudo aquilo: do passado antigo da Cornualha, dos poços e capelas, das nascentes e dos *fougous*[\[14\]](#) da Idade do Ferro.

O caminho costeiro está deserto em ambos os sentidos, enquanto continua a caminhar na direção de Gurnard's Head. Nuvens escuras ameaçadoras estão a reunir-se a norte, na direção de Zennor, mas o promontório ergue-se vívido contra o que resta do céu azul. Enormes ondas atlânticas rebentam contra as rochas em baixo, lançando salpicos que reluzem ao sol.

Pelo menos terão algum sinal de aviso, pensa Jar, se alguém o tiver seguido até aqui ao fundo. Não há mais nenhum sítio para onde ir, nenhum sítio para onde continuar a correr, mas terão alguns minutos preciosos juntos, depois de cinco anos separados.

Jar está agora a aproximar-se da ponta do promontório, através de um caminho precário que se estende ao longo do cume rochoso conduzindo a Gurnard's Head. Fá-lo recordar Cleggan, na costa de Conemara, aquele dia em que pensou que Rosa estava a caminhar ao seu lado, quando lhe chamou *bogger* trapalhão. Sorri com a recordação.

À sua esquerda, falésias íngremes e uma queda de sessenta metros até ao mar. À sua direita, uma ladeira mais suave conduz a falésias do outro lado. Há um caminho mais fácil por ali, através da erva, mas prefere o carreiro rochoso. Dali consegue ter uma perspectiva panorâmica.

Só quando alcança o afloramento rochoso, Gurnard's Head propriamente dito, é que se apercebe do imenso nervosismo que sente. E da tolice. Porque é que ela estaria ali, entre todos os lugares possíveis? Tenta rever novamente as razões: adorava a Cornualha, a terra da sua infância; temia quedas de meteoritos e dissera-lhe uma vez para se encontrar com ela ali, se o mundo alguma vez saísse dos eixos. Não são razões suficientes e ele sabe-o.

Há algo mais que o levou até à Cornualha, algo que está a tentar apagar da sua mente desde que aconteceu. A mulher nas escadas rolantes de Paddington, com a mochila e a cabeça rapada, a mulher que estava a embarcar no comboio para Penzance: era Rosa, de certeza. Não era qualquer alucinação de luto ou projeção do seu próprio desgosto, ou a *spéirbhean*, como o pai queria que acreditasse. Era a mulher que amou na universidade, que presumivelmente acabou com

a própria vida uma noite em Cromer e cujo corpo nunca foi encontrado.

Vê primeiro a tenda, baixa e com padrão floral, montada num pequeno pedaço de terra com erva alta e abrigada do vento por algumas rochas, com vista para o Atlântico. E pode ser qualquer pessoa, diz para si próprio, enquanto avança, mas já viu aquele padrão antes, a baloiçar pendurado numa mochila no átrio de Paddington.

O seu primeiro instinto é olhar para trás, para o local de onde veio, percorrendo com o olhar o caminho costeiro até às ruínas da velha casa de máquinas no fundo do trilho. O caminho continua livre. Então, vira-se novamente para a tenda, à espera de que tivesse desaparecido: outra alucinação, provocada por cinco anos de desgosto por uma mulher que nunca se despediu. Mas ainda lá está, a ondular na brisa marítima.

Jar aproxima-se da tenda, cortando caminho através das rochas e tufos de erva, e rapidamente está ao nível dela. Será que Rosa está lá dentro? Espreita para dentro da entrada aberta. Há um colchão de espuma, um saco-cama e uma mochila.

Tenta controlar a respiração e vira-se para olhar em redor. O promontório está deserto. Caminha até à extremidade da falésia, onde há um caminho até ao ponto mais afastado, um grupo de pedregulhos expostos por baixo da rocha grande e feia que dá ao local o seu nome piscícola.

Ali, sentada num pedregulho, agarrando os joelhos junto ao peito enquanto olha para o mar, há uma mulher, de cabeça rapada e calças largas, a baloiçar-se suavemente. Está de costas viradas para Jar.

Ele hesita, sentindo a pulsação das suas pálpebras cansadas, e agarra-se a uma rocha para se equilibrar. O seu primeiro pensamento é chamar o seu nome, mas muda de ideias, pois teme assustá-la, teme que ela não seja real. Em vez disso, fita-a, empoleirada na extremidade da falésia íngreme. Por vezes, quando tem uma alucinação, fecha os olhos e volta a abri-los e ela desaparece. Fecha os olhos e começa a contar até cinco, desejando que ela fique. Desta vez, sabe que é real, que finalmente a encontrou. Quando chega ao quatro, abre os olhos, lutando contra as lágrimas.

— Rosa? — A sua voz é um sussurro e o vento está contra ele. — Rosa — consegue dizer novamente, mais alto desta vez.

Ela vira-se e olha para ele, fazendo um sorriso distante, semicerrando os olhos com o sol. Pensou nesse momento tantas vezes. Quer correr até ela, apertá-la nos braços, para que não desapareça, para que não se desvaneça *no ar que clareia*[\[15\]](#).

— É lindo, não é? — diz ela, virando-se para trás para observar o mar. Um estremecimento de alívio percorre-o. É Rosa. Não está a ter alucinações. — Vi tantas focas hoje — continua —, demasiadas para conseguir contar. Costumávamos vir aqui constantemente. O Pai tinha uma forma de falar com elas, pondo as mãos em concha e soprando nos polegares, fazia um som mais parecido com uma coruja do que com uma foca.

— Rosa — repete Jar. Já consegue sentir a euforia a desaparecer, dando lugar a um medo crescente. — Rosa, por favor afasta-te da beira.

Rosa levanta-se, quase tropeçando quando o faz, e afasta-se da parte frontal da falésia. Jar não consegue mexer-se enquanto ela começa a descer por um caminho entre as rochas e passa por ele em direção à tenda. Tem os olhos virados para baixo, como se ele não existisse.

— Esqueço-me sempre de a fechar — diz ela, agachando-se para correr o fecho da frente. Jar fita as suas costas, tentando perceber o que está a acontecer, assimilar a sua aparência física, o encolher dos seus ombros, o som da sua voz.

— Onde é que estiveste, Rosa? — pergunta, observando a sua dificuldade para fechar a tenda. — Para onde é que te levaram?

Rosa não responde, enquanto continua a lutar com o fecho encravado.

— Tenda de festival — diz ela. — O Pai dizia sempre para não desperdiçar dinheiro numa tenda barata. Acho que o fecho se estragou.

Jar agacha-se para a ajudar.

— Espera, deixa-me tentar. — A sua mão roça as costas da mão de Rosa e o contacto torna-a real. Pouco depois, ela está a soluçar no seu ombro, com os braços à sua volta. Jar também aperta os braços à volta dela, absorvendo os tremores do seu corpo frágil, sem se atrever a acreditar que ela é de carne e osso. Então, começa a soluçar. Sabe que tem de permanecer forte, mas cinco anos sem saber é demasiado tempo.

Ficam assim durante algum tempo (dez minutos, meia hora, Jar não consegue ter a certeza, não importa), abraçando-se em silêncio sentados sob as rochas, com o vento a chicotear o topo das ondas

bem abaixo de onde estão. Eventualmente, afasta-se e olha para os olhos de Rosa, segurando-lhe no rosto, limpando-lhe as lágrimas com os seus grandes polegares. E, então, beija-lhe os lábios. Ela vira-se para o outro lado.

— Eu sei de tudo, Rosa. E não te recrimino por aceitares a oportunidade de começar de novo. Quero que saibas disso.

— Então é verdade.

— O que é que é verdade?

Ela olha para o chão.

— A minha vida.

— O que é que queres dizer com isso?

— Conta-me, tudo o que sabes sobre mim. Por favor.

Jar fita-a em busca de uma explicação e depois vira-se para o outro lado, apercebendo-se de que não haverá respostas rápidas nem fáceis. Tem o mesmo olhar distante que viu em Amy: desligado, perdido.

Começa pelo início, pela sua infelicidade na faculdade, o Dr. Lance, Karen, a terapeuta da faculdade, as suas viagens até Cromer, o retiro em Herefordshire, a proposta de começar de novo. Depois fala de como se conheceram no restaurante. A sua reação é a mesma: uma indiferença vazia, o olhar mortiço. Estão sentados mais próximos um do outro, virados para o mar, mas não há qualquer intimidade.

Jar olha novamente para ela. Se pelo menos tivesse confiado em si próprio quando a viu em Paddington... agora tem a certeza de que era Rosa a correr para o comboio. Devia tê-la seguido até Penzance,

confiado nos seus instintos. Muitas das coisas que ocorreram nas últimas duas semanas podiam ter sido evitadas.

— Tenho razão? — pergunta. — Em relação ao retiro de Herefordshire? À Karen?

Ela faz um gesto afirmativo com a cabeça. Jar deixa escapar um suspiro de alívio involuntário: ninguém o está a enganar. O diário foi escrito por Rosa

— Nunca soube como eras infeliz na faculdade — diz ele. Ela afasta o olhar, para o mar. — Claro que sabia que sentias muita falta do teu pai, simplesmente não me apercebi...

— Está tudo bem.

Jar fita-a novamente enquanto estão ali sentados, com o vento a ondular-lhe as calças largas, e a consciência de algo se avoluma como uma náusea. Ela ainda não disse o seu nome.

— Rosa?

Ela vira-se para ele com o mesmo olhar que lhe lançou do comboio: de um estranho para outro.

— Sim?

— Sabes quem sou? O meu nome?

As lágrimas começam a acumular-se novamente nos seus olhos e ela vira-se para o outro lado. Jar põe um braço à sua volta e, após alguns segundos, ela descansa a cabeça contra o seu ombro.

— É Jar. O meu nome é Jar. Jarlath Costello. Estivemos juntos em Cambridge.

— Eu sei quem és, bebé. Às vezes sei tudo. Depois fica tudo enevoadado.

— O que é que te fizeram, Rosa?

Passa algum tempo até ela responder.

— Estive sozinha.

— Onde?

— Não sei, Jar. Não me lembro de ter apanhado um avião para nenhum sítio, mas alguém falou de uma base aérea. Lakenheath? Acho que alguém disse Lakenheath, uma vez.

A base dos EUA em Suffolk, pensa Jar.

— A luz era ténue. Raparam-me a cabeça e fui forçada a usar um macacão cor de laranja. Dia e noite, faziam descer a comida até mim como se estivessem a alimentar um cão.

— Quanto tempo estiveste lá?

— Seis meses, seis anos? Não sei, Jar. Desculpa.

— Está tudo bem — diz Jar, embalando-a. Mas sabe que não está.

— Eles vêm-me buscar novamente, não vêm?

Jar olha de relance para a baía.

— Disseste a alguém que vinhas para aqui? — pergunta ele.

— Não.

— Tens telefone?

— Não.

— Estás completamente «clandestina»?

Rosa olha para ele novamente, os olhos dela parecem cintilar com reconhecimento perante a expressão.

— Mas o *pub* tem *wi-fi* — diz ela.

Deve tê-lo usado para enviar os *e-mails*, pensa, pediu o telefone ou o iPad emprestado a alguém.

— Eles não conseguem localizar-te se não tiveres telefone — continua.

— Não. Não conseguem.

Jar levanta-se, olha para a antiga casa de máquinas do outro lado da baía. Uma figura alta apareceu no fundo do caminho. Diz a si próprio para parar de ser tão paranoico.

— Estás suficientemente quente? — pergunta ela. — Está a ficar frio.

— Estou bem — diz Jar. Senta-se no chão ao pé dela, como dois amigos de escola no banco de um parque. Nunca pretendeu que o reencontro fosse assim, nunca pensou que seria tão banal.

— Então, este é o sítio onde combinámos encontrar-nos se «o mundo alguma vez saísse dos eixos» — diz ele, olhando para o mar.
— Recebi os teus *e-mails*.

Ela faz uma pausa, sorrindo perante uma recordação distante.

— Vi algumas estrelas cadentes. Meteoritos não, ainda não.

— Escreveste sobre isso no teu diário uma vez, mas nunca referiste onde era.

— Nunca lhes disse — diz ela. — É o nosso segredo.

E agora eu revelei-o, pensa Jar, enquanto olha novamente para a figura, para o seu modo de andar familiar. O seu coração desmorona-se. É o homem que tentou embarcar no seu comboio em Paddington. Está a caminhar rapidamente pelo caminho da costa em direção ao promontório onde estão sentados. Jar olha em redor, procurando uma rota de fuga, mas não há nenhum sítio onde se possam esconder, nenhum sítio para onde fugir. O promontório está rodeado por falésias escarpadas e pelo mar. Jar conduziu os captores de Rosa até ela.

— Tens de me contar tudo o que sabes sobre o sítio onde estiveste, o que aconteceu — diz ele, com mais urgência na voz.

— Está tudo no meu diário. Toda a minha vida escrita lá.

— Tem-lo contigo? — Jar não sabe se lhe deve dizer que já leu a maior parte dele.

— Sei-o todo, seja como for. Eles obrigaram-me a memorizar uma entrada diferente todos os dias. — Faz uma pausa. — «Havia apenas uma coisa irritante na Karen: fazia uma breve inspiração mesmo antes de falar. Era como se se tivesse lembrado subitamente de respirar. Quanto mais falava (sobre as sessões em que queria que eu participasse, a sua experiência a trabalhar com jovens, o seu interesse em alucinações de luto), menos conseguia evitar reparar nisso, até que na minha mente se tornou num arfar ensurdecedor. O Pai teria achado engraçado.»

Karen, a terapeuta que a seguia na faculdade, pensa Jar. Aquela que Rosa nunca lhe mencionou. Aquela de quem Max não conseguiu encontrar qualquer registo.

— Lembras-te de Herefordshire? — pergunta ele — De ir para o retiro?

— De comer chocolate com a Sejal.

— E de receber informação dos americanos?

Ela faz uma pausa.

— Acho que sim.

É disso que precisa que ela fale: da última entrada incompleta do diário, aquela que foi cortada, na qual ia revelar tudo.

— Consegues dizer-me alguma coisa sobre o programa? Êutico?

— A nossa alcunha era «os invisíveis». Estávamos mortos para o mundo exterior, ninguém sabia que existíamos. O Pai nunca teve intenção de que fosse assim. Era suposto darem-nos vidas novas, e foi isso que aconteceu, durante algum tempo, mas os americanos... — A sua voz desvanece-se. — Tinham outras ideias, viam-nos como dispensáveis.

— Como era a tua nova vida?

Passa algum tempo até ela responder. Jar tenta não se impacientar. Agora, o homem está quase junto deles. Jar devia ter apanhado um comboio de volta para Paddington, em vez de vir de Penzance até ali, devia tê-lo conduzido por algumas tocas de coelho, tê-lo levado para longe de Rosa e da Cornualha. Em vez disso, trouxe-o ali, e agora estão encurralados.

— Tive muita formação.

— Encriptação?

— Não me lembro.

— Foi assim que descobriste sobre o teu pai?

— Depois fugi. Queria contar ao mundo. Mas eles apanharam-me, prenderam-me... — A voz de Rosa volta a entrecortar-se, os olhos a encherem-se de lágrimas.

— Está tudo bem. — Embala-a nos braços, dizendo para si próprio que ela é real. Alguma vez voltarão a estar assim juntos? Só os dois? Olha novamente de soslaio para o homem que se aproxima.

— Aconteceram coisas horríveis — segreda ela. — Coisas que nem consegues imaginar.

— A ti?

— Ele disse que era o dono da minha alma.

— Quem?

Rosa faz uma pausa.

— Quando salvamos uma vida humana, somos donos da sua alma...

— Ele fazia parte do programa?

Rosa parece não o ter ouvido.

— Depois levaram-me.

— Para a base aérea?

Faz novamente uma pausa, desta vez mais longa, e começa a soluçar.

— Tentaram afogar-me. — A sua voz agora quase nem é um susurro.

— Meu Deus, Rosa. Lamento muito. — A curiosidade está a dar lugar à raiva.

— Pensamos que vamos morrer. O pano na boca, a pingar água. Não conseguimos respirar, portanto entramos em pânico, o que torna as coisas ainda piores.

Tortura da água, pensa Jar. Uma especialidade americana em Guantánamo. Não sabia que também fazia parte do menu em Lake-neath.

— E depois eles... — Rosa sussurra. — Uma vez e outra vez e outra vez.

Jar fecha os olhos, lembra-se das palavras de advertência de Cato. «Acho que não tem realmente consciência de com quê e com quem está a lidar.»

— Temos de dizer ao mundo, Rosa. Dizer a toda a gente o que aconteceu. A ti, ao teu pai. Temos de provar que estás viva.

— Estou? — Consegue dar uma gargalhada fraca, um vestígio de um sorriso. Jar aperta-a com mais força, para que ela não desapareça.

— Tinha esperança de que viesses aqui — sussurra ela. — Ao nosso local de encontro secreto, sabia que virias. É uma das poucas coisas que sabia sobre a minha vida. A antiga. Tínhamos mesmo qualquer coisa especial, não tínhamos? Tu e eu.

— Precisamos de tirar uma fotografia — diz Jar. As lágrimas estão a regressar. As entradas do diário tinham começado a fazê-lo duvidar se a relação deles era tão forte como recordava. Tira o telefone e se-

gura-o à distância do comprimento do braço à frente deles. Tem a mão a tremer. Inclina-se um para o outro.

— Uma *selfie* — diz Rosa, sorrindo.

— Rápido. Olha para a câmara.

Tira uma fotografia e examina o telefone.

— Não há rede. Havia rede.

— Espera que o vento sopra — diz Rosa.

— Não temos tempo. — Jar levanta-se, erguendo o telefone bem alto sobre si, como se estivesse a fazer uma pergunta na aula. — Um tracinho é suficiente.

Já digitou o número de Carl. A fotografia está anexada à mensagem, que diz apenas «A Rosa e o Jar hoje» com a data entre parênteses. Carrega em enviar.

— Meu Deus, envia, sim? — grita, observando a roda dos dados a girar no telefone.

Um momento depois, o homem aparece nas rochas por cima deles, com a silhueta em contraluz contra o céu *Blue Curaçao*. Usa um passamontanhas preto e tem uma arma na mão. Jar fita-o, tentando imaginar os traços do rosto por baixo, os olhos penetrantes, a pele rosada. Então, atira o telefone bem alto pelo ar, por cima da falésia, e observa-o girar e rodopiar ao sol enquanto faz um arco para o mar e cai longe da vista. Um segundo depois, o homem saltou para baixo e está junto dele. Jar avança para proteger Rosa, mas o homem é demasiado rápido, batendo com o cabo da arma no rosto de Jar. Este cai no chão, com a bochecha contra a erva suave e musgosa. Tenta pôr-

se de pé, impedir este homem de levar Rosa, mas não se consegue mexer. Senta as pernas pesadas, a cabeça a rodopiar.

— Rosa! — grita. — Rosa!

Observa, indefeso, enquanto Rosa é conduzida pelas rochas, com os pulsos atados atrás das costas e um pano na boca. Falhou-lhe, pensa. Depois, o seu mundo escurece.

[14] Estruturas de pedra subterrâneas da Idade do Ferro. (N.T.)

[15] No original, *through the brightening air*, uma citação do poema de Yeats «A Canção do Aengus Errante». (N.T.)

SEGUNDA PARTE

— Recebeste a fotografia? — pergunta Jar.

A jovem mulher atrás do bar do *pub*, a de olhos verdes, está a fingir não o observar. Jar ofereceu-se para pagar a chamada, mas ela não quis ouvir falar disso. Está mais preocupada com o corte na sua testa (resultado, disse-lhe ele, de ter tropeçado no caminho rochoso das falésias) e com o tempo que ficou inconsciente.

— Qual fotografia? — diz Carl.

— Enviei-te uma mensagem com uma fotografia de mim e da Rosa. Carl, ela está viva. Acabei de estar com ela.

— Estás a bater mal, mano? Não me pareces bem. Onde é que estás?

Jar tem consciência do que Carl está a pensar. O amigo teve outro episódio, como o de Paddington (não vai tentar dizer a Carl que sabe que aquela também era Rosa). Jar tinha esperança de que a fotografia resolvesse a questão, de que acabasse com todas as dúvidas, mas Carl não a recebeu. Jar tem a certeza de que a fotografia foi enviada antes de ter atirado o telefone sobre a falésia.

— Podes ver as mensagens outra vez? Por favor? Tens a certeza de que não chegou? Às vezes podem demorar algum tempo a ser en-

tregues. Podes verificar a data e localização da fotografia quando a receberes.

Há uma pausa longa.

— Jar, ouve, mano, não há nenhuma fotografia. Para ser sincero, não faço ideia do que estás a falar. Temos mesmo de resolver isto, estás a ver a Rosa em todo o lado. Regressa a Londres, fala com a polícia e eu vou assegurar-me de que a Kirsten volta a encontrar-se contigo, na condição de profissional.

— Não estás a perceber. Isto é diferente, Carl. Tens de publicar a fotografia. Coloca-a no nosso *website*. Envia-a para um jornal. Qualquer coisa. Simplesmente divulga-a assim que chegar.

Jar olha de relance para cima, para a empregada do bar, e força-se a sorrir. Sabe que está a falar demasiado rápido, não está a deixar entrar oxigénio suficiente nos pulmões. A sua vida não costumava ter um ritmo tão acelerado.

— Pode não parecer a Rosa, mas era ela. Rapou o cabelo, perdeu muito peso. Não foi uma alucinação, Carl. Desta vez, não. Acabei de estar com ela. Antes de a levarem.

— Estás com alguém agora?

— Carl, ouve-me. Eu estou bem. A Rosa está viva. Não está bem, mas está viva.

Jar desliga, colocando o telefone firmemente para baixo e segurando-o na base durante dez segundos, talvez mais, extinguindo toda a vida nele, como se estivesse a afogar um gatinho. Quando afasta a mão, a empregada do *pub* tem os olhos cravados nele.

Cromer, 2012

Fui buscar a Rosa a Norwich esta manhã. A A insistiu que o fizesse, apesar de o serviço de comboio entre Norwich e Cromer ser perfeitamente aceitável, embora lento. A Rosa estava mais temperamental do que nunca (sai ao pai). A A diz que ela já passou por suficiente nos últimos meses, diz-me que estou a ser insensível. Sei que preciso de me preocupar mais, mas é difícil quando uma pessoa não quer aceitar ajuda. Falei com ela sobre os benefícios das benzodiazepinas, mas não está interessada.

A minha última tarefa de escrita criativa é manter este diário, misturando gradualmente alguma ficção com os factos da minha inesperada reforma antecipada. É a minha placa de Petri literária, antes de iniciar o grande romance. Quero escrevê-lo como se me estivesse a dirigir a alguém em particular, uma pessoa numa sala. Como uma carta, mas mais direta: mesmo muito próxima, frontal. O perigo está em cair num estilo excessivamente conversador; «primeira pessoa em esteroides», como diz o meu tutor *online*, naquilo que calculo ter sido uma tentativa comovedora de fazer a ponte entre a minha antiga vida no laboratório e a de escritor que chama por mim. («Primeira pessoa em nootrópicos» teria sido mais apropriado.)

Preferia sentar-me com um autor publicado durante algumas horas em vez de fazer todos aqueles exercícios entediantes. O da semana passada foi o pior: fazer um CV para cada uma das personagens principais. Pensei que tinha deixado o mundo empresarial para trás.

A boa notícia é que a Rosa arranjou um homem novo. É evidente que ele não está a fazer um grande trabalho a animá-la, mas escreveu uma coleção de contos. Também foram publicados, e não por si próprio. Tentei extrair alguma informação da Rosa no carro, mas ela estava ainda menos interessada na conversa do que habitualmente, por isso procurei o livro na Amazon quando voltámos.

Não tenho a certeza se é bem o meu género, mas teve muitas críticas de cinco estrelas. (Onde estaríamos sem amigos e família?) Já encomendei o meu exemplar. Se for mais ou menos decente, vou convidar o Jar para sair, num fim de semana em que venha com a Rosa, e pôr a conversa literária em dia. O meu problema não é tanto escrever CV para as minhas personagens, é conseguir criar uma história original. Talvez precise simplesmente de visitar material existente. Contá-lo de uma forma nova.

O meu tutor também diz que devia ter um caderno para apontar observações de carácter, trechos de diálogo e por aí adiante, e alimentar o meu diário com isso. É algo que costumava fazer antes de ter ido para Cambridge, quando pensava que me tornaria um autor e estava a tentar, em vão, escrever um romance *beatnik*, rabiscando coisas que ouvira de alguém antes de as passar através do prisma da mesalina e outros alcaloides psicadélicos. Portanto, hoje comprei um caderno em Norwich, quando estava à espera que a Rosa aparecesse

(atrasou-se, claro). É um Moleskine. Aproveitei e comprei também um novo bloco de desenho, uma preparação para a aula de desenho de modelo vivo da próxima semana. A A diz que vai ser bom para mim, que faz tudo parte da gestão da crise de meia-idade que diz que estou a ter. Tentei escapar-me, mas ela foi determinada: tenho de manter a mente ocupada. Se ela soubesse...

As coisas neste momento estão tensas entre nós, não sendo o menor dos motivos o facto de ela ter decidido ver as nossas «circunstâncias domésticas alteradas» como uma oportunidade para reduzir as benzodiazepinas e outra medicação que lhe tenho dado ao longo dos últimos vinte anos. «Novos começos», está sempre a dizer, embora não me tenha realmente dito que está a tentar deixar os comprimidos e eu esteja a fingir que não notei.

Ninguém devia tomar ansiolíticos durante tanto tempo, claro, mas foram eles que controlaram os seus distúrbios de ansiedade ao longo dos anos. E, como lhe disse muitas vezes, deixá-los não é uma questão simples. Tem de ser feito de forma lenta e cuidadosamente para evitar sintomas de abstinência paralisantes, que tendem a espelhar os principais benefícios das benzodiazepinas: insónias em vez de efeitos hipnóticos, ansiedade em vez de calma, tensão em vez de músculos relaxados.

Também fico muito mais por casa, embora esteja maioritariamente aqui em baixo no meu barracão. Expliquei que me inscrevi num curso de escrita, numa tentativa de reacender a paixão que em tempos me fez considerar estudar Inglês em Cambridge. É o primeiro passo de um longo caminho para me tornar um autor publicado, disse-lhe, mas

ambos sabemos que não é suficiente para justificar a quantidade de tempo que passo aqui. Ela é demasiado amável para me questionar em relação a isso, aceitando que preciso de espaço para pôr a cabeça em ordem depois de ter sido «convidado a sair» (Prefiro «despedido»: há um sentido de propulsão, de ir a sítios). Se pudesse comer, beber e dormir sozinho neste barracão, fá-lo-ia.

Pensei que ter tempo para me concentrar no que sempre quis fazer na vida (escrever um romance) seria um tónico, mas esqueci-me de que colocar palavras na ordem certa numa página é um processo lento e doloroso, depois de anos a lidar com dados. Sempre mantive as minhas leituras, devorando vários livros por semana, mas isso não é um substituto do processo de escrita.

Para ser sincero, passo mais tempo a navegar na Internet do que a trabalhar no meu livro, tentando manter-me ao nível dos meus antigos colegas (hoje estive a ler as últimas novidades sobre os recetores 2c de serotonina no *Molecular Psychiatry*), e, está bem, a comparar os meus tempos de bicicleta com outros no Strava. Essa é a única coisa boa na vida do escritor: a liberdade de ação para intermináveis atividades de deslocação. Há mais horas no dia para andar de bicicleta, por exemplo. Mas não tantas como pensei que haveria: a Internet é um lugar que distrai.

Comecei a limar as unhas hoje. Não foi intencional, no início. Uma delas estalou quando estava a esmurrar a parede com os punhos.

Olhei para baixo, para as outras unhas, algumas partidas, uma removida, várias a prolongarem-se por quase um centímetro e meio e a começarem a enrolar-se como uma casca, e lembrei-me de mostrar as mãos ao Pai antes do almoço de domingo (rosbife, molho de rábano caseiro, só nós os dois). Costumava colocar os meus dedos nos seus e virá-los como se fossem o objeto mais precioso do mundo. O que é que pensaria deles agora?

Portanto, friccionei as unhas todas contra a parede até ficarem suaves. O Jar tinha umas mãos lindas, com as unhas polidas como mármore.

Jar tem de se questionar várias vezes sobre se está a fazer a coisa certa, enquanto desce novamente o caminho até Gurnard's Head. A empregada do *pub* (disse-lhe que o seu nome é Morvah) está a ter dificuldades em acompanhar a sua passada longa e determinada, sendo obrigada, ocasionalmente, a correr ao seu lado. Deixou-se ficar pelo *pub* durante meia hora, até o turno de Morvah terminar, às 4 da tarde. Depois de ela ter ido buscar uma ligadura para a ferida na sua cabeça e a ter apertado com um alfinete demasiado grande, com as suas mãos gentis a demorarem-se sobre ele depois disso, Jar sentara-se no bar, a beber *Guinness*, tentando acalmar-se, contando-lhe sobre Rosa quando ela não estava a servir clientes. Ela ouvira pacientemente, lançando-lhe sugestivos olhares de soslaio que, noutras circunstâncias, poderiam ter despertado algo nele. Jar ficou feliz por se distrair quando a conversa mudou para literatura. Lia muito, quando não estava a surfar, disse ela: Proust, Joyce, Sebald.

Gostou de falar com ela até ter visto Rosa, sentada num canto. Desapareceu outra vez num abrir e fechar de olhos, mas não antes de Jar a ter apanhado a franzir o sobrolho. Sabia que era uma alucinação, mas fê-lo parar. Estava bêbado, a fingir admirar autores que nunca lera. E continuava a falar demasiado depressa. Carl tinha razão: parecia que estava sob o efeito de anfetaminas. A sua mente estava

confusa depois de ter falado com o amigo ao telefone. A recusa de Carl em acreditar nele em relação à fotografia forçara-o a duvidar do que acontecera em Gurnard's Head, a duvidar se Rosa teria sequer estado lá. Estava impaciente por visitar o lugar com alguém, uma terceira pessoa, que o tranquilizasse, que validasse o momento, e Morvah oferecera-se para ir com ele, mas ninguém podia acusá-lo de lhe dar falsas esperanças. Deixara os seus sentimentos por Rosa mais do que claros.

Agora, quando estão a alcançar a antiga casa de máquinas, passam por um homem idoso a passear os cães. Quando este acena a ambos com a cabeça, olhando de soslaio para a cabeça ligada de Jar, este para para falar com ele, tentando, em vão, soar normal, amigável.

— Um raro dia de sol, viu por aqui alguém antes?

Abranda, pensa ele. O homem, com madeixas de cabelo grisalho a voar com a brisa marítima, olha para Jar e depois para Morvah, que se junta a eles. Parece reconhecê-la.

— Olá, Morvah — diz ele.

— Está tudo bem, ele está comigo, Sr. Thorne — diz ela, sentindo o seu desconforto. Jar pensa que deve ser uma boa empregada, é esforçada, cuida das pessoas da comunidade, quando não está a surfar. Era suposto estar a encontrar-se com amigos em Sennen Cove, mas decidira não ir e, em vez disso, acompanhara Jar.

— Estava apenas a perguntar se tinha visto alguma coisa estranha há pouco — continua Jar. — Talvez há uma hora.

— Depende do que quer dizer com estranha — diz o Sr. Thorne, com confiança crescente, piscando o olho a Morvah antes de assentir com a cabeça na direção de Jar.

— O Sr. Thorne vive na casa que fica aqui no topo do caminho — diz Morvah.

O homem olha para ambos e continua:

— Um carro subiu o caminho há uma hora — diz ele. — Não o vi chegar.

— Que carro era? — pergunta Jar.

— Um *Mini* verde, um carro alugado em Penzance. Tinha um auto-colante na janela de trás.

O mesmo veículo que passara por ele antes, quando saiu do autocarro.

— Viu quem estava lá dentro? — pergunta Jar. — Quantas pessoas? — O Sr. Thorne parece o tipo de pessoa que teria visto: do género Vigilante de Bairro.

— Uma, na frente. Um sujeito grande.

Jar consegue sorrir, tentando parecer menos tresloucado. Precisa de encorajar o homem a revelar mais.

— Aqui o meu amigo anda à procura de uma pessoa — diz Morvah. Jar repara na palavra «amigo», faz uma nota mental para lhe agradecer mais tarde. — Ele acha que ela poderia estar nesse carro.

O Sr. Thorne parece sentir que ninguém está a ser completamente franco com ele. Tem razão, pensa Jar. Neste momento, só consegue

pensar em Rosa aninhada no porta-bagagem, de mãos e pés atados com uma corda e uma mordaça na boca.

— Passa-se alguma coisa? — pergunta, olhando para Jar e depois para Morvah.

— Conseguiu ver o nome da empresa de aluguer de carros? — pergunta Jar.

— É a que fica junto ao porto.

Morvah assente com a cabeça em sinal de entendimento. Jar já perguntou o suficiente. Mais questões e o Sr. Thorne poderá telefonar para a polícia e isso é a última coisa de que Jar necessita. Perguntará a Morvah sobre a empresa de aluguer de carros.

Jar agradece ao Sr. Thorne e apressam-se a continuar na direção de Gurnard's Head, com Morvah a correr ao seu lado. Imagina-a a correr para as ondas, com a prancha debaixo do braço. Porque será que os surfistas correm sempre para o mar assim?

— Onde é que vamos exatamente? — pergunta ela.

— Quero mostrar-te onde é que ela estava, onde é que a tenda estava montada.

— Eu acredito em ti.

— Eu sei. E agradeço-te. A sério. E obrigado pelo que fizeste ali atrás, tranquilizar o Sr. Thorne a meu respeito. Conheces a empresa de aluguer de carros de que ele falou? Temos de lá ir depois disto.

Dez minutos depois, estão de pé no topo de Gurnard's Head. A ferida na cabeça de Jar está a começar a latejar novamente. Ou o efeito

do analgésico que Morvah lhe deu no *pub* está a passar, ou é por estar de volta ao local onde foi atingido na cabeça.

— Ela estava aqui, sentada mesmo aqui — diz Jar, indicando o troço de terreno com erva alta, junto à falésia onde vira Rosa pela primeira vez algumas horas antes. — E ali era onde estava a tenda — acrescenta.

— Seria de esperar que a erva estivesse esmagada de alguma forma — diz Morvah, subindo os óculos de sol até ao cabelo enquanto olha mais atentamente.

Tem razão, pensa Jar. Porque é que a tenda não deixou marca na erva? É espessa aqui, tufos fortes para resistir aos vendavais marítimos, mas não há nenhum buraco. Talvez ela tivesse acabado de montar a tenda. Vira-se para o mar e olha para a baía, onde as ondas do Atlântico se aproximam enroladas. O sol da tarde ainda está alto, mas os raios estão a começar a enfraquecer. Se todo o episódio foi uma alucinação de luto, então foi a mais convincente até agora.

Inspira o ar fresco, desejando que Carl tivesse recebido a fotografia.

— Tirámos uma *selfie*, quando estávamos de pé exatamente aqui, alguns segundos antes de a levarem.

As suas palavras demoram-se no ar entre eles.

— Acho que devíamos voltar, tratar desse corte como deve ser.

— Não tenho nenhuma comoção, se é isso que estás a pensar.

— Eu sei que não tens.

— Ela estava exatamente aqui — diz Jar novamente, mas Morvah já está demasiado longe para o ouvir, a percorrendo novamente o caminho estreito.

Cromer, 2012

A A deu a sua aula de desenho de modelo vivo esta noite. Anda novamente a desenhar, acha que isso pode substituir os comprimidos. Tentei novamente escapar-me, mas ela insistiu. Há um limite para a resistência de um homem.

— Não me sinto muito bem — protestei, mas ela viu que era uma desculpa. Na verdade, sentia-me melhor do que nunca, com os sentidos apurados pelo estimulante cognitivo que tomara vinte minutos antes, e estava entusiasmado por ver como afetaria as minhas habilidades para desenhar. Tem-me ajudado com a escrita.

— Vá lá, bebé, não podes passar o tempo todo sentado no barracão. — Sabe que gosto quando me chama bebé: faz-me sentir mais novo, menos como um cientista a envelhecer. E também é o que a Rosa chama ao Jar.

Arranjei-me, ajeitei os punhos da camisa e saí da cozinha. A sala de estar estava cheia. Era uma multidão agradável (a A adorava uma boa festa, quando era mais nova), mas precisava de me afastar dali, da jovem estudante nua, sentada na mesa em frente de mim.

— Na semana passada foi um homem — segredou-me o outro único homem, o companheiro de uma das amigas da A, enquanto pegá-

vamos nos blocos de desenho e nos lápis. — Empoleirado na mesa da sala de jantar como uma fruteira indecente.

A Sasha, a nossa modelo, tinha uma expressão que sugeria que preferiria estar noutro sítio qualquer, exceto nua numa casa em Cromer, rodeada de estranhos a roerem os seus lápis HB. Não podia re-criminá-la. Calculei que fosse atriz. A maioria delas é, aparentemente.

Em alguns aspetos, lembrou-me a Rosa. O mesmo cabelo volumoso, a mesma boca respondona, atitude intratável. Também tinha uma bela figura: mais maçã do que pera. Ombros de nadadora, ancas estreitas.

Depois de quarenta e cinco minutos, fiz uma pausa para servir um pouco de *Syrah* sul-africano. A A veio à cozinha, onde eu estava a encher os copos que ela colocara num tabuleiro.

— Como é que isso vai? — disse ela, pousando a mão no meu braço e inclinando-se na minha direção.

Ainda acha que não reparei que reduziu a dose da medicação. E que está a beber mais para compensar.

— Algumas pessoas são postas nesta terra para desenhar. Eu não sou uma delas.

— Oh, não sei — disse ela, folheando o meu bloco de desenho, que tinha deixado no aparador.

— Não faças isso — disse eu, fechando-o firmemente.

Ela supôs que eu estava a brincar e arrebatou o bloco de desenho, escudando-o com ambos os braços enquanto o agarrava com força contra o peito, com todo o corpo a balouçar-se.

— Não seas tímido — disse ela a sorrir.

Já não podia protestar mais. Relutantemente, retomei a ação de servir o vinho, tentando imaginar o que desenhara.

A A debruçou-se sobre o aparador enquanto abria a página, depois virou-a de lado.

— Está bom. Não está mesmo nada mal. — Depois olhou para a imagem mais atentamente. Senti o peito a apertar-se. — Não me lembro de ela ter uma gargantilha.

— Liberdade artística — disse eu, e levei o *Syrah* para a sala de estar.

O palácio do Shahrayar está finalmente completo na minha mente, cada pedaço de mármore, cada bloco de granito colocado com cuidado e precisão no seu devido lugar. Não tinha consciência do quanto sabia sobre arquitetura até agora. Arcos da Alhambra, sem problemas: nenhum desses trabalhos de mísulas é difícil para mim (é incrível o que consigo recordar das conversas do Pai nas férias).

O último quarto que construí foi o da Xerazade, para onde esta se retirava todas as noites para pensar na próxima história que a manteria viva. Amanhã, irei começar a contar as histórias da Xerazade, seguidas de algumas minhas.

Estou ansiosa por este fim de semana. O Pai e eu vamos de férias, as melhores que alguma vez tivemos. Esta noite vou preparar as malas e já estou entusiasmada. Vamos sair cedo para o aeroporto (sandes de bacon quente em ciabatta, envolvidas em papel de alumínio para a viagem) e depois, dez horas mais tarde (36 000 segundos) estaremos em Deli. Vai ser uma viagem aborrecida e monótona, vamos estar muito tempo sentados, mas acho que consigo aguentar. Pelo menos, vou poder escolher o filme.

Agora, no entanto, tenho de continuar a escrever este diário (não aquele que me pedem para memorizar todos os dias, mas este, do qual ninguém sabe). Encontrei alguns pedaços de papel e uma cane-

ta azul aqui em baixo. Tento não pensar no que irá acontecer quando a tinta acabar ou se eles descobrirem onde escondo o papel, atrás do lavatório. Escrever um diário é a única coisa que me mantém sã; isso e os jogos mentais.

O meu passado tornou-se um borrão doentio mas, quando me concentro, ainda consigo escolher alguns instantâneos da minha memória que sei que são verdade, como a noite em que o Jar e eu caminhamos quilómetros pelas ruas de Cambridge, acabando num restaurante turco em Mill Road à uma da manhã. Pediram-nos que saíssemos às três da manhã, mas não antes de eu me aperceber que tinha encontrado o homem com quem queria passar o resto da vida.

Estávamos bêbados e éramos as últimas pessoas que restavam no restaurante.

— Há quanto tempo nos conhecemos? — perguntei, pousando a minha mão na sua.

— Um mês inteiro — disse ele.

— Já parece uma vida inteira.

— No bom sentido? Ou como um casal casado, cansado do mundo?

Levantei-lhe a mão até aos lábios e beijei-a.

— A minha realidade fraturou-se quando o Pai morreu, partiu-se completamente em duas. Numa, naquele segundo depois de acordar, ainda está vivo. Na outra, sei que está morto. Desde que nos conhecemos, estou a encontrar a força para aceitar a minha vida como é agora: uma vida sem o Pai. Obrigada.

— Gostava de o ter conhecido — disse o Jar, virando os meus dedos nas suas grandes mãos.

— Eu também gostava.

— Vens comigo à Irlanda este verão? Conhecer o meu pai e a minha mãe?

— Parece-me uma boa ideia.

— Posso mostrar-te a costa de Connemara, Cleggan Head.

Fiz uma pausa, perdendo-me nos seus olhos.

— Não sei o que teria feito se não te tivesse conhecido. Assusta-me pensar nisso.

— Então não penses — disse ele, inclinando-se para me beijar. — Não disseste que tinhas estado num retiro para a consciência plena uma vez? Em Herefordshire ou noutra sítio qualquer? Devem ter-te ensinado a excluir pensamentos negativos. E carne. E uísque...

Não sei o que disse depois disso. Gostava de saber, mas já não me consigo lembrar de que memórias são minhas, do que realmente aconteceu naquele temível retiro.

Jar e Morvah estão sentados em silêncio no VW carocha dela, olhando para o outro lado do parque de estacionamento em Penzance, para o *Mini* verde. Há uma prancha de *surf* enfiada na parte de trás do carocha, com a ponta a intrometer-se entre eles e a fazer pressão contra o teto do carro. Depois disto, Morvah vai à procura de ondas.

Jar estuda o *Mini*, certo de que é o mesmo que o Sr. Thorne, o homem que estava no caminho da costa, viu ontem. E aquele que viu a passar pelo *pub*. Quando chegaram ao parque de estacionamento há cinco minutos, ficara espantado ao vê-lo.

— Vais entrar? — diz Morvah, olhando de soslaio para ele. Jar erigue a mão até ao penso que ela lhe deu para a cabeça.

A noite anterior é um borrão. Aceitou a oferta dela de um quarto vazio que havia nas traseiras do *pub* para os empregados e foi cedo para a cama, com a cabeça a doer do ferimento e de demasiada *Guinness*. «Anestesia irlandesa», gracejara alguém no bar, e Morvah sorria nervosamente. O álcool parecia a única forma de ele se abrandar a si próprio e de lidar com tudo o que acontecera: encontrar Rosa depois de cinco anos, apenas para a ver ser levada para longe dele minutos depois.

Agora, tem a certeza de que a figura alta em Gurnard's Head era a mesma pessoa que tentou embarcar no seu comboio noturno. E fora ele quem o conduzira até Rosa. Agindo às ordens de Cato, presume Jar, o homem deve ter vindo para a Cornualha de carro, depois de ter perdido o comboio, e seguiu o seu autocarro de Penzance até ao esconderijo de Rosa nas falésias. O comboio da noite fazia uma viagem de oito horas; de carro, desde Londres, podia-se chegar aqui em seis. Tivera muito tempo para esperar por Jar.

— Deve ter alugado o *Mini* quando chegou a Penzance — diz Jar.
— Trocou de veículo, só para ser cauteloso.

— Porque é que não lhes perguntas? — Morvah aponta com a cabeça para o pequeno escritório da Portakabin[16] para lá do *Mini*.

Jar sai do carro de Morvah, atravessa o parque de estacionamento e empurra a porta do escritório para a abrir. Há apenas uma pessoa de serviço: nos seus trintas, pele curtida pelo tempo e endurecida pelo sol e pelo *surf*. Mal-humorada.

— O *Mini* está para alugar? — pergunta Jar, gesticulando para o exterior da janela.

— Vai estar — diz a mulher, com um forte sotaque da Cornualha. — Quando o limpar.

— Importa-se que dê uma olhadela? — diz Jar. Não precisa de pedir desculpa, pensa. Ainda não está limpo? A mulher vira-se e pega num conjunto de chaves de um quadro atrás dela, junto ao mapa de Penwith ocidental.

— Levo o aspirador lá para fora? — diz Jar. A seguir vai perguntar-lhe se quer uma cerveja preta. O seu rosto, com maçãs do rosto altas,

severo nas extremidades, derrete-se num sorriso. Jar faz questão de lhe retribuir o sorriso com interesse e então nota que ela está a olhar para a sua testa.

— Nada de grave — diz. — Tetos baixos no *pub*, ontem à noite.

Enquanto caminha para o *Mini*, apercebe-se de que Morvah está a sair do carro.

— Ainda não foi limpo — sussurra, abrindo a porta do condutor para que Morvah se junte a ele.

— Do que é que estás à procura exatamente? — diz ela.

Ele inclina-se e olha de relance para o banco do passageiro e para os bancos de trás, tentando não agir de forma suspeita. Abranda, diz para si próprio. É um cliente normal que acabou de sair do comboio e precisa de um carro para as férias, mas sente que todos os seus gestos devem parecer suspeitos para a mulher do escritório, que está a vigiá-los através da janela da Portakabin.

— E? — pergunta Morvah.

— Se não foi limpo desde que foi usado, estamos a olhar para o local de um crime.

— Agora estás a assustar-me, Jar. Devias mesmo simplesmente chamar a polícia.

Jar não responde, enquanto dá a volta até às traseiras do carro e abre o porta-bagagem. Está assustar-se a si próprio. O porta-bagagem está vazio, salvo pelo triângulo de sinalização dobrado num molho de plástico vermelho. Debruça-se para o interior, com os sentidos a tentarem detetar um vestígio de Rosa. Terá sido sedada, sem se

aperceber do espaço exíguo à sua volta, ou estaria alerta, apavorada, tentando desesperadamente esgaravatar uma saída? Procura novamente, inala o ar abafado, passa lentamente as mãos pelo chão. E então vê-a, no fundo, onde os bancos dos passageiros se encontram com o chão do porta-bagagem: uma estaca dobrada de uma tenda que caiu por uma fenda, quase completamente escondida, a cintilar na sua direção. Agarrado a ela, há um minúsculo pedaço de tecido de tenda com padrão floral.

Jar estica-se para o interior do porta-bagagem e puxa-a, com o coração a bater tão forte no peito que está prestes a desmaiar.

— Ele meteu-a aqui — diz ele, com uma mão a apertar com força a estaca da tenda enquanto fecha ruidosamente o porta-bagagem com a outra.

Sem esperar que Morvach reaja, volta a caminhar até à porta do passageiro e abre-a, enfiando discretamente a estaca da tenda no bolso. Observa o interior do carro novamente, mas desta vez para disfarçar outro olhar de soslaio para o escritório. A mulher já não está a vigiá-los. Sem hesitar, tira rapidamente o relógio, o que o pai lhe deu no décimo oitavo aniversário. Alguns segundos mais tarde, está de novo de pé no escritório.

— Encontrei isto, atrás do banco do condutor — diz, colocando o relógio no balcão.

A mulher empurra-o, não consegue convencer-se a pegar nele. É uma complicação no seu dia de trabalho que ela dispensava, espera Jar.

— Tem o contacto da pessoa que alugou o carro? — pergunta. Fácil, diz para si próprio.

A mulher olha para Jar durante um segundo e depois vira-se para o computador, carregando indolentemente nas teclas. Não tem o coração nesse trabalho, pensa Jar, o que pode funcionar a seu favor.

— Fui eu própria que lho aluguei ontem de manhã — diz ela a suspirar.

Jar inclina-se sobre o balcão e olha para o ecrã do computador, sorrindo. Ela olha de relance para cima, na sua direção, e depois afasta o ecrã antes de continuar a escrever. Mas é um gesto sem grande convicção, quase sedutor.

— Em tempos trabalhei numa empresa de aluguer de carros — diz Jar, agora com os braços dobrados no balcão, como se estivesse a conversar no bar. — A Avis, em Dublin.

— Horrível, não é? — diz ela, ainda a olhar para o ecrã.

— Isto é um *franchising*?

— Está a brincar.

— Não está propriamente cheio de vida, pois não?

— Tenho uma morada, é em Leeds.

— A sério?

— Tem algum problema com Leeds?

— É para onde vou. No final da semana, posso lá deixar o relógio.

Ela olha para ele durante um momento, fazendo uma avaliação, presume Jar. O transtorno de ter de ir aos correios quando o cliente li-

gar, fazer uma encomenda com o relógio, enviá-la: vai caber-lhe a ela, supõe Jar, o único membro da equipa para além de um patrão preguiçoso, que nunca trabalha ao domingo, como hoje. Ou pode dar o relógio a Jar e resolver a questão.

— Acabei de lho entregar — diz Jar, sentido a sua hesitação. — Se quisesse roubá-lo não o teria trazido aqui, ou teria? Teria...

Interroga-se se estará a fazer o que devia enquanto ela lê o nome alto:

— John Bingham. — E uma morada em Leeds, ambos falsos, presume Jar. Qualquer pessoa que não quisesse deixar pistas usaria uma carta de condução falsa ao alugar um carro. — Aponto-lhe os dados?

— É muito gentil — diz Jar. E também não é feia, mas recrimina-se por pensar isso. Missão cumprida, não há necessidade de continuar a fazer o papel de *eejit* libidinoso. — Como é que vou saber que é a pessoa certa? — Faz uma pausa. — Lembra-se de como é que ele era?

— Alto. — Ela olha em redor do escritório vazio, num sinal desnecessário de confidencialidade. — E um pouco assustador... — acrescenta, com a voz a subir no final da frase.

— Espero que não esteja a sugerir que há uma relação entre as duas características... — diz Jar, sorrindo novamente, inclinando-se para trás, erguendo-se na sua altura completa.

A mulher acaba de copiar os contactos para uma folha de papel, indiferente à tentativa de Jar para a seduzir.

— Os olhos dele também eram demasiado pequenos — diz, empurrando o papel na direção de Jar. Ambos fazem uma pausa durante um momento, olhando para o relógio no balcão entre eles como se fosse contrabando apreendido.

— Deixe-me dar-lhe o meu número — diz Jar, agarrando no relógio, procurando acabar com o silêncio incómodo. — Caso haja algum problema.

— De certeza que não vai haver — diz ela. Quer apenas livrar-se de toda esta situação, pensa Jar, e do tipo alto e estranho com um penso na cabeça que não para de lhe sorrir. — E se não conseguir encontrá-lo, fique com ele — acrescenta. — Parece que precisa de um relógio.

Olha de relance para o seu pulso esquerdo, onde há uma faixa de pele mais clara, e depois novamente para o seu rosto. Saberá?

— Não vamos levar o *Mini* — diz Jar, enquanto caminha para o carro de Morvah.

[16] Empresa britânica que fabrica edifícios modulares, pré-fabricados e temporários. (N.T.)

Cromer, 2012

A A está preocupada com a Rosa, diz que ela a recorda dos seus próprios dias mais negros. A Rosa está infeliz, a fazer o luto pelo pai, mas não tem tendências suicidas. Ainda não. Gostava de conseguir reunir mais compaixão, mas não consigo. A A tem estado a encher-lhe a cabeça com as alegrias da terapia cognitivo-temperamental e a rapariga está cada vez mais avessa à ideia de medicação.

A presença da Rosa cá em casa fez emergir qualquer coisa na A. Não me disse nada, mas consigo ver o que está a acontecer, quão maternal está a ser com ela: a filha que nunca tivemos.

Estou a começar a soar como a Kirsten, a antiga amiga da A dos tempos da faculdade com quem ela subitamente restabeleceu contacto depois destes anos todos. Ontem à noite, quando estava a deambular pelo andar de baixo, à espera que a A adormecesse, ela estava no FaceTime com a Kirsten nos Estados Unidos. Ainda estava a falar com ela no novo iPad quando vim para a cama.

A Kirsten é uma terapeuta especializada na «terapia do luto». Está tudo dito. A A e a Kirsten andaram juntas em Cambridge, mas nunca nos conhecemos. Sei que tem falado com a A sobre deixar a medicação (como se a terapia pudesse substituir as benzodiazepinas).

Tentei concentrar-me em reler *A toupeira*, mas a Kirsten estava sempre a atrair a minha atenção. A A estava a contar-lhe sobre a Rosa, sobre como perdeu o pai, como parece estar em baixo, a perguntar se a Kirsten viria ao Reino Unido nos próximos tempos e se poderia encontrar-se com a Rosa para algumas sessões de terapia, a falar sobre como é mais fácil aceitar os conselhos de alguém que não é família.

Desde que comecei o curso de escrita, dei por mim a examinar qualquer pessoa que vejo ou conheço, avaliando-a para poder usá-la como base para uma personagem. O meu tutor diz-me para procurar traços definidores, tiques, maneirismos: uma linha aqui ou ali que capture a pessoa, como o movimento único da caneta de um caricaturista. É viciante depois de entrar no espírito certo e estou a encher o meu caderno com observações. Não me sentia tão vivo desde que tentei (e falhei) escrever um romance quando era mais novo. As observações eram suficientemente perspicazes, o meu problema foi nunca ter conseguido criar uma história decente, com um princípio, um meio e um fim. Espero que este curso *online* ajude nessa parte.

A Kirsten é loura e atraente: demasiado *cliché*, mesmo para um escritor do sexo masculino como eu. Há uma intensidade, um imediatismo nela de que eu gosto. Nem sempre, mas ocasionalmente, faz uma inspiração curta e brusca, mesmo antes de falar, como se se tivesse esquecido de respirar.

Pousei o Le Carré e estiquei-me para pegar no Moleskine.

Que comecem os jogos mentais.

Fazemos o check-in cedo, para evitar filas, mas há um grande atraso no Controlo de Passaportes. Fico de pé numa longa fila durante trinta minutos (1800 segundos) e, quando finalmente chego ao scanner de segurança, junto ao lavatório fétido, a mulher nem sequer sorri enquanto me revista (deve ser do macacão cor de laranja).

Não é fácil ir de férias com o pai morto quando se está presa numa cela, mas vou ter de tentar. É tudo o que tenho, a única forma de passar o tempo, tentar agarrar-me a um rasto de sanidade.

Estico os braços, tanto quanto consigo, mas as correntes impedem-me de os esticar completamente. Ela faz uma expressão carrancuda e depois aponta para a sala principal, onde espero pelo Pai perto da minha cama. Temos muito tempo, o que foi sempre o nosso plano. O Pai adora aeroportos tanto quanto eu. Não é muito de frequentar a loja de Duty Free. Em vez disso, dirigimo-nos para a livraria no canto do quarto e, durante quarenta e cinco minutos (2700 segundos), damos uma vista de olhos, comparando livros, combinando a nossa oferta 3 por 2 partilhada.

A assistente de bordo na porta para o avião é mais simpática, particularmente quando lhe mostramos os bilhetes.

— *Por aqui — diz ela, apontando para a esquerda. Esquerda! Sempre sonhámos virar à esquerda.*

O Pai deixa-me sentar ao lado da janela e instalamo-nos com os nossos livros antes de os filmes começarem. Depois de termos levantado voo, vemos um dos filmes preferidos do Pai de todos os tempos. E grito as suas partes preferidas dos diálogos, esquecendo-me, por momentos, de que estamos em primeira classe.

— *«Estamos a 170 quilómetros de Chicago, temos o depósito da gasolina cheio, meio maço de tabaco, é de noite e estamos a usar óculos de sol.»*

— *«Dá-lhe!»*

Silêncio. Há um grito distante que ouvi demasiadas vezes antes.

Jar vê os dois homens assim que embarcam no comboio em Exeter. Entram juntos na carruagem, sem falarem um com o outro, mas há uma sincronia invulgar nos seus movimentos: um senta-se junto da saída mais próxima de Jar, o outro caminha até à extremidade mais afastada e senta-se perto da porta, depois de um conjunto de bancos vazios, os dois juntos bloqueando com eficácia a entrada e a saída da carruagem. Nenhum deles lhe parece familiar, mas ambos se misturam bem com o conjunto de turistas e locais: um deles enverga uma camisola de lã e calças de ganga, ou outro casaco de cabedal e calças de sarja. Anónimos, sem rosto.

Jar afunda-se no assento. Cato deverá ter dito aos homens que o mantenham sob vigilância para o caso de criar problemas, talvez o levem para uma última conversa, alguma conclusão. Terão ajudado o homem que estava na falésia com Rosa? A transferi-la, de mãos e pernas atados, do *Mini* alugado para outro carro? Cato irá continuar a negar que tem interesse em Rosa ou que supervisionou a sua recaptura na Cornualha. Não há dúvida de que também incitará Jar a procurar ajuda para as suas alucinações. Até lhe mostrar a *selfie* dele e Rosa juntos. Carl já deve ter recebido a mensagem.

Porque será que o melhor amigo é sempre tão cético? Até Morvah, que mal o conhecia, mostrara mais fé, acreditara que ele estivera com

Rosa nas falésias. Despediu-se dela na estação de comboio, depois de ter terminado o que tinha a fazer na empresa de aluguer de carros em Penzance e ter comprado um telefone barato na Market Jew Street. Trocaram de números e achou isso estranho (desleal, até), ter um telefone apenas com o número de telefone dela, como se fosse algum tipo de romance de férias passageiro que desabrochava a partir de um amor partilhado pela literatura. Ela fora amável com ele nas últimas vinte e quatro horas, o que o fez sentir-se culpado por não querer demorar-se na sua presença.

— Não vou voltar a ver-te, pois não? — perguntou ela no átrio.

Parecia não fazer grande sentido mentir.

— Obrigado. Por acreditares.

— Vou ler o teu livro — disse, e afastou-se. Agora, enquanto o comboio atravessa as zonas rurais em direção a Londres, olha de soslaio para o homem na extremidade mais afastada da carruagem, que está a olhar fixamente pela janela para o exterior, e depois para o homem mais próximo de si, a falar para uma ponta do telemóvel. Mais fumador de cachimbo do que devorador de *pizzas*, pensa Jar, com o aparelho para um lado e com um ângulo ascendente de quarenta e cinco graus. Não era normal. Carl acharia engraçado.

Jar começa a relaxar, com a confiança cada vez mais reforçada pela presença dos dois homens. O encontro de ontem em Gurnard's Head deixou-o a sentir-se mais forte, justificado. Até o comportamento distante de Rosa (não sabia o seu nome, está a tentar não pensar muito nisso) e o novo desaparecimento, tão pouco tempo depois de se terem reencontrado, parece tolerável, de alguma forma. A mulher

que toda a gente pensa que morreu cinco anos antes em Cromer estava a caminhar ao sol pela costa da Cornualha ontem. Por um momento, quer aproximar-se e confrontar os dois homens, pedir-lhes que tentem negar agora que ela está viva. Aperta os dedos em redor da estaca dobrada da tenda no bolso, ensaiando na cabeça o que irá dizer a Cato.

É enquanto o comboio entra em Paddington que começa a pensar que está enganado em relação aos dois homens. Ambos estão a fazer fila na parte da frente da carruagem, à espera para desembarcar, sem que nenhum deles se aperceba do outro ou de Jar. Aguarda a vez para se juntar à fila no corredor e depois caminha ao longo da carruagem. Enquanto sai do comboio, repara que chegou à Plataforma 1, onde não há via de acesso para validação dos bilhetes (e onde viu Rosa pela primeira vez). Se Cato não se quer encontrar com ele, então o que fazer? Não colocou a hipótese de que talvez ninguém continue a estar interessado nele. Rosa foi recapturada, o diário foi fechado antes de algo demasiado comprometedor ser revelado. Quem irá acreditar nele, alguém com um historial de alucinações de luto e comportamento paranoico?

Os dois homens estão agora a afastar-se. Não era possível estarem menos interessados nele. Jar repara nas costas de um deles, seguindo a teia de vincos desgastados no seu casaco de couro. Espera que Carl tenha recebido a fotografia.

— Podemos ver o seu bilhete, por favor?

Jar não reparou nos dois revisores de bilhetes, de pé entre o fluxo de passageiros como pedregulhos num riacho.

— Claro que sim — diz, distraído, ainda a vigiar os dois homens. Para onde vão? Por que motivo ainda não se revelaram a ele?

Mostra aos revisores o bilhete de regresso e tenta manter os sujeitos debaixo de olho. Virem-se para trás, pensa. *Jaysus*, já fingiram o suficiente que não se passa nada. Podem parar de disfarçar.

Mas os dois homens continuam a andar até desaparecerem, perdidos entre os apertões dos viajantes noturnos.

Cromer, 2012

O Jar veio até Cromer ontem. Estou sempre interessado em conhecer um autor publicado, mas, infelizmente, não é o meu género de escritor. Não é o meu género de pessoa, para ser sincero. (Não admira que a Rosa tenha tendências suicidas.) Há um tom de lisonja convenida em tudo o que diz, uma suavidade de discurso que lhe dá uma confiança que roça a arrogância. Não fala alto, ou de forma abertamente arrogante, apenas um pouco descontraído demais e satisfeito com o seu *eu* irlandês, com um suave «t» a transformar «*Thursday*» em «*Tursday*», «*three*» em «*tree*», e cita W. B. Yeats como se o conhecesse. Veste-se bem, o que é invulgar para um estudante: sapatos *brogues* engraxados, casaco de bombazina elegante. Tem a aparência que um escritor devia ter. Vou tentar ver para lá dos seus defeitos, fazer o meu melhor para estabelecer uma amizade com ele. Pode ser útil.

Chamei-o à sala de estar para beber um uísque escocês antes do assado de domingo, que nunca mais foi o mesmo desde que a A decidiu tornar-se vegetariana. O Jar prefere uísque irlandês, mas todos temos as nossas cruces para suportar. Fiz-lhe algumas perguntas en-

corajadoras sobre o livro, fingindo que o lera (não consegui passar dos dois primeiros contos).

— Então, primeiro a personagem, ou o enredo? — comecei, servindo-lhe um grande copo de *Talisker*. Parecia estar um pouco nervoso.

— Provavelmente, notaste que os meus contos não têm muito enredo — disse ele. É o eufemismo do ano, mas mantive-me calado. — Interessa-me mais conseguir expressar corretamente a voz de alguém e ver o que acontece a partir daí. Se surgir uma história, que assim seja, mas não dependo de uma forte orientação narrativa.

— E investigação? — Era central na minha carreira anterior e queria que desempenhasse um papel fundamental na minha nova.

— A amiga do procrastinador.

— Então os autores deviam, simplesmente, escrever sobre o que conhecem?

— Não, de todo. Normalmente, isso é aborrecido, a não ser que se tenha vivido uma vida excecional.

— Sou cientista. — Na minha experiência, isso está ao mesmo nível de dizer a alguém que se é contabilista: os olhos ficam envidrados, não têm a certeza do que dizer, particularmente se se acrescentar que se trabalha para uma empresa de investigação da indústria farmacêutica, tentando assegurar que os novos medicamentos sejam tão seguros quanto possível para a Humanidade, os animais e o ambiente. Só que já não trabalho para eles.

— Aí tens, então — diz Jar. — A imaginação é fundamental.

Não ia morder o isco, defender a vida científica. Para além disso, as suas palavras eram estranhamente reconfortantes. Nunca tivera problemas em imaginar coisas, fantasiar.

— Tens um caderno? — perguntei. — Para apontar coisas?

— Rabisco coisas em pedaços de papel, depois passo-as para o computador, se me lembrar. Tenho uma pasta especial. Que tipo de livro estás a escrever? — O Jar estava a começar a relaxar. Parou de olhar de soslaio para a cozinha, onde a Rosa estava a falar com a A.

— Para pôr mãos à obra, estou a escrever um diário, semificcional; estou intrigado com Karl Ove Knausgaard.

Estava a exhibir-me, claro. Acabei de começar a ler o escritor norueguês, mas Jar pareceu ficar impressionado.

— Aí está um tipo que só escreve sobre o que conhece — disse ele. — Para grande consternação da ex-mulher.

— Depois pensei tentar escrever ficção, ver onde me leva. Sou um grande admirador de Le Carré — acrescentei. — Ficção de espionagem, em geral.

— Le Carré é interessante. A história é central, mas todos nos lembramos da personagem do Smiley.

— Claro, quando tinha a tua idade, estava mais interessado na Geração Beat, na influência de substâncias psicoativas na criatividade, esse tipo de coisas. Tenho a certeza de que o Kesey escreveu as três primeiras páginas de *Voando sobre um ninho de cucos* depois de engolir oito doses de mescalina.

— Não trabalhava numa ala psiquiátrica na altura?

— Como vigilante noturno. Alegou que o pequeno gato inspirou o seu narrador. Dez a vinte gramas de botões secos contêm suficiente mescalina para induzir um estado de reflexão profunda que pode durar até doze horas. — Fiz uma pausa. — Foi o que me disseram.

Exatamente quando estávamos a começar a entrar nos eixos, a Rosa entrou na sala e entrelaçou o braço no do Jar.

— Como é que isso vai? — disse ela, olhando para o Jar com o afeto descomplicado da juventude, e depois para mim, surpreendida, talvez, pelo facto de nos estarmos a entender tão bem.

— Estávamos só a fazer uma avaliação dos benefícios medicinais da escrita — disse o Jar, erguendo o copo na minha direção.

O Pai quer ir à Velha Deli primeiro, por mim tudo bem. Qualquer coisa para tirar a minha mente do que realmente me está a acontecer aqui. Começamos no topo do Chandni Chowk e descemos a estrada aos ziguezagues, virando para a Wedding Street, uma das que mais gostava quando era mais nova.

— Podemos ir ao jalebi wallah? — pergunto. — Por favor?

A dor tem sido insuportável, apesar da medicação.

— Claro que podemos — diz o Pai.

— Por favor, para — solucei, mas ele nunca ouviu.

Tento saborear o jalebi na boca, a doçura do açúcar cristalizado, mas a memória do pano molhado a ser empurrado tão profundamente para dentro da minha garganta significa que não consigo saborear nada.

— É doce, não é? — diz o Pai, com óleo a escorrer-lhe pelo queixo onde despontam pelos da barba. Adoro quando se esquece de se barbear, é um sinal de que estamos realmente de férias. — É a coisa mais doce que algum dia provei.

O Pai adora jalebi ainda mais do que eu. E conversa sempre com o homem que o vende, empoleirado na cadeira de plástico atrás de

uma tigela funda de óleo a ferver, disponível para servir tanto turistas como locais.

Estico-me para agarrar na mão do Pai.

— Olha para as tuas unhas — diz, virando os meus dedos ao contrário. — Não são bonitas?

Quase me afogaram.

Já não estamos na Velha Deli. Estamos a fazer rafting, a descer o poderoso Zanskar, com o nosso barco de borracha a rodopiar nos rápidos. O Pai, a rir-se, diz-me que me agarre, enquanto nos levantamos sobre as elevações de água e voltamos a cair. E, depois, estamos ambos no rio, a nadar junto ao barco, agarrando na corda que cai por um dos lados. A água agora está calma, mas muito fria, mesmo com os fatos de mergulho vestidos. O nosso instrutor está a incentivar-nos a largar a corda. Não há perigo, diz, apontando com a cabeça para o amigo nepalês, que está num caiaque, mais abaixo no rio, a vigiar-nos. E nós fazemo-lo, flutuando rio abaixo de barriga para cima, um dos momentos mais felizes da minha vida.

Mas nem o Pai poderia salvar-me dele.

— Para — tentei chorar, com a água gelada a inundar-me os pulmões. — Por favor, para.

Jar empurra a porta da arrecadação para a abrir, examinando a rua em ambas as direções. Sabe que alguma coisa está errada. Nic, o fotógrafo do andar de baixo, avisara-o quando se encontraram à entrada da torre de apartamentos alguns minutos antes. Essa madrugada, disse, enquanto Jar ainda estava na Cornualha, a polícia fora vista a levar um computador de uma das arrecadações, juntamente com várias caixas. Nic é a única pessoa que sabe que Jar alugou uma delas.

O cadeado foi arrombado, mas deixado com aparência de estar a funcionar. Jar prepara-se, mas ainda assim surpreende-o a visão que o recebe no interior. Tudo foi retirado das paredes: todos os mapas, fotografias, recortes de jornais. O computador também desapareceu e as gavetas da secretária estão abertas, sem nada lá dentro. Quem quer que fosse (a gente de Cato, presume) estava interessado em tudo o que pudesse estar relacionado com Rosa e o seu desaparecimento. Não há qualquer vandalismo, qualquer sinal de violência, para além do cadeado arrombado. Porque será que Cato já não quer falar com ele pessoalmente? Por que motivo os seus homens no comboio não o levaram quando chegaram a Paddington?

O primeiro pensamento de Jar é o de que já não tem quaisquer fotografias de Rosa, nada que a impeça de se desvanecer da sua memória. Guardou deliberadamente todos os vestígios de Rosa fora do

apartamento, longe da vida que apresenta ao mundo. Todas as ligações materiais a ela (cartas, fotografias, recortes de jornais sobre a sua morte) foram-lhe agora roubadas.

Há uma semana, teria ficado perturbado, mas agora não o incomoda. A arrecadação vazia, a eficiência da rusga, é a confirmação de que alguém está a tentar impedir Rosa de voltar e a tentar impedi-lo de a encontrar.

De volta ao apartamento, fica quase desiludido ao não encontrar qualquer prova de que alguém tenha forçado a entrada. Os livros estão todos nas prateleiras, não por nenhuma ordem particular, simplesmente alinhados. A guitarra também continua debaixo da cama. Está prestes a fazê-la deslizar para fora quando se lembra da fotografia que caiu de um livro na noite em que o apartamento foi arrombado. Vai até à prateleira e pega no exemplar de *Finnegans Wake*. Ela envelhecera, apercebe-se; quando a viu no dia anterior, parecia outra pessoa.

Jar serve a si próprio um copo grande de *Yellow Spot*, um dos preferidos do pai. Não lhe vai telefonar para contar sobre o encontro na Cornualha, ainda não; sabe que só o vai perturbar, sugerir que está longe de ter ultrapassado o desgosto. E não vai telefonar a Amy. Ela já está demasiado instável e Jar quer saber mais antes de falar com ela.

Bebe o uísque de trago só e retira a estaca da tenda do bolso do casaco, colocando-a na bancada da cozinha. O pedaço de tecido com padrão floral desgastou-se e a estaca está um pouco torta no meio. Indaga-se se Rosa terá praguejado quando a estaca bateu contra al-

guma pedra de granito na terra da Cornualha. Conseguia praguejar como os melhores, recorda Jar, sorrindo para si próprio, recuando até ao momento em que desviou o olhar quando ela saiu do Cam, gelada até aos ossos.

O seu telefone toca.

— Como correu na Cornualha?

Jar reconhece imediatamente os tons escoceses contidos de Miles Cato. Como diabo conseguiu o seu novo número? Alguém deve ter falado com Morvah, depois de ter embarcado no comboio.

— Estou a esforçar-me muito por excluí-lo da nossa investigação sobre o Martin — continua —, mas você não nos está a facilitar a vida. Teve notícias do Anton?

Jar percorre as prateleiras com os dedos enquanto ouve, alinhando livros errantes, colocando a inatividade em sentido.

— Como é que conseguiu obter este número? — pergunta.

— Sou polícia, Jar.

Ele é bom, pensa Jar. Não foge do guião, agarra-se a ele como uma sanguessuga. Lembra-se da advertência de Rosa no *e-mail*: *Sê prudente com o MC. Aprendi o suficiente nos últimos cinco anos para saber que será ele a abordar-te, se ainda não o fez. Provavelmente usará um disfarce policial, roupas simples. E adora um bom sotaque escocês. Não faço ideia de que história irá contar, mas não acredites numa palavra. Está a tentar encontrar-me, tal como os outros.*

— Agora achamos que o Martin pode gostar de vídeos de tortura — continua Cato.

A história que usam para disfarçar está cada dia a tornar-se mais ridícula, pensa Jar. Porque não acusar o Martin de algo mais plausível, como um interesse doentio por *beatniks*? Ou de ser viciado no Strava?

— Sei quem vi ontem na Cornualha — diz.

— Mais uma das suas alucinações?

— Já acabámos? — Agora Jar está irritado. A farsa de Cato já dura há tempo suficiente.

— Não fuja novamente e ligue para este número assim que estabelecer contacto com o Anton. Peço desculpa pelo seu computador. Procedimento de rotina. Iremos devolvê-lo.

Jar sai para a varanda e olha para o outro lado, na direção de Canary Wharf, que cintila na noite. Nic, o fotógrafo do apartamento de baixo, está a tocar saxofone. Se pelo menos Carl tivesse recebido a *selfie* dos dois juntos, tirada ontem em Gurnard's Head. Depois pensa novamente nos *e-mails* e pega no telefone.

— É o Jar, Jarlath Costello. Ainda está a trabalhar? — Jar espera ter encontrado Max Eadie no escritório. Muitas das luzes da torre ainda estão acesas.

— Estou sempre a trabalhar, vinte e quatro horas por dia. Leu o que diz no *website*. Onde é que esteve? Estou a tentar telefonar-lhe há dois dias.

— Podemos encontrar-nos? Muita coisa aconteceu.

— O seu elevador está avariado — diz Max. — Tive de vir pelas escadas, que tresandam a mijó de camelo, já agora.

— Quer beber alguma coisa? — pergunta Jar, fechando a porta e assimilando a visão estranha e confusa de Max no seu apartamento. Por um momento, teme pela saúde do homem.

— Um pouco disso, água não — diz, gesticulando para a garrafa de uísque na mesa. — A sua cabeça está bem?

— Max, vi a Rosa — diz Jar, tentando ir direto ao assunto enquanto serve outro uísque, agora para si. — Ontem, na Cornualha.

Max faz uma pausa antes de responder, agora com o rosto mais sério, respeitoso, sem arrogância.

— Viu mesmo?

— Não foi outra alucinação de luto, se é isso que quer dizer.

— Em que sítio da Cornualha?

— Num sítio onde combinámos encontrar-nos uma vez em caso de emergência.

Jar prossegue e conta-lhe tudo: os *e-mails*, o encontro com Cato, o homem que tentou embarcar no seu comboio, o lugar de encontro secreto na Cornualha, como conduziu inadvertidamente os captores de Rosa até ela.

— Nem sequer sabia o meu nome — diz, com os olhos cheios de lágrimas.

Max ouve atentamente. Não parece surpreendido com o encontro nem com o facto de Rosa ter dificuldades em lembrar-se do passado.

— Também encontrei isto, no carro de aluguer que a levou. — Jar pega na estaca dobrada da tenda de cima da mesa da cozinha, olha para ela, depois deixa-a cair novamente. — Estava a acampar nas falésias.

— E acha que o Miles Cato está por trás disto tudo?

— É disso que lhe quero falar. Estou preocupado com os *e-mails* que a Rosa enviou, a pedir-me que me encontre com ela — diz Jar, entregando o telefone a Max. — Há qualquer coisa errada neles. Ela teria mencionado o nome do ponto de encontro. Leia este. — Observa enquanto Max levanta os óculos até às sobrancelhas e espreita para o telefone. — Não é da Rosa — diz Jar. — É de alguém que está a fingir ser a Rosa, que não sabia onde é que ela estava escondida, não sabia para onde é que ela iria se estivesse em fuga, «se o mundo alguma vez saísse dos eixos». — Jar hesita. Consegue sentir que a sua voz está prestes a falhar. — Eles sabiam que eu sabia onde era esse sítio e esperaram que lho mostrasse, que os conduzisse até ela. Coisa que eu fiz, como um estúpido *eejit*.

Max olha de relance para cima, para Jar, enquanto caminha até à janela e observa o exterior.

— Acha que foi o Cato que os enviou? — pergunta Max.

— Leia o segundo *e-mail* — diz Jar, tentando recuperar a compostura, ainda de costas para Max — «Sê prudente com o MC»: é o Miles Cato. «Provavelmente usará um disfarce policial, roupas simples». Porque é que quereria levantar suspeitas sobre si próprio? Quem quer que os tenha enviado estava a tentar incriminar o Cato para desviar a atenção sobre si próprio.

Jar sabe o que Max está a pensar: que tinha razão quando sugeriu que alguém estava a enganá-lo.

— Continuo a acreditar que o diário foi escrito pela Rosa — diz, antecipando o comentário, mas Max fica em silêncio, rodopiando o uísque no copo.

— Enquanto estive fora, voltei a examinar os ficheiros da minha antiga investigação. Para o artigo que escrevi.

— Descobriu alguma coisa?

— Apenas que eu era um palerma preguiçoso. Não admira que nunca tenha conseguido ter sucesso no jornalismo de investigação. Meu Deus Todo-Poderoso. Mas descobri realmente uma coisa. O retiro acabou de ser posto à venda. Estava a planear telefonar ao proprietário amanhã, fazer-lhe uma visita. Quer vir?

Cromer, 2012

Depois de a A ter acabado de falar novamente no FaceTime com a Kirsten, colocou o iPad na mesa de cabeceira e foi para a casa de banho. Desliguei a minha luz e virei-me para o lado para dormir, mas havia qualquer coisa na A esta noite, a forma como a sua camisa de noite de algodão se movia contra as nádegas. Não fazemos amor desde que perdi o emprego, desde que ela começou a reduzir a medicação diária. E agora dormimos frequentemente em quartos separados. Contudo, esta noite ela perguntou se podíamos estar juntos; novos começos, disse ela.

As benzodiazepinas afetam as pessoas de muitas formas diferentes. O uso a longo prazo normalmente provoca uma diminuição da atividade sexual, mas há exceções. Num estudo de caso interessante de Fava e Borofsky em 1991, uma mulher com um historial de abuso de drogas e álcool e promiscuidade sexual na adolescência (não muito diferente da experiência da A) levou uma vida abstémica, quase monástica, enquanto adulta, até ter começado a ter ataques de pânico. Prescreveram-lhe clonazepam, uma forte benzodiazepina ansiolítica, e ela tornou-se sexualmente desinibida, com uma inclinação específica para o *striptease*.

As benzodiazepinas ajudaram a controlar os distúrbios gerais de ansiedade da A, melhoraram as suas insónias e, é justo dizê-lo, tornaram as coisas mais simples no quarto.

Nos primeiros anos, alternava-lhe a medicação entre diazepam e alprazolam, clordiazepóxido e clobazam, trocando para compostos de ação rápida como o flunitrazepam (mais conhecido como Rohypnol) quando precisava de ter a certeza de que ela iria esquecer o que aconteceu entre os lençóis.

Quando mudei de trabalho de Huntingdon para Norwich, começámos a testar uma variedade de novas benzodiazepinas com semividas muito longas, uma das quais caiu na última fase dos ensaios clínicos porque os seus efeitos secundários incluíam desinibição erótica e perda de memória, uma combinação poderosa que era percebida como algo que tornava o medicamento demasiado perigoso para obter licenciamento. Foi uma pena, pois era um produto bom (semelhante ao clonazepam, com substituição de um ramo químico da molécula), mas eu tinha acesso ao nosso armazém e assegurei-me de que tínhamos em casa uma provisão do medicamento para toda a vida. (Tem tido muitas vantagens, não sendo a menor delas o facto de não aparecer nas análises sanguíneas quando a A visita o médico de clínica geral.) Não foi fácil, mas consegui trazer também outras benzodiazepinas, novas e poderosas, que aguardavam os primeiros ensaios clínicos em humanos.

Será que a A se esqueceu de tomar a sua dose esta noite? Normalmente, substituo um dos seus inocentes comprimidos para dormir, que ela toma, como um relógio, uma hora antes de ir para a cama.

Deslizou para dentro da cama e mordiscou-me a orelha. Fiquei ali deitado durante alguns segundos, de olhos abertos. Desde que ela toma as benzodiazepinas, fui sempre eu que tomei a iniciativa, sendo a sua resposta mais submissa do que entusiástica. Uma lágrima escorreu-me pelo rosto enquanto os seus dedos me circundavam a barriga antes de descerem. Devia ter dormido num quarto separado ou ter ido para o barracão.

Virei-me para ela, sentindo com os dedos o seu rosto no escuro, metendo os polegares entre os seus lábios. A sua boca estava quente, e a sua excitação despertou algo em mim que não tinha o direito de ser recordado por nenhuma mente consciente.

— Suavemente — sussurrou.

Sabia que devia parar, inventar uma desculpa, mas disse a mim próprio que conseguia controlar o que estava prestes a acontecer, como fiz tantas vezes antes. E durante meio minuto, talvez mais, fomos como qualquer outro casal normal, compatíveis de forma equilibrada.

Foi apenas quando a virei de barriga para cima e lhe prendi os braços em cima da cabeça, com os dedos à volta dos seus pulsos finos e os joelhos a empurrarem-lhe as coxas para que se abrissem, que ela gritou:

— Martin, o que estás a fazer? Estás-me a magoar.

Tentou libertar-se de debaixo de mim, mas, durante um segundo, mantive-a ali, martirizada na cama, com os braços e as pernas esticados como Santo André. Depois soltei-a e rebolei para o lado.

— Desculpa — disse eu. — Estás bem?

— Não, não estou. Que diabo estavas a fazer? Quase me partiste os pulsos.

— Já pedi desculpa. — Agora, estava sentado na ponta da cama. Mas ela já estava a caminhar para a casa de banho. Onde bateu violentamente com a porta atrás de si.

Aquilo que me torna humana voou deste meu corpo ferido e está pousado a uma distância segura, a assistir, de asas recolhidas, à espera de um dia voltar.

— Está apenas a descansar — diz o Pai. — As marcas debaixo das asas ajudam-na a passar despercebida.

O meu guarda visita-me à tarde, trazendo-me uma dose diária de dor e um macacão cor de laranja limpo uma vez por semana. Recusa-se a dar-me roupa interior, mas pelo menos agora aceitou a necessidade de me dar pensos (de qualquer forma, os meus períodos praticamente pararam).

A visita de hoje começou como todas as outras: um teste ao que eu tinha memorizado no dia anterior, seguido de novas entradas que tenho de memorizar.

— «Retiro silencioso, Herefordshire, trimestre de primavera, 2012: é o último dia das nossas reuniões de informações aqui em Herefordshire. Hoje, voltamos para as nossas faculdades para pôr os nossos assuntos em ordem.»

*— «**Começamos** a pôr os nossos assuntos em ordem e **esperamos**» — gritou, enfatizando o «começamos» e o «esperamos».*

— «Hoje, voltamos para as nossas faculdades, começamos a pôr os nossos assuntos em ordem e esperamos.»

Castiga-me quando cometo erros, bate-me e abusa de mim, mas será qualquer companhia humana, até mesmo a sua presença brutal, melhor do que o isolamento que se segue quando ele se vai embora?

É enquanto viajam sobre a ponte suspensa de Severn que Jar decide que pode confiar em Max. Durante as primeiras horas, dormiu (Max fora buscá-lo à porta do seu bloco de apartamentos ao nascer do sol no seu *Land Rover Defender* azul-escuro), mas acordou algures entre Swindon e Bristol na M4 e desde esse momento que vêm a falar.

Talvez tenha sido o comentário inicial de Max que o convenceu:

— Devia escrever um romance; gostei dos seus contos.

Quando Max prosseguiu dizendo que encomendara exemplares do livro para vários amigos, Jar soube que Max era um desperdício no mundo empresarial. Também se tornou evidente que Max tinha assuntos inconclusos como jornalista de investigação e que o artigo sobre estudantes de Oxbridge significava mais para ele do que deu a entender inicialmente. Tem vontade de ajudar Jar, mas também quer conseguir escrever a história, provar a si próprio de uma vez por todas que tem o que é preciso para escrever uma manchete de capa de jornal.

Jar confidenciou-lhe que estava a trabalhar num romance quando Rosa desapareceu (ela era a única pessoa a quem tinha contado) e que não escrevera uma palavra desde então. Continuaram a discutir as suas coleções de contos preferidas (tudo, desde *Gente de Dublin*

de Joyce, até *Dez de dezembro* de Saunders) até Jar regressar ao encontro com Rosa nas falésias da Cornualha quarenta e oito horas antes.

Mais uma vez, Max não disse nada que sugerisse que não acreditava nele. Limitou-se a ouvir. Como está a fazer agora, perante o relato de Jar sobre o tio e a tia de Rosa em Cromer, os fins de semana que passaram juntos, a investigação em curso de Cato a Martin.

Jar ajeita os pés, apercebendo-se de que tem estado com eles pousados em cima de uma banana esmagada. O chão do seu lado está coberto de papéis de doces, embalagens de sumo esmagadas e uma lancheira do Paddington Bear vazia.

— Estava convencido de que o Cato estava à procura do diário — diz Jar. — Mas, realmente, é só um polícia a tentar limpar os recantos mais obscuros da Internet. Agora aceito isso.

— Quem é que pensas então que levou a Rosa da Cornualha? — pergunta Max, colocando-se na faixa das portagens no extremo mais afastado da ponte.

Jar espera antes de falar, observando Max a pagar a portagem e acelerar para se afastar das cabines.

— Há uma coisa que tenho de te mostrar. — Retira uma folha de papel do bolso do casaco, a cópia que fizera do memorando confidencial que entregara a Cato no carro. Levanta-o para que Max possa ver.

— Meu Deus, o que é isso? — diz Max, como se Jar tivesse acabado de lhe mostrar uma bomba-relógio.

— Ultrassegredo Nível 3, Apenas para Olhos Britânicos, é o que é.

— Onde diabo encontraste isso?

— Enviaram-me o original para o trabalho.

— Quem? O raio do Edward Snowden? O que é que diz?

— É sobre um programa chamado Êutico e tem a data do nascimento e da morte da Rosa em Cromer.

— Quando é que recebeste isso?

— Há três dias, na sexta-feira, no dia antes de ter visto a Rosa.

— Porque é que não disseste nada, porque é que não mo mostraste ontem à noite?

— Não tinha a certeza de que lado estavas.

— É justo. — Max olha novamente de soslaio para o documento. — Pode ser falso, claro.

— Ou pode ser a prova de que estavas à procura quando escreveste o artigo.

— Presumo que saibas quem foi Êutico? O homem estava tão aborrecido de ouvir um dos sermões de São Paulo que adormeceu e caiu para a morte da janela do terceiro andar. São Paulo ficou horrorizado; envergonhado, também. Não é uma coisa muito boa se se estiver a tentar entrar no circuito dos pregadores da tarde. Portanto, correu para o corpo e conseguiu ressuscitá-lo. Trouxe-o de volta à vida. Como Lázaro.

— Estou a ver...

— Tal como todos os estudantes brilhantes que supostamente cometeram suicídio e receberam vidas novas — diz Max. — É bombástico, se for genuíno, uma manchete. «Conteúdo altamente partilhável».

Jar sorri perante o tom sarcástico de Max e depois vira-se para o outro lado, olhando para o exterior através da paisagem rural pela qual passavam.

— Desculpa. Fui insensível.

— Não, de todo — diz Jar. — Tens de contar ao mundo. Devidamente, desta vez. É a única forma de conseguir recuperar a Rosa.

Cromer, 2012

— Devíamos falar sobre ontem à noite — disse a A, bebericando uma caneca de chá de *rooibos* à mesa da cozinha.

Nunca falámos de ontem à noite.

— Já pedi desculpa — respondi, de pé junto do aparador, de costas viradas para ela. Estava a fazer outro bule de café para levar para o meu barracão. O Strava estava a chamar-me. Fui dar uma grande volta de bicicleta logo de manhã para limpar a cabeça, evitar as retaliações.

— Eu sei que as coisas não estão fáceis neste momento — disse ela.

— Estou bem, sinceramente — disse eu.

— Não estava a falar de ti.

Esprei que a cafeteira fervesse.

— Estou a tentar ficar limpa, Martin, fazer o desmame de toda a medicação. Recuperar a minha vida. A nossa vida.

— Já tinha reparado. Podes matar-te se deixares a medicação demasiado depressa, sabes disso?

Não há perigo disso, claro, uma vez que continuo a administrar-lhe as benzodiazepinas principais através do «comprimido para dormir» diário. (Afinal, ela esqueceu-se mesmo de o tomar ontem à noite e tomou um mais tarde, depois de, eventualmente, sair da casa de banho.) Mas ela não precisa de saber. Se pensa que está a recuperar o controlo da sua vida ao reduzir outros compostos de atuação rápida que lhe dou, que assim seja.

— Consigo lidar com isto até que algo assim aconteça.

A A não me estava a ouvir.

— E a terapia da Kirsten não vai ser suficiente sozinha. Não com o teu problema.

— Fez-me lembrar de quando começámos a nossa relação em Cambridge — continuou.

— No mau sentido?

Só tenho memórias felizes desse período inocente das nossas vidas. Ela acabara de se licenciar em História de Arte e começara o primeiro trabalho, como restauradora de quadros no Hamilton Kerr Institute em Whittlesford, alguns quilómetros a sul de Cambridge. Eu era um estudante de pós-graduação, dividindo o meu tempo entre a universidade e o trabalho no laboratório de investigação em Huntingdon, que ficava mais acima na estrada.

— Uma vez pediste-me uma coisa: se podias atar os meus pulsos à cama. Estávamos bêbados na altura e acabei por me rir, esqueci-me completamente disso. Nunca mais me voltaste a pedir. Ontem à noite, lembrei-me.

— Não foi nada, Amy. Estava a ser desajeitado, é só isso. E não me lembro de alguma vez ter pedido para atar os teus pulsos. — Estava a mentir, claro. Lembro-me bem.

— Vês pornografia? É isso que fazes no barracão?

— Estou a tentar escrever um livro.

— Devíamos falar sobre isso, se for o que fazes. Não sou completamente inocente, sabes... Podíamos vê-la juntos, desde que seja pornografia ética. Estive a ler sobre isso no outro dia, gostava de ver a que se deve tanta agitação.

— Estou a tentar escrever o meu romance, Amy. Finalmente. É só isso. — Ela virou o dicionário sobre a mesa e folheou-o indolentemente.

— Com sexo esquisito? — Agora estava a sorrir.

— Vai ser uma história de espionagem. Talvez.

A minha estreia haiku
Demorou o verão inteiro.
Uma piada? Quem me dera.

O retiro é mais confortável do que Jar estava à espera. Durante a viagem de três horas de Londres imaginara um pequeno celeiro de montanha onde os estudantes se sentavam de pernas cruzadas em chãos frios de pedra. Em vez disso, ele e Max deram por si de pé no exterior da antiga casa de quinta vitoriana, rodeada por um pomar, um jardim amuralhado e limpo, anexos transformados com utilização de muito vidro e vigas de carvalho expostas.

— A propriedade está localizada em solo elevado no Olchon Valley, à sombra da magnífica serra de Hatterall — diz a agente imobiliária. Aponta primeiro para baixo, para o vale, e depois para cima, para a serra, como uma assistente de bordo a gesticular na direção das portas de saída do avião.

Jar sente que não é a primeira vez que dá a palestra.

— O famoso trilho de Offa's Dyke segue a serra de Hatterall, assinalando a fronteira entre Inglaterra e Gales. Se colocarem as vossas mãos com as palmas para baixo, dizemos por aqui que têm nas mãos as Black Mountains: o vosso polegar é o Cat's Back, ali, o vosso indicador é Hatterall, o dedo médio é Ffawyddog...

A agente imobiliária encontrara-se com eles na casa. Tinham delineado um plano no carro: os dois são representantes de um cliente no exterior, sem mais pormenores, russo se os questionarem, que tem vontade de comprar um retiro de fim de semana no campo. Agora, enquanto estão de pé junto à porta de entrada, à espera de que a agente encontre a chave certa, Jar sente-se bastante emotivo. Quer

uma confirmação de que Rosa veio aqui, de que o diário não foi manipulado, como Max sugeriu.

— Esta é a área de receção principal — diz a agente imobiliária, assim que entram na casa. — Foi usada para as aulas de meditação maiores, mas poderia facilmente ser transformada numa sala de visitas tradicional.

Jar olha para as paredes brancas, para o tapete azul pálido. Não há fotografias ou estantes, só um espelho sobre a lareira de tijolos. No extremo mais afastado, à frente de um par de janelas imponentes que vão do chão até ao teto, dois bancos de meditação são as únicas provas do anterior uso da divisão. Jar tenta imaginar Rosa aqui sentada, talvez de olhos fechados, a ouvir Karen atentamente, sob a luz matinal, enquanto tenta retomar o sentido da sua vida, da morte do pai, da desilusão de Cambridge.

No andar de cima, a agente imobiliária mostra vários quartos, a maioria deles com duas camas, alguns dos maiores com quatro. Uma vez mais, fala sobre como poderiam, facilmente, ser transformados para uso privado.

— A principal preocupação do nosso cliente é a segurança — diz Max, piscando o olho a Jar antes de se virar para olhar para o exterior pela janela do quarto, para o Vale de Olchon em baixo. Jar também olha de relance lá para fora, vê um abutre a subir ao vento, voando nas correntes que se erguem em redor da serra de Hatterall. *A girar e a girar, num amplo círculo, o falcão já não ouve o falcoeiro*[\[17\]](#)...

— O bairro mais próximo fica quase a um quilómetro e meio — diz a agente imobiliária. — E só há uma estrada para o vale, pelo que sa-

beria com muita antecedência se tivesse visitantes.

— Importa-se que dê uma vista de olhos? — pergunta Jar.

— Claro — diz a mulher. — Estejam à vontade. — Lança um olhar esperançoso a Max.

Jar deixa Max a discutir a segurança em nome do seu cliente russo fictício e sai para o patamar, indagando-se sobre qual dos quartos Rosa poderá ter partilhado com Sejal. Hesitando na ombreira da porta do quarto mais pequeno, ocupado por duas camas de solteiro, decide examinar o interior mais atentamente antes de voltar a descer. Talvez ela tenha escrito o nome na parede, ou gravado as iniciais na cama?

Não é uma prisão, diz para si próprio. É um retiro pacífico, um lugar de silêncio. Olha de relance para as duas camas, ambas feitas, com os edredões aconchegados com colchas de padrão indiano. Rosa teria gostado daquele detalhe. Vira-se e está prestes a descer a escadaria de madeira envernizada, quando uma voz o chama.

— Sabes que não é suposto termos visitantes.

Rosa. Jar faz uma pausa, perguntando-se se será real, e olha em redor. Rosa está sentada na cama, sorrindo timidamente para ele. Ergue os dedos até aos lábios, para lhe indicar que deve estar em silêncio, e bate com a mão suavemente sobre a cama ao seu lado, encorajando-o a sentar-se.

— Rosa? — diz ele, com todo o peso do seu corpo a cair em queda livre pelas suas pernas.

— A Sejal vem já. Não temos muito tempo. Eles conseguem ser bastante severos aqui.

Jar fecha os olhos. Quando os abre novamente, Rosa desapareceu. Caminha até à cama e senta-se, aliviado por retirar o peso das suas pernas.

— Estás bem?

Jar levanta o olhar e vê Max de pé à entrada da porta. Faz uma pausa, antes de responder.

— Este foi o quarto onde ela ficou, aqui nesta cama. — Bate suavemente na colcha.

— Como é que sabes? — Max olha de soslaio para o corredor.

— Corresponde ao que ela disse no diário.

— Vens? — O tom de voz de Max sugere uma ordem em vez de uma pergunta.

Lá em baixo, no *hall*, Max continua a discutir outros aspetos da propriedade com a agente (abastecimento de energia, água, restrições de ordenamento) enquanto Jar pergunta onde há uma casa de banho.

— No final do corredor — diz a agente imobiliária, olhando de relance para Max como quem pergunta se Jar está bem. Jar calcula que deve ter um ar assustado, depois da alucinação.

— Obrigado — diz Jar, e afasta-se deles tão depressa quanto possível, sem levantar suspeitas.

Uma divisão tinha captado a sua atenção quando entraram na propriedade: um pequeno escritório, ao lado do corredor principal. Através de uma porta semiaberta vislumbrou um computador e livros numa estante.

Verificando se a agente está por perto, empurra a porta do escritório para a abrir um pouco mais e entra. Há uma secretária coberta de papelada, um telefone e um computador antigo. Um quadro branco na parede tem alguns números de telefone escritos numa diagonal acentuada. Jar pega no telefone e tira uma fotografia.

Ainda consegue ouvir Max e a agente imobiliária a conversar no *hall*: entregas de combustível, luzes de segurança. O homem é um mentiroso nato, pensa Jar. Vira-se para espreitar atrás da porta, onde há um velho móvel arquivador verde. As gavetas estão todas abertas, as pastas verde-escuras no interior estão vazias. Até as etiquetas foram removidas. Mas é o que está na parede por cima do armário arquivador que desperta o interesse de Jar: uma composição esquecida de fotografias, pelo menos cinquenta, instantâneos desbotados de jovens a sorrir, a posar.

Jar aproxima-se para ver de perto, com os olhos a moverem-se rapidamente de uma fotografia para a seguinte. Demora algum tempo até localizar Rosa, mas lá está ela, de pé ao lado de uma rapariga asiática. A Sejal, supõe. Há neve no chão, têm um lenço enrolado à volta do pescoço e estão inclinadas na direção da câmara, a sorrir.

Jar tira a fotografia da parede, soltando-a cuidadosamente das fotografias em redor. Tira uma fotografia da ponta da composição e coloca-a no espaço deixado pela que tirou. Há uma data no verso: março de 2012. Coincide com o que Rosa lhe disse sobre ter ido para um retiro em Herefordshire antes de se terem conhecido.

Os *e-mails* podem não ter sido escritos por Rosa, pensa Jar, mas Max está enganado em relação ao diário. Rosa esteve aqui, exata-

mente como disse que esteve.

[17] Citação do poema «*A segunda vinda*», de W. B. Yeats. (N.T.)

Cromer, 2012

Parece que não sou a única pessoa que apanhou o vírus da escrita. Quando desci esta manhã, encontrei a Rosa sentada na mesa da cozinha, a escrever no computador.

— Revisão? — perguntei, sem esperar uma resposta. Ela veio de Cambridge ontem. O comportamento amigável habitual, mal disse uma palavra no carro ao vir de Norwich, falou com a A durante o jantar como se eu não existisse. Está a fazer com que seja muito difícil gostar dela.

Passou algum tempo até que a Rosa respondeu:

— Estou a escrever um diário — disse ela, sem levantar o olhar. — A Amy disse que talvez ajudasse.

— A quê? — perguntei, pensando que estava na hora de colocar sobre a mesa o assunto do pai, nem que seja para concordarmos em discordar.

— O Pai era um homem especial — disse, quase para si própria.

— O tempo cura tudo — lancei, depois desejei imediatamente não ter dito nada.

— Não eras próximo do teu, pois não?

A pergunta dela apanhou-me de surpresa.

— Depende do que queres dizer com «próximo». No meu tempo, as coisas eram diferentes.

Ela olhou para cima.

— Em que sentido?

— Os pais não tentavam ser os melhores amigos dos filhos.

— Então, não eram próximos.

Não, não éramos, pensei, mas não te vou dar a satisfação de estares correta no teu diagnóstico provocador. O homem que pensei ser o meu pai foi um estranho para mim durante a infância.

— Não posso fingir que o teu pai e eu concordávamos em muita coisa — disse eu, desviando-me do seu comentário. — Mas isso não significa que não entenda como deve ser difícil para ti.

A Rosa permaneceu em silêncio.

— Sabes — continuei —, há muitas estratégias médicas comprovadas que podem ajudar com o luto, com a depressão.

Ela continuou a escrever em silêncio.

— Ajudaram a Amy a dar uma volta à vida dela — acrescentei, mas sabia que era uma causa perdida. A A tem estado a fazer confidências à Rosa, a gabar-se de ter reduzido a medicação. Isto vai simplesmente terminar em lágrimas. — Também tenho andado a escrever um diário — continuei, mudando de assunto. — É mais um registo de pensamentos e emoções.

— O Jar ajudou? — disse ela, menos hostil.

— Refletimos juntos sobre literatura.

— É um bom professor. Paciente.

— Vou ter isso em conta.

— O teu *wi-fi* está a funcionar? — perguntou. — Não consigo ligar-me.

— Deixa-me ver.

— Só preciso de enviar alguns *e-mails*.

Procurei o cartão, mas não estava no sítio habitual por cima da la-reira. A A usa um *router* diferente em casa, com menos largura de banda, mas suficiente para as suas necessidades. Eu tenho a minha própria fibra ótica de banda larga no barracão. Então, vi o cartão, ao lado do telefone. Peguei nele, olhei de relance para o código de acesso rabiscado na letra ilegível da A enquanto o dava à Rosa e saí da cozinha. Dois minutos depois, a Rosa estava na porta das traseiras, a chamar-me enquanto eu colocava as nossas garrafas de vinho na reciclagem. A A pode estar a cortar nas benzodiazepinas, mas anda a beber mais. Andamos ambos.

— Parece que continua a haver um problema com o *wi-fi* — disse a Rosa.

Voltei a entrar na cozinha, sentei-me à mesa e olhei para o seu MacBook Air. A Rosa tinha-se afastado para um lado e estava de pé atrás de mim. Enquanto abria as definições do *wi-fi*, o telemóvel dela tocou.

— Olá, bebé — disse ela, afastando-se para se colocar de pé junto da porta aberta. «Bebé». Olhei de soslaio na sua direção. Estava a

olhar para mim, mas virada para o outro lado, como se me estivesse a intrometer na conversa. Por vezes, fico surpreendido com a forma como a Rosa me recorda a A quando era mais nova. Gostava que nos conseguíssemos dar melhor.

A caixa de entrada do Gmail da Rosa estava minimizada, mas não estava interessado em ler os *e-mails* dela da faculdade. Era atrás do diário que eu estava. Não consegui resistir à oportunidade. Por motivos puramente profissionais, claro; mas disse a mim próprio que havia também outra razão: preciso de perceber melhor a Rosa, perceber o mundo dela, aproximar-me. Afinal, ela é sobrinha da A. Família. Tenho de me esforçar mais.

Desligando e ligando o *wi-fi* nas definições, selecionei o *router* da Rosa. Ela introduzira incorretamente a palavra-passe. Alguns segundos depois, o computador estava ligado.

Olhei novamente de soslaio para a porta. A Rosa estava profundamente concentrada na conversa. Sem hesitar, maximizei a janela do Gmail, criei um *e-mail*, anexei o documento do diário, que encontrei facilmente no ambiente de trabalho, e enviei para mim. Depois, abri os itens enviados, apaguei o *e-mail*, entrei na pasta dos excluídos e apaguei-o daí também, antes de voltar a pôr o ecrã na caixa de entrada, como estava, e minimizá-lo. Roubo literário. Isso conta como um verdadeiro crime?

— Tudo resolvido — disse, olhando para a Rosa, que estava a regressar à mesa da cozinha. Estava a ter dificuldades em controlar a respiração.

— Obrigada. Qual era o problema? — perguntou, sentando-se à mesa.

— A caligrafia da Amy. Tinhas introduzido a palavra-passe errada.

— O Jar manda cumprimentos, espera que o romance esteja a avançar.

— Acabei de fazer um progresso importante — disse eu, incapaz de esconder um sorriso.

Hoje, o meu guarda trouxe-me algumas roupas «à civil»: calças à Ali Babá e camisola de lã. Deu-mas depois da sessão, disse que era uma recompensa pelo meu bom comportamento. Aparentemente, já não sou uma prisioneira que não obedece.

Não vou usar as roupas, vou guardá-las para quando estiver lá fora. Ele nunca me vai libertar, não depois de tanto tempo. A minha única hipótese de liberdade é fugir. Tento não ficar entusiasmada ao pensar nisso, embora consiga sentir a adrenalina a subir pelo meu corpo enquanto escrevo estas palavras. Tenho de permanecer neutra, equilibrada, cinzenta.

Sem cor, sem alegria nem tristeza. Nada.

O meu guarda é uma pessoa de hábitos, de ordem e rotina, mas vai cometer um erro. Todos cometemos, mais tarde ou mais cedo.

— Encontrei-a no escritório — diz Jar, girando a fotografia nas mãos. Estão de volta ao *Land Rover*, conduzindo através de Herefordshire. — É uma fotografia da Rosa com a Sejal, a rapariga sobre quem escreve no diário.

Max olha de relance para a fotografia.

— Mesmo assim, isso não prova que há uma ligação, pois não? Com este lugar? — Max aponta com a cabeça enquanto passam pela entrada de um quartel militar do lado esquerdo. Jar olha para o portão, para o guarda de serviço. A vida militar sempre foi um mistério para ele, a sua uniformidade.

— Prova que a Rosa esteve aqui no retiro, que por acaso fica um pouco mais adiante na estrada que passa pelo quartel-general do SAS. E prova que foi ela que escreveu o diário.

— Prova?

— Ela escreveu sobre ter estado num retiro em Herefordshire. Primeira prova: uma fotografia dela em dito retiro. — Olha para a fotografia que tem na mão. — Até se consegue ver a fachada da casa ao fundo.

Jar estivera feliz até entrar no carro, satisfeito por Rosa ter realmente visitado o retiro sobre o qual escrevera. Mas a disposição de

Max é perturbadora.

— Voltei a ver a Rosa — diz Jar. — Agora mesmo, na casa.

Max vira-se para ele e depois para a frente.

— No quarto?

— Foi uma alucinação de luto. Experimentei um vestígio de memória; um rasto de condensação no céu. Pelo menos, é o que a minha terapeuta lhes chama.

— Perdi a minha mãe com catorze anos — diz Max, depois de uma pausa. — Na altura estava num colégio interno e voltei para a escola uma semana depois. As águas uniram-se como se nada tivesse acontecido.

— Alguma vez a viste? Depois de ter morrido?

— Nem sequer me conseguia lembrar do rosto dela nas primeiras semanas. Da minha própria querida mãe! Fiquei apavorado, pensei que nunca mais ia conseguir imaginá-la.

— Mas conseguiste?

— Tive os sonhos mais extraordinários. Só os bons momentos, noite após noite, depois de adormecer a chorar na almofada no dormitório. Nós de férias, ela sempre a sorrir, a rir, a abraçar-me. Foi um presente dela, durou um mês. Depois disso, senti que podia continuar com a minha vida sem ela. A Rosa estava feliz quando a viste hoje?

— Estava.

Prosseguem a viagem em silêncio, saindo de Herefordshire.

— Não temos o suficiente para publicar, pois não? — pergunta Jar. Retira a estaca da tenda do bolso, sorrindo para a prova dobrada.

Não sabe se há de rir ou de chorar. *Jaysus*, não é muito, Jar sabe disso. Nem por sombras. Max nem sequer olha de soslaio para ela.

— Precisamos daquela fotografia, da *selfie* que tiraram juntos à beira da falésia.

— Vou encontrar-me com o Carl quando voltarmos — diz Jar. — Não a tinha recebido quando lhe liguei.

O telemóvel de Max toca num suporte por baixo do rádio. Está ligado a um microfone por Bluetooth algures por cima dele.

— Diz, Sally — diz ele.

— O médico quer falar consigo. Com urgência.

— Agora não posso. Diz-lhe que lhe ligo depois.

— Parecia urgente.

— De certeza que é. Não devia ter estourado o bónus em *crack* e em prostitutas que cobram 1000£ à hora. — Desliga.

— Isso foi sensato?

— Ele pode esperar. Isto não. Há anos que não me sentia tão vivo.

— O telefone toca novamente.

— Sim, Sally.

— Ele cancelou o contrato. Vai para outro lado. Diz que era suposto o Max estar disponível para ele vinte e quatro horas por dia.

— Obrigado Sally — diz ele, sorrindo para Jar enquanto termina a chamada. — Nunca consegui encontrar uma grande história quando era jornalista. Esta foi aquela que mais se aproximou disso. Fiquei arrasado quando não foi publicada num jornal e larguei tudo. Foi o

Orwell quem disse: *O jornalismo é publicar o que alguém não quer ver publicado. Tudo o resto são relações públicas.* Isto é jornalismo, Jar, o que estamos a fazer aqui. Tem importância.

Jar fica sentado em silêncio durante algum tempo, sorrindo para si próprio enquanto ouve a respiração ofegante de Max, depois olha de relance para um *Vauxhall Astra* no espelho lateral.

— Aquele carro tem estado a seguir-nos desde que saímos de Herefordshire — diz.

Max olha pelo espelho retrovisor.

— Tens a certeza?

— Absoluta.

Um momento depois, Max vira bruscamente à esquerda, com os pneus do *Land Rover* a chiarem enquanto guinam para sair da estrada principal e descer um pequeno caminho, conseguindo fazer a curva por pouco.

— Segura-te — diz, enquanto Jar se agarra à porta. — Isto pode ficar acidentado.

Cromer, 2012

A A pensa que as câmaras todas são por uma questão de segurança. E são, ou pelo menos eram. Sabia que seria um alvo para os ativistas dos direitos dos animais desde que comecei a trabalhar no laboratório em Huntingdon, e foi a mesma coisa quando mudei para uma empresa diferente em Norwich. A polícia advertiu-me de que os riscos permanecerão durante algum tempo depois da minha saída.

Passaram dois meses desde que deixei esse mundo. Por sorte, um dos contestatários que estava interessado em mim acabou de ser preso, mas dois deles foram soltos com penas suspensas. Exagerei a questão à A, que se assusta facilmente e acha que estamos a ser vigiados, quando o técnico veio instalar novas câmaras na semana passada. Substituiu as unidades exteriores, bem como as interiores. A A odiou as de dentro de casa, disse que arruinavam a decoração, por isso prometi-lhe câmaras mais discretas sem entrar em grandes pormenores. Ela estava fora na altura.

Agora, estou sentado no meu barracão, diante de uma fila de pequenos ecrãs de televisão, à espera de que a Rosa vá para a cama. Deixei-a a falar com a A na cozinha. Parece estar mais deprimida do que nunca. A A disse-lhe que preparasse um banho de imersão e

deu-lhe algum tipo de óleo ou essência para colocar na água, para a ajudar a relaxar. Cinco miligramas de lorazepam teriam sido mais úteis.

Afinal o diário da Rosa é fresco, cru. Li a maioria e estou no caminho certo com isto, o meu próprio esforço semificcional. Há demasiadas coisas sentimentais sobre o Jar e é excessivamente conversador («primeira pessoa em esteroides» parece mais adequado do que nunca), mas há uma história algures ali dentro, algo que posso roubar para o romance. Simplesmente ainda não tenho a certeza de qual é.

Estou particularmente intrigado com o reitor da faculdade, o Dr. Lance, que faz trabalho clandestino para os serviços secretos. Já ouvi muitas coisas sobre o facto de as faculdades de Oxbridge darem informações ao MI5 e ao MI6 sobre candidatos adequados. Será interessante ver se a Rosa alguma vez receberá uma palmadinha no ombro. (Infelizmente, ninguém se deu ao trabalho de me abordar.) Escreveria sobre mim no diário? Ter um pai que trabalhava para o Ministério dos Negócios Estrangeiros deve aumentar as hipóteses de ser recrutada, mesmo que ele não estivesse envolvido em assuntos de informações (oficialmente).

Esta é a primeira vez que vejo as câmaras do quarto de hóspedes e continuo a dizer a mim próprio que estou a fazer isto unicamente por motivos de segurança. São apenas ativadas por movimento e não quis pedir à A que as testasse para que isso não a alarmasse excessivamente.

Enviei um *e-mail* ao meu tutor sobre adotar um formato de diário para o romance, algo que tenho estado a praticar aqui, e ele diz que

só vai resultar se o meu uso do presente for tão «vívido» quanto possível. É aqui que espero que os estimuladores cognitivos deem jeito. Vou experimentar comentar no teste de câmara, utilizando *software* de reconhecimento de voz que transforma a minha voz em palavras escritas. Junto mais 500 mg do nootrópico em que estava a trabalhar antes de deixar o laboratório, acrescento duas doses de LSD e a coisa está a andar.

Decidi que não vou partilhar este diário com ninguém, nem sequer com o meu tutor. Afinal de contas, serve apenas para praticar, é um aperitivo. Desde que comecei a escrever, tornou-se mais confessional do que planeara (demasiado honesto) o que cria alguns problemas, por mais que eu tente mascará-los como ficção. Para prevenir, nalgum momento vou encriptá-lo, como tínhamos de fazer com os nossos documentos mais sensíveis no laboratório.

A Rosa acabou de entrar no quarto.

Ela entra no quarto e cai na cama. Tem um aspeto cansado, derrotado. Verifica se o telefone tem mensagens e depois estica-se para agarrar no computador, que está na mesinha de cabeceira. Abre-o e começa a escrever. Não consigo ver o quê, mas quero pensar que é o diário. Gosto da simetria, do elo: estou a «escrever» o meu diário ao mesmo tempo que ela está a escrever o dela. Ainda gostava mais se ela tirasse alguma roupa.

Passaram cinco minutos e estou novamente a escrever isto, mantendo um olho no ecrã diante de mim. Se fosse um marido mais leal,

estaria a ver a câmara nova do nosso quarto. Será que a A entenderia se me visse agora?

A Rosa está a mexer-se.

Caminha para a casa de banho do quarto, onde uma das câmaras novas está a gravar. Começa a preparar um banho. Agora, está a dirigir-se de novo ao quarto, tirando a t-shirt enquanto anda e solta o cabelo. Não é propriamente uma roupa interior «especial»: prática, branca. As calças de ganga também estão a sair, as cuecas (sem adornos) ligeiramente descaídas atrás. Cá vamos nós: sutiã e cuecas atirados para o chão como se fossem descartáveis.

De volta à casa de banho, debruça-se para remexer a água, acrescenta o óleo. Agora, está novamente no quarto, a andar às voltas enquanto fala ao telefone, que devia estar a tocar (estas câmaras não têm som, ainda).

Agora, devia parar, desligar os monitores, parar de violar a privacidade da Rosa, mas não consigo decidir-me a esticar-me para tocar no interruptor.

Chamem-me *hippy* antiquado por usar LSD, mas sempre admirei as suas propriedades dopaminérgicas, algo que não é encontrado frequentemente em psicadélicos serotoninérgicos. E a sua capacidade para tratar a depressão e a ansiedade é impressionante. Contudo, nunca será aceite como tratamento médico. Desde os anos sessenta, a indústria farmacêutica tem sido cautelosa com o desenvolvimento de terapias psicadélicas de contracultura. O LSD seria também difícil de

patentear. O problema com o mescal, cujos efeitos são similares aos do LSD, é a variação a nível de potência. Primeiro, é necessário extrair a mescalina dos botões secos do cato, o que é fácil de fazer, mas demora algum tempo, juntamente com algum hidróxido de sódio, benzina e uma panela de pressão (só não se pode usar alumínio). Prefiro sempre um ácido. E quando o ácido é misturado com um nootrópico, a *trip* aumenta significativamente de uma forma que funciona bem para mim: um pico mais intenso (e um final mais repentino, infelizmente). A experiência visual é mais matemática, também: lúcida, ordenada e conectada. Nada do estado fantasioso, rodopiante e surreal em que se fica ao tomar só LSD.

Tenho usado o nootrópico quando trabalho no romance: estávamos perto de o colocar no mercado antes de eu ter saído e sei que vai mudar o rosto dos nootrópicos quando finalmente for colocado cá fora. A clareza e a melhoria das capacidades cognitivas são uma coisa (funcionava particularmente bem em pacientes com Alzheimer nos ensaios), mas é a interação positiva com uma miríade de drogas recreativas que o tornará líder de mercado.

A Rosa entra no banho, agitando a água enquanto se senta. Deita-se para trás, olhando fixamente para o teto, diretamente para cima, para mim, com uma perna preguiçosamente pendurada. Terá visto a câmara? Desvio o olhar, incapaz de manter o contacto visual. Não. Estamos a salvo. Os seus olhos estão fechados. Vai ser uma boa noite.

Por vezes, quando as asas de uma borboleta estão recolhidas, é difícil dizer se está a descansar ou se está morta.

$$14 \times 9 = 126$$

zyxwvutsrqponmlkjihgfedcba

«A idade não consegue fazê-la murchar, nem o hábito envelhecer a sua infinita variedade[18]»

As minhas unhas estão novamente compridas. Ele ainda não cometeu um erro.

[18] Referência a Shakespeare e à sua descrição de Cleópatra. (N.T.)

Carl está à espera de Jar nas traseiras do escritório, perto da sala dos serviços postais e do cais de carga. Há um grande gerador, pintado de cinzento-azulado e, atrás dele, um abrigo para fumadores dilapidado. Duas bicicletas presas com corrente estão enfiadas num velho suporte para bicicletas ao lado de um contentor do lixo. Jar gosta de estar aqui em baixo: não existe a fachada empresarial. Também está satisfeito por estar com Carl, embora o amigo esteja furioso com ele.

O chefe finalmente explodiu quando a polícia fez uma rusga ao escritório e levou o computador de Jar. Depois disso, disse a toda a gente que Jar já não trabalhava para a empresa e não deveria ser autorizado a voltar a entrar no edifício em nenhuma circunstância.

— Já não me resta nenhum colega — diz Carl. — O que é que eu vou fazer?

— Há sempre o departamento de informática.

— Estás a brincar?

— No fundo, és um *nerd*, Carl. Admite.

Jar quisera encontrar-se com ele mais longe do escritório, mas Carl insistira. As coisas estavam mais frenéticas do que o habitual, disse ele, e a sua carga de trabalho duplicara com a saída de Jar. Ninguém

com quem partilhar os deveres relativamente ao Doodle do Google, ou às histórias do *Fator X*, uma especial desgraça de ambas as suas vidas. A mensagem de Carl acordara Jar (ele e Max tinham regressado tarde de Herefordshire na noite anterior). Carl disse que era urgente e não quis falar ao telefone.

— Afinal de contas, como é que está a correr? — pergunta Jar, olhando à sua volta para o segurança dentro da cabine *Portakabin* com infiltrações de água. Era por aqui que Jar costumava entrar no edifício quando chegava mais tarde do que o habitual. Se fosse pela rampa junto ao cais de embarque, conseguia chegar sem ser notado ao refeitório, depois da receção principal, através de uma porta atrás da torradeira.

— Já que perguntas, os nossos *page views* este mês caíram 40 por cento — diz Carl.

— Nada que uma galeria de fotografias da Jennifer Lawrence não consiga resolver — diz Jar. Tem saudades da camaradagem do escritório, mas não do trabalho.

Carl acende um cigarro e oferece um a Jar, que recusa. Desde que Jar lhe disse que vira Rosa nas falésias da Cornualha, Carl tem sido ríspido com ele, sem dúvida frustrado por ele continuar a ter alucinações e não receber a ajuda adequada. Mas o seu comportamento hoje é diferente, mais compreensivo, como nos velhos tempos.

— Chegou durante a noite. Acordei esta manhã e lá estava, no meu telefone. Queria dizer-te pessoalmente.

— A fotografia? — pergunta Jar.

— Não, uma mensagem do Pai Natal a dizer que existe. Claro que é a maldita fotografia: tu e a Rosa na Cornualha. — Carl pega no telefone, procura a imagem e entrega-o a Jar. — Desculpa, mano. Sabes... que eu não acreditava em ti.

A mão de Jar está a tremer enquanto pega no telefone do amigo, subitamente consciente do crepitar do rádio de um estafeta de bicicleta nas redondezas. Tem de proteger o telemóvel do sol, mas então vê a imagem claramente: ele e Rosa, a olharem para cima, para a câmara, medo nos olhos dele, vazio nos dela, momentos antes de o homem ter chegado e a ter levado para longe dele.

Deixa sair um suspiro longo e lento. Ninguém pode duvidar dele agora.

— E dá para ver quando foi tirada? — pergunta, com a voz calma mas firme.

— Hora, data, localização. Tinhas tudo ligado nas tuas definições.

— Graças a Deus.

— O que é que isto significa, Jar?

— O que é que significa? Significa que a Rosa está viva. Que não acabou com a própria vida há cinco anos.

Carl abana a cabeça, dando uma passa no cigarro.

— Não consigo acreditar, mano. Claro que acredito, acredito em ti, agora vi a fotografia, é só que...

— Eu sei. — Jar olha de relance para o amigo, que está a começar a sentir as emoções acumuladas. — Porque é que a fotografia demorou tanto tempo a chegar? — pergunta, desviando a conversa para

um território menos emocional. Carl sabe por que terrenos se move no que se refere à tecnologia.

— Pergunta à tua operadora. As mensagens multimédia podem demorar algumas horas, alguns dias. Neste caso, três dias. Ela não parece estar bem, mano.

— Não estava. Não está.

— E apanharam-na logo depois de esta fotografia ser tirada?

— Um segundo mais tarde, estava deitado na erva, com uma pancada na cabeça, e ela tinha desaparecido.

— O que é que fazemos agora? Com a fotografia?

— Podes enviar-ma? Vou enviá-la para o Max. Ele está a escrever o artigo todo.

— O Max?

— O tipo que é Relações Públicas empresarial e que escreveu o artigo sobre a Rosa.

Jar apercebe-se do embaraço demasiado tarde. Devia estar a pedir ao velho amigo que ajudasse.

— Referes-te ao fantasista — diz Carl.

— Ele agora não é assim tão miserável.

— É RP de banqueiros, Jar. Não é possível ser mais duvidoso do que isso. A não ser que, para além disso, seja também agente imobiliário.

— Ou polícia de trânsito.

Carl dá outra passa no cigarro e olha em redor.

— Ou barbeiro.

— Barbeiro? — Jar olha de soslaio para o cabelo comprido e com rastas de Carl.

— Filho da mãe.

Jar também vai enviar uma fotografia a Miles Cato, mas decide não contar a Carl, que desconfia de polícias ainda mais do que de cabeleireiros. Um segundo mais tarde, uma mensagem com a fotografia em anexo aterra no telefone de Jar.

Jar abre-a e olha para ela durante um momento, antes de guardar o telefone.

— Obrigado — diz, combatendo a vontade de pedir um cigarro a Carl. — Há mais uma coisa. Preciso que me mostres como entrar na *dark web*.

Cromer, 2012

Ela anda às voltas a nadar, à procura de uma saída. A Rosa está na água há mais de quatro horas e a cabeça está a começar a afundar-se sob a superfície, as pernas estão a cansar-se. Podia observá-la toda a noite, se ela tivesse força suficiente, mas está exausta. Até o pânico nos seus olhos se está a transformar em resignação à medida que a água sobe acima da sua cabeça.

Durante vinte anos, o teste de natação forçada de Porsolt foi parte integrante da minha vida profissional no laboratório. Também conhecido como teste de desespero comportamental, é uma das formas *standard* de medir a eficácia dos antidepressivos. Roger Porsolt, um psicofarmacologista de Auckland, teve esta ideia simples no final dos anos setenta. Colocar um rato num recipiente de um litro de água (cheio até à marca dos 800 mililitros) e observar como lida com o *stress* incontornável e inevitável: a ameaça de afogamento (os ratos odeiam água). Inicialmente, o rato nada, tenta até trepar pelos lados do recipiente, mas, depois de algum tempo, fica imóvel, fazendo apenas o suficiente (uma contração ocasional de uma pata) para manter a cabeça à tona da água.

Porsolt descobriu que, se os ratos tomarem antidepressivos, resistem mais, nadam durante mais tempo, esforçam-se mais. Também colocou a hipótese de que a imobilidade dos ratos na água esteja correlacionada com distúrbios depressivos, desespero e estado de aflição em humanos. E é por esse motivo que o teste é tão ideal (barato, rápido, fiável) para a primeira triagem dos antidepressivos (juntamente com o teste muricida, no qual os ratos que tomam antidepressivos parecem reprimir o seu instinto natural para matar ratos que estão nas gaiolas).

O recipiente cilíndrico está na minha secretária agora, enquanto escrevo nas primeiras horas da madrugada. Depois de a Rosa ter finalmente ido dormir no quarto de hóspedes, enfiei a sua homónima na água e tenho estado a observá-la a nadar desde essa altura.

Usávamos ratos transgénicos no laboratório, devido à sua capacidade para imitar as doenças humanas, mas não é assim tão fácil encontrá-los quando se está fora, pelo que tenho de me contentar com o que consigo encontrar na *dark web*. É incrível o que se consegue fazer com *bitcoins*.

A Rosa, a que está agora junto de mim, está na água há quatro horas e vinte minutos. Cinco minutos é o tempo normal permitido para a natação forçada, mas prefiro deixar que as coisas se desenvolvam até se tornarem num «teste de exaustão terminal», em que os mantemos na água até morrerem. Normalmente, este teste tem tendência para produzir dados mais interessantes. Com a medicação adequada, um rato pode ficar vivo na água (e permanecer mais móvel) três ve-

zes mais tempo do que o rato de controlo. O meu recorde pessoal foi um rato que aguentou 840 minutos: quarenta horas.

Infelizmente, acho que a Rosa não vai sobreviver tanto tempo. As pernas pararam de se mexer agora. Está a afundar-se na água, com o corpo encharcado a fazer uma contração final antes de se imobilizar pela última vez.

O meu guarda vem às duas todas as tardes. Sei disto porque conto os segundos, desde que sou acordada por um avião a passar lá em cima, bem alto no céu. O voo pode não ser regular, claro, e depende da velocidade dos ventos e dos controladores aéreos, mas assinala o início do meu dia: 6 da manhã. Tempo da Rosa. E então, conto cada segundo: 28.800 até ele chegar.

Por vezes, vem com outro guarda, mas hoje estava sozinho e atrasado, o que é invulgar. Ou talvez o avião desta manhã estivesse adiantado.

Agora está tudo silencioso por aqui, mas sei que os gritos irão começar em breve. Também tenho contado quando começam, desde que ele vai embora. O primeiro minuto é difícil, porque tenho muitas dores depois da sessão, mas consegui fazê-lo durante a semana toda. Durante o dia há silêncio lá fora. Talvez os outros prisioneiros sejam levados para outro lado.

Se tiver razão, os gritos devem estar prestes a começar, 240 segundos depois de ele sair (aprendi a contar enquanto faço outras coisas, por exemplo enquanto escrevo isto. Sempre a fazer tudo ao mesmo tempo, eu sou assim). Um gemido baixo, seguido de pancadas contra as grades. Seis pancadas, sempre. Depois, dois minutos e trinta e cinco segundos depois, um grito, seguido de soluços e mais pan-

cadras nas grades, de mais pessoas desta vez: uma demonstração de apoio, encurtada pelos maltratos de um guarda (americano, acho eu).

237

238

239

240

Faço uma pausa na contagem, ouvindo o silêncio. Uns segundos para trás ou para a frente não têm importância.

E então começa, um gemido longo e lento seguido das pancadas. É demasiada rotina, até para a prisão.

— Pensei que estava próximo de terminar o artigo, de o enviar para um jornal, mas há qualquer coisa que nos está a escapar.

Jar ouve Max enquanto ambos olham para o pátio através da janela do seu escritório. A reação moderada por parte de Max não é o que esperava, considerando que, antes de se encontrar com ele, lhe enviou a fotografia por mensagem. Miles Cato também não respondeu, embora também lhe tenha enviado a fotografia para o telemóvel. Meu Deus, de que mais provas de que Rosa está viva, de que esteve com ela nas falésias na Cornualha há três dias, necessitarão?

Na rua em baixo, utentes dos transportes públicos dirigem-se, como um enxame de abelhas, para a estação de metro de Canary Wharf, passando pela fila de relógios que estão de sentinela, medindo as suas vidas quotidianas em segundos: há aqueles que, como Jar, chegam tarde ao trabalho, e há os «evitadores» de banhos, como lhes chama Max, que saem sempre do trabalho suficientemente tarde para perderem as abluções noturnas dos filhos pequenos. «Em seis anos, nunca falhei a hora do banho», gabou-se Max a Jar.

Cinco minutos antes, Jar caminhara junto dos relógios com uma agenda bem mais urgente. Rosa conseguiu fugir uma vez, mas quem quer que a tenha agora não deixará que isso volte a acontecer. Tê-la-ão, certamente, castigado, se não estiver já morta.

— Temos a fotografia, com o registo da hora e do local — diz ele.
— Que mais nos pode estar a escapar?

— Não existe, definitivamente, nenhuma terapeuta na faculdade. Não há nenhuma americana chamada Karen que alguma vez tenha trabalhado em St. Matthew's. Procurei novamente o Dr. Lance, finalmente consegui falar com ele ao telefone.

— É de esperar que diga isso, se estiver a recrutar estudantes para os serviços secretos...

— Também não tenho a certeza de que isso seja verdade.

— Pergunta a qualquer um. — Agora, Jar está irritado. — Toda a gente sabe que o Dr. Lance trabalha para eles.

— Também investiguei a Sejal. Encontraram o corpo dela.

— O quê? A Sejal fazia parte do programa. Ela...

— Seis meses depois.

— Devem ter-se enganado, encontraram o corpo de outra pessoa.

— Isso não é assim tão fácil com testes de ADN.

Aconteceu qualquer coisa a Max, pensa Jar. O seu entusiasmo desapareceu.

— Ainda posso usar o teu computador? — pergunta, com vontade de desviar a conversa para um terreno mais neutro. Não gosta da disposição de Max. — Posso procurar um cibercafé, se for mais fácil.

— Claro que podes usar o computador. Há muito espaço, como podes ver. Estás à vontade. — Pelo menos está a fazer um esforço para soar positivo, pensa Jar, mas não parece o seu *eu* habitual, enérgico e caótico.

Nessa tarde, Jar ligara-lhe a perguntar se podia fazer alguma pesquisa *online* no seu escritório, explicando que já não tinha sequer um computador do trabalho para usar (nem um trabalho). Não entrou em pormenores, omitiu-lhe os planos de usar o computador para mergulhar na *dark web* em busca dos captores de Rosa, mas Max não poderia ter sido mais recetivo. Tivera de despedir outros dois colegas, depois de ter perdido mais clientes da banca, e Jar sentia que queria companhia.

— Talvez tenhas razão. Talvez nos esteja a escapar alguma coisa — diz Jar, esperando soar conciliador. Instala-se numa secretária vazia e pega no telemóvel, abre a fotografia de Rosa e apoia-a junto do computador como uma fotografia de família. Não consegue deixar de pensar no vazio nos olhos de Rosa.

— Parte de mim pensa que isto pode não ter nada a ver com os serviços secretos, ou com a polícia — diz Max.

Jar levanta o olhar na sua direção.

— Então e o memorando confidencial? E o Êutico?

— Já não sei o que pensar, Jar. Se alguém falsificou os *e-mails*, talvez o memorando também seja falso, e o diário...

— A Rosa escreve sobre acontecimentos que só eu sei que aconteceram, Max — diz Jar, elevando o tom de voz. — Nadar no Cam, passar a noite no meu quarto.

— E também escreve sobre coisas que não aconteceram. Nunca houve nenhuma terapeuta em St. Matthew's chamada Karen. E se não tiver existido nenhum programa chamado Êutico?

Jar olha pela janela, observa um avião a descolar do Aeroporto de London City e descrever um arco no céu londrino. Não quer discutir. Max tem razão. As semelhanças entre o diário e o artigo, os elementos inventados por Max, são aspetos demasiado evidentes para poderem ser ignorados. Precisa de regressar ao *site* sobre espionagem onde o artigo foi publicado, vasculhar a *dark web*. Pega no telefone, olhando de relance para a fotografia dele e Rosa juntos, e telefona a Carl. Se Jar encontrou Rosa uma vez, consegue encontrá-la novamente.

Cromer, 2012

A Kirsten e eu estávamos sozinhos na sala de estar e, é justo dizê-lo, ambos tínhamos bebido bastante. Planeava servir um clarete banal esta noite, mas quando a Kirsten entrou pela porta da frente, vinda da América, decidi, impulsivamente, abrir o champanhe. Os outros convidados da noite (dois professores de História de Arte reformados) ficaram durante algum tempo após o jantar e depois foram-se embora, deixando a A a atender uma longa chamada na cozinha e a mim sozinho com a Kirsten.

A última vez que vi a Kirsten foi quando a A estava na cama a falar com ela no FaceTime, há algumas semanas. As câmaras dos computadores nunca favorecem ninguém, mas a Kirsten, com o cabelo louro pelo queixo e as maçãs do rosto altas, chamou a minha atenção. Até escrevi um breve esboço de personalidade no meu Moleskine, na esperança de a usar no livro. Agora que está aqui, em carne e osso, estou interessado em observá-la mais atentamente.

Esta noite, tinha um aspeto radiante, deslumbrante, até. Para além disso, gosta de ser sedutora: uma sobrelanceira levantada aqui, uma risadinha oculta pelo guardanapo ali. Enquanto conversávamos no sofá da sala de estar, com os nossos joelhos mais juntos do que era

estritamente necessário, a minha mente já estava a avançar rapidamente até mais tarde.

A sua forma de se comportar (um toque no braço, olhares de soslaio que se prolongam) é tão inebriante que dei por mim a interrogar-me se teria tomado alguma coisa antes, mas estava limpo. Estava até preparado para ignorar a sua escolha de profissão e entrar no tipo de conversa embaraçosa que, sem dúvida, ela tem com os pacientes. Planeia mudar-se para Londres daqui a dois anos, abrir um consultório na Harley Street. É o suficiente para me fazer marcar algumas sessões.

Estou a brincar. Como estava a explicar à A ontem, se a terapia fosse realmente tão boa como ela disse, não viveríamos nesta casa enorme e toda a indústria de antidepressivos iria à falência.

— Como caracterizarias a tua relação com as mulheres, Martin? — perguntou-me, precedendo a sua questão descarada com aquela mesma inspiração estranha que notara quando ela estava a falar com a A no FaceTime.

— Isso é uma pergunta muito pessoal.

— É o hábito, desculpa. Vamos falar do tempo. É isso que vocês fazem em Inglaterra, não é? Muito mais interessante.

— Os meus pais deixaram-me quando tinha três anos — lancei, dando um grande trago do meu copo. Não fazia ideia do que me levaria a dizer isso, do motivo para estar, sequer, a ter aquela conversa. Talvez tenha sido alguma defesa estranha da nossa personalidade nacional, uma necessidade de provar que podemos falar de outras coisas para além da chuva. A única pessoa com quem falei anterior-

mente sobre os meus pais foi a A, e foi quando nos conhecemos, quando estava a tentar impressioná-la com a minha abertura emocional. (Hã!)

— Lamento ouvir isso. Mandaram-te para uma instituição?

Ri-me, com mais escárnio do que pretendia.

— Divorciaram-se e mandaram-me para os meus avós.

— Falaste com a Amy sobre isso?

— E ela pediu-te que me fizesses falar um pouco mais sobre isso.

— Não, se não quiseses fazê-lo.

— Ela diz que sou demasiado fechado, mas não sei se este é o momento ou o local adequado para me «abrir». É pouco profissional, não é?

Uma voz na minha cabeça estava a dizer-me para me levantar, para me afastar e ir lavar a louça, mas fiquei onde estava. No fundo, sempre soube que precisava de falar com alguém. E porque não a sexy Kirsten, uma escolha aparentemente apoiada pela minha mulher? Se, pelo menos, os meus motivos fossem assim tão puros...

— Tinha esperança de poder falar contigo informalmente, como amiga da família, mas tens razão. É pouco profissional. Vamos parar.

— Pensei que a Amy conseguisse ser uma substituta da minha mãe: é esse o tipo de coisa que queres diga?

— Eu não *quero* que digas nada, Martin.

— Talvez ela estivesse à procura de uma figura paternal. Sou sete anos mais velho do que ela.

«Meu Deus, és mesmo? Não pareces. Deve ser de fazeres tanto exercício a pedalar pelas montanhas», respondeu, mas apenas na minha cabeça.

— Os teus pais alguma vez te voltaram a contactar?

— Consegui localizar a minha mãe quando estava em Cambridge. Disse-me que nunca mais a contactasse. O meu pai matou-se a beber, alguns anos depois do divórcio.

— E eras próximo dos teus avós?

— O meu avô foi prisioneiro de guerra no Japão. Casou com a minha avó mesmo antes da guerra. Quando ele não regressou, a minha avó presumiu que estava morto, portanto teve um caso com um americano, aqui no Reino Unido. Depois, o meu avô voltou e nunca a perdoou. Passou a resto da vida a castigá-la e à filha da qual ela estava grávida: a minha mãe.

— O americano era o pai?

— O meu avô nunca deixou ninguém esquecer isso. Consumido pela raiva até ao dia em que morreu.

— Tinha raiva de ti?

— Costumava trancar-me debaixo das escadas. — Agora, estava em terreno inexplorado. Não contei sequer à A sobre o armário que cheirava a cera para madeira e era tão pequeno que tinha de me sentar com os joelhos encostados ao peito (era uma criança alta). Sobre como temia que as escadas desabassem sobre mim quando o meu avô subia tempestuosamente para o quarto. Costumava cair bastante pó do teto do armário e eu tinha de conter os espirros. Qualquer bar-

lho e ele arrastava-me para o exterior e batia-me com uma escova de madeira. Uma vez, prendeu-me lá dentro durante dezasseis horas.

— Isso é comportamento abusivo criminoso, Martin.

— É justo dizer que se ressentia pela minha presença em casa. Odeio pensar no que os japoneses lhe terão feito durante a guerra. A minha avó sentia-se demasiado assustada para intervir.

— Como é que sobreviveste?

— Tinha esperança. — Sei que não lhe devia ter dito isso, mas não consegui evitar. — E a esperança é uma coisa extraordinária. — Fiz novamente uma pausa, pensando nas implicações daquilo que estava prestes a dizer. — Em tempos houve um cientista chamado Curt Richter, talvez tenhas ouvido falar dele. Ele fez muitas investigações revolucionárias nos anos cinquenta, uma delas sobre o relógio biológico.

— O meu está a fazer tiquetaque tão alto que não me deixa dormir à noite. — Riu-se.

Mantive o olhar cravado no dela durante um momento.

— Mas as descobertas mais importantes de Richter diziam respeito à esperança, o que veio a ser conhecido como as suas «experiências da esperança». Uma vez, colocou ratos selvagens num recipiente fundo, cheio de água a circular (havia corrente à superfície para os impedir de flutuarem) e registou quanto tempo nadavam até morrerem.

— Isso é horrível.

— Estavam todos mortos em quinze minutos, afogando-se depois de um período inicial de resistência. Mas, depois, fez novamente o

teste com um segundo grupo de ratos e, quando estes ratos estavam no ponto de exaustão, tirou-os da água (salvou-os) e secou-lhes o pelo. Então, depois de alguns minutos, voltou a colocá-los em água a circular. Desta vez, os ratos continuaram a nadar, durante sessenta horas. *Sessenta*. É 240 vezes mais tempo do que o primeiro grupo. Estes ratos tinham esperança: esperança de serem salvos novamente. Isso não nos diz qualquer coisa? Conseguiram visualizar um fim para o sofrimento e esse pensamento fazia-os continuar a lutar.

— E tu tinhas esperança, debaixo das escadas?

— Uma vez o meu avô deixou-me sair depois de ter estado lá quase uma hora. Cheio de remorsos, arrependido, embalou-me nos braços enquanto soluçava emocionado. Depois disso, sempre pensei que faria novamente o mesmo e me deixaria sair mais cedo.

— Mas nunca o fez?

Abanei a cabeça e dei outro trago grande de champanhe, interrogando-me sobre o rumo da nossa conversa, sobre o motivo que me levava a confidenciar-lhe estas coisas. Evitei cuidadosamente falar com a A sobre testes em animais, pelo menos sobre os pormenores.

— Arrependes-te de não ter tido filhos? — perguntou a Kirsten. A sua pergunta direta acabou finalmente com a charada. A minha bebida tornou-se amarga, os seus olhos claros murcharam.

— Não me tinha apercebido de que estávamos aqui para falar de planeamento familiar.

— As pessoas respondem de formas diferentes a traumas de infância. Algumas não querem ver as suas próprias experiências repetidas; outras perpetuam o ciclo, abusam dos seus descendentes.

— A Amy sempre quis um filho. Tenho a certeza de que ambos sabemos disso.

— Ela tem desfrutado de ter aqui a sobrinha.

— Às vezes acho que está a usar a Rosa para me castigar.

— A presença dela aqui em casa deixa-te desconfortável?

— Vamos falar sobre o tempo — disse eu.

E ficámos por aí. Ela foi ter com a A à cozinha, eu retirei-me aqui para baixo, para o meu barracão. E, agora, a porta do quarto da Kirsten abriu-se finalmente. Está a ir para a cama.

A lua hoje está clara. As estrelas também devem ter aparecido. A Ursa Maior, a constelação de Oríon, a Estrela do Norte...

Já não me consigo lembrar dos nomes todos. Uma vez, o Jar ensinou-me a usar as estrelas que formam as pontas do Arado para localizar Solaris. Estávamos deitados de barriga para cima na relva do Christ's Pieces[19], em Cambridge, depois de beber demasiada cerveja belga. O pequeno pub onde tínhamos estado a beber era iluminado por velas durante a noite (estávamos lá quando o barman as acendeu e quando as apagou com um sopro à hora do fecho, aninhados num canto a jogar Scrabble). Foi uma das noites mais felizes da minha vida.

Também não me consigo lembrar da cara do Jar. Ou da Amy.

Os outros prisioneiros estão novamente a gritar esta noite. À mesma hora, a mesma rotina. Isso dá-me esperança.

[19] Parque vitoriano em Cambridge. (N.T.)

É tarde e Jar está sentado na secretária junto à janela do escritório de Max. Max saiu para ir buscar comida e Carl está ao seu lado, ajudando-o a navegar pela *dark web*. Jar esperava conseguir fazê-lo sozinho, depois de Carl lhe ter explicado os aspetos básicos pelo telefone, mas perdeu rapidamente a coragem quando deu por si a olhar para um diretório que parecia ser um somatório de todas as depravações retorcidas conhecidas pelo homem.

— Os diretórios Tor estão sempre a redirecionar-te para o Torch, alegando que é uma ótima forma de procurar *onions*, mas isso nunca funciona, pelo menos não na minha experiência — diz Carl, inclinando-se para escrever no teclado de Jar. — Consegues chegar à *homepage* do Torch com bastante facilidade, mas já tentaste fazer uma pesquisa individual? O tempo da página esgota-se. Sempre.

Jar não faz ideia do que é que o amigo está a falar, mas observa enquanto ele desce a página e abre o que reconhece como o antigo artigo de Max no *website* para viciados em espionagem: uma longa série de números seguida do sufixo *onion*.

Inicialmente, Carl mostrara-se relutante em vir até Canary Wharf, ainda reclamando de Max e do seu trabalho como RP empresarial, mas, quando os dois efetivamente se conheceram, entenderam-se bem, particularmente quando Max revelou ter um conhecimento enci-

clopédico do panorama *reggae* dos anos sessenta em Londres e uma afeição improvável por *Dub* do Reino Unido.

— Consigo fazer o resto a partir daqui — diz Jar, olhando para o *site* sobre espionagem. Carl hesita durante um momento, sem estar convencido, e depois retira-se para a terceira secretária do escritório, em frente de Jar, onde está a conduzir as suas próprias pesquisas.

Mergulhar na *dark web* assusta terrivelmente Jar. É a possibilidade de ser redirecionado para o sítio errado, clicar no sítio errado, e dar por si num *chat* para pedófilos ou a comprar involuntariamente heroína com *bitcoins* numa cilada do FBI, embora saiba que é suposto o *software* Tor que está a utilizar assegurar o anonimato. Diz a si próprio que o está a fazer por Rosa.

— Nunca acedemos aos comentários no artigo do Max — diz Jar, vinte minutos depois. É bom estar novamente num escritório com Carl, ainda que os luxuosos arredores de Canary Wharf não se pareçam nada com os escritórios do *website* onde trabalhavam. — Atraíu bastante interesse ao longo dos anos. Vês isto aqui?

Carl aproxima-se novamente do ecrã de Jar.

— A largura de banda neste edifício é excecional, tenho de admitir — diz ele. — Deve ser para os banqueiros todos fazerem *streaming* em direto da sua pornografia em alta definição.

— Este sujeito — continua Jar, ignorando-o —, CristãosIncitamAção...

— Isso é CIA, é um pseudónimo comum — diz Carl.

Como é que Carl sabe isso?

— Ele também comenta outras histórias do *site* — continua Jar. — Olha o que ele diz aqui: «Nada na minha antiga firma me surpreende. Quando estava a trabalhar clandestinamente na Europa, ouvi rumores acerca de um programa chamado Êutico. Nunca cheguei ao fundo da questão, estava muito para lá da minha escala de remunerações. Sei apenas que era algum tipo de projeto de recrutamento, que tinha como alvo miúdos britânicos brilhantes das universidades de Oxford e Cambridge. Trabalho infiltrado, novas identidades, mortes simuladas, esse tipo de coisas. Soa a treta, mas com estas merdas nunca se sabe».

— Como é que não vimos isto? — pergunta Carl.

— Os comentários estavam escondidos — diz Jar. — Demorei algum tempo a encontrá-los. — Carl ergue as sobrancelhas, impressionado. — E olha aqui. — Jar volta a apontar para o ecrã. — O comentário em baixo: «Isto parece um *thriller* de espionagem de Le Carré. Ou talvez de Len Deighton. Não colocaria de lado a hipótese de os americanos fazerem este tipo de coisas, com ou sem a cooperação dos serviços secretos britânicos». Foi escrito por alguém com o nome Laika57.

— Como se escreve isso? — pergunta Carl, regressando à sua secretária.

Jar soletra o nome (há algo nele que lhe soa familiar) e continua a descer a página para ler os restantes comentários.

— Laika57 aparece noutros dois ou três lugares, nada na *web* à superfície — diz Carl, cinco minutos depois. — Fez alguns comentários tresloucados num fórum sobre a tortura em Guantánamo.

— Sobre o quê?

— Alimentação retal — diz Carl, soando distraído. Jar está a começar a desejar não ter perguntado. — E uma coisa chamada «impotência aprendida».

— Que é...?

Há uma pausa enquanto Carl lê.

— Fizeram-no a cães, nos anos sessenta: submeteram-nos a tanta dor que eles já não tentavam evitá-la.

— E fizeram isso aos prisioneiros em Guantánamo?

— É isso que diz aqui. Parece que os prisioneiros eram mais obedientes se sentissem que não tinham qualquer controlo sobre o ambiente. A ideia é «gerar passividade perante acontecimentos traumáticos». Não sei porquê, mas de alguma forma parece muito pior fazer este tipo de coisa a animais. — Jar olha para o amigo à espera de uma explicação. — Quero dizer, em Guantánamo, eram inimigos de guerra, certo? — diz Carl. — Os maus da fita.

— Alguns deles.

— Mas com os cães, num minuto estão na vida deles, a serem cães, a cheirarem as partes íntimas uns dos outros, e no seguinte estão a ser espancados e torturados num laboratório. O que é que eles fizeram para merecer isso?

— Qualquer coisa soa melhor do que alimentação retal — diz Jar.

— Alguém quer *Vindaloo*?

Ambos levantam o olhar, enquanto Max entra com dois sacos de papel castanhos com caril *takeaway*.

Cromer, 2012

A Kirsten cambaleia um pouco enquanto caminha para a casa de banho. Bebeu muito esta noite, bebemos todos. A A e ela devem ter estado a conversar na cozinha durante umas boas duas horas, sem dúvida a queixarem-se de que os homens não sabem abrir-se, falar dos seus sentimentos.

Já sei que as câmaras do quarto de hóspedes estão a funcionar, mas não consigo evitar. O champanhe apagou o que resta da minha culpa. É 1h da manhã e acho que a minha paciência está prestes a ser recompensada. A Kirsten está a lavar os dentes vigorosamente no lavatório, com as nádegas a abanarem do esforço. Disse-lhe antes que há muita água quente para preparar um banho de imersão. Infelizmente, parece que ela tem outras ideias. Vira-se e olha em redor da pequena casa de banho, observando as paredes, o teto, olhando agora diretamente para cima, para a instalação central de luzes. Terá visto a câmara? Os seus olhos estão a fixar diretamente os meus. Tenho os olhos cravados no seu lindo olhar, mas não há amor ali, apenas raiva e suspeita.

Agora virou-se para o lavatório e tem os olhos cravados no espelho, passando as mãos pelos lados, tentando ver o que há por trás. O

que estará a fazer? Agora estamos de volta ao quarto principal e está a fazer o mesmo: a deslocar-se pelas paredes, a verificar atrás de cada quadro (tirando-o do prego, voltando a colocá-lo), retirando cuidadosamente os livros de uma pequena prateleira por cima da cómoda.

A minha boca está a ficar seca. Está no meio do quarto, a olhar à volta. Mais uma vez, olha diretamente para cima, fitando a luz, fitando-me. Meu Deus, alguma coisa lhe chamou a atenção.

Vai até ao fundo da cama, pega numa cadeira de madeira e coloca-a debaixo da luz. Depois, põe-se de pé em cima dela (o desequilíbrio de bêbada desapareceu) e examina a instalação, onde o fio se une ao teto. O seu rosto está tão próximo da câmara que poderia esticar-me e bater-lhe, cheirar-lhe o hálito doce (cítrico?).

O que é que vou dizer? Explicar a necessidade de segurança? Inventar qualquer coisa sobre o facto de as gravações das câmaras de vigilância serem apagadas após vinte e quatro horas? Como diabo sabia que devia procurar? Será que a A sabe? Tê-la-á avisado? Terá estado aqui em baixo, no barracão?

As câmaras são minúsculas, escondidas como pequenos parafusos, e a Kirsten teria de saber o que está a procurar. A não ser que tenha uma chave de fendas, estou em segurança.

Agora, está a descer da cadeira, coloca-a novamente aos pés da cama. Está sentada sobre os cobertores. Anda lá, Kirsten, desiste destas brincadeiras: está na hora de tirares a roupa.

Mas não o faz. Ela sabe. Como raio é que ela sabe? Está a puxar o lençol para trás e a entrar na cama, completamente vestida. Luz da mesinha de cabeceira apagada.

A Kirsten está agora a nadar perto de mim, às voltas na água, mantendo-se na beira, espreitando na minha direção. Reduzi a iluminação no barracão: aqui é vermelho-sangue brilhante, como num submarino.

As pernas estão-se a cansar, o corpo a afundar-se debaixo da superfície. Quatro minutos e trinta segundos. Quanto mais tempo estiver na água, mais desorientada vai ficar, até ser demasiado tarde. O pânico é cansativo.

Mas então, agora mesmo, sem aviso, convocou todos os últimos vestígios de força, arranhou os lados do recipiente e conseguiu agarrar-se à beira com uma pata. No instante seguinte, estava fora, empoleirada na mesa, a olhar fixamente para mim, triunfante. Demasiada água no recipiente. Agarrei na Kirsten e atirei-a para a escuridão.

Estou atrasada para o meu encontro, mas o Jar está contente por me ver. Combinámos encontrar-nos no parque, num banco de cimento, longe de toda a gente. Sozinhos. Lavei a cara com um pouco de água que guardei de antes (o meu guarda desliga as condutas quando não está aqui, o que significa que o lavatório tresanda, tal como a sanita) e tenho as roupas que me trouxeram há alguns meses vestidas: as calças à Ali Babá e uma camisola de lã. Não posso pentear-me porque o meu cabelo foi rapado.

Esta noite, só quero falar, sem álcool nem distrações, o que não vai ser difícil. Quero dizer algumas coisas ao Jar, perceber o que realmente aconteceu.

— Não escrevi aquela carta — comecei, a jogar pelo seguro. Porque tenho a certeza de que não fui eu quem escreveu o e-mail. O meu guarda mostrou-mo em numerosas ocasiões ao longo dos anos, explicou como o deixei na pasta de rascunhos do computador da Amy. O Jar coloca as minhas mãos nas suas, que são tão maiores do que as minhas. Mais bem cuidadas, também, o que não diz muito. Rodo o anel de prata no seu polegar.

— Mesmo assim, devia ter-me apercebido de como estavas perturbada — ouço-o a dizer. — Nunca me disseste nada.

— Foi difícil, depois da morte do Pai. — Habituei-me a ouvir-me falar, mas fico surpreendida com a emoção na minha voz. Pensei que tinha arrancado todos os sentimentos da minha vida.

— Foste fazer uma caminhada — diz o Jar. — Às duas da manhã. Porquê?

— Precisava de desanuviar a cabeça. Tenho a certeza de que deixei um bilhete no quarto a dizer que ia sair durante um bocado. Escrito à mão.

— Mas não um bilhete de suicídio?

— Agora quero viver. Isso é tudo quanto sei.

Percorro a cela com o olhar, com as lágrimas a acumularem-se. Não tenho forma de saber se o Jar se importa comigo, se acredita sequer que estou viva. E, então, lembro-me do seu irónico sorriso apertado, da sua forma irlandesa de falar, sem pressa, dos seus olhos inteligentes.

— Acho que caminhaste até ao cais e te puseste de pé nas grades, contemplaste a água escura, em baixo, pensaste seriamente nisso — diz ele.

— Mas não saltei.

— O que é que te impediu?

Penso novamente no meu diário, no que diz que aconteceu depois. Li aquele diário vezes sem conta. Está todo datilografado (usava um computador portátil na altura, não era como agora). Lembro-me do retiro à saída de Hereford, da Sejal, do Dr. Lance. Mas não tenho tanta certeza em relação à Karen. Havia uma terapeuta em St. Matthew's

com esse nome? Pode ter havido. A minha memória foi triturada pela medicação (tantos comprimidos diferentes).

— Durante quanto tempo vais continuar à minha procura? — pergunto. Tenho a certeza de que vivemos tantas mais coisas do que está escrito sobre nós no diário. É como se pedaços enormes da nossa vida a dois, por mais breve que tenha sido, tivessem sido removidos do meu passado.

— Até estar cansado de deambular.

O Jar adora Yeats, costumava ler-mo em voz alta pela noite dentro, quando eu pernoitava no seu quarto da faculdade.

— Um dia, vamos encontrar-nos no sítio onde combinámos naquela noite — digo eu. — Quando nos embebedámos no The Eagle, lembra-te? É o nosso segredo.

Agora Jar está sozinho no escritório. Carl saiu primeiro, logo depois da meia-noite, seguido de Max, que disse a Jar que dormisse no sofá da receção se ficasse demasiado tarde. O ar está abafado com o cheiro a caril e Jar quer chegar a casa antes de amanhecer.

Olha de soslaio para o relógio atrás da secretária de Max. É quase 1h da manhã. Interroga-se se será a única pessoa que resta na torre, para além da equipa de limpeza hispânica que viu entrar no edifício, no início da noite. Jar sente-se satisfeito pela presença deles. Não gosta da ideia de estar aqui em cima sozinho, na torre. Max disse que era suposto um segurança fazer a ronda pelo andar algumas vezes durante a noite, mas Jar ainda não o viu.

Na última hora, Jar tem estado à procura de outras publicações de pessoas que comentaram a história original de Max. Agora, está convencido de que o artigo é, de alguma forma, central para encontrar Rosa, dadas as semelhanças entre este e o diário. *Lamento, Jar. Alguém está a enganá-lo.*

Não encontrou mais nenhuma referência ao Êutico, mas está sempre a voltar a Laika57, que fez mais comentários noutros locais do que Carl inicialmente pensou. Se, pelo menos, conseguisse descobrir o seu verdadeiro nome. («A terra das cebolas é anónima. É precisamente esse o objetivo», dissera Carl, quando Jar lhe perguntou.)

Regressa ao perturbador *site* sobre tortura em Guantánamo que Carl encontrou. Há várias outras publicações de Laika57, uma assinando que o que a CIA estava a fazer aos prisioneiros devia muito às experiências levadas a cabo nos anos sessenta, outra sobre vivisseção. («Com a *dark web*, é uma questão de saber onde procurar, em vez de procurar aleatoriamente»). Foi outra coisa que Carl disse antes de se ir embora.) E, então, Jar encontra um vídeo publicado por Laika57.

A maioria das gravações que Jar viu nessa noite foi publicada por guardas da prisão. À primeira vista, o vídeo parece ter sido filmado em Guantánamo, mas há qualquer coisa diferente nele.

Jar engole em seco. A qualidade é pobre, mas quando a câmara se afasta, é possível vislumbrar o corpo de alguém suspenso horizontalmente do teto, no que parece ser um colete de forças ou uma rede cor de laranja viva. As pernas e braços da pessoa pendem através de buracos no arnês e há um cabo elétrico ligado a um pé. Outro cabo passa-lhe entre as pernas.

Não consegue ver o rosto, uma vez que está coberto por algum tipo de máscara preta, com uma grade cosida a tapar-lhe a boca. Só se veem os olhos.

Jar leva a mão à boca quando o corpo da pessoa se convulsiona subitamente, com a cabeça a bater violentamente entre o que parecem ser dois painéis colocados de cada lado do rosto, como num jogo de *flippers*. Algum tipo de jugo, ligado aos dois painéis, foi colocado à volta do pescoço.

— *Jaysus* — diz Jar, como se a corrente elétrica tivesse acabado de percorrer o seu próprio corpo.

Para o vídeo e procura os comentários, que não estão imediatamente visíveis. Depois de os encontrar, encontra uma publicação de Laika57, que descreve como a CIA pagou 81 milhões de dólares a dois psicólogos para supervisionarem os interrogatórios dos prisioneiros mais valiosos em Guantánamo.

Jar volta a ver o vídeo, encolhe-se perante um segundo choque. Não há som, mas consegue ouvir os gritos. Para o vídeo novamente, olha de relance em redor do escritório (porquê, não tem a certeza) e inclina-se para o ecrã para ver mais de perto. Conseguiu apanhar a cabeça da pessoa no fotograma, virada para um lado. Jar está paralisado com a imagem à sua frente.

Estuda os olhos e, depois, examina o corpo, do tronco até às pernas, e os músculos da barriga das pernas. A vítima é, sem dúvida, uma mulher.

Carrega no *play*. Um terceiro choque irrompe através do corpo. Jar para o vídeo novamente, com a cabeça derrotada da mulher claramente visível. Não pode ser ela. Mas o seu olhar demora-se nos olhos da mulher. Não parece ser Rosa e, para além disso, quem é que levaria Rosa para Guantánamo?

Retrocede a gravação e para a imagem no rosto da mulher. Depois de o examinar cuidadosamente, levanta-se da secretária e circunda o escritório, tentando agarrar-se ao pensamento de que não é ela. Regressa ao ecrã. O rosto está contorcido, desfocado, os olhos atrás da máscara não estão bem: são demasiado inanimados. Mas, enquanto

vira a cabeça para um lado, Jar não consegue evitar ver a mulher que estava na falésia da Cornualha.

Senta-se, fecha os olhos e volta a abri-los. Está a ver coisas. De outro ângulo, a mulher não se parece com Rosa. Começa a ler metodicamente todos os comentários; há mais do que pensou inicialmente. Os *trolls* torturadores rastejaram para fora das suas grutas em massa. E, então, vê-as, algumas palavras perto do início da fila de comentários:

Belo trabalho, Laika57: o melhor vídeo até agora.

Jar repete as palavras num sussurro, reparando noutro comentário anónimo por baixo deste:

Psychochem: Ainda estás a escrever o romance? Quando sai?

Laika57: A ficção não é assim tão fácil. Escrevi um diário, não tenho a certeza se alguma vez será publicado.

Psychochem: Podias publicá-lo aqui?

Laika57: É demasiado honesto sobre as minhas experiências de Seligman, ha ha. Faz Knausgaard parecer reservado.

A boca de Jar fica seca. Com os dedos a tremer, pesquisa no Google «Laika» na *web* à superfície. Uma cadela vadia das ruas de Mos-

covo, foi o primeiro animal a andar em órbita, lançada para o espaço no *Sputnik 2* em 1957. «*Muttnik*^[20]», como a imprensa americana a apelidou, morreu após quatro voltas em torno da Terra, de sobreaquecimento. Uma vez, Rosa disse a Jar que as *beagles* de Martin tinham recebido os nomes em honra de cadelas russas que tinham sido enviadas para o espaço.

Martin. Será Laika⁵⁷ o tio de Rosa?

Jar volta a entrar no artigo de Max, tentando controlar a respiração, e encontra novamente o comentário de Laika⁵⁷ que compara a história do desaparecimento de Rosa com um romance de espionagem. E todas as vezes que Jar enviou *e-mails* a Amy e a Martin com teorias sobre o desaparecimento de Rosa? Martin mostrou-se sempre tão desdenhoso em relação a eles, rejeitando a sua visão e considerando-o paranoico, obcecado de forma doentia com conspirações. Por que motivo está aqui a fazer comentários a um artigo na *dark web* que sugere que Rosa foi recrutada pelos serviços secretos?

Por que motivo está a publicar vídeos de uma mulher a ser torturada em Guantánamo?

Agora achamos que o Martin pode gostar de vídeos de tortura. Jar devia parar, ligar a Miles Cato, dizer-lhe o que descobriu. Se a investigação de Miles acerca de Martin e dos seus hábitos informáticos duvidosos é genuína, este vídeo é a prova do quem tem andado à procura. Mas o que é que Jar encontrou exatamente? E se for Rosa no vídeo...

Diz novamente a si próprio que não é ela. O interesse de Martin no *site* é puramente profissional: sendo um admirador confesso de ficção

de espionagem que trabalhou na indústria farmacêutica, quer apenas pôr em evidência as semelhanças entre as técnicas de tortura da CIA e as experiências com animais nos anos sessenta. Jar sai da história de Max e procura outras publicações de Laika57, algo que prove a inocência de Martin. Na página *index* principal do *site*, encontra um conjunto de comentários sobre as origens de George Smiley, um assunto bastante inócuo. Martin nunca deixaria passar a oportunidade de exibir o seu conhecimento.

E, realmente, Laika57 está imparável:

Bingham ou Green? Feitas as contas, o Smiley deve mais a John Bingham, 7º Barão de Clanmorris, colega do MI5 de Le Carré e também escritor.

Jar pestaneja. John Bingham foi o nome falso usado para alugar o carro na Cornualha.

[20] Trocadilho com a palavra «*mutt*», que significa em inglês «cão vadio». (N.T.)

Cromer, 2012

O teste de suspensão pela cauda tem muitas coisas a favor, não sendo a menor delas a sua simplicidade e viabilidade económica. Usando fita adesiva médica, os ratos são pendurados pelas caudas, longe de quaisquer objetos aos quais possam tentar agarrar-se ou que possam usar para escapar. A Rosa está suspensa à minha frente enquanto escrevo estas palavras, presa à parte de baixo da prateleira sobre a minha secretária. Mas este barracão não é ideal para este tipo de experiências.

Nos últimos meses, apercebi-me de que não consigo simplesmente parar o que estava a fazer no laboratório antes de ter sido dispensado, não consigo fechar o meu interesse como uma torneira. Foi a minha vida durante trinta anos e estava perto de realizar uma descoberta revolucionária: desenvolver um antidepressivo de nova geração que funciona numa questão de dias em vez de semanas, numa ampla variedade de pessoas e com reduzidos efeitos secundários. Se não estou autorizado oficialmente a continuar a minha investigação, tenho de encontrar uma forma de a realizar de forma não oficial e completar o trabalho que estava a fazer quando me mandaram embora.

No final dos anos noventa, tínhamos um laboratório externo. Esta tarde, saí para ir lá dar uma olhadela, demorei uma hora a chegar, de bicicleta. É um abrigo Nissen transformado, que fica num aeródromo da Segunda Guerra Mundial abandonado, do outro lado de Holt. Há muitos, aqui à volta: durante a guerra, as extensões planas do norte de Norfolk eram um aeródromo gigante para *Flying Fortresses* e bombardeiros *Wellington*. Este fechou, finalmente, nos anos sessenta e parte dele foi utilizado, depois, para a criação intensiva de aves, mas esse negócio também fechou, deixando vazias várias filas de edifícios baixos. Durante um breve período nos anos noventa, alguns destes edifícios foram utilizados por negócios locais, incluindo nós, mas, atualmente, estão todos abandonados.

Tinha-me esquecido das instalações nos anos subsequentes e fiquei satisfeito por ver que o local não mudou muito. O abrigo original, que fica junto a um conjunto de pinheiros num dos lados do aeródromo, foi transformado para incluir uma série de mansardas ao longo da fachada, permitindo a entrada de mais luz. Espreitei através de uma janela partida (uma das originais que havia nas paredes de tijolo em cada uma das pontas do edifício). Não havia muito para ver: apenas um espaço de escritório vazio, tinta de parede a descamar, um par de cadeiras partidas. Nada que sugerisse que foi um laboratório, o que provavelmente explica que os contestatários nunca tenham tido conhecimento da existência deste lugar. O verdadeiro laboratório era na cave, longe de olhares intrometidos, num antigo *bunker* contra ataques aéreos transformado.

Fiz parte do restrito grupo de pessoas que sabia da existência destas instalações e do que fazíamos aqui. O rés-do-chão era utilizado para a administração da empresa, uma boa fachada para alguém que passasse por ali (parte do aeródromo era ocasionalmente utilizado por pequenos aviões pulverizadores dos campos), mas havia um laboratório completamente equipado, embora bastante pequeno, na cave, cuja entrada se fazia através de um painel no chão, coberta por um armário arquivador, que conduzia a um pequeno conjunto de degraus de ferro íngremes.

A necessidade de recorrer a tais extremos para poder levar a cabo testes em animais (na sua maioria, cães) é indicadora da paranoia que havia nessa altura, mas as coisas eram mesmo assim.

Esta tarde, consegui entrar no edifício através da janela partida, mas havia ainda um pesado cadeado no painel do chão que me impediu de aceder à cave. Estou a planear voltar lá amanhã, durante a minha volta de bicicleta diária (hoje em dia, a A espera que eu esteja ausente durante, pelo menos, três horas), com um corta-cavilhas na mochila. Espero que ainda haja algum equipamento na cave (lembro-me que saímos de lá à pressa).

A Rosa está pendurada da prateleira há seis minutos, a duração normal do teste de suspensão pela cauda. Não é digno: deveria estar num laboratório adequado. No início, o seu corpo contorcia-se e contraía-se, mas agora está imóvel, a conservar astutamente energia, ou flácido devido à aflição, dependendo do ponto de vista.

O que sabemos é que os antidepressivos diminuem a duração da imobilidade, tornando o teste noutro método útil para a sua avaliação

inicial. Mas há limitações para o que conseguimos fazer com animais. Toda a gente concorda que há limites para o tipo de problemas psiquiátricos que podem ser reproduzidos num rato: transtornos humanos bipolares complexos e esquizofrenia estão muito afastados do «estado de aflição» que um roedor sente num recipiente com água.

Foi Protágoras quem disse que «o homem é a medida de todas as coisas». Tinha razão. Infelizmente, os ensaios clínicos de antidepressivos com humanos estão, há muito, assolados pela controvérsia. A sua eficácia é melhor demonstrada em pessoas gravemente deprimidas, mas essas raramente são recrutadas para testes. Em vez disso, os testes são realizados com pacientes que têm apenas transtornos leves ou moderados. A resposta ao placebo por parte de pacientes deprimidos é, também, bastante alta, negando parcialmente a eficácia do tratamento. O resultado? A indústria farmacêutica suspendeu grande parte da sua investigação sobre antidepressivos.

Citei Protágoras na minha carta dedemissão, mas os diretores não quiseram saber, embora repensar os ensaios de primeira administração em humanos seja a única coisa que pode salvar a indústria dos antidepressivos.

Continuo a defender a premissa básica de que o *stress* elevado crónico é um componente-chave na maioria das depressões. E se, como eu, se quiser validar um antidepressivo de nova geração no qual se trabalhou ao longo de grande parte da carreira, um medicamento que se sabe que transformará as vidas de milhões de pessoas deprimidas, então é necessário que pacientes humanos, e não roedores, sejam colocados em situações de *stress* elevado antes de rece-

berem os medicamentos que estão a ser testados. A indústria farmacêutica perdeu uma grande oportunidade em Guantánamo. Eu não o vou fazer.

Os olhos da Rosa fecharam-se.

Aconteceu tão rapidamente: o erro.

Ele só estava na minha cela há alguns minutos (tempo suficiente para me retirar as correntes e administrar a medicação que me dá sempre, antes do início de cada sessão), quando o telemóvel tocou. Não consegui ouvir o que a outra pessoa estava a dizer, mas ficou zangado. Muito zangado.

Saiu quase imediatamente, fechando a porta com estrondo atrás de si, mas não houve qualquer som de um cadeado, nenhum ruído de algo a raspar. Tranca sempre a porta da cela e arrasta qualquer coisa sobre ela. Mas hoje não. E também se esqueceu de me voltar a colocar as correntes.

Esperei cinco minutos antes de me mexer, 300 segundos. Ele já fez isto antes: testou-me. Da última vez, deixou-me sem as correntes, com a porta aberta, e desapareceu. Depois de duas horas, ainda não me tinha mexido do chão. Não tinha qualquer desejo de fugir. Nenhum. Quando voltou, felicitou-me, deu-me alguma comida fresca (arroz, frango) e disse-me que era um exemplo para outros prisioneiros, uma honra para a ciência: «um paradigma da impotência aprendida».

Hoje, contudo, algo é diferente. Eu sei. Não pretendia deixar-me assim. Vesti as roupas que me trouxe há uns meses, as que tenho esta-

do a guardar para este momento: as calças à Ali Babá e a camisola de lã.

Cometeu um erro. Não há outra explicação. Agora, tenho de me despachar.

— Amy, sou eu, o Jar. Acordei-te?

— Recebi a tua mensagem. Já estava acordada, de qualquer forma.

São 3h da manhã e Jar esperava que assim fosse. Ela falara-lhe, uma vez, das insónias que a assolam quando o efeito dos comprimidos desaparece ou depois de, secretamente, decidir não os tomar. Jar ainda está no escritório de Max, em Canary Wharf. Enviara-lhe uma mensagem uns minutos antes, perguntara se estava acordada, se lhe podia telefonar. Ela respondera imediatamente, dizendo que lhe ligasse dali a dez minutos.

— O Martin está contigo?

— Está no andar de cima. A dormir.

Parece desligada, sem qualquer preocupação pelo facto de ser acordada a essa hora da noite. Passaram seis dias desde que Jar a viu em Greenwich Park, quando lhe parecera que ela não estava bem. Jar inspira profundamente, interroga-se por onde começar, quanto lhe deverá dizer. Precisa de ter acesso ao diário de Martin, o que ele mencionou no comentário que publicou sobre o vídeo de tortura, no qual é demasiado honesto sobre as experiências de Seligman.

— Preciso que me faças um favor — diz Jar.

— Estás bem? Onde é que estiveste? Pareces...

— Estou bem. Estive fora. — Agora não é o momento adequado para lhe contar que viu Rosa na Cornualha. Não sabe como ela irá reagir. — Alguma vez estiveste no barracão do Martin?

— No barracão? Não, porquê?

— Preciso que vás lá agora.

— Ele não me deixa entrar.

— Está trancado?

— Claro.

— Sabes onde é que está a chave?

— Ele esconde-a numa caneca no aparador, mas eu...

— Preciso que vás lá abaixo agora.

Amy faz uma pausa. Jar consegue ouvir a sua respiração.

— Amy?

— O que é que se passa, Jar?

Indaga-se se ela terá tido os mesmos pensamentos do que ele, enterrados, nunca reconhecidos.

— Preciso apenas que procures uma coisa.

— Não posso fazer isso. O Martin vai ficar furioso se descobrir.

— Está a dormir.

— Isto está relacionado com a Rosa? — Amy está a começar a parecer mais presente, pensa Jar. Não é necessário falar-lhe dos seus

piores receios, ainda não.

Dois minutos depois, Amy diz que está de pé à porta do barracão, no fundo do jardim.

— O que é que se passa, Jar?

— Por favor, simplesmente destranca a porta.

— Estás a assustar-me.

Jar está a assustar-se a si próprio. Canary Wharf é um local solitário à noite. Ouve-a remexer no cadeado, imagina as suas mãos a tremer, com dificuldade para ver o que está a fazer no escuro, a olhar para trás, para a casa, para verificar se há algum movimento de Martin.

— Nunca estive aqui antes, achas isso estranho?

— O barracão de um homem é o seu castelo — diz Jar. E talvez a sua cela de prisão, pensa. — Mas sim, é estranho.

— De que é que estou à procura?

Jar tenta imaginar o cenário. Sabe que se deveria concentrar no computador, pedir a Amy que procure o diário de Martin, mas não consegue conter o fluxo de pensamentos. Pode haver uma cave no barracão, ou um quarto escondido, tapado com cimento. Um sítio onde Martin faz os seus filmes, onde...

— Diz-me o que vês — diz ele.

— Umas cadeiras de jardim, o conjunto de *croquet*[\[21\]](#) dele.

— Só há uma divisão?

— Há outra nas traseiras.

— Quantas chaves tens?

— Duas.

— Abre a segunda porta.

Jar aguarda, ouve o som de um cadeado a ser aberto.

— Já entraste?

— Há uma luz vermelha estranha aqui.

— O que mais?

— Uma secretária, um computador, alguns ecrãs de televisão. Isso é para as câmaras de vigilância. Devem ter-me gravado a vir até aqui, Jar. Há uma no exterior do barracão e uma nas traseiras da casa, na porta das traseiras.

— Ele só vai ver as gravações se suspeitar de uma falha na segurança. — Jar está a fazer *bluff*, mas não consegue pensar em mais nada para dizer. As gravações das câmaras de vigilância normalmente são apagadas após alguns dias, não são? A não ser que tenha havido algum incidente.

— Quero voltar para casa, Jar. Não devia estar aqui.

— Diz-me o que vês. Há uma porta, um alçapão? — Sabe que deveria estar a vasculhar o computador, mas não consegue evitar.

— Há uma garrafeira algures, ele referiu isso uma vez. Quando eu andava a beber todo o seu melhor clarete. Consigo ver um painel no chão.

O coração de Jar bate aceleradamente, enquanto imagina a cena: Rosa, confinada num espaço escuro, aterrorizada, fora de si.

— Podes levantá-lo?

— Há uma caixa de *dossiês* a tapar metade.

— Tenta, por favor.

Ouve Amy a pousar o telefone, a desviar a caixa, mas depois há silêncio.

— Amy? — Tê-la-á encontrado?

— O Martin acordou. — Amy está a sussurrar.

— Ele consegue ver-te da casa? Há uma janela?

— Não. Não neste quarto. Consigo vê-lo no ecrã. Há uma câmara no patamar acima das escadas.

— O que é que está a fazer?

— Está a descer as escadas. Vai-me matar, Jar, se me encontrar aqui. Não conheces o Martin.

— Tens de levantar o painel — diz Jar. — A porta da garrafeira. Diz-me o que vês.

Outra pausa.

— Estou a levantá-lo.

Jar fecha os olhos.

— O que é que vês?

— São só algumas caixas de madeira com vinho. Muitas caixas. Do que é que estou à procura, Jar?

Martin é tio dela, diz Jar a si próprio. John Bingham é um nome bastante comum.

— Tens a certeza de que não há mais nada?

Ele não a prenderia ali, não tão perto de casa.

— Nada. Tenho a certeza. Quero sair daqui, Jar. Agora está no andar de baixo, na cozinha.

— Tranca as portas e depois vai dar uma volta, longe do barracão. Saíste simplesmente para uma caminhada noturna porque não conseguias dormir.

— Está bem. — Amy nunca souu tão assustada a Jar. — Está a voltar para o andar de cima, para o quarto dele. Estamos a dormir separados.

Jar suspira de alívio e, então, lembra-se do computador.

— Há mais uma coisa. O computador está ligado?

Uma pausa.

— Em hibernação, acho eu.

— Podes tirá-lo da hibernação?

— Jar, quero voltar para casa.

— Por favor?

Silêncio. Acha que consegue ouvir Amy reprimir um soluço.

— Estás a ir muito bem. É um Mac? — pergunta Jar.

— Sim.

— Talvez tenha uma palavra-passe.

— Estou agora a olhar para o ambiente de trabalho. Acho que ele saiu à pressa. A secretária está uma confusão.

— Podes procurar a palavra «diário»?

— Está bem.

— Alguma coisa?

— Não sou boa com computadores.

— És melhor do que pensas. Há algum ficheiro chamado «Diário»?

Jar diz a si próprio para não ser tão impaciente. Amy está a correr um grande risco por ele. Por Rosa.

— Não apareceu nenhum resultado.

— Tenta «registo pessoal».

— Não.

Jar sabia que não ia ser fácil. Pensa em palavras ou frases-chave que Martin pudesse ter usado no diário. Se estava a registar tudo, terá escrito sobre as visitas de Jar a Cromer?

— Tenta procurar por «mescal». — Consegue ouvir Amy a escrever.

— Estão a aparecer muitos ficheiros. O que é um mescal?

— Um cato seco. Tenta «Jar + mescal» — diz Jar, lembrando-se da conversa que tivera com Martin sobre escrita, drogas e a Geração Beat.

— Apareceu um ficheiro com essas palavras — diz Amy. — Um documento de Word chamado «A Minha Luta».

— É esse — diz Jar, recordando o interesse de Martin pelos romances autobiográficos de Knausgaard com o mesmo nome. É claramente ambicioso.

— Abro-o?

— Não é assim tão fácil. — Jar presume que Martin encriptou o diário. Carl, ou talvez Anton, se alguma vez voltar a aparecer, devem conseguir descodificá-lo.

— Jar, acho que já está aberto, no ecrã.

— Tens a certeza? — As palmas das mãos de Jar começam a humedecer-se. Se o documento estiver aberto, não precisa de descodificação.

— Está no fundo do ecrã, mas consigo arrastá-lo para cima.

— Tem cuidado. — Martin deve ter estado a escrever no diário esta noite, deixou-o aberto. Jar não quer que Amy altere o documento de nenhuma forma, que deixe qualquer rasto da sua visita; ou que olhe para ele.

— Escreveu sobre a Strelka, a minha cadela linda — diz Amy. — Sobre o dia em que morreu.

— Não leias, Amy, por favor — pede Jar, tentando permanecer calmo. — Quero que me ouças, com muita atenção.

Em seguida, explica a Amy como abrir o Firefox e entrar na sua conta de *e-mail* (Martin tem a sua conta aberta no Chrome). Depois, pede-lhe que copie e cole todo o conteúdo do diário de Martin numa mensagem para ele, antes de lhe pedir que copie algum texto em branco para ocultar o seu rasto e que apague o diário da área de transferência.

— Agora sai da tua conta. Isso é importante — diz Jar, depois de o *e-mail* ter chegado à sua caixa de entrada.

— Está bem.

— E sai do Firefox, arrasta a janela do Word novamente para onde estava, coloca o computador novamente em hibernação.

— Já está.

— Obrigado, Amy.

— O que é que se passa, Jar?

Jar inspira profundamente. Sabe que deve uma explicação a Amy.

— Vi a Rosa. Encontrei-a há quatro dias na Cornualha.

[21] Desporto que consiste em golpear bolas de madeira ou plástico através de arcos encaixados no campo de jogo. (*N.T.*)

Norte de Norfolk, 2012

Tenho vindo aqui todos os dias há já uma semana e o laboratório está finalmente pronto. Os corta-cavilhas destruíram rapidamente o velho cadeado do painel do chão e instalei um novo que deve ser mais difícil de quebrar. Também selei a janela destruída, aparafusei os ferrolhos para não poderem ser abertos e coloquei uma fechadura nova na entrada principal.

O laboratório está em relativo bom estado, considerando que não é usado há mais de dez anos. A tinta branca pode estar a descamar, mas ainda há uma área central para experiências, rodeada de bancadas e com uma mesa cirúrgica no meio. Num dos lados, há uma sala de autópsias e, nas traseiras, uma pequena incineradora, um lavatório e uma sanita.

Não há energia elétrica (deve ter sido desligada há anos) mas há uma entrada solar que projeta uma luz ténue e misteriosa para o interior. Usávamo-la para manter certos animais sincronizados com a luz do dia. Também há mais ventilação do que havia quando era um abrigo contra ataques aéreos: foram colocados respiradouros no teto, uma vez mais para garantir que os animais permanecessem vivos.

Instalei uma câmara na área principal, visto que há muito interesse por impotência aprendida por parte de colegas na *dark web*, na sequência de sugestões de que foi usada para justificar as técnicas utilizadas nos interrogatórios em Guantánamo. Ontem, anunciei que espero recriar brevemente uma versão da experiência original com cães levada a cabo por Martin Seligman, na Universidade da Pensilvânia, em 1967. Vou transmiti-la em *streaming*, em baixa resolução, apenas para um grupo restrito. Embora aqui não haja *wi-fi*, há sinal de telemóvel 3G. A *dark web* sacia as preferências de nicho ainda mais do que a *web* à superfície: uma mistura de testes com animais dos anos sessenta com técnicas de interrogatório da CIA melhoradas, com algo de BDSM. O exemplo perfeito da cauda longa[22].

Isto foi o que publiquei hoje num dos fóruns seguros do Tor em que aprendi a confiar:

A impotência aprendida é um estado no qual um animal (ou um humano) se torna passivo perante estímulos desagradáveis. Concluindo que não têm qualquer controlo sobre o ambiente, perdem todo o desejo e motivação para fugir. Em virtude de vários motivos «éticos» errados, as experiências levadas a cabo nos anos sessenta por Martin Seligman não continuaram nos últimos anos, apesar da sua eficácia para testar medicamentos antidepressivos.

Um antigo colega respondeu pouco tempo depois, um técnico de laboratório com quem já não tinha contacto há algum tempo. Foi «convidado a sair» por razões inventadas semelhantes às que usaram contra mim. E começou a praticar ciclismo (vamos encontrar-nos,

andar de bicicleta juntos). Ambos costumávamos realizar as nossas próprias experiências de impotência aprendida na sede, adaptando os testes caninos de Seligman a roedores e outros animais, mas quando os contestatários começaram a complicar-nos a vida, deslocámos o trabalho mais sensível de Norwich para estas instalações.

É estranho estar de volta, mas também me sinto muito em casa. É difícil acabar com velhos hábitos. As precauções diárias que tomo de forma a não ser visto a entrar no aeródromo (deixo a bicicleta escondida na floresta e venho a pé por um caminho com ervas altas que percorre o perímetro a sul) não são assim tão diferentes das medidas que todos usávamos no laboratório (diferentes caminhos para o trabalho todos os dias, trajetos falsos). E se a A suspeita das minhas ausências prolongadas de casa, não o está a demonstrar.

Agora, só preciso de um animal com o qual realizar as minhas experiências.

[22] Termo estatístico que ganhou popularidade recentemente ao ser usado para descrever a estratégia de vender uma grande variedade de itens em pequenas quantidades, em vez de poucos itens em grandes quantidades. (N.T.)

Jar levanta-se da secretária de Max, com as pernas cheias de adrenalina, e caminha até à janela, observando as torres de Docklands vizinhas. Em breve nascerá o sol, mas não imediatamente: a noite parece-lhe mais escura do que nunca.

Esteve a ler o diário de Martin ao longo da última meia hora: os seus rabiscos iniciais sobre estilos de escrita de «primeira pessoa em esteroides», a visita de Jar, quando falaram sobre George Smiley, mescal e *beatniks*, a conversa bêbada com Kirsten e, agora, o laboratório na zona rural de Norfolk, com as viagens disfarçadas como longos passeios de bicicleta.

Estará a Amy a ler tudo isto ao mesmo tempo do que ele? Terá entrado nos seus itens enviados e aberto o *e-mail*? Jar não consegue tirar da cabeça a frase que Martin escreve como se fosse irrelevante sobre as benzodiazepinas que lhe tem prescrito ao longo dos últimos vinte anos: «tornaram as coisas mais simples no quarto». O que é que ele tem estado a fazer a Amy? E será seguro para ela estar sozinha com ele? Jar sabe que deveria telefonar à polícia, ou pelo menos aos serviços sociais, mas tem uma compulsão que se sobrepõe ao resto: descobrir tudo primeiro.

Está prestes a ler outra entrada quando ouve um ruído no corredor, como uma porta a fechar-se. Presume que são os empregados de

limpeza, mas há qualquer coisa no som, a sugestão de força, que o faz levantar-se e ir até à porta. Está apenas excessivamente cansado, pensa.

Caminha para o corredor vazio. Depois de ficar à escuta durante alguns segundos, vira-se para regressar ao escritório de Max, mas, nesse momento, as portas duplas no final do corredor baloiçam para se abrir e dois empregados de limpeza atravessam-nas, empurrando um carrinho carregado de esfregonas e baldes. São ambos hispânicos, um homem e uma mulher, com os seus quarenta anos.

Jar sorri enquanto se aproximam, aliviado, mas eles parecem tensos e evitam o contacto visual. Talvez estejam surpreendidos por o verem ou talvez lhes tenham dito que não devem interagir com as pessoas que trabalham aqui. É aquilo que Carl denomina de «*apartheid* empresarial». (Ele e Carl costumavam deixar bilhetes no trabalho, dirigidos à equipa de limpeza noturna, dizendo-lhes que se servissem das diferentes ofertas para funcionários enviadas para o escritório nesse dia.)

Jar não sabe se deve dizer boa noite ou bom dia, portanto decide-se por um «tudo bem»? Não há qualquer reação da parte de nenhum deles, nem sequer um sorriso. Aceleram enquanto passam por ele, um deles olhando de relance para trás, na direção das portas e depois para Jar.

Jar hesita por um momento, olhando para um lado e para o outro do corredor, depois regressa ao escritório de Max, trancando a porta atrás de si.

Cromer, 2012

A A ficou muito calada quando lhe contei, pediu-me que repetisse exatamente como acontecera, que explicasse por que motivo regresssei apenas com uma cadela. Não lhe disse porquê, mas o como foi uma história mais fácil de contar.

A A e eu costumávamos sair para uma caminhada matinal juntos, nos dias que se seguiram a ter perdido o meu emprego, ambos desejando coisas melhores, «novos começos», como se tudo o que estava mal no nosso casamento fosse desaparecer porque subitamente estava em casa todo o dia. Mas isso não estava destinado a acontecer.

Portanto, hoje, depois do pequeno-almoço, saí sozinho com a Belka e a Strelka. Os meus colegas não me deram as cadelas como um presente de despedida, como a Rosa costumava agradecer (tal pai, tal filha), embora seja verdade que usávamos muitos os *beagles* nas nossas experiências. A A e eu fomos buscar o par de cadelas a um refúgio em Norwich, algumas semanas antes de saber que ia deixar o trabalho. Outra falsa expectativa de melhoria. Dei-lhes os nomes em honra de duas cadelas russas que foram enviadas para o espaço, em 1960, no *Sputnik 5*, juntamente com quarenta e dois ratos, duas rata-

zanas e um coelho. A Belka era minha, a Strelka era da A. Pelo menos foi assim que nos habituámos a vê-las.

A minha caminhada é sempre igual: descer a estrada até aos sapais junto ao rio, atravessar a linha do comboio e dar novamente a volta até casa. Uns bons vinte minutos, num ritmo rápido. Esta manhã, a Strelka estava a puxar pela trela desde o início. A A sempre a mimou, não a disciplinou como devia. Só lhes tiro a trela depois de termos atravessado o rio por uma pequena ponte pedonal, depois deixo-as correr nos sapais ao lado da linha de comboio, onde há cercas.

Exceto hoje. O portão onde o caminho pedonal atravessa a linha do comboio fora deixado aberto. Tenho de dizer que do outro lado há um pedaço de terreno mais pequeno onde muitas vezes há coelhos a brincar. A Strelka viu os coelhos antes de mim e correu pela cerca, desesperada para atravessar. A Belka estava menos interessada, fazendo pequenos círculos à minha volta enquanto eu caminhava.

Vi o portão aberto antes de ouvir o comboio, mas sabia que havia tempo para pegar no apito para cães que guardo no bolso do casaco encerado. A minha mão encontrou o apito, mas apertei-o com força no punho e observei.

A Strelka estava a aproximar-se do portão, a uma distância que mal chegava a cinco metros, desesperada para apanhar os coelhos. Se tivesse soprado o apito nessa altura, este sobrepor-se-ia aos seus desejos viscerais e ela voltaria para junto de mim.

O apito permaneceu no bolso enquanto a Strelka atravessava o portão a correr. Ela viu o comboio aproximar-se, mas mesmo assim subiu a margem e dirigiu-se para a linha de comboio, onde a espera-

va uma morte certa. Não foi suicídio, claro, apenas um apetite saudável por coelhos, mas poderia ter-se evitado perder uma vida. Não desviei o olhar. Em vez disso, fiquei ali de pé, imobilizado pelas consequências da minha inação, enquanto o corpo da Strelka era arremessado pelo ar pela frente do comboio e, depois, aterrava na linha, antes de desaparecer debaixo das rodas.

O condutor olhou de relance para mim, com olhos acusadores, enquanto o comboio seguia o seu caminho. A Belka ficou em silêncio ao meu lado. Talvez a irmã tenha emitido um som que não ouvi: medo num registo mais alto do que o ouvido humano consegue detetar. Não ouvi nada no momento do impacto, apenas um baque fraco.

Não valia a pena trazer a Strelka novamente para casa. Também não disse à A que o que sobrou dela ficou espalhado na linha em pedaços sangrentos.

Jar ainda está a ler. Não consegue parar. Amy amava Strelka. Como uma filha, lembra-se de Rosa lho dizer. Quando descobrir o que realmente aconteceu, irá deixá-lo. Talvez já tenha tentado fazê-lo antes. Interroga-se se lhe deveria telefonar agora, assegurar-se de que ela lê o diário, discutir com ela se a polícia deverá ou não ser informada. Manter alguém sob o efeito de benzodiazepinas daquela forma deve contar como violência doméstica.

A sua linha de pensamento é interrompida pelo som de movimento, novamente no corredor, portas de vaivém a fecharem-se. Será que os empregados de limpeza regressaram? Jar olha para o relógio. São 3h30 da manhã. Max disse-lhe que o local começaria a ter gente ao nascer do sol: pessoas que se levantam cedo, negociando ações em Hong Kong e no Extremo Oriente.

Vira-se novamente para o ecrã, pensando em Amy, Rosa, Strelka, mas depois houve um segundo som, como um grito abafado, e engole em seco. Tenta ignorar o que acabou de ouvir, mas não consegue. É demasiado humano.

Saindo para o corredor, Jar olha para ambos os lados. O diário confundiu-o, intensificou a sua paranoia. O som não era nada, diz para si próprio, mas não consegue sacudir a imagem dos empregados da

limpeza enquanto se apressavam a sair do andar uma hora antes, evitando olhar para ele.

Caminha até às portas de vaivém e empurra-as para as abrir. Nada. Os elevadores estão silenciosos, em repouso, aguardando a correria matinal. E, então, vê um chapéu de pala no chão, junto à saída de emergência, ao lado de uma cadeira vazia. Aproxima-se para agarrar nele. O interior do chapéu ainda está quente, o forro rasgado atrás. Jar olha novamente em redor e depois empurra a pesada porta de emergência para a abrir.

— Olá? — grita, com a sua voz a ecoar para cima e para baixo das escadas. Silêncio. Deixa a porta fechar-se e coloca o chapéu na cadeira, tentando ignorar o seu calor húmido. O segurança regressará em breve para o vir buscar, deduz Jar, enquanto caminha novamente até ao escritório de Max, trancando a porta atrás de si. O seu coração bate aceleradamente.

Norte de Norfolk, 2013

A cadela está suspensa do teto do laboratório, presa numa rede de tecido com borracha, tal como Seligman indicou em 1967, com os membros pendurados por baixo dela através de quatro buracos no arnês. Não consegui replicar todos os pormenores originais, mas os suficientes para tornar a experiência válida. A fonte de choques é uma bateria automóvel de doze volts e um divisor de tensão paralelo e os choques são transmitidos através de elétrodos com uma placa metálica (primeiro cobertos com pasta condutora para elétrodos comercial), um dos quais foi preso com fita adesiva à pata da cadela. A intensidade do choque é de 20 mA, baseada numa resistência de pele de 1.000 ohms.

A cabeça, protegida por um açaima de cabedal preto, é mantida em posição, uma vez mais, exatamente como Seligman indicou, por um painel de cada lado, ligado a um jugo no pescoço. Ela pode pressionar cada um dos painéis com a cabeça, na esperança de que isto faça a corrente parar, mas não há relação causal entre pressionar os painéis e a interrupção da eletricidade.

A única diferença relativamente ao equipamento de Seligman é que fiz o arnês a partir de material que é semelhante, em termos de cor,

aos macacões envergados pelos prisioneiros mais valiosos: cor de laranja Guantánamo.

Acabei de verificar se o vídeo estava a funcionar e estou a imaginar os colegas que estão a ver um pouco por todo o mundo: cientistas independentes, psicólogos da CIA, talvez o estranho terrorista.

A teoria de Seligman é que os cães a quem é dada uma série inevitável de choques elétricos enquanto estão no arnês, e que não têm qualquer controlo sobre os choques, não tentam escapar de mais dor quando, subsequentemente, são colocados numa situação diferente (uma caixa com dois cubículos adjacentes) onde conseguem facilmente evitá-la. Na sua experiência original, um segundo grupo de cães de controlo foi colocado no arnês e, quando estes cães pressionavam os painéis com a cabeça, o choque parava. Este segundo grupo fugiu à dor quando foi colocado na caixa, ao contrário do primeiro, que sentia que não tinha qualquer controlo sobre o ambiente.

O teste que estou atualmente a realizar aqui é, portanto, só uma primeira parte. Mais tarde, será colocada, sem arnês, numa caixa onde receberá mais choques (administrados através da grelha de metal no chão) e poderá mover-se livremente para um cubículo adjacente para evitá-los. Se Seligman estiver certo, escolherá *não* fugir para o ambiente sem dor, mas irá, em vez disso, encolher-se e lamuriar-se num estado de impotência aprendida.

O seu corpo convulsionou-se com um vigor impressionante quando o primeiro choque elétrico o percorreu.

Ao segundo choque elétrico, suficiente para dar início a contrações musculares constantes, preocupei-me com o arnês, enquanto o seu

corpo inteiro se contorcia como um peixe fora da água, portanto verifiquei o local onde estava fixo ao teto. Ela bateu com a cabeça contra os painéis e emitiu um guincho agudo.

O circuito transmissor automático administrou, então, uma série de choques cada vez menores, totalizando 226 segundos.

Agora, temos de esperar vinte e quatro horas antes de a colocar nos cubículos adjacentes da caixa para ver como reage a mais dor. Tentará fugir? Ou terá o facto de não conseguir acabar com os choques enquanto estava no arnês, a incapacidade para controlar o ambiente, induzido um estado de verdadeira impotência aprendida?

Jar limpa o vômito com as costas da mão e inclina-se novamente, dobrando-se e agarrando os lados do caixote do lixo do escritório de Max. Devia ligar a Max, contar-lhe o que acabou de ler. Daqui a uns minutos, pensa. Primeiro precisa de ir dar uma volta, apanhar ar puro, limpar a cabeça.

A cadela está suspensa do teto do laboratório.

Encaminha-se para o corredor, caminhando na direção da fila de elevadores. Quando chega às portas de vaivém, o alarme de incêndios dispara. É apenas um simulacro matinal, diz a si próprio, procurando manter-se calmo. O som fá-lo hesitar, mais do que deveria. Os seus nervos disparam. Uma voz gravada, longe de ser tranquilizadora, está a dizer às pessoas que evacuem a torre usando as escadas.

Considera voltar a entrar no escritório de Max, trancar a porta e ignorar o alarme (ninguém sabe que está ali), mas precisa de se afastar desse lugar, distanciar-se um pouco do diário de Martin.

Os elevadores estão fora de serviço. Jar vira-se para a saída de emergência, olhando de soslaio para o chapéu de pala, ainda na cadeira. Tenta não pensar no seu proprietário, tenta não se interrogar sobre para onde foi o segurança.

Ao segundo choque elétrico, suficiente para dar início a contrações musculares constantes...

Martin estava a torturar uma cadela, tenta, em vão, raciocinar Jar, enquanto empurra a porta para a abrir. Será que não passou de uma história inventada e a Strelka afinal não morreu na linha do comboio? Dessa vez, as escadas já não estão silenciosas. Ventoinhas de extração ruidosas rodam no fundo, mantendo as escadas ventiladas. Fica a ouvir, tentando detetar passos. Mais ninguém está a evacuar o edifício. Olha para cima. Aí, caído num canto das escadas superiores, está o segurança.

Jar aproxima-se do corpo, lutando para reprimir uma náusea crescente. Os olhos do segurança estão fechados, uma contusão está a começar a despontar na sua testa. Jar tenta sentir-lhe a pulsação e fica aliviado ao encontrá-la, ainda mais aliviado quando o guarda consegue fazer um gemido ténue. Sabe que deveria ligar à polícia, mas o desejo de sair do edifício, de se afastar do alarme, das ventoinhas, do vídeo, é avassalador.

— Vai ficar tudo bem — diz Jar, tanto para se tranquilizar a si próprio como ao segurança, e começa a longa descida até ao rés-do-chão, vinte andares abaixo. Involuntariamente, acelera, descendo as escadas duas a duas. Depois de três andares para, a fim de recuperar o fôlego. Consegue ouvir passos que se sobrepõem ao ruído das ventoinhas. Alguém está nas escadas acima dele.

Jar começa a descer novamente, forçando-se a manter um ritmo constante. Se for mais depressa, cairá pelas escadas, que são anormalmente íngremes. Olha na direção superior e vê uma figura alta familiar, dois andares acima. Será o mesmo homem que tentou embarcar no seu comboio em Paddington, que levou Rosa da falésia na Cornualha?

Jaysus. Jar desce as escadas a correr, agora três de cada vez, demasiado depressa para conseguir manter o equilíbrio. Cai e aterra pesadamente, com o movimento a atirá-lo ainda mais para baixo, para o lanço de escadas seguinte.

Quando para, fica deitado atordoadado, tentando avaliar de onde vem a maior parte da dor. Tem sangue a aglomerar-se em redor da bochecha no chão de cimento frio. Pensa na segurança, no seu chapéu quente. Alguém está a descer as escadas, está de pé junto dele. Jar fecha os olhos e reza uma oração pela primeira vez em anos, à espera de que a vida lhe passe diante dos olhos. Só consegue ver Rosa, no topo de uma falésia.

Perante o som de uma arma a ser-lhe apontada (mundano, existencial), Jar agarra nas pernas do homem, envolvendo os braços à volta delas. O homem cai, puxando Jar para baixo com ele. Caem vários degraus juntos, antes de Jar conseguir libertar-se. Observa, enquanto o corpo do homem rebola abaixo dele, antes de finalmente parar num ângulo estranho. Num degrau entre eles vê uma arma, a mesma que lhe fora apontada na Cornualha.

Jar não sabe nada sobre armas, mas pega nela, procura a patilha de segurança e mete-a no bolso do casaco de camurça. Por um mo-

mento, imagina-se a disparar sobre a figura caída abaixo dele. Era o que deveria ter feito na falésia, ter-lhe tirado a arma e impedido Rosa de ser levada. Em vez disso, vira-se e corre.

— Meu Deus, ainda aí estás, no escritório? — pergunta Max, soando semiadormecido.

— Alguém me tentou matar — diz Jar, com a voz entrecortada pela emoção.

— O quê? Mal te consigo ouvir.

— Pensei que ia morrer, Max. Na torre. O homem que levou a Rosa, perseguiu-me pelas escadas, tentou matar-me.

— Onde é que estás agora?

— No fundo da torre, junto ao DLR[23].

— Estás em segurança?

— Não tenho a certeza. — Jar limpa algum sangue da boca enquanto olha em redor. Está a romper a aurora. Está cortado e ferido pela queda, mais nada.

— Tens de me contar exatamente o que aconteceu — diz Max com calma.

Max está familiarizado com chamadas confusas e em pânico a meio da noite, pensa Jar. O seu trabalho é lidar com elas, acalmar quem telefona, avaliar os danos colaterais.

— Foi quando ele começou a falar da «cadela» — continua Jar. — Foi aí que eu soube.

— Soubeste o quê?

— Alugou um carro em nome de John Bingham. Para o parceiro que acabou de me tentar matar. O tipo alto.

— Quem, Jar? Não estás a fazer sentido nenhum...

— A Rosa não foi levada pela polícia, nem pelos serviços secretos, nem presa em Guantánamo. É o Martin que a tem.

— O Martin? — Há uma pausa longa. — O Martin, *tio* dela?

— O Martin, tio dela.

[23] Docklands Light Railway, sistema de metro ligeiro, que atende a área de Docklands e a região leste de Londres. (*N.T.*)

Norte de Norfolk, 2013

Seligman foi muito específico em relação ao equipamento que utilizou durante a segunda metade da sua experiência em 1967, «treino de fuga/evasão», e eu tentei segui-lo à letra, apesar dos recursos limitados que tenho aqui.

Na experiência de Seligman, os cães que tinham controlado o ambiente na parte um (quando pressionavam os painéis com a cabeça, os choques paravam) rapidamente aprenderam, na parte dois, como saltar sobre a barreira entre um cubículo e outro da caixa. Mas os cães que não tinham controlo sobre o ambiente na parte um (pressionar os painéis não impedira os choques) fizeram poucos ou nenhuns esforços para escapar dos choques na caixa. (Setenta e cinco por cento deles ficaram no cubículo durante os cinquenta segundos completos, com a dolorosa eletricidade a percorrer-lhes o corpo.)

Esta foi a décima e última vez (Seligman especificou que se deveria levar a cabo o teste dez vezes) e os resultados foram exatamente os mesmos.

As luzes apagaram-se e contei os segundos até os choques começarem. Quando a corrente se iniciou, todo o seu corpo começou a tremer e emitiu um rosnar baixo que foi aumentando de intensidade.

Não fez qualquer esforço para levantar os pés e trepar sobre a divisória para o santuário do outro cubículo. Em vez disso, ficou simplesmente ali sentada sobre os quadris, olhando-me fixamente, uma imagem exemplar de impotência aprendida.

Ainda está a olhar para mim agora, caída no canto do cubículo da esquerda.

— Podemos não entrar em pormenores? — diz Max. — Já sabes, até deixarmos os miúdos?

— Claro, desculpa — diz Jar, olhando de soslaio pelo espelho retrovisor do *Land Rover* para os dois filhos de Max no banco de trás, com os sacos da escola e as lancheiras ao lado.

— A próxima geração tem de saber o que foi feito em Guantánamo em nome da democracia ocidental, mas talvez possamos esperar até serem um bocadinho mais velhos. Quando tiverem, digamos, dez anos.

Jar consegue fazer um meio sorriso, observando enquanto Max para o carro no exterior da escola primária em Dulwich. Antes, Max insistira em conduzir até Canary Wharf para o ir buscar, embora fossem 4h30 da manhã. Jar dormira durante duas horas no sofá, para grande excitação dos filhos de Max, que tinham espreitado, de olhos arregalados, para o interior da sala de estar enquanto ele acordava.

«Como é que te chamas?», perguntara a rapariga.

«Jar», respondera ele, calculando que tinham uns seis anos, gémeos, mas não idênticos.

«Jar», dissera a rapariga, «o que é que se passa com a tua cabeça?».

«É um nome engraçado», interrompera o rapaz, antes de Jar ter tempo de explicar por que motivo, pela segunda vez numa semana, estava a usar uma ligadura, desta vez cortesia da mulher de Max.

«Os meus amigos chamam-me Jam», disse ele.

«Papá, o homem esquisito chama-se Jam Jar», gritaram, correndo para a cozinha.

Jar lutara para evitar chorar, desejando poder fazer o relógio retroceder, para quando a sua vida era simples.

Agora, enquanto as crianças saíam do *Land Rover* e caminhavam na direção dos portões da escola, uma onda de medo envolve Jar. Não deveria ter vindo com Max deixar os filhos à escola, não deveria ter colocado os seus filhos em perigo. O homem das escadas ficou inconsciente, mas a respirar.

— Desculpa, não te devia ter telefonado ou ter ido à tua casa — diz ele, olhando de relance para cima e para baixo da estrada.

— Porque é que não haverias de o fazer?

— Ele pode ter-me seguido até aqui.

— Pensei que o tinhas deixado à beira da morte — diz Max, pondo o *Land Rover* a trabalhar.

— E deixei.

— Estou mais preocupado com a polícia. Há câmaras de vigilância espalhadas por toda a torre.

— Não consegui ver nenhuma nas escadas.

— Talvez não. — Max faz uma pausa, olhando para ambos os lados para ver o trânsito. — Não seria a primeira vez que alguém se fe-

ria durante um simulacro de incêndio. Uma rapariga do escritório ao lado partiu o tornozelo da última vez que o edifício foi evacuado. As pessoas podem ficar um pouco assustadas quando usam aquelas escadas, com a multidão, o barulho dos ventiladores.

Vinte minutos depois, apanharam Carl na sua casa em Greenwich e rumam a Cromer, conduzindo pela A2 para a M25, à volta de Londres e depois para norte. Jar telefonara a Carl depois de ter ligado a Max e perguntara se ele poderia ligar para o trabalho a dizer que estava doente (uma desculpa engraçada não parecia apropriada dessa vez).

A atmosfera está tensa, com a realidade do que estão a fazer, de onde se estão a dirigir, a instalar-se. Jar ainda não consegue bem acreditar nas implicações do que viu e leu ontem à noite, nem que um homem o perseguiu pelas escadas. Agora, está convencido de que foi a mesma pessoa que veio a Gurnard's Head para recuperar Rosa; talvez o antigo colega de laboratório que Martin mencionou no diário, o seu companheiro de ciclismo.

Jar interroga-se se Carl está a dormir no banco de trás, enquanto fala sobre o que os levou a conduzir até Cromer numa chuvosa quarta-feira de manhã.

— É uma espécie de diário — começa ele. — O Martin escreveu-o como parte do curso de escrita criativa em que se inscreveu, para praticar antes de começar um romance.

— Então podem ser tudo tretas — diz Carl, agitando-se.

— É possível. A casa dele tem uma segurança apertada devido ao seu antigo trabalho. Há câmaras por todo o lado. Ele escreve sobre

ver as suas convidadas a despirem-se no quarto de hóspedes.

— Um mirone — diz Max. — Um tarado à moda antiga, mas não um psicopata.

— Ele observou a Rosa enquanto ela tomava banho — diz Jar.

— Lamento.

— E continuou a fazer testes com animais, ratos, no barracão onde escreve. A afogá-los em recipientes de água, a pendurá-los de cabeça para baixo pelas caudas com fita adesiva médica. Também lhes deu nomes de mulheres: vários deles chamavam-se Rosa.

O carro ficou silencioso, à exceção do ruído hipnotizante dos limpa-para-brisas. Jar olha de soslaio pelo espelho lateral.

— Mas foi o último teste que me fez ter consciência do que tem estado a acontecer. O Martin descreveu como recriou uma famosa experiência de 1960, na qual um cão é eletrocutado repetidamente numa rede. Mas a «cadela» que ele descreve não era uma cadela. Não era a cadela deles. — Faz uma pausa. — Era a Rosa.

— Como é que podes ter tanta certeza? — pergunta Max.

— Era a mesma experiência de outro vídeo que encontrei antes, depois de vocês se terem ido embora. — Vira-se para Carl. — De uma mulher que eu pensei que estava em Guantánamo.

— Então o que é que estás a querer dizer, mano? — pergunta Carl.
— Que o Martin trabalhava para os americanos? Que torturou a Rosa em Guantánamo?

Por vezes, Carl não se apercebe de como soam as suas palavras.

— Há duas semanas, a Amy deu-me um diário escrito pela Rosa. Pelo menos, eu pensei que era escrito por ela. Partes dele foram, de certeza. As passagens em que descreve o nosso tempo juntos em Cambridge. Mas o Martin conseguiu apoderar-se dele quando a Rosa ficou na casa deles uma vez, acedeu ao computador dela, enviou uma cópia para si próprio quando ela estava a ter problemas com o *wi-fi*. Ele escreve sobre isso no diário.

— Que pode ser um trabalho de ficção — diz Carl.

Jar ignora-o.

— Então o Martin lê o diário da Rosa, lê acerca do tempo dela comigo, como nos conhecemos, como teve dificuldades em ultrapassar a morte do pai. O tutor da faculdade...

— O Dr. Lance?

Jar assente com a cabeça.

— O Dr. Lance percebeu a infelicidade dela. Sugeriu que ela fosse para um retiro em Herefordshire. Talvez até tenha dito que ela podia desistir da faculdade durante um ano, voltar quando se sentisse mais forte. Mas não havia nenhuma terapeuta na faculdade.

— Então e a Karen? — pergunta Max. — Ela escreve bastante sobre ela.

— O Martin também, no seu próprio diário. Escreve tudo sobre a sua curta inspiração antes de falar. Só que não está a escrever sobre a Karen, está a escrever sobre uma das velhas amigas da Amy da universidade, uma psicóloga americana chamada Kirsten, que veio passar uns dias com eles.

— A Kirsten que é uma brasa e com quem te encontraste na Harley Street — diz Carl.

— A Amy estava preocupada com as minhas alucinações de luto, pediu à amiga Kirsten que me ajudasse. A Kirsten abordou-te como uma forma de chegar até mim, sabendo que eu precisava de ser persuadido.

— Ela disse que queria pôr os clientes a ouvir *jungle* — diz Carl. — Fui enganado.

— A Amy agiu com a melhor das intenções. Quando conheci a Kirsten pensei, erradamente, que ela era realmente a Karen, a antiga terapeuta da faculdade da Rosa, e que também estava a tentar encontrar a Rosa. Mas a Karen nunca existiu. O Martin criou-a. Sendo um perpétuo aspirante a romancista, inventou-a, baseou-a na Kirsten quando ela veio de visita. Esboçou a personalidade dela no seu diário como um exercício de escrita (a inspiração curta, o cabelo louro, as maçãs do rosto altas), nada que incomode o *Booker Prize*.

— Mas porque é que a «Kirsten» se torna a «Karen» no diário da Rosa? — pergunta Max.

— O Martin sempre quis escrever um romance, desde que quase estudou Inglês em Cambridge. Tentara e falhara uma vez; conheço a sensação. Então, consegue apoderar-se do diário da Rosa e tem uma ideia. Começa a embelezá-lo, acrescenta pedacinhos aqui e ali, introduz personagens suas, inventa coisas. Isso explica por que motivo nunca conseguiste encontrar uma terapeuta em St. Matthew's, muito menos uma americana chamada Karen.

— Então o Martin usa o diário da Rosa como base para o seu grande romance — diz Max. — Mas isso não explica por que motivo está a publicar vídeos dela a ser torturada pelos americanos.

— Não está. — Jar faz uma pausa, olhando novamente de soslaio pelo espelho lateral. Há uma carrinha *Transit* branca atrás deles, já há algum tempo. Apalpa a arma no bolso do casaco, sem ter a certeza se a sua presença fria o acalma. Não falou dela a Max nem a Carl. — A Rosa estava mais deprimida do que eu me apercebi nas suas últimas semanas, agora percebo isso. E escreveu sobre isso no diário. Não sei em que medida é que o Martin alterou as coisas, mas, independentemente da forma como vimos a situação, sei que desvalorizei a tristeza da Rosa.

Não muito, espera Jar. Martin pode ter acrescentado coisas ao diário dela, mas Jar tem a certeza de que também retirou coisas, editou a sua relação, diluindo o amor verdadeiro que sentiam um pelo outro.

— O Martin suspeitava disto — continua Jar —, sabia que o suicídio era pelo menos uma possibilidade, por isso seguiu-a quando ela saiu de casa naquela noite e desceu até ao cais.

— Ainda não entendo porquê — diz Max.

— Viu na Rosa uma oportunidade, para o seu romance e para as suas experiências, para o escritor e para o cientista. O diário dele está cheio da necessidade de testar antidepressivos em humanos (humanos submetidos a *stress*) e da sua frustração pelo facto de os regulamentos o impedirem de o fazer. Guantánamo era o local ideal para ensaios clínicos não autorizados. Agora tinha uma oportunidade de os realizar em condições semelhantes, de testar todos aqueles pode-

rosos antidepressivos em que tinha estado a trabalhar. E é por esse motivo que estava a preparar o seu lugar especial, um laboratório abandonado de testes com animais que pertencia à sua antiga firma em Norwich. Era onde faziam as experiências verdadeiramente más, longe dos olhares intrometidos dos manifestantes.

— Meu Deus, Jar. E ele escreve sobre isso no diário?

— Por outras palavras.

Jar faz uma pausa, gesticula na direção da garrafa de água junto a Carl e dá um trago. Tem a boca seca.

— Depois de a ter convencido a sair das grades do cais, caminha com a Rosa até ao seu carro sem ser visto pelas câmaras de vigilância avariadas do cais, ou pela que está por baixo do hotel. Seda-a (o que não é difícil, dado o seu antigo trabalho) e, depois, faz uma chamada anónima para as emergências, antes de a levar para o laboratório no aeródromo abandonado, onde ela passa os cinco anos seguintes.

— Meu Deus — murmura Carl.

— E é lá que começa a fazer experiências com ela, fazendo todas as coisas que nunca lhe permitiram fazer com humanos no trabalho. Foi por isso que a levou. Também lhe dá matéria-prima para o romance, aquele que sempre quis escrever. Começa a embelezar o diário dela com os esboços das personagens que tinha escrito no seu próprio diário. Um ano depois, depara-se com a tua história na *dark web*, o que lhe dá o enredo. Sabemos que leu o teu artigo, deixou um comentário como Laika57. A Rosa não cometeu suicídio, foi levada pelos americanos e foi-lhe dada uma nova vida como parte de um pro-

grama secreto chamado Êutico, um nome que ele retirou de um dos comentários ao teu artigo. Perfeito para alguém que adora *thrillers* de espionagem. Também inclui outros pormenores da tua história no diário.

— Como o SAS — diz Max. — E o Todd. As partes que inventei.

— À medida que os anos passam, vai transmitindo todos estes pormenores à Rosa, fá-la ler o diário alterado todos os dias até ela finalmente acreditar nele. Ela disse-me isso quando nos encontrámos na falésia na Cornualha. Foi outra das experiências psicológicas do Martin (e também proporcionou algum *feedback* a um autor preocupado com a credibilidade, uma auréola de verdade). Mais uma vez, o cientista e o escritor. Portanto, a Rosa pensa que foi realmente recrutada para o Êutico em Herefordshire, que fugiu do programa e que agora está a ser mantida pela CIA numa base aérea americana. Mas não está, está a ser abusada pelo tio num antigo aeródromo da Segunda Guerra Mundial em Norfolk.

Jar faz uma pausa. Todos estão em silêncio, à espera que continue. A carrinha ainda está atrás deles. Aparentemente, a aproximar-se.

— Um dia, ela consegue realmente fugir: no dia em que a Amy ligou ao senhor do computador a pedir ajuda com o portátil. O Martin fica furioso com ela, preocupado com o que o homem poderá encontrar, todos aqueles vídeos de tortura. A maioria está nos discos rígidos que guarda no barracão, mas teria feito *download* de alguns para o portátil da Amy antes de lho dar? Tê-los-ia apagado devidamente, ou deixara rasto? Entra em pânico, comete erros. A Rosa vê a sua

oportunidade, evade-se do laboratório, foge pela zona rural de Norfolk.

— E foi nessa altura que a viste em Paddington — diz Carl.

— Só que não acredito que seja a Rosa. Acho que é mais uma alucinação de luto. Mas depois, finalmente, encontro-me com ela, em Gurnard's Head, na Cornualha. Está perturbada. Claro que está.

— Cinco anos a ser alvo das experiências do Martin — diz Max. — A acreditar que está a ser punida pelos americanos por tentar abandonar um programa secreto fictício chamado Êutico.

— E é levada de volta — continua Jar. — Não pelos serviços secretos, mas pelo Martin, que aluga um carro com o nome John Bingham. Não consegue evitar: o homem no qual Le Carré baseou a sua personagem George Smiley. Além disso, tem ajuda, um tipo alto que partilha as suas perversões: um antigo colega de laboratório com quem anda de bicicleta. Sei que deveria tê-lo impedido de a levar, mas ele tinha uma arma e nós não tínhamos para onde fugir.

— A mesma pessoa que viste no Starbucks, do outro lado do escritório? — pergunta Carl.

Jar assente com a cabeça.

— E que me atingiu com uma arma na Cornualha e me tentou matar numas escadas em Canary Wharf. Tenho a certeza. — Jar hesita, engolindo em seco. — Ajudei o Martin a encontrar a Rosa novamente, levei-o até Gurnard's Head. — A sua voz está agora entrecortada e demora algum tempo até conseguir continuar. — Quando ela fugiu, o Martin sabia exatamente o que fazer: tinha um plano de contingência caso ela alguma vez se libertasse. Calculou que ela se dirigiria a um

sítio especial: tinha escrito no diário sobre fugir para ali «se o mundo alguma vez saísse dos eixos». Só que a Rosa se tinha recusado a dizer ao Martin onde era. Mas eu sabia. E o Martin sabia que eu sabia. Portanto, envia-me o diário dela, aquele que embelezou, dá-o à Amy para que mo entregue. Encoraja-me, a mim, o teórico da conspiração paranoico, a pensar que a Rosa está em fuga de um programa secreto dos serviços secretos. Sou uma presa fácil, preparado para acreditar que ela está viva, incapaz de aceitar a sua morte, mesmo depois de todos estes anos. Envia-me *e-mails*, fazendo-se passar por ela. Falsifica até um documento confidencial, «Nível 3, Apenas para Olhos Britânicos», baseado no que recolheu de *sites* sobre espionagem escondidos na *dark web*. Sabe que a Rosa irá dirigir-se ao nosso local de encontro secreto e que eu vou levá-lo até lá. E é exatamente isso que faço.

Jar agora não consegue falar, devido às lágrimas.

— Então ela esteve com o Martin este tempo todo — diz Carl calmamente.

Max tem dificuldades em pigarrear.

— De facto, dizem que, muitas vezes, o atacante é conhecido da vítima.

— E agora levou-a novamente, para o laboratório — diz Jar, tentando soar forte. — E temos de encontrá-la.

Um segundo mais tarde, os três são projetados para a frente.

— Meu Deus — diz Max, tentando manter o *Land Rover* na estrada. — São amigos teus? — pergunta, olhando pelo espelho retrovisor.

Carl e Jar viram-se para olhar para trás. A carrinha branca que Jar vira antes está junto do porta-bagagens, tão próxima que conseguem ver o condutor. Jar reconhece o homem que deixou à beira da morte nas escadas. Está a olhar fixamente em frente, com o rosto sem emoção, enquanto a carrinha bate novamente nas traseiras do *Land Rover*.

— Ninguém se mete com um *Defender* — diz Max, ofegante.

— É ele? — pergunta Carl.

— É ele — confirma Jar, virando-se para Max, receando o que ele está prestes a fazer. Uma hora mais cedo e os miúdos estariam no carro.

— Agarrem-se — diz Max, enquanto pisa no travão.

Ouve alguma coisa a chiar, acompanhada pelo cheiro a borracha queimada, depois tudo abranda, ou pelo menos é isso que parece a Jar, antes de um som forte de algo a rachar enquanto a carrinha bate nas traseiras do *Land Rover*. A cabeça de Jar está a latejar, mas vira-se para ver que o vidro da carrinha se estilhaçou à frente do condutor e o topo da sua cabeça atravessou a malha de vidro fraturado. Antes de alguém poder dizer alguma coisa, Max já se afastou a acelerar, com a carrinha a oscilar até parar entre uma cacofonia de buzinas.

A última dose da medicação que ele me deu deveu ser mais forte do que o habitual, porque estou com dificuldades em lembrar-me dos últimos dias. Fui encontrada, na Cornualha, e agora estou aqui novamente. Isso, eu sei. E estou a ser castigada, como nos primeiros anos. Tratada como um animal. Mas, desta vez, sei que estou sozinha. Quando saí daqui, não havia mais prisioneiros. Em vez disso, encontrei um escritório abandonado e um gravador perto do alçapão que conduz à minha «cela». Carreguei no play e os gritos começaram. Um gemido baixo, seguido de pancadas contra as grades. Seis pancadas.

Lembro-me da luz clara do sol, de um aeródromo, de caminhar através de quintas planas, de um acampamento onde roubei uma tenda com um padrão floral, uma mochila e algum dinheiro, de correr como uma criança selvagem. Não me lembro de chegar a Londres, mas apanhei um comboio de lá para a Cornualha e um autocarro até Gurnard's Head, onde eu e o Jar combinámos encontrar-nos se o mundo alguma vez saísse dos eixos.

E ele estava lá. O meu lindo Jar.

Pelo menos acho que era ele.

Cromer, 2013

O suicídio é um desperdício tão grande. Em vez disso, as pessoas deviam oferecer os corpos à ciência. Há tanta coisa que podemos fazer com eles.

Estou a despedir-me deste diário. Já serviu o seu propósito. Encontrei uma voz e finalmente tenho a minha personagem principal, que vive e respira, que tem um passado que posso pilhar e um futuro que posso modelar. Contudo, antes de terminar, deveria narrar a noite em que a Rosa desapareceu, um acontecimento que oferece a um escritor tantas oportunidades narrativas diferentes.

Tínhamos discutido nessa noite, a Rosa e eu. No início, foi sobre a depressão, os méritos da terapia *versus* os ISRSs[24], mas depois alargou-se a uma disputa geracional, aquilo a que eu chamo de abertura de *reality show versus* reserva digna, choradeira *versus* lábio superior firme.

A A pediu-me que me desculpasse com a Rosa, por isso subi até ao seu quarto e encontrei um bilhete escrito à mão ao lado do seu portátil. Tinha saído para uma caminhada, até à cidade, para desanuviar a cabeça. Alguns minutos depois, voltei para baixo, disse à A. Ela implorou-me que fosse atrás dela, que a seguisse pela noite. Peguei

no carro, certo de que estaria a dirigir-se para o cais. A Rosa tinha escrito sobre isso no diário uma vez, como ponderara saltar de lá.

Quando a encontrei, junto ao posto do barco salva-vidas na ponta mais afastada do cais, estava de pé sobre as grades, ao vento. Um vento oriental levantava furiosamente o mar em baixo. Sabia que devia ter sido vista pelas câmaras de vigilância enquanto caminhava pela orla marítima em direção ao cais. Mas a câmara do cais não estava a funcionar.

Durante algum tempo, fiquei simplesmente ali, de pé, a observá-la, contemplando a forma como o vento brincava com o seu cabelo.

Não sei até que ponto estava decidida a saltar, mas três coisas poderiam ter sucedido depois. Poderia ter superado as dúvidas e saltado para a escuridão, sendo o seu corpo levado pelas terríveis correntes que circundam, como cobras marinhas, os pilares do cais em baixo. Poderia, na tranquilidade da noite, ter sido levada do cais como parte de um programa dos serviços secretos chamado Êutico, sendo-lhe dada uma nova vida depois da sua morte simulada. Ou poderia ter-se virado para trás, deparando-se com um homem a observá-la nas sombras, à espera de intervir.

Se o curso escolhido fosse o último, o homem começaria com uma pergunta simples, faustiana: «Quando um homem salva alguém da morte certa, torna-se dono da sua alma?». Ela não teria percebido o que ele queria dizer. Nem teria protestado enquanto ele soltava os seus dedos frios das grades metálicas, com lágrimas a escorrerem pelo seu rosto jovem, confuso e assustado. Ficaria simplesmente agradecida por estar viva.

Lentamente, teriam caminhado novamente pelo cais até ao carro, evitando cuidadosamente a câmara de vigilância por baixo do Hotel de Paris que registara a sua chegada. Teriam falado um pouco mais enquanto ela parava de tremer e, depois, ter-se-iam afastado de carro, ela sonolenta, aquecida pela garrafa térmica de chá com um sabor ligeiramente estranho, ele parando apenas para fazer uma chamada de uma cabine telefónica. Para a A, presumiu ela.

Então o que é que ela fez? Qual das três narrativas seguiu?

Chegou finalmente o momento de me dedicar ao meu romance. Agora sei que vou manter o formato de diário. Até tenho uma ideia para um início: algo sobre rastos de condensação no céu de Fenland.

[24] Inibidores seletivos da recaptção da serotonina. (N.T.)

Quando é que soube que era ele? Ano dois, talvez ano três. Quando começou finalmente a falar comigo. No início, usava um passa-montanhas preto, espetava-me com um bastão elétrico para gado, não dizia nada. O buraco no passa-montanhas em redor dos lábios fazia-os parecer femininos, apesar dos pelos. A minha medicação era tão forte que não me teria importado se o tivesse reconhecido. O Pai sabia. Desde que o conheceu. Só o Jar tinha um ângulo morto relativamente a ele. Tenho tanta pena da Amy. Terá sofrido como eu?

Não me deixa chamar-lhe Martin. É o meu «guarda». Mas eu trato-o por Martin se me sentir forte, e isso deixa-o doido de raiva. Tira-me a comida, aumenta a voltagem, enfia-me comprimidos pela garganta que transformam os meus dedos em larvas e fazem as paredes esmagarem-me até não conseguir respirar. Mas eu não vou jogar os jogos dele.

Passou algum tempo desde que estive na casa de Amy e Martin pela última vez, mas Jar lembra-se do suficiente para indicar a Max que suba a Hall Road, afastando-se da beira-mar de Cromer. Depois de um quilómetro e meio, pede a Max que abrande enquanto passam sob o viaduto da linha de comboio. Cerca de quinhentos metros mais à frente, a estrada faz uma curva para a esquerda e Jar diz a Max que abrande ainda mais. A casa, pensa, é algures em cima, à direita. E então vê-a, afastada da estrada, no final de um caminho, parcialmente escondida por árvores.

— Continua — diz Jar. — Se estacionarmos algures ali à frente, posso subir a pé.

O plano é que Jar telefone a Max e Carl depois de ter confirmado que Amy está sozinha em casa. De acordo com o diário de Martin, este deve ter saído para andar de bicicleta, como faz todos os dias a esta hora. Jar tocará à campainha da porta da frente e, no caso improvável de ser Martin a abrir, explicará que se veio despedir, inventará uma história qualquer sobre ir para o estrangeiro, sobre continuar com a sua vida e deixar finalmente Rosa para trás, agora que leu o diário e aceitou a sua morte.

— É uma caminhada longa até ao cais — diz Max, enquanto estaciona, algumas centenas de metros para lá da casa. Parece estar can-

sado, pensa Jar, depois da viagem de três horas a conduzir de Londres.

— Vinte minutos, talvez meia hora. — Jar tenta não pensar em Rosa a descer a estrada sozinha no escuro naquela noite, com Martin a segui-la à distância no seu carro. Há um caminho ao longo da maior parte do trajeto, mas não durante os primeiros quatrocentos metros.

— Eu ligo-te — diz, saindo do *Land Rover*.

— O Martin pode ser hostil — diz Max. — O amigo foi.

— Não vai estar cá, foi andar de bicicleta.

— Acho que devia ir contigo, mano — diz Carl. — Só para prevenir.

— Eu telefono.

Cinco minutos depois, Jar bate à porta da frente.

— Quem é? — grita uma voz, depois de Jar ouvir uma corrente a ser colocada na porta. É Amy.

— Sou eu, o Jar.

A porta abre-se alguns centímetros, ainda com a corrente, e Jar sorri para Amy. Está com péssimo aspeto, pior do que alguma vez lhe pareceu: olhos escuros, maquilhagem pesada, um meio sorriso vazio.

— O Martin está?

Ela abana a cabeça.

— Foi andar de bicicleta. — A voz é vaga, sonhadora.

— Posso entrar?

Amy tira a corrente da porta e deixa Jar entrar no *hall*. Jar repara que as pontas dos seus dedos estão pretas enquanto ela fecha a por-

ta atrás deles.

— Li-o, depois de to ter enviado.

Jar assente com a cabeça, sem ter a certeza de quanto contar, tentando determinar o que ela sabe, agora, sobre o homem com quem partilhou uma casa (uma vida) ao longo dos últimos vinte anos: as câmaras no quarto de hóspedes, o laboratório no aeródromo, as experiências de impotência aprendida. Pelo menos não viu o vídeo, talvez não tenha suspeitado que a «cadela» pendurada era Rosa.

— Diz-me que é ficção — diz ela, entrando na cozinha. Jar segue-a. Nem sequer é hora do lanche, mas há um copo meio vazio na banca e uma garrafa de vodka aberta ao lado. Há alguns esboços a carvão na mesa (imagens sombreadas com riscos cruzados, violentas) e bolas de papel amarrotado no chão.

— Leste tudo? — pergunta Jar, olhando novamente de relance para os desenhos.

— Claro que li. — Faz uma pausa. — Ele deixou-a saltar naquela noite, não deixou? No cais.

Amy deixou-se levar pela dissimulação grosseira do diário, pensa Jar, escolheu acreditar na narrativa errada. Interroga-se quanta medicação terá tomado. A sua voz está fraca, as frases desvanecem-se.

— Também deixou a minha Strelka morrer.

— Podemos falar do diário depois — diz ele.

— A Kirsten sabia — diz Amy. — Suspeitou que ele tinha câmaras no quarto de hóspedes.

— O Martin escreve sobre um velho laboratório, num aeródromo abandonado — interrompe Jar, preocupado com o estado mental de Amy. — Precisamos de o encontrar. Acho que é onde ele vai de bicicleta todos os dias. Sabes onde fica?

Amy faz uma pausa, com os olhos focados em Jar, agora mais alerta.

— Acho que talvez saiba.

— Onde?

— Sou uma viúva do Strava, Jar. Ele sai para andar de bicicleta durante três horas todos os dias. Quando volta, desce até ao barracão, faz *download* da rota, dos tempos. O aeródromo deve estar no computador dele.

Jar já está a telefonar a Carl.

— Obrigado, Amy.

Max está com Jar a vigiar o exterior do barracão, segurando um corta-cavilhas que encontraram num anexo próximo. Cortaram ambos os cadeados e a porta principal está aberta. Carl está no quarto das traseiras, a trabalhar rapidamente no computador, auxiliado por Amy, que ressuscitou, energizada pela perseguição.

— Já encontraste? — grita Jar.

— Dá-nos mais um minuto — diz Carl. — Ele tem aqui muita segurança.

Jar olhou brevemente para o quarto das traseiras, mas a visão dos ecrãs de televisão, da secretária, do computador de Martin, do rolo de fita adesiva médica junto a um pisa-papéis enervou-o, fez com que o diário de Martin ganhasse vida. Precisa de se manter calmo para poder enfrentar aquilo que receia seguir-se. Também estava muito escuro lá dentro, mesmo com a porta aberta, com o quarto iluminado por uma lâmpada vermelha.

— Conseguimos entrar — diz Carl. — Agora só precisamos de ver por onde tem andado a pedalar. As pessoas comparam tempos no Strava para rotas específicas, troços de estrada.

Jar olha de relance para Max e volta a entrar no barracão, deixando Max no exterior. A sua preocupação é que Martin possa regressar a qualquer momento.

— Parece que tem estado a seguir a mesma rota todos os dias há anos — diz Carl, examinando os dados.

— Onde é que fica o aeródromo?

— Do outro lado de Holt, aqui mesmo. — Amy aponta para um mapa no ecrã. — Eu sei onde fica.

— A cinquenta e cinco minutos e quarenta segundos de distância, a pedalar a uma velocidade de vinte e cinco quilómetros por hora — acrescenta Carl.

— Sai daqui à mesma hora todos os dias: 1h da tarde, como um relógio.

— E volta às 4h da tarde — diz Amy.

Jar olha de relance para o relógio.

— Ainda lá está.

— Eu mostro-vos o caminho mais rápido — diz Amy.

Habituei-me tanto à luz ténue e difusa aqui em baixo que quando a lâmpada do teto voltou à vida hoje, pensei que era um relâmpago. Mas a luz permaneceu, amarela e artificial e tão brilhante como fogo, e acendeu um plano na minha cabeça. Agora sei o que tenho de fazer.

A luz lembrou-me de quando vivíamos no Paquistão. «Dim-dum», era assim que o nosso cozinheiro chamava aos momentos em que a energia ficava fraca e a luz tremeluzia. Então, um dia, quando estávamos ligados à central elétrica de um gerador privado, houve um pico de corrente e todas as lâmpadas rebentaram como foguetes.

Caminhei até à porta da cela, as correntes permitiram-me alcançar exatamente o interruptor. Desliguei-o e liguei-o outra vez, olhando para a luz. Energia.

Alguém ligou a eletricidade.

— Lembras-te daquela vez em que tocaste no fio descarnado do jardim? — Viro-me e vejo o Pai atrás de mim, examinando a tomada na parede. Sempre foi bom com bricolage. — Se estivéssemos ligados à central elétrica, terias morrido — continua. — Volts, corrente, resistência, lembras-te?

Tudo o que consigo recordar, para além do Pai a tentar explicar-me física (tinha apenas cinco anos na altura), é de, depois disso, receber

um copo de água com limão do jardineiro. O dim-dum tinha-me salvo a vida.

Volto a desligar a luz da cela, com o plano já formado.

— Parece que tiveste sorte em sobreviver — diz o Jar, emergindo das sombras e colocando-se de pé junto do Pai. Sempre quis que se conhecessem.

Parecem descontraídos na companhia um do outro, encostando-se contra a parede da cela juntos, de braços cruzados. Os dois homens que amo mais do que qualquer outra pessoa no mundo.

— Obrigada, bebé — sussurro — por vires à Cornualha, por estares aqui agora.

— O teu pai é um bom homem — diz o Jar.

— Este aqui é um sedutor — replica o Pai, apontando com a cabeça na direção do Jar. — A tua mãe teria gostado dele.

Fechei os olhos, finalmente feliz, e voltei a abri-los. Tinham desaparecido, mas a luz continua acesa.

Jar, Max, Amy e Carl estão sentados em silêncio, a olhar para a vasta extensão do aeródromo abandonado, rodeado de pinheiros e do amarelo vívido dos campos de colza. Amy indicou-lhes o caminho por uma rota secundária e, enquanto seguiam no carro, Jar revelou-lhe, tão delicadamente quanto conseguiu, que Martin poderia ter Rosa presa no aeródromo. Não quis dizer muito (ela está demasiado frágil), mas Amy não ficou completamente surpreendida. Embora nunca referisse explicitamente a captura e tortura de Rosa, o diário de Martin preparara o terreno. Jar também menciona Kirsten, diz-lhe que sabe que Amy só queria o seu bem e promete ser mais aberto em relação à terapia no futuro.

Max parou o *Land Rover* junto a uma longa fila de galinheiros, no fundo de um caminho e longe do que em tempos foi a pista principal. Ignoraram um sinal que dizia «PROPRIEDADE PRIVADA: NÃO É PERMITIDA A PASSAGEM PARA ALÉM DESTE PONTO» e contornaram uma antiga cancela onde os carros eram, em tempos, obrigados a parar para que as rodas fossem desinfetadas com *spray* antiséptico. Jar interroga-se o que teria vindo primeiro: as unidades de criação intensiva de aves ou o laboratório secreto para testes com animais.

— Parecem saídos de Belsen — diz Max, apontando com a cabeça para os aviários. Jar tem o mesmo pensamento: barracões baixos e cinzentos com silos para os cereais em cada uma das extremidades, erguendo-se como chaminés sinistras.

— De acordo com o Strava, o laboratório devia ser ali — diz Carl, apontando para um conjunto de pinheiros do outro lado do aeródromo, a uma distância de mais de 750 metros.

— No diário, o Martin escreve que deixa a bicicleta junto do perímetro a sul — diz Amy. A sua voz é calma mas forte. — Se conseguirmos encontrar a bicicleta...

Jar para, atingido subitamente pela realidade do que os espera a todos. O que farão quando encontrarem a bicicleta? Confrontar Martin? Apalpa a arma no bolso do casaco. Nunca disparou nenhuma antes. Seria muito mais fácil telefonar a Cato, mas, agora, esta é a sua hora. Esperou cinco anos por um momento assim e não vai deixar que mais ninguém se intrometa. Sabe também que há algum canto obscuro da sua mente que quer confrontar Martin sem as autoridades por perto.

— Não devíamos telefonar ao teu amigo polícia? — pergunta Max, lendo os pensamentos de Jar. — Deixar isto com eles?

— Depois — diz Jar. — Telefonamos-lhe depois.

— *Pareces tão impotente hoje. — Sorri.*

Olho de relance para baixo, para o meu corpo nu, para as correntes à volta dos meus tornozelos e pulsos doridos, tentando concentrar-me

no plano.

— Uma imagem de impotência — diz, segurando-me no queixo com os dedos, enquanto vira a minha cabeça de um lado para o outro. Algumas vezes, cuspi-lhe no rosto, mas hoje não. Hoje vou fazer tudo o que ele disser.

Falou-me muito sobre «impotência aprendida», alegando que é a chave para descobrir a neurobiologia da depressão clínica. «Debilidade, dependência, pavor»: isso é outra coisa de que está sempre a falar.

Se eu acreditar que não tenho qualquer controlo sobre o que me faz no arnês, começarei a pensar que não posso influenciar nenhum aspeto traumático da minha vida ou do ambiente. Mas eu tenho controlo, desde que vi a luz, desde que o Jar e o Pai se conheceram aqui em baixo. Deram-me força, mostraram-me uma saída.

Max trava quando Amy avista a bicicleta do marido, parcialmente escondida nas árvores, no lado mais afastado do aeródromo, a sul. A localização não poderia ser mais remota, pensa Jar, longe da vista de quem passa na estrada principal. A casa mais próxima, numa aldeia que fica para lá do aeródromo, deve estar a mais de um quilómetro e meio de distância.

— Deve haver um abrigo Nissen aqui perto. Vamos deixar o carro aqui — diz, virando-se para Amy. — Acho que não devias passar daqui.

— Chamem a polícia — diz Amy. — Por favor.

— Vamos chamar, prometo — diz Jar, abraçando-a. — Assim que o encontrarmos.

Saem os três do *Land Rover*, fechando as portas tão silenciosamente quando possível e deixando Amy sozinha. Tem um telefone com ela e telefonará a Jar caso haja uma emergência. Max leva o corta-cavilhas que usou para arrombar a porta do barracão de Martin. Se Jar tiver razão, irão precisar dele novamente. Não há edifícios à vista, mas há uma faixa de cimento antigo atrás das árvores onde a bicicleta foi escondida. Jar gesticula para que os outros fiquem quietos e ouçam. O único ruído é o som do vento nos pinheiros: ecoante, inquieto.

Jar aproxima-se da bicicleta e olha em redor, tentando ver se alguma vegetação rasteira foi pisada. Uma máscara facial branca abandonada debaixo de umas silvas capta a sua atenção.

— Acho que há um edifício ali — diz Max, apontando mais para a frente na linha do perímetro. — Com o telhado verde.

Jar olha e, inicialmente, não consegue ver nada, mas, depois, avista a curva característica de um abrigo Nissen, parcialmente escondido por árvores, a cerca de quinhentos metros de distância.

Caminham na sua direção, abraçando as extremidades das árvores, Jar primeiro, seguido de Max, que agora respira pesadamente, e Carl, que caminha em silêncio. Um segundo depois, todos se sobressaltam com um faisão que levanta voo atrás deles, cacarejando muito alto.

— Jesus — diz Carl. — Odeio o campo.

A ave também assustou Jar, mas tenta não o mostrar. Max tem razão, pensa. Deviam telefonar a Cato. Diz a si próprio para se concentrar no que os espera. Rosa está agora a menos de cem metros de distância, viva, espera, mas há uma hipótese de poderem ter chegado demasiado tarde.

É o momento por que ambos esperávamos: quando ele abre as grilhetas das minhas pernas e braços. Brilha de orgulho, de pé à minha frente, com a chave na mão.

— Para aqueles que, entre nós, se interessam por impotência aprendida — diz, curvando-se para soltar os meus tornozelos —, a ausência de qualquer desejo de fugir é um sinal de êxito, a prova de que Seligman tinha razão.

Põe-se de pé, próximo do meu corpo nu, e liberta os meus pulsos, deixando a corrente cair no chão como roupa descartada.

— Consegues imaginar como deve ter sido emocionante, quando os cães ficaram ali parados, naquela primeira vez, com a eletricidade a percorrer-lhes os membros? Podiam ter saltado para se libertarem da dor, mas escolheram não o fazer. Tinham desistido de qualquer esperança, sentiam-se incapazes de controlar o ambiente. Os cães estavam deprimidos!

Ri-se enquanto diz estas últimas palavras e depois dá-me um forte estalo no rosto, procurando uma reação nos meus olhos. Olho em frente fixamente, tentando bloquear a dor na minha bochecha.

— Boa menina — sussurra.

«Mantém as asas recolhidas», diz o Pai, aparecendo atrás dele. O Jar também lá está. Consigo ver a borboleta, a descansar num saco de velejador ao sol.

Estivemos neste ponto antes, muitas vezes. Nos primeiros tempos, quando o Martin me levava para o andar de cima e me mostrava a porta aberta, o campo, tinha razão: eu não queria fugir. Hoje é diferente. É a primeira vez que me solta desde que fugi para a Cornualha e quer provar que recuperou o controlo, que as suas experiências estão novamente no caminho certo. A dor que me infligiu na semana passada, o meu castigo por fugir, foi a pior que consigo recordar, mas não consegue quebrar-me, não com o Jar e o Pai aqui.

— Sabes o que fazer — diz, apontando com a cabeça na direção da mesa onde colocou a bateria automóvel e os elétrodos.

Para celebrar a minha submissão, o meu regresso a um estado de impotência aprendida, quer que prepare os instrumentos para a minha própria tortura. Tenho estado à espera disto: já me pediu que o fizesse antes. Aproximo-me da mesa enquanto ele examina o arnês, puxando a corrente do teto. Não tenho muito tempo. Movendo-me rapidamente, desligo os fios da bateria automóvel, enfio-os nos buracos esquerdo e direito da tomada na parede e pressiono o botão de ligar tão silenciosamente quanto consigo. Não vai reparar no que fiz a não ser que esteja a olhar. Com a entrada solar bloqueada e apenas velas como iluminação, que é como ele gosta nestas ocasiões, a luz é fraca.

Volto ao arnês, segurando na outra ponta dos fios, e coloco-os numa pequena mesa que ele põe sempre debaixo do arnês. Tenho cui-

... dado para não juntar os elétrodos nem os deixar tocar na minha pele. Em breve, vai pedir-me que trepe para o arnês e prenda os elétrodos ao corpo (em diferentes locais, dependendo da sua disposição). Temo o pior hoje. Contudo, primeiro tenho de aplicar a pasta condutora. Ambos conhecemos a rotina. Ele abre a lata da pasta, rodando a tampa enquanto me observa de alto a baixo. Saberá que se passa alguma coisa? Que desta vez a eletricidade dos elétrodos é suficiente para me matar?

— Volts, correntes, resistência, lembra-te? — diz o Pai.

— Nunca entendi física — acrescenta o Jar, muito baixinho.

Levanto o olhar, mas ambos desapareceram. Agora estou sozinha e sei o que tenho de fazer.

Primeiro, caminham até às traseiras do abrigo Nissen, espreitando para o interior através de uma janela, para o que parece ser um escritório abandonado. Não há câmaras evidentes, nem qualquer sinal de que, durante anos, o edifício tenha sido algo senão um edifício abandonado. Enquanto estão de pé, novamente em silêncio (à espera de ouvir o quê? Os gritos de Rosa?), Jar nota algo na vegetação rasteira, a alguns metros do edifício. É uma velha bateria de um carro. Depois vê outra, e outra. Deve haver pelo menos uma dúzia delas. Pesadas para transportar numa bicicleta, Martin claramente só se deu ao trabalho de as trazer até aqui: não vale a pena levá-las de volta, depois de terem servido o seu objetivo. Agora, Jar está zangado. Sente a mão de Carl no ombro.

— Vamos a isto — diz Carl.

Digo a mim própria que estou a fazer isto por todos os animais que alguma vez torturou, mas sei que estou a fazê-lo por mim, pelo Pai, pela Amy, pelo Jar.

— *Põe a máscara — diz ele. — Esqueceste-te da máscara.*

Passa-me o protetor de rosto de couro preto com uma costura na boca, que desgastei de tentar, tantas vezes, morder o couro para diminuir a dor.

Balanço-me na rede, com os braços e pernas pendurados livremente abaixo de mim, enquanto prendo a máscara com laços na parte de trás da cabeça.

— *Posso ajudar? — pergunta, como se estivesse com dificuldades para vestir um casaco.*

Abano a cabeça. A máscara está posta. Agora só falta esticar-me para agarrar nos elétrodos abaixo de mim. Normalmente, depois de ter pegado neles, dá um pontapé na mesa para a afastar, como se fosse o banco de um carrasco, e eu prendo-os ao corpo, preparada para que ele ligue a bateria automóvel.

— *Preparada? — pergunta.*

Assinto com a cabeça novamente, com dificuldades para respirar com a máscara posta. Chegou o momento. Ouço-me a mim própria a rezar.

— *É uma bateria nova, completamente carregada — diz ele. — Deve ser um grande abanão.*

A porta principal do abrigo Nissen está trancada, como Jar suspeitara, mas há uma pilha de madeira amontoadada à frente, bem como algum material agrícola antigo, e Max e Carl já estão a aproximar-se com um grande tronco. Jar pega na ponta que Max estava a agarrar e ele e Carl balançam o tronco entre si, atirando-o contra a porta, junto da fechadura. O ruído ecoa pelo aeródromo. Agora, estão num ponto sem retorno. Batem com o tronco na porta várias vezes, até que esta finalmente se racha, e Max abre-a com um pontapé.

— Está escondida por um armário arquivador — diz Jar enquanto olham em redor em busca da entrada para a cave. Há mais de cinco armários espalhados pela divisão. Alguns deles com as portas abertas, outros com elas fechadas.

— Aqui — diz Carl. Os três atravessam a divisão até um armário no canto mais afastado. Todas as gavetas estão fechadas e, atrás, há um painel com uma pega, no chão cinzento de linóleo. Há arranhões no lado onde o armário foi puxado para trás e para a frente.

Agora, Jar não hesita enquanto se dobra e ergue a pega do painel. Começa a puxar, levantando-o com a ajuda de Carl.

O cheiro atinge-os primeiro: uma mistura rançosa de excrementos, ventilação escassa e algo mais que lembra a Jar o odor de hospital. Ou será o que cheirou na morgue, quando foi com o *Da'* despedir-se da *Mamó*? Max tira um lenço às pintas e leva-o à boca. Carl vira-se

para o outro lado e caminha até à porta, com vontade de vomitar. Jar põe a mão sobre a boca e o nariz e puxa o painel completamente para trás. Apesar da escuridão em baixo, consegue ver o primeiro degrau de uma escada metálica.

— Vou descer — diz.

— Usa isto — diz Max, passando-lhe o seu lenço. Jar pega nele, vira-se e apalpa a escada com os pés.

— Diz ao Carl que fique a vigiar para o caso do Martin aparecer — diz ele. Nenhum humano estaria ali naquela cave de livre vontade, pensa, não com aquele cheiro. Talvez Martin tenha saído por um momento. Para apanhar um pouco de ar fresco? Beber um copo de leite? Jar já não está a pensar com clareza, com o coração a bater acelerado, as mãos húmidas nas escadas de metal. Terá Rosa descido estas escadas na primeira noite? Ou estaria tão drogada que Martin teve de a carregar, ou talvez deixá-la cair como um saco de carvão?

Fecho os olhos e abro-os novamente, segurando os elétrodos afastados por baixo de mim. Não consigo fazer isto. Não consigo.

O Pai voltou a entrar sorrateiramente na divisão, uma vez mais mesmo a tempo do espetáculo da escola. Faz-me um olhar tranquilizador, o mesmo sorriso de «tu consegues» que me fez quando estava a oscilar na trave, de braços levantados, prestes a fazer uma pirueta. Então, o Jar também aparece, com o mesmo olhar que me lançou quando o meu cartão de crédito foi recusado no restaurante. «Há di-

nheiro suficiente na caixa das gorjetas, de outros jantares, para poder cobrir o que falta», disse ele. Amei-te por isso, Jar.

— Estou pronta — digo eu, enquanto ele avança para retirar a mesa para que o meu corpo fique pendurado livremente quando começar a dobrar-se e a contorcer-se.

— Um no pé, o outro na língua — sussurra. Há álcool doce no seu hálito e tem a pele coberta de gotas de suor.

Olho para o Pai, que assente com a cabeça e se vira para o outro lado. O Jar também faz o mesmo.

E então, baixo os dois elétrodos até aos dois lados da sua cabeça, contra cada uma das suas têmporas suadas, empurrando com tanta força quanta consigo reunir, enquanto o seu corpo se convulsiona por baixo de mim.

De pé no fundo das escadas, Jar olha em redor da divisão escura, usando o telemóvel como lanterna. Segura o lenço encostado contra o nariz, tem vontade de vomitar, mas força-se a engolir. Onde é que está Rosa? Onde é que está? Ou será este espaço usado apenas para animais? «Preso com fita adesiva ao pé da cadela... Ficou simplesmente ali sentada sobre os quadris, olhando-me fixamente...»

A primeira coisa que Jar vê é uma rede cor de laranja suspensa do teto. Está vazia, pendurada flacidamente, com dois cabos elétricos a sair de uma ponta para a escuridão. Foi aqui que o vídeo foi feito, apercebe-se Jar. Vira-se, quase vomitando para dentro do lenço.

— Estás bem aí em baixo? — grita Max, mas Jar mal o ouve. Roda a luz do telemóvel em redor, esperando que isso responda à sua pergunta.

— Rosa? — diz ele, limpando a boca. A sua voz é fraca. — Rosa, sou eu, o Jar. Onde é que estás? — Aproxima-se do arnês para se assegurar de que está vazio. — Rosa? — chama, ganhando confiança.

Caminha para lá da rede, para uma divisão lateral onde há uma sanita e um lavatório, e aponta a luz em redor do minúsculo espaço, passando de um objeto para outro: um recipiente de vidro, uma bateria automóvel, elétrodos, duas grandes caixas de madeira, como cubículos, que foram unidas para estarem lado a lado e uma pilha do que parecem ser abajures. Do tipo que se põe à volta do pescoço de um cão para o impedir de se coçar, pensa. Ilumina a prateleira em cima. Uma fila de latas: comida de cão. Por baixo, numa superfície de trabalho, uma lata aberta com uma colher.

E, então, ouve um som, um arrastar de pés muitíssimo ténue. Aponta a luz para baixo, iluminando o chão. Ali, agachada debaixo do lavatório, nua, com os braços à volta dos joelhos, a tremer, viva, está Rosa.

— Onde é que ele está? — sussurra, enquanto Jar se agacha para a embalar nos seus braços.

— Está tudo bem — diz Jar, começando a soluçar, chocado com o facto de a pele dela estar tão fria. — Pega no meu casaco.

— Ele está aqui, Jar.

— Já passou — diz Jar, sem ouvir as palavras dela, enquanto a levanta e a envolve no seu casaco de camurça, tal como fez nas margens do Rio Cam. É difícil acreditar que é a mesma mulher. Tem o cabelo rapado, a parte lateral da cabeça inchada e com contusões, o corpo pele e osso. — Temos de sair daqui.

Nunca vai deixar que a levem novamente, pensa, segurando-a junto de si, mais próximo do que alguma vez segurou alguém. Mas a sua própria pele está também a começar a arrefecer, gelada pelo silêncio dela. «Ele está aqui».

— Eu tentei — murmura Rosa.

Jar sente a corrente à volta do pescoço antes de ouvir Martin. As suas mãos disparam na direção das pesadas correntes, desesperadas por libertar a tensão, enquanto é arrastado para o meio da sala, longe de Rosa, a espedaçar como num horrível canção. Consegue ouvir-se a si próprio a asfixiar, como se fosse outra pessoa.

— Odeio histórias com finais felizes, tu não? — diz Martin, com a boca próxima do ouvido de Jar.

— O meu casaco — consegue dizer Jar a Rosa, que voltou a afundar-se no chão, encolhida com medo; ou será impotência? Ela levanta o olhar na sua direção. Jar move os olhos salientes para o bolso do casaco, incapaz de falar. Não quer que ela o veja morrer, mas ela não consegue entender. Agora, já não resta energia no corpo de Jar. A corrente aperta com força a sua traqueia e está a perder a consciência.

— Salvei-lhe a alma — diz Martin. Jar apercebe-se de um cheiro diferente, carne queimada. Fecha os olhos. Já não importa. A vida está

a deixá-lo. Onde é que está Max? E Carl? Não os ouviram? — Por isso a cadela é minha.

Num último esforço, Jar solta uma mão da corrente e balança o cotovelo para trás. Martin dobra-se, relaxando o suficiente o aperto para que Jar se solte. Aproxima-se de Rosa a cambalear, tentando ignorar a dor à volta do pescoço, agarra no casaco e tira a pistola do bolso.

— Não tinhas coragem — diz Martin, enquanto levanta o olhar para a arma. — Não ias saber como.

— Dispara — grita Rosa, levantando-se.

Jar olha de relance para ela e solta a patilha de segurança. Não precisa de ser persuadido. Há algo selvagem nos olhos de Martin, uma imprevisibilidade letal nele. As suas calças estão ensanguentadas e os lados do rosto cobertos de marcas recentes de queimaduras e sangue. É um alvo bastante simples.

— Mantiveste-a aqui em baixo durante cinco anos. — Jar aperta a arma para a impedir de tremer. O seu pescoço está a arder. — Cinco malditos anos — repete, agora mais alto.

— O tempo voa — diz Martin, com um riso cínico.

— Ela pensava que podia confiar em ti, no seu próprio tio. — Porque é que Jar está a dizer tudo isto? Os três conhecem as acusações contra ele, mas é como se precisasse de as proferir, de demonstrar o caso antes de conseguir premir o gatilho. Ou Martin tem razão e ele não é capaz de fazer aquilo? — Ela pensou que tinhas ido ao cais salvá-la. Em vez disso...

— Está tudo bem aí em baixo? — É Max. Jar olha para as escadas do outro lado. Max já teria disparado por esta altura.

— Jar! — grita Rosa.

Jar vira-se e vê Martin a correr na sua direção. Prime o gatilho, mas há apenas um clique vazio. Instintivamente, roda a arma e balança o cabo da arma contra o rosto de Martin, com tanta força quanta consegue reunir, lembrando-se de como fora derrubado (com a mesma arma) nas falésias da Cornualha. É o suficiente para travar Martin. Jar agarra-lhe na parte de trás do pescoço e puxa-lhe a cabeça para cima e depois para baixo, na direção do seu joelho levantado, com uma brutalidade que Jar nunca soube que possuía. Martin desmaia.

— Liga à polícia, Carl! — grita Max na direção do alçapão enquanto corre para junto do corpo imóvel de Martin e fica de pé, por cima dele, a guardá-lo.

Jar, ofegante, desloca o olhar de Martin para Rosa, que está caída contra a parede, agarrando-se ao casaco à sua volta. Ele estica-se e ajuda-a a levantar-se. O corpo inteiro de Rosa está a tremer. Agarra-a junto a si, tentando acalmá-la, acalmar-se a si próprio, repousando a testa contra a dela.

— Desta vez já passou — sussurra. — Prometo.

— Devia ter-me ligado — diz Miles Cato, de pé à entrada do abrigo Nissen.

— Pensei que era isso que tinha acabado de fazer — responde Jar.

— Antes de ter vindo aqui. Assim que leu o diário de Martin. Isto é um importantíssimo local do crime e tem as suas impressões digitais por todo o lado.

— Era pessoal — diz Jar, olhando para todas as pessoas agora presentes: quatro carros da polícia, duas ambulâncias, um carro dos bombeiros com equipamento para cortar e um guindaste e o helicóptero da polícia no qual Cato viera de Londres, já para não falar dos carros de patrulha no final da estrada, agora cortada. Há fitas da polícia às riscas azuis por todo o lado, esticadas entre as árvores, ondulando na brisa.

— Ela vai ficar bem, você sabe disso — diz Cato.

— O corpo, talvez.

Jar acabou de sair da ambulância onde Rosa está a ser tratada. Os paramédicos limparam-na, deram-lhe uma bata para vestir e em breve levá-la-ão para o Hospital Universitário de Norfolk e Norwich, mas não sem Jar. Ele insistiu em ir com ela para todo o lado e esta é a pri-

meira vez que saiu de junto dela desde que a encontrou, há mais de uma hora.

Carl e Max ainda estão com ele, prestando declarações à polícia, oferecendo-lhe alguma tranquilidade. Martin foi preso e levado para a esquadra da polícia de Norwich, para a sua própria segurança, tanto como a dos demais. Ainda ninguém determinou a história toda, o que aconteceu antes de Jar chegar, mas ele presume que Rosa aproveitou uma oportunidade e, de alguma forma, conseguiu administrar um choque quase fatal a Martin, o suficiente para escapar do arnês. Quanto à arma, Cato confirmou que era falsa, o que não foi grande consolo. Mais um motivo para Jar ter desafiado o colega de Martin na falésia da Cornualha.

— Vou voltar a entrar para estar com ela — diz Jar, movimentando-se na direção da ambulância. — Querem levá-la para o hospital agora.

— Precisamos de falar com ela, quando se sentir mais forte — diz Cato. — Há muitas questões. Tenho a certeza de que compreende.

— Como queiram. — Jar mantém os olhos cravados em Cato, lembrando-se de quando se tinham conhecido. Continua a não confiar nele.

Cornualha, 2017

Isto não vai ser longo. Tudo me parece cansativo, neste momento, e passo grande parte do dia a dormir. Foi ideia do Jar começar a escrever novamente um diário (as minhas próprias palavras, escritas em liberdade) e sabe bem, os primeiros passos para recuperar a minha vida, o meu passado.

Também foi ideia do Jar vir para aqui, para o lugar onde o Pai me costumava trazer: um santuário, embora a última vez que aqui tenha estado tenha sido para o seu funeral. Caminho até Paul todos os dias com o Jar, para visitar as sepulturas da Mãe e do Pai. Demora bastante (2700 segundos), mas digo a mim própria que é bom para o corpo e para a alma.

Passou um mês desde que o Jar me encontrou. Nos primeiros dias estive no hospital, antes de ele me trazer para aqui. Há uma terapeuta que vem de Truro todos os dias e falamos durante duas, por vezes três horas, dependendo de quão forte me estou a sentir. Mostra-me fotografias da minha «cela», fotografias do Martin, com e sem o passa-montanhas, e leio extratos do meu «diário da prisão», os pedaços que escrevi em bocados de papel. Sugeriu que escreva também sobre as horas finais do meu encarceramento, quando eletrocutei o

Martin. Vai ajudar-me a ter alguma conclusão, diz ela, se conseguir recordar-me dos acontecimentos em tempo real.

Tenho tanta pena da Amy. Um dia, em breve, espero eu, sentir-se-á capaz de me visitar. Escrevi-lhe uma carta, dizendo que não se culpe.

A luz clara do sol continua a ser um problema. Uso uns óculos de sol enormes onde quer que vá, o que também ajuda a ocultar a minha identidade. Às vezes, também uso uma peruca; é uma das vantagens de ter o cabelo curto. Ainda há muito interesse pelo que me aconteceu, como sobrevivi.

Quero voltar para a faculdade, isso sei. Acabar os meus estudos. O Dr. Lance escreveu-me, disse que o meu lugar vai estar guardado indefinidamente. Tenho simplesmente de persuadir o Jar a voltar comigo, fazer uma pós-graduação ou qualquer coisa. Concordou em fazer mais terapia com a Kirsten e o seu bloqueio de escritor finalmente terminou. Diz que sempre se sentiu demasiado temeroso de usar coisas emprestadas de outros escritores, mas agora já não se sente tão incomodado e vai roubar uma ideia que foi roubada de outra pessoa antes que ela a pudesse usar. Tudo se paga nesta vida.

Não quero que deixe de estar ao meu lado nunca.

Jar abraça Rosa com força. É a primeira vez que se beijam devidamente desde que a encontrou em Norfolk há dois meses. Estão deitados na cama do andar de cima, na antiga barraquinha de pescadores em Mousehole, com o som do mar a chegar-lhes através de uma grande janela dupla. Gaivotas barulhentas reuniram-se no telhado de um vizinho.

— Está tudo bem — diz Jar, agarrando-lhe o cabelo, que está a voltar a crescer. Uma lágrima escorre-lhe pelo rosto. — Queres ir até lá abaixo, ao quebra-mar do porto? — Ela devolve-lhe o sorriso, protegendo os olhos da luz. Jar inclina-se para a mesinha de cabeceira e passa-lhe os óculos de sol.

Vestem-se e levam consigo duas canecas de chá, decoradas com a bandeira do Reino Unido: Earl Grey para ela, Barry's Gold para ele. É demasiado cedo para as lojas à beira-mar estarem abertas. Passaram muito tempo sentados neste banco específico do quebra-mar do porto, a falar calmamente, a tentar reconstruir a vida dela, um segundo, uma hora, um dia de cada vez. Se a caminhada diária até Paul não a derrotar, sobem a Raginnis Hill, atrás da vila, e aventuram-se pelo caminho costeiro. Ainda não passaram para lá do ponto de vigia da guarda costeira, mas esperam conseguir ir até Lamorna nos próximos meses. Jar está satisfeito com os progressos dela. As sessões

de terapia estão a ajudar e começou a escrever um diário novamente, mas há ainda um longo caminho para percorrer.

Contudo, nessa manhã não se aventuram para lá do banco no quebra-mar do porto, bebericando as suas chávenas de chá com as mãos frias, observando enquanto um pescador de cavalas navega o barco para sair da entrada estreita do porto. Ele levanta uma mão salgada em jeito de cumprimento.

Jar sente que muitas pessoas vêm para esta parte remota do país para sarar. A vila deixou Rosa em paz, apesar de um artigo de cinco páginas numa publicação de domingo que desencadeou o interesse de meios de comunicação de todo o mundo. Rosa só deu uma entrevista, a Max, que contou a sua história desde o início. O resto da imprensa do mundo inteiro aceitou que ela não vai voltar a falar.

Não foi bem o furo sobre espionagem de que Max estava à espera de escrever, mas os vice-diretores conseguiram, mesmo assim, colocar o nome do SAS no título, para grande diversão de Jar e Max.

Max veio visitá-los algumas vezes, primeiro para entrevistar Rosa para o artigo (com sensibilidade, lentamente, ao longo de três dias, escrevendo notas à mão com uma caneta de tinta permanente) e, depois, com a família para umas curtas férias, durante as quais ele e a mulher vieram, regularmente, ver como estava Rosa. Jar jogou críquete francês com os gémeos na pequena praia por baixo do parque de estacionamento. E Max voltou a ser jornalista, tendo decidido dar por terminada a sua carreira como RP em Canary Wharf. «Os banqueiros, agora, terão de contar as suas próprias mentiras».

Carl também veio até cá, dormindo no sofá da barraquinha de pescadores. Veio com boas notícias do escritório. Jar pode voltar ao antigo emprego, com duas condições: não pode chegar atrasado e, quando chegar, tem de deixar de inventar desculpas pouco convincentes. Anton também reapareceu. Afinal, tivera uns problemas amorosos, nada relacionado com o diário de Rosa, que agora terminara de decodificar e enviara a Jar. Carl teve até uma aula de *skate* com ele e alega ser agora perito nos *pop shove-it's*.

A visita de Cato foi mais uma visita profissional. Depois de realizar mais entrevistas com ambos, passara a noite em Mousehole, no Old Coastguard, e chamara Jar à noite para beber uma cerveja Betty Stogs e pô-lo a par dos desenvolvimentos, *off the record*. Durante meia hora, Jar quase começou a gostar dele.

De acordo com as averiguações em curso de Cato, Martin foi despedido pela empresa em Huntingdon devido a crueldade excessiva com os animais. Perdeu também o segundo emprego, em Norwich, por motivos semelhantes, embora aí a crueldade se tivesse manifestado num ensaio não autorizado de primeira administração em humanos, com um novo antidepressivo que estava a testar para a empresa. Um assistente de laboratório foi despedido ao mesmo tempo: a mesma pessoa que levara Rosa na Cornualha e perseguiu Jar em Canary Wharf. Era o companheiro de ciclismo de Martin, mas também o seu parceiro no crime, ajudando-o a manter Rosa cativa e sendo assistente nas experiências de Martin com ela. A polícia encontrara-o inconsciente, com a cabeça a atravessar o vidro de uma carrinha *Transit* branca, no mesmo dia da prisão de Martin.

Cato confirmou, também, que a antiga empresa de Martin voltara a ligar a eletricidade das instalações no aeródromo, pois tinha planos de voltar a utilizá-las. Por outras palavras, explicou, Rosa teria sido encontrada pouco tempo depois. Não foi grande conforto. Tal como não o foi a relutância de Cato em revelar mais sobre a investigação da polícia em curso relativamente às circunstâncias que rodearam o rapto de Rosa há cinco anos.

Apenas Amy não os visitara. Um peso abate-se sobre Jar quando se recorda da sua carta, que chegara uns dias antes, ensombrando o seu recanto solarengo da Cornualha. Muito em breve, talvez numa questão de minutos, saberá se ele e Rosa podem continuar com as suas vidas.

— Há alguns dias em que quero saber o que aconteceu — diz Rosa, levantando-se do banco para caminhar ao longo do quebra-mar. — Há outros, como hoje, em que não me importa. Quero apenas atrelar o meu passado à vida de outra pessoa, pôr um nome diferente no meu diário.

— O Martin alterou muito do que escreveste — diz Jar, repetindo o que já lhe disse muitas vezes.

— Eu sei disso.

Juntos, examinaram as folhas impressas de todas as entradas do diário, sublinhando com um marcador verde as memórias que são suas, concentrando-se naquilo que ambos sabem ser verdade, e eliminando com uma caneta preta os numerosos acrescentos de Martin: desde o capítulo inteiro acerca de Karen à assinatura da Lei de Segredos Oficiais em Herefordshire e muita coisa pelo meio. Jar ficou in-

trigado quando Rosa confirmou que o pai fora nomeado KCMG (tem a medalha algures). Lembrava-se, até, da cerimónia privada em St. Paul's; pelo menos, achava que se lembrava. Seria um espião? «Não, era muito mais importante do que isso».

— Também gosto de pensar que ele atenuou as coisas, entre nós — diz Jar com um sorriso otimista. Já lhe sugeriu que Martin alterou a relação deles no diário para insinuar que havia menos amor entre eles.

— Tu sabes que eu nunca acabaria as coisas contigo dessa forma — diz ela, entrelaçando o braço no dele. Jar espera que ela tenha razão: é uma crença que fez com que continuasse a olhar em frente nos últimos cinco anos.

Agora estão no final do quebra-mar, observando enquanto um segundo barquinho, carregado de cavalas, passa através do espaço estreito abaixo deles.

Jar teve de aceitar que Martin lhe escreveu o bilhete de suicídio, deixando-o na pasta dos rascunhos do *e-mail* no portátil no seu quarto. Foi ludibriado para acreditar que as palavras eram de Rosa, aquelas palavras que sabia de cor. «Queria apenas não ter de te deixar para trás, bebé, o primeiro e último amor verdadeiro da minha vida». Fora o uso de «bebé» que enganara Jar. Sente-se tão idiota. Martin, o aspirante a escritor, aprendera a imitar as vozes das outras pessoas.

Também fizera a chamada silenciosa a partir do antigo telefone de Rosa (que a polícia encontrou no barracão) e usou-o para enviar os *e-mails* a Jar, fingindo que era Rosa, quando Jar estava à procura dela na Cornualha. Também entrara no *e-mail* de trabalho de Jar. Martin

tornara-se especialista em falsificar endereços de IP nos últimos meses no seu trabalho, quando estava a desafiar os limites dos ensaios em humanos, procurando desenvolver um antidepressivo de nova geração, e a publicar os resultados *online* de forma anónima.

Mas deixara a vigilância a Jar (em Londres e na Cornualha) a cargo de outros. Segundo Cato, o técnico de laboratório amigo de Martin trabalhara, em tempos, para um funcionário judicial e conhecia alguns truques.

Jar olha de relance para o relógio. Chegou a hora.

Querido Jar,

Espero que ambos estejam a conseguir lidar com toda a atenção mediática e que a Rosa esteja a recuperar o melhor possível, dadas as circunstâncias.

Lamento ainda não ter ido à Cornualha para vos visitar, ou ter respondido à carta tão querida que a Rosa me enviou. Estou a demorar mais tempo do que pensava a aceitar o que aconteceu. Não quero que ninguém tenha pena de mim (a Rosa é a única vítima aqui), mas o meu sentimento de culpa é quase insuportável. Só posso dizer que, tal como tentei explicar à polícia, não estava viva para o mundo. O médico disse que tive sorte em não ter morrido com a medicação que o Martin me estava a dar. Não me apercebi de que os «comprimidos para dormir» eram, na verdade, uma benzodiazepina fortíssima (e ilegal). Estava a reduzir as benzodiazepinas menores, interrogando-me por que motivo não me sentia muito diferente. Os meus sentidos tinham sido embotados, para dizer as coisas suavemente: estava emocionalmente «anestesiada», como diz o meu médico de clínica geral (ficou chocado quando descobriu que não tinha conseguido detetar as benzodiazepinas ilegais que o Martin me tinha estado a administrar).

Mas devia ter percebido, devia ter feito mais perguntas, devia ter contestado o Martin.

Um dia, em breve, espero ser suficientemente forte para ir ter convosco à Cornualha, para andar pelo caminho da costa com a Rosa, fazer as mesmas caminhadas que costumava fazer com o Jim, quando a Rosa era pequena. Entretanto, tenho estado a tirar tudo desta casa. Não consigo continuar a viver aqui. Não são só os vestígios do Martin, é também a polícia, que vasculhou tudo, de uma ponta à outra, até a minha gaveta das cuecas.

Contudo, escapou-lhes uma coisa e estou a enviar-ta agora, já que saberás melhor do que eu o que fazer com ela. É uma carta que encontrei quando estava a tirar os livros do Martin da sala de estar. Estava enfiada num exemplar de O espião que saiu do frio, um dos seus preferidos. Não sei de quem é, nem sequer se é verdadeira. O Martin parece ter vivido num mundo de fantasia durante grande parte dos últimos cinco anos. Mas acho que é importante.

A morada é Langley, Virgínia, onde até eu sei que fica o quartel-general da CIA, e está escrita a computador. Não é dirigida ao Martin, nem assinada por ninguém, mas é uma carta pessoal de agradecimento, essa parte é clara, por partilhar o seu conhecimento profissional no combate ao terrorismo.

Lembro-me de que ele viajou para a América, em diversas ocasiões, e penso que foi nos anos imediatamente a seguir aos horríveis acontecimentos de 2001, mas a minha memória nunca foi boa. Podia tentar descobrir, se ajudar, procurar o velho passaporte do Martin,

olhar para os carimbos dos vistos. No entanto, não sei exatamente onde é que ele o guardava.

Espero que isto não tenha complicado mais as coisas. A minha mente já está tão confusa que não consigo sequer começar a perceber a importância disto, se tiver alguma.

Foi doloroso, mas li o artigo do teu amigo, claro, e vi todas as notícias na televisão. Não reconheci o homem gentil com quem casei quando era estudante, há mais de vinte anos, que prometeu ajudar-me com a minha ansiedade, e ainda não consigo compreender como pode ter sido tão perversamente cruel com a minha própria sobrinha. Infelizmente, os meios de comunicação não me deixam em paz, mas a segurança aqui em casa é boa, claro. Uma pequena ironia.

Destrói a carta para o Martin se quiseres: faz aquilo que tornar a vossa vida mais fácil. Tu e eu sempre sentimos que a nossa querida Rosa estava viva, mas não retiro qualquer satisfação do facto de a realidade ter demonstrado que tinha razão. A vergonha e a descrença por um homem que em tempos amei poder fazer isto viverá comigo para o resto da vida.

Envio-vos todo o meu amor,

Amy

São 9h05 da manhã quando Jar repara no carro preto. Estão de volta ao quebra-mar com mais duas canecas de chá e um casaco de malha extra para Rosa (sente muito mais o frio desde o seu encarceramento). O carro entra na vila lentamente, circulando pela curva apertada à direita e passando pela estrada estreita à frente da loja. Depois de desaparecer durante um minuto, reaparece, entrando no parque de estacionamento abaixo deles.

— Definitivamente, não é de cá — diz Rosa preguiçosamente. Têm jogado um jogo, nas últimas semanas, em que tentam adivinhar se as pessoas são nascidas e criadas aqui, se se mudaram para cá, se são turistas ou jornalistas. Não é difícil, mas por vezes enganam-se. Contudo, hoje não.

O carro para. O condutor fica ali sentado durante um momento (Jar sabe que ele fez uma longa viagem durante a noite) e depois sai do carro. Olha para cima, na direção de ambos, sentados no seu banco favorito do quebra-mar. Não levanta a mão como o pescador, mas acena com a cabeça, numa espécie de cumprimento na direção deles.

— Conhece-lo? — pergunta Rosa.

— Ainda não.

— Veio para falar comigo? — Rosa entrelaça o braço no de Jar para se tranquilizar. — Sabes que não quero falar com ninguém

— Porque é que não voltas para casa? — diz Jar, apertando o braço dela contra o seu. O homem pousa a mão no tejadilho enquanto faz uma chamada do telemóvel, olhando em redor como um batedor a tentar orientar-se através do sol.

— Está tudo bem? — pergunta Rosa.

— Está tudo bem. Veio simplesmente para ter uma conversa. Comigo.

— Obrigado por enviar a carta ao Cato — diz o homem, sentando-se no banco junto a Jar. O homem, asiático, de trinta e poucos anos, veste uma camisa de algodão e calças de sarja. — Ele reencaminhou-a para nós.

— É falsa, certo? — pergunta Jar, mais com esperança do que outra coisa. — Tal como o outro documento.

Jar sabe agora que nunca nada é simplesmente preto ou branco. Este homem não teria feito toda a viagem até aqui, de Londres até à Cornualha, se fosse apenas uma falsificação.

— A resposta honesta é que ainda não sabemos.

— De certeza que é.

Desde que a carta de Langley, escrita a computador, chegou com a carta escrita à mão de Amy, Jar tem dito a si próprio que não é verdadeira, que é apenas Martin a ser delirante. Mas, quando o homem

que agora está sentado ao seu lado lhe ligou já tarde na noite anterior, sem lhe dizer o nome, declarando apenas que se encontraria com ele às 8h da manhã, os velhos medos de Jar regressaram de forma avassaladora, mantendo-o acordado até de madrugada.

— Sabe que não posso fazer comentários — diz o homem.

— Então porque é que veio até aqui?

Jar tenta recordar as palavras da carta, a sugestão indireta de que Martin tinha algum tipo de ligação com a CIA.

— Precisamos de falar com a Rosa.

— Ela não está preparada.

— Pareceu preparada para falar com o seu amigo jornalista. E com o Cato.

É verdade, pensa Jar. Rosa abria-se com ambos os homens, mas ele não quer que Rosa seja entrevistada pelos serviços secretos. Não é relevante nem necessário. Max mencionara o MI6 no seu artigo (bem como Herefordshire e o quartel-general do SAS), mas apenas para os relacionar com as perversas fantasias de espões de Martin, para explicar como um cientista que fazia investigação com animais mantivera Rosa presa durante cinco anos, levando-a a pensar que fora recrutada pela CIA em Cambridge e depois castigada (torturada, ao estilo de Guantánamo) por tentar fugir de um programa secreto. (Max decidira especificamente não mencionar o programa Êutico pelo nome; queria, disse ele, manter as opções em aberto caso surgissem mais provas na *dark web*.)

— Não temos quaisquer provas, para além desta carta, de que o Martin alguma vez tenha trabalhado ou tenha tido qualquer ligação com a CIA.

— Então e se tiver tido?

— Haveria implicações para o desaparecimento de Rosa há cinco anos e o seu subsequente encarceramento.

— Que tipo de implicações?

— O seu desaparecimento tornar-se-ia um assunto dos serviços secretos e não da polícia.

— Porque o Martin poderá ou não ter trabalhado em tempos para a CIA, que poderá ou não ter mantido um programa secreto que não existe?

Jar está satisfeito pelo facto de o cenário começar a soar cada vez mais improvável. Não tinha sido assim às quatro da manhã.

— A Rosa está a começar a lembrar-se de mais coisas acerca do período em que esteve presa? — pergunta o homem.

— O diário alterado confundiu as coisas. Isso e as quantidades industriais de medicação que o Martin testou nela.

— Estamos particularmente interessados nos primeiros anos, quando ela desapareceu em Cromer.

Jar abana a cabeça em jeito de descrença.

— O Martin era um cientista. Um farmacologista doente que fantasiava com trabalhar em Guantánamo. Mais nada.

— É isso que queremos esclarecer.

— Tenho a certeza de que ele desejava realmente trabalhar para a CIA. Toda aquela tortura em Guantánamo. Iria sentir-se em casa. Mas não trabalhava. Trabalhava para uma organização que realizava investigação em Norwich, até o terem despedido, por crueldade com humanos.

— Depois do 11/09, o Ocidente abordou as pessoas mais improváveis para ajudarem no combate ao terrorismo. Um cientista que realizava investigação para a indústria farmacêutica no campo da imunidade aprendida pode ter sido atrativo.

Jar estuda as velhas pedras do quebra-mar sob os seus pés, tentando retirar conforto da sua longevidade, da sua resiliência a tempestades e vendavais.

— Pode fazer uma coisa por mim? — continua o homem.

Jar olha para o outro lado do porto, na direção da vila. Rosa está agora à janela da barraquinha de pescadores, de pé junto das grandes janelas duplas, a olhar para o quebra-mar, em baixo, na direção deles. O homem segue o olhar de Jar. Ambos a fitam em silêncio.

— O pai dela era um bom homem. Todos sentimos a falta dele. — Faz uma pausa. — Quando ela começar a lembrar-se do que realmente aconteceu, ligue-me. — Entrega a Jar um cartão branco simples, unicamente com um número de telemóvel.

— A Rosa foi mantida viva durante cinco anos contra a sua vontade numa cave de um aeródromo abandonado em Norfolk — diz Jar calmamente. — Foi presa ali por um tio que a desprezava, que desprezava as mulheres em geral, ainda mais do que desprezava os animais.

— Espero que tenha razão, Jar. Para o bem de todos.

Jar observa o homem caminhar até ao carro, colocar a chave na ignição e arrancar, desta vez subindo a Raginnis Hill. Quando desaparece de vista, Jar olha novamente para trás, para a janela da barrquinha de pescadores. Rosa continua ali, de pé, a olhar para o mar. Jar fecha os olhos, inspira o ar fresco e salgado, e abre-os novamente.

Que coisas existirão nessa cabeça linda e traumatizada, pensa. Que segredos obscuros guardarás inadvertidamente?

Ela ergue a mão e acena de forma distante.

Agradecimentos

A personagem de Martin, um psicofarmacologista, é, obviamente, inteiramente ficcional. Felizmente, não conheço ninguém que partilhe da sua visão de que «a indústria farmacêutica perdeu uma grande oportunidade em Guantánamo». Contudo, em 2014, o Comité Restrito do Senado dos EUA publicou um relatório sobre tortura e combate ao terrorismo que revelou o papel perturbador desempenhado pela psicologia nos programas de detenção e interrogatório da CIA após o 11/09. De acordo com o relatório, dois antigos psicólogos da Força Aérea dos EUA usaram a «impotência aprendida», uma teoria desenvolvida inicialmente pelo Dr. Martin Seligman nos anos sessenta, para justificar uma controversa técnica da CIA conhecida como «interrogatório melhorado».

O Dr. Seligman, agora um proeminente autor na área da autoajuda e defensor da psicologia positiva, disse ao *The New Yorker*, em 2015, que ficou chocado e desconcertado ao descobrir como a sua investigação fora utilizada pela CIA. Lamentou que «ciência boa, que ajudou muitas pessoas a ultrapassar a depressão, possa ter sido usada para um propósito tão mau como a tortura».

Enquanto fazia pesquisa para este livro, li vários estudos originais sobre experiências pioneiras com roedores e cães, incluindo os testes caninos de 1967 do Dr. Seligman, bem como estudos mais recentes

sobre *stress*, depressão, impotência aprendida e ensaios com seres humanos.

On the Phenomenon of Sudden Death in Animals and Man, do Dr. Curt P. Richter (*Psychosomatic Medicine*, 1957)

Failure to Escape Traumatic Shock, de Martin E. Seligman e Steven F. Maier (*Journal of Experimental Psychology*, maio 1967)

Depression: a New Animal Model Sensitive to Antidepressant Treatments, de R.D. Porsolt, M. Le Pichon e M. Jalfre (*Nature*, 1977)

The Tail Suspension Test: A New Method for Screening Anti-depressants in Mice, de Lucien Steru, Raymond Chermat, Bernard Thierry e Pierre Simon (*Psychopharmacology*, 1985)

Adult Hippocampal Neurogenesis Buffers Stress Responses and Depressive Behaviour, de Jason S. Snyder, Amélie Soumier, Michelle Brewer, James Pickel e Heather A. Cameron (*Nature*, 2011)

Redesigning Antidepressant Drug Discovery, do Professor Florian Holsboer (*Dialogues in Clinical Neuroscience*, 2014)

A *dark web*, pela sua natureza, coloca inúmeros desafios aterrorizantes aos ingénuos e nunca poderia ter escrito este livro sem *The Dark Net: Inside the Digital Underworld*, de Jamie Bartlett (Windmill Books, 2015). O seu programa na BBC Radio 4, *Psychedelic Science* (2016) foi igualmente inestimável.

Gostaria também de agradecer a: Will Francis, Rebecca Folland, Kirsty Gordon, Jessie Botterill e Kirby Kim, aos meus agentes literários, Janklow & Nesbit; Laura Palmer, Madeleine O'Shea, Nicolas Che-

etham, Lucy Ridout e à equipa da Head of Zeus em Londres; Liz Stein, Emer Flounders, Jena Karmali e à equipa da MIRA em Nova Iorque; Wiebke Rossa da Verlagsgruppe Random House na Alemanha; Jon Cassir da C.A.A.; J.P. Sheerin; Giles Whittell; Nic Farah e Nadine Kettaneh; Louisa Goldsmith; Lisa Beale e Helen Gygax; The Gurnard's Head perto de Zennor; Mark Hatwood da Harbour Gallery em Portscatho; Len Heath; Discover Ireland (@gotolrelandGB); Adrian Gallop; Nick K.; Stewart e Dinah McLennan; Polly Miller da Gallery Norfolk, Cromer; Dr. Raj Persaud; Rufus Lawrence; Andrea Stock; The Lullaby Trust; Mike e Sarah Jackson pelo uso do «abrigo superior»; e, acima de tudo, a Felix, Maya e Jago, que fizeram com que eu não desistisse com o seu encorajamento e *joie de vivre*; e a Hilary, o amor da minha vida, a quem dedico este livro. Sem a sua sabedoria, humor, paciência e amor, ele nunca teria sido possível.



A mulher oculta

Slaughter, Karin

9788491391265

512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maridos e esposas. Mães e filhas. O passado e o futuro. Os segredos unem-nos e os segredos podem destruí-los. A autora do famoso Flores Cortadas regressa com um eletrizante thriller, muito complexo emocionalmente, e que submergirá o protagonista nas obscuras profundidades de um caso que pode destruí-lo. A descoberta de um assassinato numa obra abandonada, conduz Will Trent e o Bureau de

Investigação da Geórgia a um caso que se torna muito mais perigoso quando o cadáver é identificado como sendo o de um ex-polícia. Depois de fazer a autópsia, Sara Linto, a nova forense do GBI e amante de Will, descobre que a grande quantidade de sangue encontrada não pertence à vítima. Decerto, um rasto de sangue que não encaixa na cena do crime, indica que há outra vítima, uma mulher que desapareceu... e, se não a encontrarem rapidamente, morrerá. A cena do crime pertence ao habitante mais famoso da cidade: um atleta rico, poderoso e politicamente bem relacionado, protegido pelos advogados mais caros dos Estados Unidos, um homem que já se tinha livrado de um caso de violação, apesar dos esforços de Will para o prender. Mas o pior ainda está para vir. As provas ligam o passado turbulento de Will ao caso... e as consequências irão arrasar a sua vida com a força de um tornado, causando estragos a Will e a todos os que estão à sua volta, inclusive aos seus colegas, familiares, amigos e também aos suspeitos que persegue. Um suspense implacável e com um ritmo frenético, habitado por personagens conflituosas, que ganham vida para lá das páginas. A Mulher Oculta é um romance abrasador de amor, perda e redenção.

[Compre agora e leia](#)



A violoncelista

Silva, Daniel

9788491397809

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM ROMANCE DE ESPERANÇA E UM SÉRIO GRITO DE ALERTA PARA O ESTADO FRÁGIL DA DEMOCRACIA. Viktor Orlov teve um há muito anunciado encontro com a morte. Outrora o homem mais rico da Rússia, reside agora num magnífico exílio em Londres, onde se embrenhou numa cruzada incansável contra os cleptocratas autoritários que assumiram o controlo do Kremlin. A sua mansão na exclu-

siva Cheyne Walk de Chelsea é uma das habitações privadas mais fortemente protegidas de Londres. Todavia, de alguma forma, numa noite de verão chuvosa, no meio de uma pandemia global, o vingativo presidente da Rússia consegue finalmente riscar o nome de Orlov da sua lista de morte. À sua frente, estava o auscultador do telefone fixo, um copo de vinho tinto meio bebido e uma pilha de documentos... Os documentos estão contaminados com um agente nervoso mortífero. A Polícia Metropolitana determina que foram entregues na casa de Orlov por uma das suas trabalhadoras, uma destacada jornalista de investigação do semanário antikremlin Moskovskaya Gazeta. E quando a jornalista se esfuma de Londres horas após o crime, o MI6 conclui que se trata de uma assassina de Moscovo Centro que derrubou com astúcia as impecáveis defesas de Orlov. Mas Gabriel Allon, que deve a própria vida a Viktor Orlov, considera que os seus amigos dos serviços secretos britânicos estão perigosamente enganados. A sua busca desesperada pela verdade vai levá-lo de Londres a Amsterdão e por fim a Genebra, onde um serviço secreto privado controlado por um amigo de infância do presidente russo está a utilizar «medidas ativas» ao estilo do KGB para minar o Ocidente a partir de dentro. Conhecido como Grupo Haydn, a unidade está a tramar um ato de violência indescritível que mergulhará uma América já dividida no caos e deixará a Rússia sem oposição. Só Gabriel Allon, com a ajuda de uma brilhante jovem mulher que trabalha para o banco mais sujo do mundo, pode impedi-lo. Elegante e sofisticado, provocador e ousado, o romance A violoncelista explora uma das ameaças preeminentes que o Ocidente enfrenta na atualidade — a influência corruptora do dinheiro sujo empunhado por uma Rússia revanchista e imprudente.

É, em simultâneo, um romance de esperança e um sério grito de alerta para o estado frágil da democracia. E, mais uma vez, prova porque é que Daniel Silva é considerado o melhor escritor de suspense e intriga internacional da sua geração. «Uma história repleta de sagacidade e perfeitamente alinhavada, cujas surpresas são capazes de emocionar até o leitor mais desconfiado.» Wall Street Journal

[Compre agora e leia](#)



Falsa testemunha

Slaughter, Karin

9788491396710

512 páginas

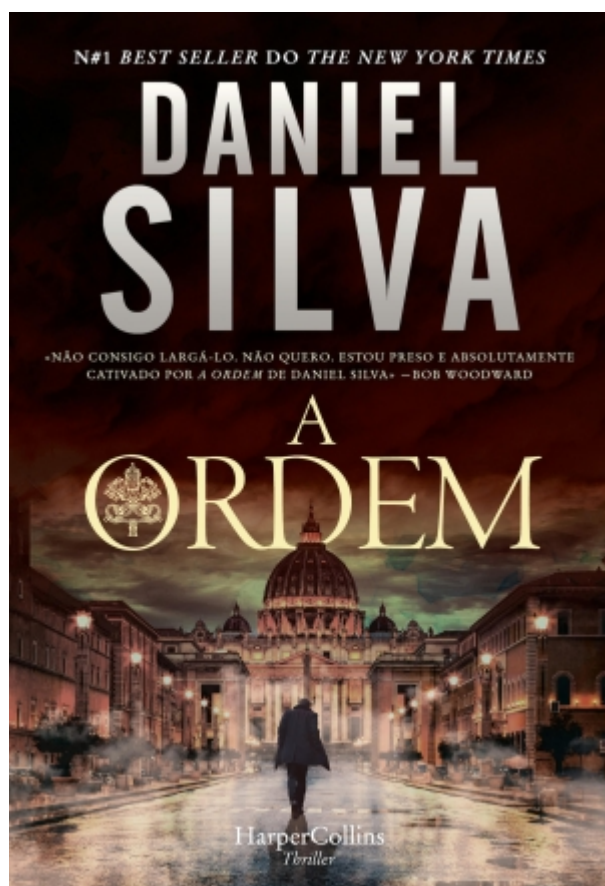
[Compre agora e leia](#)

O seu passado sempre a perseguiu agora o seu pasado quer caçá-la. UMA VIDA COMUM... Leigh Collier trabalhou arduamente para construir uma vida aparentemente normal. É advogada de defesa num prestigiado escritório de advogados em Atlanta, faria tudo pela sua filha Maddy de dezasseis anos, e está a conseguir, com sucesso, partilhar a sua educação, a pesar da pandemia, depois de uma amistosa

separação do seu marido Walter. OCULTA UM PASSADO DEVASTADOR... Contudo, a vida quotidiana de Leigh esconde uma infância que ninguém devia ter de suportar... uma infância toldada por segredos, devastada pela traição e, finalmente, destruída por um ato brutal de violência. PORÉM, AGORA, O PASSADO REGRESSOU... Num domingo à noite, enquanto assiste a uma peça de teatro na escola da sua filha, recebe uma chamada de um dos sócios da empresa que quer que Leigh defenda um homem rico acusado de múltiplos casos de violação. Embora desconfie do caso, é evidente que não tem muitas opções se quiser manter o seu emprego. O julgamento está programado para dentro de uma semana. Quando se encontra cara a cara com o acusado, percebe que não é uma coincidência que lhe tenham pedido especificamente a ela que o represente. Conhece-o. E ele conhece-a. Mais concretamente, é possível que saiba o que aconteceu há mais de vinte anos... e porque Leigh passou duas décadas a evitar o seu passado. E O TEMPO ESTÁ A ACABAR. De repente, tem muito mais a perder do que este caso. A única pessoa que pode ajudá-la é a irmã mais nova, Callie, a última pessoa que Leigh querieira arrastar para aquilo, depois de tudo o que sofreram. Mas com uma verdade devastadora em perigo de ser revelada, não tem outra opção... «Uma das escritoras de suspense mais audazes da atualidade.» Tess Gerritsen «As suas personagens, trama e ritmo são incomparáveis.» Michael Connelly «Paixão, intensidade e humanidade.» Lee Child «Uma escritora extraordinariamente talentosa.» Kathy Reichs «Nenhuma ficção pode ser melhor do que isto.» Jeffery Deaver «Karin Slaughter tem, de longe, o melhor nome de entre todos os escritores de mistério.» James Patterson «Grande, escuro, rico, satis-

fatório e sangrento... como um bife perfeitamente cozinhado.» Stuart MacBride «Segui-la-ia para qualquer lado.» Gillian Flynn «O romance de Slaughter é, ao mesmo tempo, um thriller absorvente e um protesto sobre a frequência com que a violência sexual é ignorada.» The Sunday Times

[Compre agora e leia](#)



A Ordem

Silva, Daniel

9788491395034

416 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Se procura cenários internacionais, enredos tecidos ao milímetro e fogo-de-artifício, então este é o seu escritor." Juan Carlos Galindo, El País
Gabriel Allon está a passar umas discretas e muito necessárias férias familiares em Veneza. O seu sossego é interrompido quando o papa Paulo VII morre de forma inesperada e o leal secretário pessoal do Santo Padre, o arcebispo Luigi Donati, chama Gabriel a Roma. Mil

milhões de católicos foram informados de que a morte do papa se ficou a dever a um ataque cardíaco. Contudo, Donati tem duas boas razões para pensar que o Sumo Pontífice foi assassinado. A primeira é o estranho desaparecimento do guarda suíço que nessa noite estava de serviço nos aposentos pontifícios. A segunda, a carta que o Santo Padre estava a escrever nas suas derradeiras horas de vida... uma carta dirigida a Gabriel. "Enquanto pesquisava no Arquivo Secreto do Vaticano, deparei-me com um livro absolutamente notável..." O livro em questão é um Evangelho há muito suprimido, um Evangelho que questiona a precisão da imagem dada pelo Novo Testamento de um dos acontecimentos mais prodigiosos da história da Humanidade. Por essa razão, a Ordem de Santa Helena — uma obscura sociedade católica com ligações à extrema-direita europeia — não se deterá perante nada para evitar que caia nas mãos de Gabriel. Em paralelo, conspiram para se apropriarem do trono de São Pedro. E isso é apenas a ponta do icebergue. À medida que, em Roma, os cardeais se vão reunindo para o conclave, Gabriel embrenha-se numa investigação desesperada para reunir provas da conspiração da Ordem e para encontrar o Evangelho há muito desaparecido que poderia pôr termo a dois mil anos de ódio mortal. O ritmo e elegância de A Ordem

[Compre agora e leia](#)



Alegrias e tristezas de Martha Friel

Mason, Meg

9788491397847

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Todos dizem que Martha Friel é inteligente e bonita, uma escritora brilhante que sempre foi amada durante toda a sua vida adulta por um homem, o seu marido Patrick. Um presente que, segundo a sua mãe, nem todos têm. Então, porque está tudo destruído? Porque é que Martha, prestes a fazer quarenta anos, não tem amigos, salta de um trabalho mau para outro e está sempre triste? E porque é que Patrick

se foi embora? Talvez seja demasiado sensível, alguém que acha, muito mais do que a maioria das pessoas, que viver é muito difícil. Ou, talvez (o que Martha sempre achou) algo não funcione dentro dela. Algo que explodiu no seu interior quando tinha dezassete anos e a mudou de tal forma que nenhum médico, terapia ou droga conseguiu explicar ou desfazer os seus males. Obrigada a viver novamente com os seus pais, boémios e disfuncionais, no lar da sua infância num bairro londrino pitoresco, mas sem a ajuda inestimável e devota da sua irmã Ingrid, Martha tem uma última oportunidade: aceitar que a sua vida está demasiado destruída para a melhorar ou começar de novo e escrever um fim melhor para ela. Um best seller internacional, um romance que se lê compulsivamente, agudo, intrigante, sombrio e enternecedor e que combina a perspicácia psicológica de Sally Rooney com o humor agudo de Nina Stibbe e a ressonância emotiva de Eleanor Oliphant. «Surpreendentemente encantadora... Fá-lo-á rir-se às gargalhadas e ler frases inteiras em voz alta.» —People «Brilhante e extremamente divertido... Enquanto o lia, fiz uma lista das pessoas a quem o enviaria, até me aperceber de que o enviaria a todas as pessoas que conheço.» Ann Patchett, autora de A casa holandesa «Uma estreia incrivelmente divertida e devastadora, animada por uma energia aloucada e que, no entanto, consegue ser sensível e sincera.» The Guardian «Absolutamente brilhante, adorei. Acho que todas as raparigas e mulheres deviam lê-lo.» Gillian Anderson

[Compre agora e leia](#)



J. S. MONROE

EN CON TRA -ME

ANTES QUE ELES
ME ENCONTREM

HarperCollins

